

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Vera Lúcia de Souza e Lima

**LÍNGUA DE SINAIS**  
**PROPOSTA TERMINOLÓGICA PARA A ÁREA DE DESENHO**  
**ARQUITETÔNICO**

Belo Horizonte  
2014

Vera Lúcia de Souza e Lima

**LÍNGUA DE SINAIS:  
PROPOSTA TERMINOLÓGICA PARA A ÁREA DE DESENHO  
ARQUITETÔNICO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Linguística Teórica e Descritiva.

**Área de concentração:** Linguística Teórica e Descritiva

**Linha 1 A:** Estudo da Variação e da Mudança Linguística

**Orientadora:** Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**LÍNGUA DE SINAIS: PROPOSTA TERMINOLÓGICA PARA A ÁREA DE DESENHO ARQUITETÔNICO**

**VERA LÚCIA DE SOUZA E LIMA**


Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Linha B - Estudo da Variação e Mudança Lingüística.

Aprovada em 26 de maio de 2014, pela banca constituída pelos membros:

  
Prof(a). Maria Cândida Trindade Costa de Seabra - Orientador  
UFMG

  
Prof(a). Aderlande Pereira Ferraz  
UFMG

  
Prof(a). Elidéa Lúcia Almeida Bernardino  
UFMG

  
Prof(a). Sandra Patrícia de Faria do Nascimento  
UNB

  
Prof(a). Ronice Muller de Quadros  
UFSC

Belo Horizonte, 26 de maio de 2014.

L732I

Lima, Vera Lúcia de Souza e.

Língua de sinais [manuscrito] : proposta terminológica para a área de desenho arquitetônico / Vera Lúcia de Souza e Lima. – 2014.

272 f., enc. :il., fots., color. + 1 pendrive.

Orientadora: Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e da Mudança Linguística.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f.

Inclui pendrive contendo vídeos com as definições dos termos do glossário em Libras.

1. Linguagem brasileira de sinais – Teses. 2. Língua portuguesa – Lexicologia – Teses. 3. Língua portuguesa – Lexicografia – Teses. 4. Surdos – Educação – Teses. 5. Construção civil – Dicionários – Teses. I. Seabra, Maria Cândida Trindade Costa de. II.

CDD : 419

"A Peneira" – Nº 20 – 14/04/1968

ESTRELAS – Marfisa  
Desde criança  
que adoro vê-las!  
Imaginando,  
imaginando,  
criei a lenda para elas.

O Criador,  
alongando os olhos  
pelo imenso espaço,  
monologou:  
guardar isso só para mim?  
Límpido pincel,  
desperdiçado assim.  
Sem um traço,  
sem nada!

Pegou, num repente,  
seu imensurável  
esquisito pincel,  
e tingiu,  
e pintou,  
e deixou  
este infinito

céu sem fim,  
tão roto de estrelas,  
que até deixou passar,  
pelo rendado,  
o orvalho,  
das lágrimas  
do artista consumado.

Inda faltava algo.  
Antes de guardar  
aquele pincel  
sujo de ouro e prata,  
era mister limpá-lo.  
Pelo céu em fora,  
apareceu, então,  
um borrão de prata  
que no céu luziu:  
a Via Láctea...  
E... o pincel sumiu.



"Vamos pedir ao primeiro devassador dos céus que descobrir uma 'nova', que lhe chame 'Marfisa'. Estrela brilhante do Nordeste, porque desmaiias no céu de nossa terra?" Assim, Dr. José Rabelo (1968), advogado, professor, definiu minha mãe que usava o pseudônimo literário de Marfisa.



MARIA EFIGÊNIA DE SOUZA (IN MEMORIAM) - Dedico este trabalho à minha mãe que viveu de 1912 a 1980, era poeta, mas não deixou o livro publicado. Era musicista e tocava harmônio, nas missas de domingo, junto ao coro da Igreja de Virginópolis, formado por ela mesma. Fazia do Latin nossa segunda língua, em casa, com as músicas sacras que cantava, tanto que não me sai da memória o "tantum ergum sacramentum". Concursada, assumiu a chefia dos Correios e Telégrafos de Virginópolis. Poder realizar esta tese tem muito da ousadia dela, portanto, homenageá-la, é publicar sua carteira de identidade profissional, expedida em 1944, documento que, raramente, uma mulher poderia almejar naquela época.

JOSÉ SOARES DE LIMA (IN MEMORIAM) – MEU PAI – Dedico também ao meu pai que definiu os padrões artísticos, culturais e religiosos na família e me apresentou aos livros do poeta Castro Alves para ensinar-nos a manter a mente no voo alto do condor.

## VERBETES

O “Glossário Primeiro” vem aqui e agora, bem antes do que apresentaremos no final desta tese. Ele se constitui das mentes e corações das pessoas que me acompanharam, desde o início dessa trajetória, ou que foram entrando no processo na medida da necessidade e do desejo - a todas agradeço.

As palavras [...] são casinhas com porão e sótão. O sentido comum reside no rés-do-chão, sempre pronto para o “comércio exterior”, no mesmo nível de outrem, desse transeunte que nunca é um sonhador. Subir a escada na casa da palavra é, de degrau em degrau, abstrair. Descer ao porão é sonhar, é perder-se nos distantes corredores de uma etimologia incerta, é procurar nas palavras tesouros inencontráveis. Subir e descer nas próprias palavras é a vida do poeta. (Bachelard, 1993. A poética do espaço)

**CARLOS DE LIMA GOULART DRUMMOND** – Definiu, dentro dos princípios da arte, que os olhos não são apenas para ver palavras, mas e, principalmente, para ver imagens. Isso me ajudou a perceber que o surdo é um leitor de imagens

**MÁRCIO SILVA BASÍLIO** – Como Diretor do CEFET-MG e define apoio irrestrito ao projeto de construção terminológica para o estudante surdo, neste projeto, que garante indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão. Amigo querido com o coração aberto à compaixão.

**FLÁVIO ANTÔNIO DOS SANTOS** - Como Ex-Diretor do CEFET-MG, amigo querido, definiu que o processo de integração do surdo se faria de maneira inovadora.

**REGINA CÉLIA GUEDES LEITE** – Amiga desde a primeira hora deste projeto que construímos com seu inestimável apoio.

**SÔNIA MARINHO** – Definiu o elo entre o CEFET-MG, permitindo que a Escola Estadual Maurício Murgel gestasse o projeto BIC JR, durante dois anos, em prol da construção lexical da Libras. As duas escolas receberam o selo comenda de Escolas Irmãs, da Casa Civil da Presidência Da República.

**MOACIR FELIZARDO FRANÇA FILHO** – definiu padrões de apoio aos projetos de pesquisa na DPPG/CEFET-MG.

**TEREZINHA RIBEIRO ALVIM** – Querida Amiga, define o espírito do amor incondicional.

**JERÔNIMO COURA SOBRINHO** – define incentivo ao tema na Pós-graduação DELTEC/CEFET-MG

**HEITOR GARCIA DE CARVALHO** – define incentivo ao tema na Pós-graduação DELTEC/CEFET-MG

**VICENTE AGUIMAR PARREIRAS** – define incentivo à pesquisa na área de Libras na Graduação e Pós-graduação DELTEC/CEFET-MG

**HELOÍSA HELENA DE JESUS FERREIRA** – define apoio aos projetos e às nossas interfaces interinstitucionais.

**RONICE MÜLLER DE QUADROS** – Definiu o momento de o CEFET-MG tornar-se polo do Programa Letras-Libras e na expansão desse programa, percebemos que o léxico-terminológico da Libras poderia também se expandir.

**CESAR NARDELLI CAMBRAIA** – Definiu que o projeto que desenvolvíamos, em 2008, não se tratava somente de normas da ABNT, mas de terminologia linguística.

**ADERLANDE PEREIRA FERRAZ** – Definiu orientações.

**SANDRA PATRÍCIA FARIA NASCIMENTO** – definiu e iluminou o caminho pelo qual poderíamos passar.

**ÂNGELO BECHLER DE MORO** – definiu e escolheu que estaria do nosso lado, antes mesmo que pedíssemos amor incondicional.

**ANA PAULA MEIRELES** - definiu o padrão da ordem e administrou.

**EQUIPE DO POLO LETRAS-LIBRAS** - A valorosa equipe que definiu e nos mostrou o valor da militância em prol de uma causa:, Antônio Marcondes Araújo, Clarissa Fernandes, Edelaine Lima, Marcelo Wagner de Lima e Souza, Regiane Lucas de Oliveira, Rosely Lucas de Oliveira, Renato Messias Ferreira Calixto, Sonia Marta Oliveira,

**ALUNOS DO CURSO DE DESENHO ARQUITETÔNICO PARA SURDOS** – Definiram que era possível uma capacitação para além do operacional. Ana Carolina de Melo Viana Castro Baptista (Bolsista BIC-Jr); Bárbara Neves da Silva (Bolsista BIC-Jr); Camila Rodrigues Lima; Daniel Guilherme (Bolsista BIC-Jr); Felipe de Castro Teixeira (Bolsista BIC-Jr); Fernanda Araujo Rodrigues; Filipe Vieira Brison; Frederico Coelho Tavares; Giselle Nogueira de Jesus (Bolsista BIC – Jr); Ingrid Cristina Teodoro; Jean Gleidson Fernandes Moreira; Jéssica de Jesus da Silva; Marina Teles de Oliveira; Marcos Vinícius de Oliveira Silva (Bolsista BIC-Jr); Mayke Jesus de Oliveira; Milton de Souza Junior; Moisés Augusto

Velano Calixto; Nattiele Souza Mendonça; Rafael Coelho Tavares (Bolsista BIC-Jr); Rafael Guilherme Gonçalves; Ronaldo Henrique Ferreira Santana (Bolsista BIC-Jr); Shirley Honorato de Azevedo; Tâmara Santos Vieira; Thais de Souza Brito; Walison Manzoli Martins.

**PROFESSORES VOLUNTÁRIOS DO CURSO DE DESENHO ARQUITETÔNICO** – Definiram o início da profissionalização do estudante surdo para além do operacional, em Minas Gerais: Ana Cecília Estevão; Ademar Alves de Oliveira Junior (surdo); Cristiana Torres Klimsa; Christianne Câmara Lopes A. Miranda; Cristiano de Sousa Rodrigues; Laysa Maria Akeho; Leda Marçal Sales; Lunna Rachel Gusmão Campos; Marcelo Furtado; Marcelo Wagner de Lima e Souza; Marcos Renato Fernandes Gomes, (surdo); Regina Célia Guedes Leite; Renato Messias Ferreira Calixto, Sonia Marta Oliveira.

**PRIMEIROS BOLSISTAS BIC-JR E PIBIC:** Definiram o início da pesquisa terminológica bilíngue e bimodal, em Minas Gerais: Bárbara N. da Silva; Giselle N. de Jesus; Marcos Vinícius de Oliveira Silva; Rafael Coelho Tavares Ademar Alves de Oliveira Junior, Thais Magalhães Abreu.

**RENATO MESSIAS FERREIRA CALIXTO** – definiu o fiel da balança promovendo a mais bela tradução da cultura surda dentro do projeto BIC JR que se iniciava em agosto de 2008.



Giselle Nogueira e Marcos Vinícius trocam ideias e sonham com o futuro, com a ajuda da estudante de design gráfico da Uemg Thais Magalhães



Alunos do ensino médio, Rafael Tavares e Bárbara Neves se inspiram no voluntário Ademar Oliveira Júnior, estudante de arquitetura e urbanismo da PUC Minas que ajuda na criação do glossário

**DÉBORA GOULART DA SILVA DUQUE** – definiu a participação como bolsista ouvinte e intérprete no projeto PIBIC.

**MARIA DE LOURDES VIEIRA** - define a participação da família no processo de integração do surdo.

**LUCAS DE LIMA GOULART** – Definiu o amor de filho quando, houve necessidade da inversão de papéis, se tornou meu pai e me pegou pela mão. Esteve presente a cada momento quando tudo parecia difícil.

**GILBERTO DE LIMA GOULART** – definiu as possibilidades da imagem em busca da tradução intersemiótica. Tem sido uma presença imprescindível, sem a qual isso não seria possível. Vem definindo e traduzindo em fotos e em imagens nossos trabalhos de produção lexical.

**RODRIGO ROCHA MALTA (SURDO)** – Definiu padrões de relacionamento, estabelecendo cooperação técnica entre o CEFET-MG e a FENEIS.

**RENATA BELLO DOMINGUES (SURDA)** – Define a nova geração de professores surdos.

**MADSON BARRETO** – Definiu os padrões da escrita de sinais, democraticamente, chegue a todos sejam surdos ou ouvintes, com a paciência que somente a amizade disponibiliza. SignWriting

**RAQUEL BARRETO (SURDO)** – Definiu apoio incondicional à escrita de sinais, SignWriting, desta tese.

**MARIA ANTONIETA AMARANTE COHEN COORDENADORA DO PÓSLIN (2010)** – Definiu a qualidade da responsabilidade social e da inovação que este projeto compreende e abraçou a causa.

**MARIA CÂNDIDA TRINDADE SEABRA.** - Definiu o rigor necessário para que levássemos o que propusemos a bom termo. Para agradecer somente valendo-me de João Cabral de Melo Neto, em Três Toureiros, no qual diz:

sim, eu vi Manuel Rodríguez,  
*Manolete*, o mais asceta,  
não só cultivar sua flor  
mas demonstrar aos poetas:  
como domar a explosão  
com mão serena e contida,  
sem deixar que se derrame  
a flor que traz escondida,  
e como, então, trabalhá-la  
com mão certa, pouca e extrema:  
sem perfumar sua flor,  
sem poetizar seu poema.

**ELIDÉA LÚCIA ALMEIDA BERNADINO** – Definiu, juntamente com o grupo de pesquisa que orienta, um outro olhar sobre o nosso trabalho.

**BÁRBARA NEVES SALVIANO** - Define a medida da palavra certa para a definição de novos parâmetros em linguística aplicada.

**LETÍCIA CAPELÃO** – definiu leveza ao tema.

**FELIPE TEIXEIRA CASTRO** - Define a continuidade da pesquisa como bolsista no projeto do Glossário de Eletrônica.

**GLEYCIELE DE SOUZA** - Define a continuidade da pesquisa como bolsista no projeto do Glossário de Química.

**DÉBORA DA SILVA ASSUNÇÃO CARVALHO** – Define a participação inestimável nos caminhos da interpretação, na área tecnológica e no exercício da persistência na produção terminológica em Libras.

**JANICE FABIANA SANTOS** – define a nova formação da equipe de pesquisa.

**EQUIPE DA INOVA - UFMG** - Definiu que poderíamos alçar o voo das competições pela premiação e fazer um programa completo de TV. Aluir Dias Purceno, Carla Leite, Vinícius Bortolussi Roman.

**LEONARDO BIGHI BONATO** - Define os caminhos para uma nova gestão de produção.

**JESSICA CASTILHO ANDRADE FERREIRA** - define os caminhos para uma nova gestão de produção.

**RUI ROTHE-NEVES**. Definiu apoio ao olhar inovador da proposta de tese.

**INSTITUTO DE CIDADANIA EMPRESARIAL (ICE)** - Definiu a nossa Responsabilidade Social traduzida no primeiro prêmio da Competição Transforma Brasil. Através Célia Cruz do ICE, agradeço ao Leo Figueiredo, do Instituto Quintesa e ao Marcelo Aindar, da Fundação Getúlio Vargas.

**BRASIL DAS GERAIS, ROBERTA ZAMPETTI** – Definiu que fossemos compreendidos por um público bem mais amplo, na medida em que nos convidou para um programa inteiro, no Brasil das Gerais.

**ANA RACHEL CARVALHO LEÃO** – Define a nova formação da equipe de pesquisa.

**UEMG – ESCOLA DE DESIGN - MARIANA MISK, JOANA ALVES** – Definem padrões institucionais de editoração, por meio de um termo de cooperação técnica entre o CEFET-MG e a UEMG.

**MARIANNE ROSSI STUMPF (SURDA)** – Definiu uma outra instância de validação dos termos, durante o processo de filmagem dos verbetes do dicionário, na UFSC, juntamente com o intérprete surdo Germano Dutra Jr.

**JANINE SOARES DE OLIVEIRA** – Define os graus da minha compreensão do fazer dicionarístico envolvendo a Libras. Agradeço-lhe aquelas duas horas de diálogo que ampliaram minha visão.

**JOAO MAURÍCIO DE ANDRADE GOULART** – Definiu caminhos para a ilustração, desde que sabíamos que companheiro é aquele que divide o pão.

**CLÁUDIA ANDRADE GOULART** – Definiu padrões de amizade.

**AOS QUERIDOS AMIGOS E CONTERRÂNEOS** - definiram e representam a generosidade da comunidade Virginópolis. Nesse espírito, formaram uma torcida carinhosa, no *facebook*, que vem me acalentando a alma: Alba Marcatti; Celina Rabelo, lêda Celeste, Glauco Coelho, Jacira Campos C. Almeida, Maria do Socorro Leite de Oliveira, Luiz Cláudio Passos, Mere Lima, Roxane Magalhães Barbalho. Minha terra natal é o que mais define meu padrão de leitura e de escrita e que completa, no texto de Carlos Drummond de Andrade.

Foi aí que nasci: nasci na sala do terceiro ano, sendo professora Dona Emerenciana Barbosa, que Deus a tenha.

Até então era analfabeto e desprezioso.

Lembro-me: nesse dia de julho, o sol que descia da terra era bravo e parado.

A aula era de Geografia,

e a professora traçava no quadro-negro nomes de países distantes.

As cidades vinham surgindo na ponte dos nomes, e Paris era uma torre ao lado de uma ponte e de um rio,

a Inglaterra não se enxergava bem no nevoeiro, um esquimó, um condor surgiram misteriosamente, trazendo países inteiros. Então nasci. De repente nasci, isto é, senti necessidade de escrever.

**MARIA EFIGÊNIA DE SOUZA LIMA (NINA)** – Definiu comigo os tempos e o momento de colocar ponto final nesta obra que, às vezes, teve ares de interminável. Minha querida irmã, com quem pude dialogar também durante meu mestrado e que representa todo o espírito da minha família de origem, com engenho e arte.

**REBECA PRADO**. Gentilmente definiu a estética da página homenagem. É uma artista visual de Belo Horizonte, Minas Gerais. Graduanda em Artes Visuais pela UFMG, trabalha principalmente com ilustração, *design* e fotografia.



*Casa*

*(para os que querem fazer conosco uma casa)*

*Breve vamos fazer uma casa  
Uma casa à nossa imagem e semelhança.  
Sem porta, que porta é para fechar,  
E com uma parede, de música.  
E será grande a nossa casa  
Porque será para os rizicultores, as lavadeiras,  
Os afiadores, fresadores,  
os carteiros, os taqueiros,  
para as andorinhas, os namorados,  
os caranguejos, os palhaços, as jabuticabeiras, os tatus.  
Para todas as crianças e para o mar,  
Sem falta para o mar,  
e para tudo o mais que valha a pena morar nela.  
E será forte a nossa casa  
porque faremos a argamassa de trabalho  
e os tijolos de liberdade.  
Levantaremos o telhado mais alto que amplo  
e mais amplo que alto  
porque será de imaginação.  
O mais lindo, porém será o chão  
porque o chão será de terra.*

Rumen Stoyanov. 1981

## RESUMO

O presente trabalho pretende desenvolver e apresentar procedimentos metodológicos que proporcionem a elaboração de um glossário bilíngue, ilustrada, bimodal, isto é que contemple a Língua Portuguesa e a Língua de Sinais, fundamentado em um *corpus* de termos da área do Projeto Arquitetônico. Os termos selecionados para fazer parte do glossário foram recolhidos e criados a partir dos três projetos de pesquisa: *Construção de um Glossário Técnico para Adequação da Língua Instrumental em Libras para o Ensino de Desenho Arquitetônico*; *Elaboração de um Manual Aplicado à Construção Civil para o Ensino de Desenho Arquitetônico para Alunos Surdos*; e *Estudo do Desenho Universal sob a Ótica da Sustentabilidade*. Tais projetos se valem da metodologia qualitativa em suas modalidades de participante, na qual o pesquisador é também objeto da pesquisa, e de pesquisa-ação que tem caráter, a um só tempo, formativo e emancipatório. Elegemos como um dos principais objetivos, desses projetos, despertar a vocação científica em estudantes surdos incentivando-os à construção de conhecimento e de identidade, no âmbito profissional. Os termos aqui apresentados passaram por análise, seleção e validação em consonância com o marco teórico deste projeto. Pretende-se que o produto final seja um glossário de termos técnicos que possa subsidiar o ensino da disciplina *Projeto Arquitetônico* para o discente surdo, em cursos técnicos ou superiores da área de construção civil. Cabe aqui registrar que o censo de 2010 do IBGE mostra que, no Brasil, da população total de 190.755.799 pessoas, 23% possuem algum tipo de deficiência. Se pensarmos somente no sujeito surdo, sabe-se que o Brasil conta com um número de aproximadamente 9.717.318 milhões de indivíduos que declararam possuir deficiência auditiva (cerca de 5% da população). A deficiência auditiva severa foi declarada por mais de 2,1 milhões de pessoas e destas, 344,2 mil são completamente surdas e 1,7 milhão de pessoas têm grande dificuldade de ouvir. O marco teórico utilizado neste trabalho é composto de autores provenientes de áreas distintas que, são complementares, a saber: Matemática e Linguística. Cabré (1995) sustenta que a Terminologia é uma disciplina autônoma de caráter interdisciplinar que estabeleceu sua própria especificidade selecionando elementos das matérias que lhe são relacionadas e construindo seu próprio campo científico. Portanto, este projeto estuda e desenvolve termos da área do Projeto Arquitetônico, mas é inevitável sua interface com outras áreas tais como a Linguística Aplicada, a Lexicologia e Lexicografia, bem como com a área da educação profissional e tecnológica, em destaque, com o ensino do projeto arquitetônico.

## ABSTRACT

This work aims to present and develop the methodological procedures that made possible the elaboration of a bilingual illustrated bimodal glossary in Portuguese language and Brazilian sign language grounded in a *corpus* of terms of the architecture design area. The selected terms to appear in the glossary were either gathered or created from three research projects: *Construction of a Technical Glossary for the Adequation of the Instrumental Language in Libras*; *Elaboration of a Manual for Architectonical Drawing Teaching for Deaf People* and *Study of Universal Design in the Perspective of Sustainability*. These projects used the methodology of participant research in which the researcher is also the researched object and the methodology of the action research, which has a formative and emancipatory scope. One of the most important goals of this project was to awaken the scientific vocation in deaf students encouraging them toward the construction of knowledge and identity in the professional context. The presented terms went through a procedure of analysis, selection and validation in line with the theoretical framework of this project. The aim is that the final product of this research would be a glossary of technical terms that could support the teaching of the Architectonic Drawing subject to the deaf student in technical or superior courses in the area of the civil engineering. It is important to report that the 2010 census held in Brazil by IBGE indicates that out of the total Brazilian population of 190.755.799 people, 23% has some type of disability. As far as the deaf person is concerned it is known that in Brazil there is approximately 9.717.318 individuals that stated to have hearing disabilities (5% of the population). More than 2.1 million people reported severe hearing loss. From this population, 344.200 are completely deaf and 1.7 million people have great hearing difficulties. The theoretical framework used in this work is composed of authors from different fields, which are, complementary. Cabré (1995) argues that terminology is an interdisciplinary autonomous research field that established its own specificity by selecting elements from other subjects related to it and building its own scientific field. Therefore, this project studies and create terms from the architectonical drawing field by also putting together elements of other scientific fields such as applied linguistics, lexicography, lexicology, as well as the professional and technological education area with a special focus on the architectonical drawing teaching.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	– Língua de Sinais Americana
BIC JR	– Bolsa de Iniciação Científica Júnior
CEFET-MG	– Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
CM	– Configuração de mão
d	– dicionarizado
DPPG/CEFET-MG	– Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação do CEFET-MG
EC	– Expressões Corporais
EF	– Expressões faciais
FENEIS	– Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
INES	– Instituto Nacional de Educação de Surdos
L	– Locação de mão
LACTEA	– Laboratório Aberto de Ciência, Tecnologia, Educação e Arte
LC	– Língua de Chegada
Libras	– Língua Brasileira de Sinais
LPT	– Língua Portuguesa
LSB	– Língua Brasileira de Sinais
M	– Movimento
n/d	– não dicionarizado
NC	– Nome Composto
NCf	– nome composto feminino
NCm	– nome composto masculino
Nf	– nome feminino
Nm	– nome masculino
OP	– Orientação da mão
PA	– Ponto de Articulação
PIBIC	– Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PUC MINAS	– Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
SignNet/PLN	– Processamento de Línguas de Sinais
Splur	– Substantivo Plural
Ssing	– Substantivo Singular
TGT	– Teoria Geral da Terminologia
UEMG	– Universidade do Estado de Minas Gerais
UFMG	– Universidade Federal de Minas Gerais
UFSC	– Universidade Federal de Santa Catarina
V	– verbo

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 – Curso de Desenho Arquitetônico para Estudantes Surdos do Ensino Médio ..	27
QUADRO 2 – Locações – Localização .....	47
QUADRO 3 – Categorias do Parâmetro Movimento na Libras .....	48
QUADRO 4 – Comparação de textos .....	91
QUADRO 5 – Participação de bolsistas e voluntários nos projetos BIC JR/PIBIC.....	95
QUADRO 6 –Validação Curso de Desenho Arquitetônico para estudantes surdos.....	96
QUADRO 7 – Modelo de ficha.....	112
QUADRO 8 – Forma do Verbetes.....	118
QUADRO 9 – Sugestão do Verbetes para versão impressa.....	118
FIGURA 1 – Planta baixa .....	25
FIGURA 2 – Proposta de sinalização do ambiente .....	26
FIGURA 3 – Planos cartesianos .....	29
FIGURA 4 – Plantas e vistas.....	29
FIGURA 5 – Espaço de sinalização da LSB .....	30
FIGURA 6 – Movimento de circundação .....	31
FIGURA 7 – Três eixos relacionados aos sinais do corpo .....	32
FIGURA 8 – Espaço de sinalização .....	32
FIGURA 9 – Orientação da palma .....	33
FIGURA 10 – A sequencialidade das línguas orais e a simultaneidade nas línguas de sinais.	42
FIGURA 11 – Parâmetros fonológicos da língua de sinais .....	43
FIGURA 12 – Pares mínimos na língua de sinais.....	44
FIGURA 13 – Configurações de Mão.....	45
FIGURA 14 – Espaço de realização dos sinais.....	46
FIGURA 15 – Orientação de mão.....	49
FIGURA 16 – Ilustrações Originais de Sérgio Barbosa Jr.....	50
FIGURA 17 – Campos das LS e LO .....	51
FIGURA 18 – American Sign Language: "college" .....	58
FIGURA 19 – Configurações básicas de mão no sistema <i>SignWriting</i> .....	60
FIGURA 20 – Exemplos de símbolos para movimento no sistema <i>SignWriting</i> .....	61
FIGURA 21 – Representação de contato dos elementos que compõe o sinal.....	61
FIGURA 22 – <i>Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos</i> (publicada em 1875).....	85
FIGURA 23 – A obra <i>Linguagem das Mãos</i> (publicada em 1969).....	85

FIGURA 24 – Modelo de verbetes da obra de Oates.....	86
FIGURA 25 – Engenharia (Dicionário de Língua Geral).....	99
FIGURA 26 – Engenharia (termo).....	99
FIGURA 27 – Espelho (Dicionário de Língua Geral).....	100
FIGURA 28 – Espelho (termo).....	100
FIGURA 29 – Janela (Dicionário de Língua Geral).....	101
FIGURA 30 – Janela de batente (termo).....	101
FIGURA 31 – Planta (Dicionário de Língua Geral).....	102
FIGURA 32 – Planta (termo).....	102
FIGURA 33 – Céu (Dicionário de Língua Geral).....	103
FIGURA 34 – Sol (Dicionário de Língua Geral).....	103
FIGURA 35 – Cadeira (Dicionário de Língua Geral).....	104
FIGURA 36 – Abrigar (Dicionário de Língua Geral).....	105
FIGURA 37 – Fogão (Dicionário de Língua Geral).....	105
FIGURA 38 – Cama (Dicionário de Língua Geral).....	105
FIGURA 39 – Homem/Mulher marcação de gênero (Dicionário de Língua Geral).....	106
FIGURA 40 – Sobrinh@ (Dicionário de Língua Geral).....	106
FIGURA 41 – Escola (Dicionário de Língua Geral).....	108
FIGURA 42 – Casarão (Dicionário de Língua Geral).....	109
FIGURA 43 – Brincar (Dicionário de Língua Geral).....	109

## SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	11
1	DO VISUOESPACIAL DO DESENHO ARQUITETÔNICO AO VISUOGESTUAL DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....	20
2	PRESSUPOSTOS LINGUÍSTICOS BÁSICOS PARA O ESTUDO DAS LÍNGUAS DE SINAIS.....	35
2.1	O estatuto linguístico das línguas de sinais.....	35
2.1.1	A relação entre línguas de sinais e línguas orais.....	35
2.1.2	Gramática espacial e simultaneidade .....	38
2.1.3	Sinais não manuais.....	39
2.1.4	Classificação das línguas de sinais.....	39
2.1.5	Tipologia das línguas de sinais.....	41
2.2	Parâmetros fonéticos e fonológicos das línguas de sinais.....	41
2.2.1	Propriedades dos parâmetros na língua de sinais brasileira.....	43
2.2.2	Restrição na formação de sinais.....	53
2.3	Noções de arbitrariedade e iconicidade.....	54
2.4	Formas escritas para línguas de sinais.....	59
2.5	História das línguas de sinais.....	63
2.5.1	Especificidades da cultura surda.....	66
2.5.1.1	Etnocentrismo.....	66
2.5.1.2	O império oralista.....	68
2.5.1.3	Repercussões do oralismo no Brasil.....	69
2.5.1.4	Início das mudanças: o bilinguismo.....	71
2.5.1.5	O reconhecimento pela lei.....	72
3	PRESSUPOSTOS LINGUÍSTICOS BÁSICOS PARA UM ESTUDO COM ENFOQUE NA TERMINOLOGIA.....	75
3.1	Contribuição da Terminologia para o estudo das línguas de sinais.....	75
3.1.1	Breve histórico.....	76
3.1.1.1	Teoria Geral da Terminologia (TGT) .....	78
3.1.1.2	Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT).....	80
3.1.1.3	TGT e TCT.....	81

3.2	A Lexicografia especializada.....	81
3.2.1	Tipologia.....	82
3.2.2	Dicionários em Língua de Sinais.....	84
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	92
4.1	Constituição do <i>corpus</i> .....	92
4.1.1	<i>Corpus</i> em Língua Portuguesa.....	92
4.1.2	<i>Corpus</i> em Libras.....	93
4.1.2.1	Projeto BIC JR.....	94
4.1.2.2	Seleção de informantes surdos.....	98
4.1.2.3	Descrição do <i>corpus</i> .....	98
4.1.2.3	Formação de Palavras, ou sinais, em Libras.....	102
4.2	Fichas lexicográficas.....	110
4.2.1	Obras lexicográficas consultadas.....	115
4.3.	Macro e microestrutura da obra terminográfica.....	116
4.3.1	A Macroestrutura.....	116
4.3.2	A Microestrutura.....	117
5	APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS TERMOS.....	120
6	PROPOSTA DE OBRA TERMINOGRÁFICA.....	212
6.1	Quadro Geral de Classificação.....	212
6.2	Dicionário Terminográfico Bilíngue Bimodal do Ensino do Desenho Arquitetônico Português/Libras.....	214
6.2.1	Procedimentos.....	214
6.2.2	Validação Acadêmica De Sinais Terminológicos.....	214
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	257
	REFERÊNCIAS.....	261



## INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta ferramentas para a elaboração de uma obra terminográfica bilíngue (Língua Portuguesa e Língua Brasileira de Sinais) com base em um *corpus*, cujo domínio é a área de Desenho Arquitetônico. A proposta leva em consideração o problema da escassez de termos técnicos dessa área em Língua Brasileira de Sinais – Libras<sup>1</sup>.

A escassez de termos em Libras, no âmbito acadêmico, é percebida nas áreas científica, tecnológica e cultural, em todos os níveis de ensino. Tal constatação tem preocupado estudantes surdos, intérpretes de Libras e professores das várias disciplinas, acerca da assimilação dos conceitos científicos veiculados em salas de aula. Embora, principalmente no ambiente escolar, terminologias específicas de diversas áreas estejam sendo pensadas e criadas, de fato, faltam registros sistematizados desses sinais, dentro dos princípios da terminografia, nas áreas científicas, tecnológicas e culturais.

Seja no nível do ensino fundamental, médio ou superior, durante as aulas, acontece a criação de sinais, na interação entre o surdo e o intérprete de Libras ali presentes. Sabemos que a criação de sinais vem sendo uma prerrogativa do sujeito surdo, e que tal produção torna-se inevitável em sala de aula. Esses sinais, no entanto, não são registrados em dicionários específicos dos âmbitos científico, tecnológico ou cultural. A cada semestre ou ano letivo, novos sinais são criados e utilizados e não são intercambiados entre as salas de aulas ou entre as instituições.

Algumas pesquisas científicas já apontaram a necessidade de elaboração de dicionários terminológicos. Em Marinho (2007), analisam-se as dificuldades vividas por alunos surdos, intérpretes educacionais e professores, no que concerne ao ensino da Biologia, principalmente no que tange à Terminologia científica. Os resultados dessa dissertação de mestrado mostraram que apenas a presença do profissional intérprete em sala de aula não é o suficiente. A pesquisa de Marinho (2007) aponta que é fundamental a adoção de estratégias interacionistas bem como a utilização de material visual decisivos na qualidade de aprendizagem dos estudantes surdos e na criação de sinais em Libras para os termos da Biologia.

---

<sup>1</sup> SASSAKI, Romeu Kazumi. *Nomenclatura na área da surdez*. 2002. “[...] a sigla correta é ‘Libras’ e não ‘LIBRAS’”. Disponível: <http://alturl.com/a73rf>. Acesso: 14/02/2014.

No artigo de Souza e Silveira (2011, p. 33), os autores refletem acerca da utilização de sinais referentes às terminologias químicas na Libras. “O trabalho revela a dificuldade dos professores de química em abordar esse conteúdo para pessoas com deficiência auditiva”. Esses autores, ainda afirmam que “o ensino de química, deveria contemplar o uso de terminologias desse conteúdo na língua de sinais no ensino-aprendizagem dos conceitos químicos e levar o aluno surdo a utilizar, igualmente, os mesmos termos na escrita e leitura” (SOUZA e SILVEIRA, 2011, p. 33).

Certamente, os vários aspectos que envolvem a educação do sujeito surdo, não são o objeto desta pesquisa, mas a interface com esse tema é inevitável. No entanto, como o contexto no qual esta pesquisa nasceu é o da Educação Profissional, consideramos relevante lembrar que poucos são os surdos que possuem uma formação profissional, ocupando, na grande maioria das vezes, trabalhos operacionais. Esse fato se dá na medida em que esses sujeitos, não sendo em sua maioria proficientes em Língua Portuguesa, são erroneamente considerados iletrados funcionais, por não dominarem a Língua Portuguesa em sua forma escrita (GUARINELLO *et al*, 2009), ficando impedidos, assim, de alcançar níveis acadêmicos superiores.

Vale registrar que a contemporaneidade trouxe em seu bojo concepções mais amplas de letramentos. Soares (2002), embora não trate da realidade do sujeito surdo, já anteriormente explicitou a diferença entre *letramento* e *letramentos*. Tais reflexões, a nosso ver, são importantes para o processo de educação do sujeito surdo, pois a tecnologia que permite a transmissão de vídeos mudou e ampliou significativamente a comunicação entre esses sujeitos, o que poderá resultar em nova compreensão de letramentos também em línguas de sinais. Street (2006), ao contemplar práticas de letramento em muitos contextos, demonstra a variedade e complexidade dos letramentos e desafia algumas suposições dominantes sobre letramento em sua própria cultura. Para esse autor “O poder de definir e de nomear é em si mesmo um dos aspectos essenciais dos usos do letramento, de modo que precisamos ser ainda mais cuidadosos acerca dos termos ao abordar o próprio letramento” (STREET, 2006, p. 465-6).

O material analisado no presente trabalho é oriundo de três projetos de iniciação científica. O projeto de pesquisa que mais se aproximava do principal problema, ou seja, a escassez de Terminologia em Libras, foi o intitulado *Construção de um glossário Técnico para Adequação da Língua Instrumental em Libras para o Ensino de Desenho*

*Arquitetônico* (DE SOUZA E LIMA e LEITE, 2008). O projeto foi desenvolvido, inicialmente, em três etapas principais: Pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de laboratório.

Durante a pesquisa bibliográfica os informantes mantiveram contato com os conceitos, termos técnicos e convenções próprias da construção civil e especialmente aquelas relacionadas com disciplinas de representação gráfica. Na pesquisa documental, os informantes realizaram um levantamento sobre trabalhos relacionados ao tema, assim como realizaram o levantamento de glossários técnicos em Libras para áreas afins. Após essas duas etapas, foi realizada a pesquisa de laboratório com a definição dos termos a serem abordados, foram definidos os sinais representativos para esses termos e a idealização do *Dicionário Terminográfico Bilingue Bimodal do Ensino do Desenho Arquitetônico Português/Libras* com a relação dos termos e sinais propostos.

O desenvolvimento deste trabalho foi baseado em Salles *et al* (2004) que concebeu material instrucional para a capacitação de professores de Língua Portuguesa da Educação Básica no atendimento às pessoas com surdez e apresenta a metodologia adotada no desenvolvimento deste material. Realizou-se um paralelo com as experiências ali empreendidas, no ensino de Língua Portuguesa para surdos, com o ensino da linguagem do Desenho Arquitetônico para surdos. Foi levantada a melhor forma de abordar esse assunto e, assim, foi definida a base para esse ensino que é a definição da obra terminográfica técnica e do manual pretendidos.

Na medida em que, valendo-se dos procedimentos de pesquisa-ação e pesquisa participante, De Souza e Lima e Leite (2009) foi percebido o forte aspecto social da produção dicionarística, e concluído que a condução metodológica deveria ser acrescida de estratégias de estabelecimento de redes. Essas redes têm como finalidade a conectividade cooperativa intra-institucionais e interinstitucionais, e atende o desenvolvimento de um tema tão complexo, não somente pelo seu viés multidisciplinar, mas principalmente, pela interface linguística. A partir da experiência de nos situarmos entre duas línguas de modalidades diferentes, compreendemos, com o estudos de Krieger (2000, p. 228), que o fazer dicionarístico é composto, respectivamente, de produtos e atividades complexas.

O presente trabalho, portanto, tem como objetivo principal a análise da metodologia utilizada na criação de uma obra terminográfica bilíngue de língua especializada, em

que uma das línguas é de modalidade visuoespacial. Essa metodologia visa a possibilidade de ser posteriormente replicada para a construção de novas obras terminográficas, nas mais diversas áreas do conhecimento. Usou-se a experiência do projeto de pesquisa “glossário” que se valeu de tal metodologia e foi realizado entre agosto de 2008 e novembro de 2010.

Para efeito de amostra, são apresentadas 75 fichas léxico-terminográficas utilizadas para elaboração da obra terminográfica em questão. Tais fichas apresentam a descrição completa dos sinais nelas contidos e seus respectivos 75 verbetes bilíngues ilustrados, registrado nas fichas.

Durante todo o tempo da pesquisa nos valem da Metodologia de Pesquisa Qualitativa, portanto cabe apresentar um conceito acerca da mesma. Para tanto escolhemos o ponto de vista de Denzin e Lincoln (2005) apud FLICK, (2010)

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que posiciona o observador no mundo. Ela consiste em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo, fazendo uma série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, gravações e anotações pessoais. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma postura interpretativa e naturalística diante do mundo. Isso significa que os pesquisadores desse campo estudam as coisas em seus contextos naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos sentidos que as pessoas lhes atribuem. (DENZIN; LINCOLN, 2005 apud FLICK, 2010. p. 16)

A metodologia de pesquisa qualitativa pressupõe que o pesquisador levante algumas questões norteadoras, tais questões encontram-se distribuídas ao longo do texto desta tese, mas decidimos condensá-las neste parágrafo com o objetivo de torna-las mais claras à percepção do leitor. São elas: Por que o estudante surdo não está regularmente matriculado nos cursos profissionalizantes técnicos de nível médio? Por que o léxico da Libras é escasso? Por que os sinais criados todos os dias nas salas de aulas do País não são registrados e compartilhados? Por que não temos dicionários terminológicos bilíngues bimodais? De que maneiras pode-se criar, recolher e ou validar sinais? De que maneiras pode-se disponibilizar terminologias em Libras online? Como caracterizar o ambiente institucional educacional adequado ao estudante surdo?

Os objetivos específicos propostos nesta pesquisa são: i) descrever a metodologia de criação; ii) recolher, avaliar e registrar termos, já existentes em Libras; iii) descrever os parâmetros da produtividade lexical das línguas orais auditivas e das línguas de sinais e visuoespaciais e estabelecer comparação entre ambas; iiiii) descrever o glossário ilustrado bilíngue de termos técnicos do Desenho Arquitetônico em Língua Portuguesa e Libras, usado na presente pesquisa; iiiiii) descrever características fonológicas e morfológicas dos termos recolhidos e dos termos criados.

A conscientização de que temos no Brasil uma segunda língua oficial vem acontecendo na medida em que se reconhece a relevância da Lei 10.436/2002, que oficializou a Libras como língua oficial no território brasileiro em 24/04/2002. Embora saibamos da existência de várias línguas no Brasil, a ideia errônea de que somos um país monolíngue é bastante presente. Cabe registrar que um instrumento importante para o reconhecimento de que somos um país plurilíngue é o Decreto Nº 7.387, de 09 de Dezembro de 2010. Em seu Art. 1º, institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística, INDL, sob a gestão do Ministério da Cultura, como instrumento de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

Portanto, a oficialização da Libras é sem dúvida uma conquista dos movimentos sociais encabeçada pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS, que lutou por esta causa por mais de vinte anos. A Lei 10.436/2002 vem promovendo o acesso do sujeito surdo no sistema escolar e cabe citar aqui dois excertos da mesma:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

O Decreto nº. 5.626/2005 que regulamenta esta lei prevê a organização da educação de forma bilíngue no seu Art. 22, incisos I e II, citados nos dois excertos abaixo:

I – Escola e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II – Escolas bilíngues ou escolas comuns do ensino regular, abertas aos alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes

das diferentes áreas do conhecimento cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutor/intérprete de Libras e Língua Portuguesa.

O decreto supracitado prevê, desta forma, que a sociedade brasileira faria a partir de então um percurso bilíngue e podemos concluir que a obra terminográfica da qual apresentaremos uma amostra é, então, fruto deste novo momento, nesse processo, porque, através do reconhecimento da Libras, amplia a cidadania do sujeito surdo.

O estatuto da língua de sinais estruturou-se, apenas a partir de 1960, a partir das pesquisas de William Stokoe, acerca da estrutura da *American Sign Language* – ASL. Embora a utilização de línguas de sinais como meio de comunicação entre surdos venha de tempos imemoriais, as pesquisas sobre as línguas de sinais antigas estão em seu início. Para Supalla (2006) a linguística histórica possibilitou uma abordagem científica para a Arqueologia da Língua de Sinais. O autor observa a relevância histórica dos últimos 40 anos da pesquisa acerca das línguas de sinais modernas e constata que durante esse período, a gênese e a evolução das línguas de sinais se constituíram como uma área desconsiderada do foco de pesquisa. Já o registro escrito mais sistematizado, das línguas de sinais, o *SignWriting*, foi criado por Valerie Sutton apenas em 1974. A Libras teve origem na língua de sinais francesa (*Langue Française de Signes*) que também deu origem à língua de sinais usada nos Estados Unidos (*American Sign Language* – ASL), na mesma época.

O uso da Terminologia na linguagem também não é novo, é tão antigo quanto à linguagem humana, embora muitas vezes, a Terminologia, seja relacionada a uma derivação da Lexicologia. Conforme Barros (2004, p. 29), “existem registros terminológicos desde 2600 a.C., em tijolos de argila feitos pelos sumérios, nos quais se encontram termos relacionados a profissões, gado, objetos comuns e divindades.”

Trataremos, então, de uma proposta terminológica bilíngue na qual fazem interfaces a Língua Portuguesa, de modalidade oral auditiva, e a Língua Brasileira de Sinais – Libras, de modalidade visuogestual, da qual temos dois dicionários de língua geral, *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue: Libras, Português e Inglês*, edições de 2001 e 2012, Capovilla e Raphael, (2001) e o Dicionário da Língua Brasileira de Sinais/Libras, Lira e Souza (2006), na sua versão *online*. O que se pretende produzir é o que se entende por dicionário bilíngue, ou seja, corroborado por Silva (2008), uma obra

de referência que trata Lexicograficamente duas línguas e as põem em relação de equivalência.

É necessário lembrar que produzir dicionários ou glossários bilíngues em línguas da mesma modalidade já se constitui um desafio como abaixo corrobora Haensch e Omeñaca *apud* Silva, (2008 p. 107), os quais observam que:

para a elaboração de um dicionário bilíngue existe toda uma gama de decisões Lexicográficas, em diversos campos, que dependem, por uma parte, da função do dicionário bilíngue como *dicionário ativo* (produção de textos em língua estrangeira) o como *dicionário passivo* (recepção de textos em língua estrangeira) e, por outro lado, da língua materna do usuário que consulta o dicionário.

No que diz respeito à organização geral desta tese, a mesma contempla cinco capítulos.

O Capítulo 1 delimita a origem desta tese e correlaciona as suas primeiras interfaces aos projetos de pesquisa BIC JR. Estabelece a proporção entre a linguagem do desenho e a língua de sinais e relaciona pensadores de algumas áreas tais como Linguística, Matemática, Coreologia, Fisiologia e Anatomia, que nos guiaram à concepção da proposta de um dicionário terminológico.

O Capítulo 2 trata dos pressupostos linguísticos básicos das línguas de sinais, apontando que a Libras é, de fato, uma língua, não apenas mímica ou gestos. Apresenta os parâmetros fonológicos das línguas de sinais considerando a proposta pioneira de Stokoe (1960) e o trabalho dos que o sucederam tais como Liddell (1984) e Liddell e Johnson (1989). Ainda, neste capítulo são apresentadas noções de arbitrariedade e iconicidade tomando como referencial teórico o ponto de vista de Saussure (1916/2012), além de uma breve história das línguas de sinais no mundo e no Brasil.

O Capítulo 3 trata dos pressupostos linguísticos básicos da Terminologia. Apresenta a Teoria Geral da Terminologia prescritiva de E. Wuster e a Teoria Comunicativa da Terminologia descritiva de Maria Tereza Cabré. Aborda as diferenças entre a língua geral e a língua de especialidade, suas semelhanças e complementaridade. Apresenta as características dos dicionários bilíngues, e os desafios da sua produção e em que diferem das outras tipologias de dicionários.

O Capítulo 4 trata da *Metodologia* utilizada, desde a elaboração dos projetos de pesquisa, que originaram esta tese, passando pelas maneiras de abordagem aos informantes, com os procedimentos metodológicos de pesquisa, tais como, pesquisa-

ação, pesquisa participante, a necessidade do procedimento de estudo de caso devido à escassez de parâmetros para trabalhos com as características desse. Este capítulo apresenta, ainda, os procedimentos metodológicos específicos de produção da obra terminográfica de especialidade em questão. Mostra a organização geral do projeto.

Do ponto de vista específico da Terminologia e Terminografia, apresentam-se os procedimentos de constituição do *corpus* em Língua Portuguesa; critérios gerais de seleção de palavras; número de palavras; classificações gerais (quadro geral de classificação). Apresentam-se bibliografia da qual foi constituído o *corpus* ou as obras das quais foram retiradas as palavras, o critério de seleção das obras; a importância das obras em questão, os critérios de escolha da relevância de algumas palavras em relação a outras.

Apresenta-se ainda a descrição do *corpus* em Língua Portuguesa: quantas palavras foram escolhidas e a justificativa das escolhas. Determinam-se as classes de palavras e a porcentagem para cada classe; quais e quantas palavras do *corpus* já possuíam sinais dicionarizados em Libras; dicionários bilíngues (Português/Libras) consultados; quais e quantas palavras do *corpus* ganharam novos sinais em Libras criados pela equipe do projeto.

Apresenta-se a constituição da equipe que criou os novos sinais em Libras visto que este é um dado relevante nas áreas da Terminologia e Terminografia. Trata da seleção da equipe como um todo; da seleção dos informantes; da preparação dos informantes para o processo de criação de sinais (preparação em desenho básico; preparação em Geometria; preparação em Linguística)

Aborda-se o processo de criação de sinais que partiu da compreensão, por parte da equipe, dos conceitos, em Língua Portuguesa, de cada termo do *corpus*. Trata da discussão a respeito dos parâmetros básicos da Libras, adequados, a serem utilizados em cada sinal. Discute-se a respeito das propostas geradas por cada participante, buscando observar o que cada ideia possui de melhor, realizando essa discussão a partir de rascunhos e posterior registro em vídeo e em fotografia. Depois de elaborados os rascunhos, procedem-se os registros definitivos do sinal escolhido, em fotografia e vídeo.



Apresenta, como parte da Metodologia, o processo idealizado para uma primeira validação dos termos criados ao se estruturar o *Curso Bilíngue de Desenho Arquitetônico para Surdos*.

Apresenta, ainda, a proposta de construção da ficha termino-lexicográfica, bem como a descrição dessa ficha termino-lexicográfica. Incluindo esclarecimentos sobre a macroestrutura e a microestrutura da obra terminográfica.

O Capítulo 5 apresenta os termos selecionados e sua descrição e análise em fichas léxico-terminográficas.

O Capítulo 6 – apresenta uma mostra com suas principais sessões. Começando pela Macroestrutura que inclui: a Introdução *Dicionário Terminográfico Bilíngue Bimodal do Ensino do Desenho Arquitetônico Português/Libras*, o Sumário, as Siglas, os Parâmetros da Libras (Configuração de Mão – CM; Ponto de Articulação – PA; Movimento – M; Orientação da mão – OP; Expressões faciais – EF; Expressões Corporais – EC); Microestrutura que incluiu propriamente os verbetes que, neste caso são bilíngues e bimodais.

Nas *Considerações finais* retomam-se os aspectos relevantes desta tese, e mostra que esta pesquisa abre possibilidades e perspectivas para desenvolvimento teórico e práticas das línguas de sinais. Discutimos as questões relacionadas à compreensão da linguagem do desenho arquitetônico pelos surdos. As perspectivas futuras, no que diz respeito à produção de obras terminológicas bilíngues, bimodais e sua disponibilidade *online*. Apresenta, ainda, a equipe constituída até dezembro de 2013, incluindo as relações interinstitucionais – CEFET-MG, Escola Estadual Maurício Murgel, FAPEMIG, Universidade Federal de Santa Catarina, (UFSC). Integra também, este exemplar um *Pendrive* no qual se encontram as definições de cada termo que dicionarizamos.

## CAPÍTULO 1

### DO VISUOESPACIAL DO DESENHO ARQUITETÔNICO AO VISUOGESTUAL DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Este capítulo trata de uma jornada que vem se sustentando a partir do desenho arquitetônico, disciplina que lecionamos durante todo o nosso percurso da vida profissional. É necessário declarar que a ideia de corpo enquanto casa e poesia esteve sempre presente em nossa atividade docente e dá sentido à nossa vida (DE SOUZA E LIMA, 1994). Ao buscar, nas origens dos nossos estudos, descobrimos o que nos aproximou e nos fez perceber a língua de sinais como uma ideia familiar, encontrando uma estreita relação e interesse com o estudo das diversas possibilidades do corpo humano.

Nas décadas de 1970 e 1980 estudamos intensamente o corpo desde a anatomia, (por meio de um curso de extensão de 80 horas, teoria e prática ICB/UFMG, 1987), passando pela capoeira, pela dança, pelo teatro, pela compreensão do corpo do ponto de vista ocidental e oriental. Mais especificamente o trabalho de um autor, Rudolf Laban (1879 - 1958), nos deixou bastante próximos do tema que envolve o sistema de registro escrito de ações corporais. Considerado como um dos principais teóricos da dança, Rudolf Laban desenvolveu um sistema de notação que permitia descrever coreografias.

Não vamos nos aprofundar na história desse autor, mas é relevante dizer que Laban inicialmente estudou Arquitetura, na Escola de Belas Artes de Paris, interessando-se pela relação entre o movimento humano e o espaço que o circunda. Segundo Mota (2012), Laban desenvolveu a Coreologia que trata do estudo da sintaxe e da gramática da linguagem do movimento que lida não só com a forma exterior do movimento, mas também com seu conteúdo mental e emocional.

Apenas a título de informação, apresentamos a linha de tempo na qual se relacionam Laban e Sutton, (*apud* BATISTA, TOURINHO e FREIRE 2010, p. 2):

Rudolf Von Laban (1879-1958) publicou em 1928 'Kinetographie'. Em Labanotation, é possível gravar cada tipo do movimento humano. Rudolf Benesh (1916-1975), com a colaboração de sua esposa, Joan, criou o Benesh Movement Notation, patenteado em 1955. Valerie Sutton (1951) elaborou o Sutton Movement Shorthand em 1974, desenvolveu o Dancewrite (um sistema para representação de coreografias, aplicado ao balé e à dança em geral) e o SignWriting

(um sistema para representação de gestos, aplicado às línguas de sinais). O sistema Dancewrite foi idealizado primeiramente e ensinado ao balé dinamarquês real em Copenhague, 1974. Neste método a figura do bailarino se apresenta distribuída em cinco linhas (pentagrama). Cada linha representa um nível específico. (BATISTA, TOURINHO e FREIRE 2010. p. 2).

Cabe, ainda, registrar que, segundo Amaral (2012, p. 29), a notação de Laban, “foi utilizada por Farnell (1990) para descrever línguas gestuais sem, no entanto, o objetivo de gerar animação de modo automático. Brenda Farnell adaptou a notação de Laban para descrever o que é conhecido como *Plains Indian Sign Languages* (PISL)”.

Isto posto, podemos tratar do desenho arquitetônico que pertence à categoria do desenho técnico. É uma disciplina básica dos cursos Técnicos de Edificações e dos cursos de Graduação em Arquitetura e Engenharia Civil, em todo o País. Trata-se de uma disciplina de fundamentação, situada, geralmente, no início do curso, responsável pela construção da linguagem nos cursos supracitados. O desenho arquitetônico é a representação gráfica do projeto arquitetônico que é idealizado, projetado e desenvolvido por arquitetos e engenheiros civis.

O conceito de projeto arquitetônico permeia a construção terminológica, desta tese. De fato já que os projetos de pesquisa, modalidade BIC JR, que a fundamentam valem-se também da metodologia denominada *Pedagogia de Projetos*, proposta por Barbosa e Moura (2007). Cabe, aqui, registrar que escolhemos o *Método de Projetos* pelo fato de a atual *Pedagogia de Projetos*, ter suas raízes fundadas, nas antigas concepções dos projetos arquitetônicos.

Excertos da dissertação de Higinio (2002, p. 34) nos mostram acerca da essência da *Pedagogia de Projetos*, na revisão bibliográfica realizada por Knoll (1997), com o objetivo de reconstruir a história do método de projetos, dividida em cinco fases:

- 1) 1590-1765: início do trabalho de projeto, em escolas de arquitetura na Europa.
- 2) 1765-1880: afirmação como método de ensino e transplante para a América.
- 3) 1880-1915: utilização no treinamento manual e em escolas públicas gerais.
- 4) 1915-1965: redefinição e transplante de volta da América para a Europa.
- 5) 1965-hoje: redescoberta e terceira onda de disseminação internacional. (HIGINIO, 2002, p. 34)

Para citar apenas um exemplo da relação entre a atual *Pedagogia de Projetos* e os projetos arquitetônicos, mencionamos a iniciativa italiana que, segundo Higino (2002), fundamenta teoricamente a transformação da edificação em disciplina acadêmica, instituiu, em Roma de 1577, a *Accademia di San Luca*, criada sob os auspícios do Papa Gregório XIII:

Valorizando tradições datadas do Renascimento, a *Accademia* passou a promover, em 1596, competições complementares às aulas e oficinas, com o importante objetivo de envolver os estudantes mais avançados em tarefas desafiadoras, estimulando o desenvolvimento da criatividade. Apesar disso, somente a partir de 1702 foi possível uma incorporação definitiva dessa atividade ao calendário escolar. Com tarefas, prazos, julgamento de estrutura semelhante às competições arquitetônicas modernas, as da *Accademia* baseavam-se em desenhos puramente hipotéticos. A denominação que estes recebiam, *progetti*, marca a aparição do termo ‘projeto’ no contexto educacional, apesar de ainda não caracterizá-lo propriamente como método de ensino, já que as competições não integravam a formação, sendo, inclusive, abertas a qualquer jovem arquiteto, mesmo não matriculado. (HIGINO, 2002, p. 34)

As referências acima citadas nos mostram como a ideia de projeto se desenvolveu de forma dinâmica e contínua através dos séculos. Consideramos importante trazer a ideia de projeto concebida por Heidegger (1936) (*apud* Toledo (2011, p. 204) que sugere um lançar-se incessante, nos diz que “Em ‘*Sein und Zeit*’, pela primeira vez se apreende como compreensão do ser aquele compreender que deve ser concebido como projeto e a projeção [*Entwerfung*] como lançada [*geworfene*], ou seja, pertencente à apropriação [*Er-eignung*] através do próprio ser.”

É preciso que se diga que a possibilidade de pensar acerca dos temas, da forma que o fazemos, utilizando metodologia para se conseguir resultados inovadores, encontra-se fortemente enraizada no fato histórico, da fundação, em 1995, no CEFET-MG, o Laboratório Aberto de Ciência, Tecnologia, Educação e Arte (LACTEA). Nossa participação foi possível pelo fato de que em De Souza e Lima (1994), nossa dissertação de mestrado apontava para a implantação de um laboratório do tridimensional que estudasse as possibilidades de corpo e da casa. No LACTEA, a Pedagogia de Projetos supracitada vem sendo amplamente experimentada, desde a fundação desse laboratório na primavera de 1995. Esse fato é de tal relevância que cabe citar, aqui, a Portaria DIR-220/95, de 11 de outubro de 1995, na qual, o Diretor Geral do CEFET-MG, á época, Luiz Fernando Gomes Guimarães resolve:

Designar os professores abaixo relacionados para exercerem as funções respectivamente indicadas: Vera Lúcia de Souza e Lima: Coordenadora Executiva do LACTEA; Carlos Antônio Rennó: Sub-Coordenador Executivo do LACTEA; Dácio Guimarães de Moura: Coordenador do Colegiado Acadêmico do LACTEA; Suzana Lanna Bournier Coelho: Vice-Coordenadora do Colegiado Acadêmico do LACTEA.

O conceito de “laboratório aberto” encontra-se assim definido por Moura e Higino (1996)

Proporcionar aos alunos o desenvolvimento de atividades do tipo ‘laboratório aberto’, contrapondo-se à ênfase tradicional de atividades calcadas em temas e roteiros prefixados associados à utilização de materiais e equipamentos previamente dimensionados e preparados pelo professor. Propõe-se substituir as aulas tradicionais de laboratório, por atividades de realização de projetos ou trabalhos práticos livres, mas orientados, escolhidos de comum acordo com o professor, a serem desenvolvidos por grupos de alunos durante o semestre letivo, com apresentação dos resultados ao final do curso. Tais projetos ou trabalhos práticos devem conter aspectos relacionados de algum modo a elementos de conteúdo constantes do programa formal da disciplina. (Moura e Higino, p. 1, 1996)

O desenho arquitetônico é uma disciplina teórico-prática de representação gráfica de projetos de arquitetura e urbanismo. Por meio dela, em geral, apresentamos aos discentes normas que regem a apresentação de desenhos técnicos e arquitetônicos, bem como suas convenções. O desenho arquitetônico é o instrumento pelo qual o projetista, seja arquiteto ou engenheiro civil, expressa os detalhes e o conjunto da obra que será construída. O objetivo geral da disciplina é preparar o discente para aplicar as normas e as convenções básicas de desenho técnico, nesse caso, arquitetônico, nos projetos por eles finalizados, de acordo com o que é prescrito pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Embora a tecnologia venha cada vez mais auxiliando os processos de representação gráfica, há consenso entre docentes, dessa área, acerca da necessidade do discente desenvolver habilidades básicas para expressar o desenho arquitetônico à mão, com o auxílio de instrumentos, ou mesmo na elaboração de croquis à mão livre. A utilização correta de materiais e instrumentos de desenho, o tipo de grafite na expressão gráfica, os tipos de traços, linhas e convenções, os sistemas de representação gráfica, as projeções ortogonais de objetos, a formatação de pranchas e posicionamento do selo ou carimbo fazem parte do conteúdo programático da disciplina.

Em uma prancha de representação gráfica do desenho arquitetônico, todas as informações são relevantes, por exemplo, os diferentes tipos de linha, finas, médias, grossas, cheias, tracejadas ou traço-ponto, carregam informações, não somente acerca da leitura do desenho, mas, sobre a compreensão que o desenhista tem do projeto que está representando. O discente precisa conhecer também as normas básicas do código de obras do município que se relacionam ao desenho em questão, por exemplo, alturas mínimas de pé-direito, de portas e janelas, larguras e alturas de escadas e de seus degraus.

A disciplina propõe o exercício constante da visão espacial, considerando essa, a habilidade essencial do desenhista. Essa é uma habilidade naturalmente testada na medida em que o discente desenha as principais peças gráficas de representação de uma edificação, tais como plantas, cortes, fachadas, planta de situação, planta de cobertura. Nessa medida, a avaliação do discente é contínua, bastante focada na produção de cada estudante, pois os desenhos são realizados em uma ordem em que um é pré-requisito para o próximo.

O ensino da linguagem representacional gráfica exige que o aluno tenha um conhecimento sobre os termos técnicos utilizados em obras de engenharia, assim como de técnicas construtivas. Além disso, para efetuar uma representação gráfica, é necessário o conhecimento detalhado do objeto representado. Dessa forma, para que o aluno seja capaz de representar uma edificação, ele deve inicialmente conhecê-la em detalhes, isto é, os elementos que a compõem e suas inter-relações. Assim, a inserção do ensino da linguagem representacional, dentro de um curso necessita ser avaliada em relação aos conhecimentos prévios do aluno.

A ideia de oferecer ao estudante surdo o início de uma profissionalização em desenho arquitetônico foi desenvolvida por meio de dois projetos de pesquisa, modalidade BIC JR, e um PIBIC, nos quais os bolsistas de iniciação científica são surdos e, sucessivamente, discentes da Escola Estadual Maurício Murgel, conveniada ao CEFET-MG; discente da PUCMINAS e discente da UEMG. O primeiro projeto: *Criação de uma Linguagem Instrumental em Libras, Aplicada à Construção Civil: Construção de um Glossário Técnico para Ensino de Desenho Arquitetônico* buscou a construção de um glossário técnico que possibilite a adequação da linguagem instrumental em Libras visando o ensino de desenho arquitetônico para surdos. O segundo projeto: *Elaboração de um Manual Aplicado à Construção Civil para o Ensino*

*de Desenho Arquitetônico para Alunos Surdos* pesquisou a construção de um manual de ensino de desenho arquitetônico para surdos. O terceiro projeto, o PIBIC, *Estudo do Desenho Universal sob a Ótica da Sustentabilidade*, contou com a presença de dois bolsistas surdos de cursos de graduação em *Arquitetura e Urbanismo* (PUC-MINAS) e *Design Gráfico* (UEMG). O projeto buscou compreender a acessibilidade no ambiente físico, o espaço arquitetônico, do ponto de vista do sujeito surdo, valendo-se dos princípios do Desenho Universal. O conceito de desenho universal trata da acessibilidade no ambiente construído de forma mais ampla, o de Desenho Universal, na medida em que propõe a convivência com a diversidade em todas as esferas, não somente as físicas e virtuais.

O projeto arquitetônico desenvolvido durante o projeto de pesquisa modalidade PIBIC objetivava também o desenvolvimento de um projeto que poderia ser utilizado como modelo na edição do *Manual Aplicado à Construção Civil para o Ensino de Desenho Arquitetônico para Alunos Surdos*. Na FIG.1 a planta baixa do projeto arquitetônico proposto e na FIG.2, uma proposta de sinalização do ambiente por meio de luzes de diferentes cores.



FIGURA 1 – Planta baixa  
Fonte PIBIC 2010/ 2011

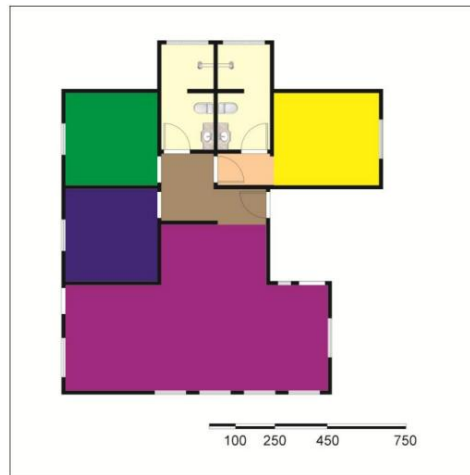


FIGURA 2 – Proposta de sinalização do ambiente.  
Fonte: PIBIC 2010/2011.

Os projetos de pesquisa tiveram origem no Departamento de Engenharia Civil, o que justifica a escolha da disciplina desenho arquitetônico. As pesquisas vindas desses projetos evidenciam a complexidade do acesso dos surdos aos níveis acadêmicos mais elevados, principalmente, devido as barreiras ocasionadas pelas diferenças linguísticas interpostas entre os que se expressam em Libras e em Língua Portuguesa, para além da simples tradução entre uma língua e outra. Os projetos de pesquisa supracitados valendo-se das metodologias de pesquisa-ação, participante e exploratória que incentivam o público alvo a constituírem-se como sujeitos da ação da pesquisa. Tais projetos valeram-se também da metodologia Pedagogia de Projetos, conforme citado anteriormente neste capítulo. Portanto, o que vem sendo construído desde 2008 lança luzes sobre uma área ainda sombria: o pensar científico e criativo dos jovens surdos que, muitas vezes, não se sabem estrangeiros em seu próprio país.

Conforme previsto nos projetos de pesquisa, modalidade BIC JR e modalidade PIBIC, foi realizado o *Curso Bilíngue Desenho Arquitetônico para Estudantes Surdos do Ensino Médio*, com a carga horária de 240 horas, com o objetivo de utilizar os sinais criados, recolhidos e desenvolvidos no *Projeto Glossário* e, dessa forma, testar também o *Projeto Manual*. Para tanto, o *Curso de Desenho Arquitetônico para Estudantes Surdos do Ensino Médio* foi programado e realizado, em 2010. A proposta de realização do curso está devidamente discutida em De Souza e Lima e Leite (2010).

O curso foi formatado em oito disciplinas, conforme relacionadas abaixo:



## QUADRO 1

## Curso de Desenho Arquitetônico para Estudantes Surdos do Ensino Médio

Disciplina	Ementa	Carga Horária
Língua Portuguesa	Apresentação e diálogo sobre as funções sociais dos textos em Português e sua macroestrutura.	20 horas
Libras Instrumental	Apresentação dos verbetes terminológicos, próprios das áreas do conhecimento Arquitetura, Edificações e Engenharia e seus respectivos sinais em Libras.	20 horas
Matemática	Conteúdo básico da geometria descritiva, unidades de medida, utilização de escalas e proporções; área e volume aplicados ao Desenho Arquitetônico.	20 horas
Relações Interpessoais	Diálogo sobre as relações sociais estabelecidas entre os atores sociais presentes em distintos espaços de interação: lar, escola, trabalho, como parte de inclusão desses jovens no universo acadêmico e profissional.	20 horas
Tecnologia das Construções	Diálogo sobre o objeto arquitetônico, suas partes constituintes e suas funções.	20 horas
Fundamentos da Informática	Aprimoramento da relação entre o usuário e o ambiente computacional como embasamento para a utilização de plataformas gráficas.	20 horas
Representação Tridimensional em Arquitetura - Física e Virtual	Utilização de sistemas computacionais utilizados na representação gráfica bidimensional e tridimensional de projetos arquitetônicos.	40 horas
Desenho Arquitetônico	Conhecimentos básicos do manuseio dos instrumentos de desenho, às convenções de desenho e normatizações técnicas para a representação gráfica de projetos de arquitetura, segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas.	80 horas

Fonte: De Souza e Lima, e Leite, 2010, p. 12-13.

O desenho é arte e técnica de representar com lápis, pena, pincel, ou mesmo por meio de programas computadorizados um tema real ou imaginário. O desenho técnico, regido por símbolos e convenções, constitui-se como uma maneira normatizada de desenho, portanto, a representação simbólica é de fundamental importância para a representação no âmbito da Arquitetura e Engenharia Civil.

Os conceitos da Geometria Espacial, enfatizando a habilidade de visão espacial, são fundamentais às duas áreas do conhecimento que aqui se encontram. Esses conceitos estão na origem do desenho técnico, intrinsecamente fundados nos conceitos de forma, dimensão, ponto, reta, plano e espaço, considerados primitivos, isto quer dizer que dispensam definição, e dos quais o surdo vale-se, mesmo que intuitivamente, na língua e na escrita de sinais.

O desenho técnico, que se vale dos conceitos de representação da geometria descritiva, é utilizado como base para a atividade projetiva, em disciplinas como a arquitetura e a

engenharia. Da Geometria Descritiva origina-se o Desenho Técnico, e dessa mesma categoria fazem parte o Desenho Arquitetônico, o Desenho Industrial, o Desenho Mecânico, o Desenho Topográfico, entre tantos outros que têm aplicação prática dos conceitos da Geometria Descritiva.

Para Lacourt (1995),

A Geometria é um ramo da Matemática, e pode ser definida como a ciência que investiga as formas e as dimensões das figuras existentes na natureza. A Geometria Descritiva, por sua vez, é o ramo da Matemática Aplicada que tem como objetivo o estudo de objetos tridimensionais mediante projeções desses sólidos em planos. Em Geometria, é comum utilizarmos os conceitos de forma e dimensão. Forma é o aspecto, ou configuração, de um determinado objeto (forma arredondada, elíptica, etc.), enquanto dimensão é a grandeza que caracteriza uma determinada medida desse objeto (largura, comprimento, etc.) (*apud* AMARAL e CRUZ, 2012, p. 4).

Na compilação realizada por Rabello (2005), o estudo da Geometria se divide em duas grandes áreas de conhecimento: as Geometrias Métricas e as Geometrias de Posição. Nesse caso, nos deteremos nas Geometrias de Posição, pois são as que tratam das formas propriamente ditas das figuras geométricas, sendo por isso também conhecidas como geometrias gráficas. Nessa área, destaca-se, segundo Rabello (2005), a Geometria Descritiva (ou Estereografia) — suas diversas ramificações — que estuda a forma das figuras geométricas através de suas projeções.

Se os elementos de uma figura geométrica pertencem a um mesmo plano, diz-se que a figura é plana. O estudo de suas propriedades e, conseqüentemente, a resolução de seus problemas se fará, portanto, no âmbito da figura e, por isso, o estudo geométrico, seja métrico ou gráfico, é típico de uma Geometria Plana. Quando a figura em estudo não é plana, trata-se de uma figura tridimensional, cujas propriedades serão objeto de uma Geometria Espacial.

Podemos afirmar que a Geometria Espacial constitui-se, na nossa concepção, como um elo entre a linguagem do desenho e a língua de sinais, por esse motivo, na FIG. 3 registramos os planos cartesianos e seus quatro diedros que oferecem parâmetros para que as descrições dos diálogos aconteçam.

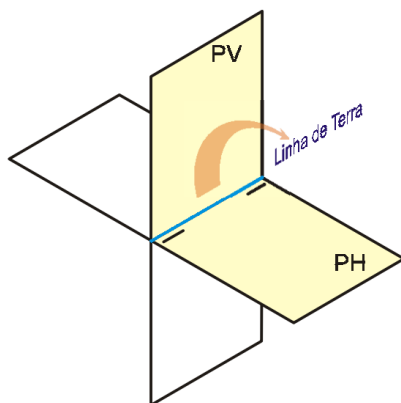


FIGURA 3 – Planos cartesianos  
Fonte: Ferreira (s/d)

Em FIG. 4, a representação de uma edificação nos planos cartesianos, conforme Brabo (2009). Esses planos, quando deslocados, promoverão cortes e vistas horizontais e verticais, dando origem às plantas baixas e aos cortes verticais, que nos permitem ler os elementos construtivos e suas alturas.

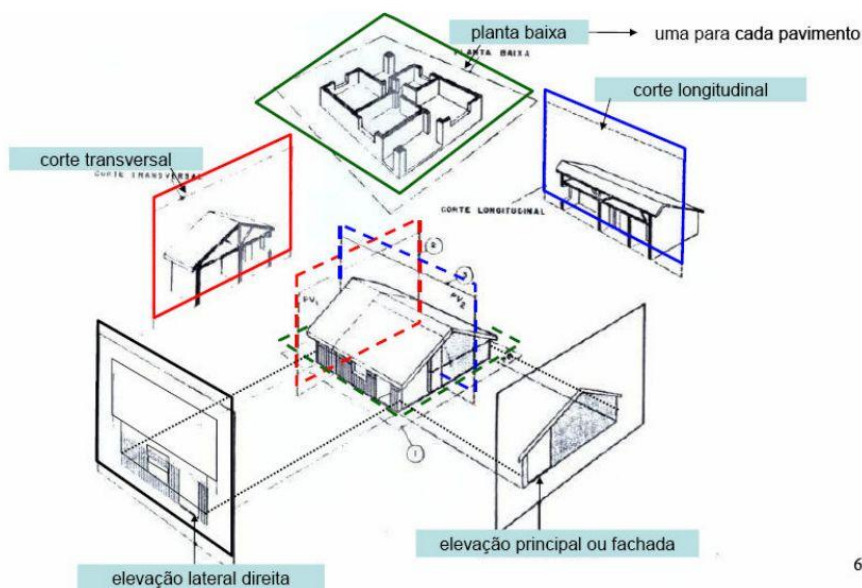


FIGURA 4 – Plantas e vistas.  
Fonte: Brabo, 2009, p.16.

Na FIG. 5, o “espaço de sinalização” conforme proposto por Faria-Nascimento. A autora contesta a ideia de “espaço de sinalização” vigente. Segundo essa autora, “este espaço é normalmente representado nos estudos clássicos por um caixote diante do corpo já que o “espaço de sinalização” não tem quinas definidas como a de um caixote” (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 157). Para essa autora, a LSB, ou Libras “realiza-se majoritariamente no espaço representado por um plano cartesiano, cujo eixo das

abscissas (x) passa pelo rosto, na altura dos olhos e o eixo das ordenadas (y) divide vertical e simetricamente o corpo em dois lados” (veja FIG. 5)

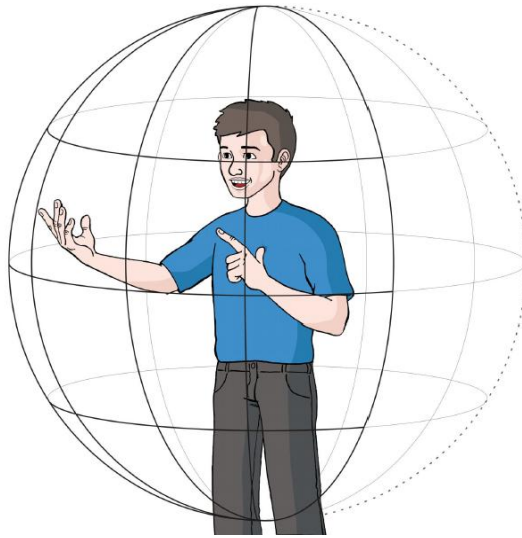


FIGURA 5 – Espaço de sinalização da LSB  
Fonte: Faria-Nascimento 2009, p. 158.

Na FIG. 6, a representação anatômica e fisiológica do corpo humano, conforme proposto por Kapandi (1980), o braço descreve um cone irregular: o cone de circundação. Esse autor demonstra que a avaliação dos movimentos e das posições nas articulações como a do ombro, com três eixos principais e com três graus de liberdade, é complexa devido a ambiguidades. Para Kapandi (1980, p. 23):

se de maneira geral definimos a abdução como um movimento de separação do membro superior do plano de simetria, essa definição só é válida até 90°, já que, a partir daí, o membro superior se aproxima do plano de simetria, por cima e, contudo, continuamos com a denominação de abdução; para avaliar a rotação longitudinal o problema é ainda mais árduo.

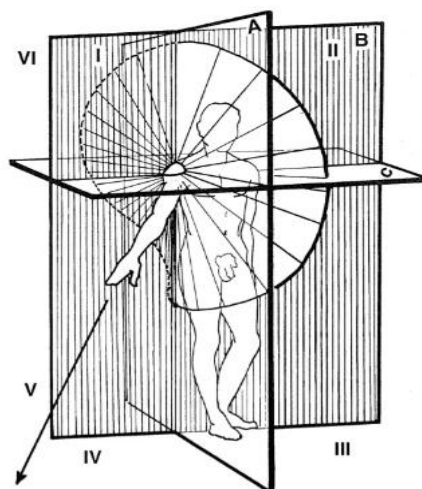


Fig. 1-9

FIGURA 6 – Movimento de circundação.  
 Fonte: Kapandi, 1980, p 23.

Compreendemos, portanto, que a descrição da língua de sinais exige o rigor e a complexidade da integração de, pelos menos, quatro áreas do conhecimento: a Linguística, a Matemática, a Anatomia e a Fisiologia. A pesquisadora Agrella (2010) relata em excerto da sua tese a interface entre linguista e matemático, em 1994 acerca da língua de sinais:

Em 1990, soube que na Associação de Pós-graduação em Linguística (ANPOLL) havia um Grupo de Trabalho (GT) chamado Linguagem e Surdez, coordenado pela pesquisadora Dra Lucinda Ferreira de Brito. A linguista Dra. Lucinda Ferreira Brito, brasileira, havia acompanhado de perto os efeitos produzidos, na linguística e na organização política dos surdos, a tese de Stokoe nos USA, (1960). Neste encontro conheci, também, um pesquisador francês, Remi Langevin, que, durante o evento, ministrou um curso sobre os aspectos gramaticais das línguas de sinais, tais como: os pares mínimos (configuração de mãos, direção da palma da mão, ponto de articulação e movimento das mãos), as regras de restrição sintática para formulação de sentenças gramaticais, as diferenças destes elementos em relação às línguas orais, entre outros temas. (AGRELLA, 2010, p. 71.)

O resultado da interface entre a linguística e a matemática pode ser encontrado no artigo de Ferreira-Brito e Langevin (1995), quando descrevem o espaço de sinalização contido no paralelepípedo.

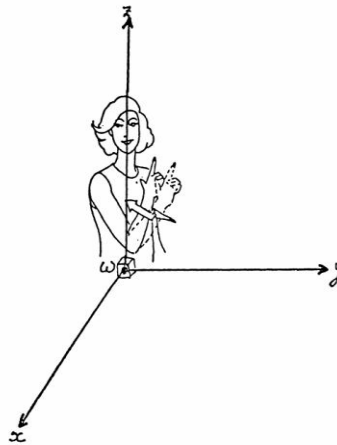


FIGURA 7 – Três eixos relacionados aos sinais do corpo.  
Fonte: Ferreira-Brito e Langevin, 1995, p.19.

Os três eixos, na FIG. 7, originam-se no umbigo do sinalizante, ponto escolhido por Ferreira-Brito e Langevin (1995) para corresponder ao ponto de origem  $w$ .

O eixo  $wx$  aponta para frente e longe dessa origem  $w$ ; o ponto  $wy$ , para a esquerda do sinalizante e, o  $wz$  aponta para cima, paralelo ao tronco sinalizante. Juntos, a origem e esses três eixos que chamamos um quadro, usando um termo matemático, no lugar do seu sentido semântico.

Para Ferreira-Brito e Langevin (1995) os três eixos correspondem aos três graus de liberdade de movimento no espaço, estando, portanto, o espaço de sinalização, contido em um projeto de paralelepípedo (FIG. 8).

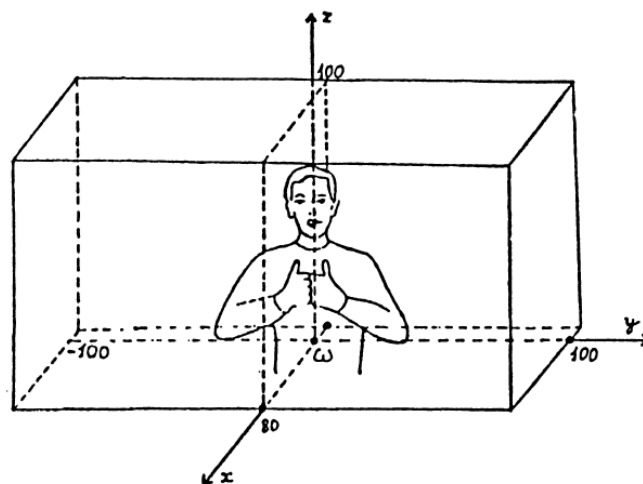


FIGURA 8 – Espaço de sinalização.  
Fonte: Ferreira-Brito e Langevin, 1995, p. 20.

Ao buscarmos correspondência dessa análise matemática, dentro dos parâmetros da anatomia, encontramos a mesma linguagem em Hamill e Knutzen (2008). Para esses

autores, os diferentes graus de movimento podem ser percebidos na maioria das articulações que se utilizam da nomenclatura como tendo:

grau 1, 2 ou 3 de liberdade, oferecendo movimento potencialmente uniaxial, biaxial ou triaxial, respectivamente. O ombro é um exemplo de articulação com grau de liberdade 3 porque permite que o braço se movimente no plano frontal pela abdução e adução, no plano sagital pela flexão e extensão, e no plano transverso pela rotação (HAMILL E KNUTZEN, 2008, p.29).

A escrita de sinais vale-se de uma linguagem representacional análoga à da Geometria Plana, ao utilizar o termo “plano parede” no lugar do plano  $y$ , vertical e “plano chão” no lugar do plano  $x$ , horizontal, para estabelecer a orientação da escrita que acontece a partir do ponto de vista do sinalizante, conforme a FIG. 9 (STUMPF, 2005, p. 65).

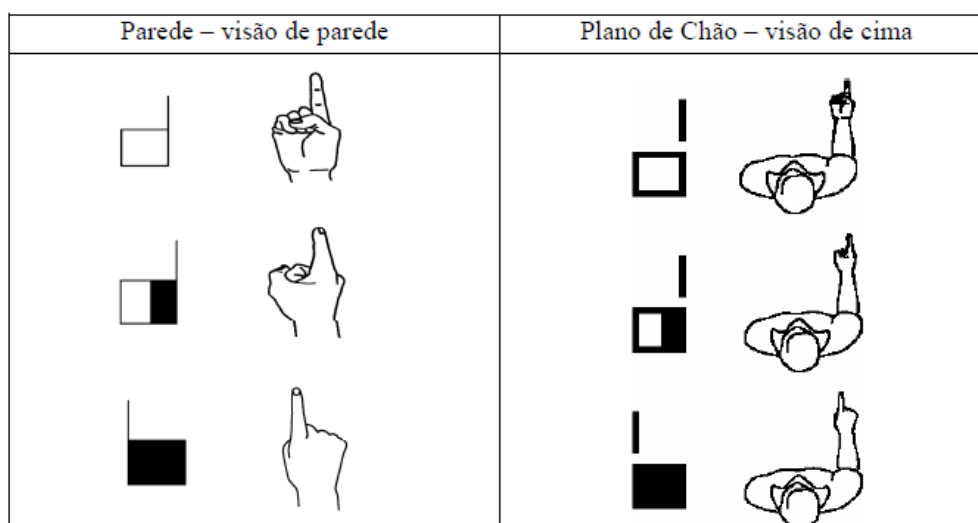


FIGURA 9 – Orientação da palma  
Fonte: STUMPF, 2005, p. 65.

Cabe, aqui, abordar o sentido normativo e prescritivo da representação gráfica em projetos arquitetônicos que têm suas normas de representação gráfica definidas pela ABNT/NBR 6492/94 – *Representação de projetos de arquitetura*. Os conteúdos programáticos da disciplina desenho arquitetônicos originam-se na ABNT/NBR 6492/94 – *Representação de projetos de arquitetura*, sendo, portanto, conteúdos relacionados à ação de representar. As normas técnicas para o Desenho Arquitetônico estabelecem os procedimentos e fixam as condições exigíveis para representação gráfica de projetos de arquitetura, visando a sua boa compreensão.

A norma ABNT /NBR-6492/94 define: Planta de situação; Planta de locação (ou

implantação); Planta de edificação; Corte; Fachada – *Representação gráfica de planos externos da edificação*; Elevações ou Cortes – *Representação gráfica de planos internos ou de elementos da edificação*; Detalhes ou ampliações; Escala; Programa de necessidades; Memorial justificativo; Especificação.

Para complementar a representação gráfica do projeto arquitetônico, outras normas precisam ser consultadas tais como: ABNT/NBR 8196/99 – *Emprego de escalas*; ABNT/NBR 8403/84 – *Aplicações de linhas* – tipos e larguras; ABNT/NBR 10068/87 – *Folha de desenho* – leiaute dimensões; ABNT/NBR 13142/99 – Dobramento e cópia.



## CAPÍTULO 2

### PRESSUPOSTOS LINGÜÍSTICOS BÁSICOS PARA O ESTUDO DAS LÍNGUAS DE SINAIS

#### 2.1 O estatuto linguístico das línguas de sinais

Segundo Johnston (1989), línguas de sinais não são mímicas – em outras palavras, sinais são convencionalizados, frequentemente, de modo arbitrário, e não, necessariamente, têm relação visual com seu referente, assim como línguas orais não são onomatopaicas. Enquanto a iconicidade é mais sistemática e difundida nas línguas de sinais do que nas línguas orais, a diferença não é categórica. Uma língua de sinais não é a interpretação de uma língua oral, na forma de sinais manuais. Ela possui gramática própria complexa e pode ser usada para discutir qualquer assunto, do mais simples e concreto ao mais elaborado e abstrato.

Mais genericamente, ambas as línguas, orais e de sinais, compartilham as seguintes características entre aquelas propostas por Hockett (1960). Para esse autor, as línguas orais naturais são dotadas de: 1- modo de comunicação; 2- semanticidade; 3- função pragmática; 4- permutabilidade; 5- transmissão cultural; 6- arbitrariedade; 7- diferenciação; 8- deslocamento; 9- produtividade. Esses nove aspectos definem a noção geral de língua

#### 2.1.1 A relação entre línguas de sinais e línguas orais

Segundo Nakamura (1995), apesar de não fazerem parte das línguas de sinais, alfabetos manuais (datilologia) podem ser usados nessas línguas, na maioria das vezes, para os nomes próprios e para os vocabulários técnico e especializado, emprestados das línguas orais. O uso da datilologia era anteriormente tomado como evidência de que as línguas de sinais eram versões simplificadas das línguas orais, mas, na realidade, a datilologia é um instrumento, entre muitos, podendo, algumas vezes, ser a fonte de novos sinais, que são chamados de sinais lexicalizados.

Na nossa experiência de produtividade linguística da obra terminográfica, apresentada nesta tese, mesmo para os vocabulários especializados, a datilologia não é recomendada. Para o estudante surdo, em qualquer área, a datilologia sem a compreensão do conceito

agregado ao termo, será tão inútil quanto a leitura da palavra em qualquer língua escrita. Quando um bolsista surdo, do nosso projeto de produtividade lexical em Libras lê a palavra *molécula* em português, ocorre de ele imaginar e interpretar que a parte *mole* que compõe a palavra se refere a *macio*. Compreendemos, então, que o estudante surdo quando cria um sinal específico para a palavra *molécula* é a garantia de que ele realmente entendeu o conceito.

A pesquisa de Reily (2007, p. 324) corrobora as afirmações de Nakamura (1995), quando nos mostra que os alfabetos manuais utilizados por surdos e outros sinalizantes “seguiram a tradição espanhola e francesa de educação de surdos e seguramente devem ao movimento monástico a invenção desse valioso instrumento de escrita no ar”. Mas, Reily (2007, p. 324; grifo da autora), após pesquisa documental, deixa clara a sua concordância com Stokoe (1987,) que “a origem das línguas de sinais dos surdos *não* se encontra nos sinais monásticos”.

No geral, as línguas de sinais são independentes das línguas orais e seguem seus próprios caminhos de desenvolvimento. Por exemplo, segundo Nakamura (1995), a língua de sinais britânica e a língua de sinais americana são diferentes entre si e mutuamente ininteligíveis, mesmo que os ouvintes na Inglaterra e dos Estados Unidos compartilhem a mesma língua oral. Também as gramáticas de línguas de sinais, geralmente, não têm a ver com a gramática das línguas orais faladas em um determinado local. De fato, em termos de sintaxe, a ASL compartilha mais similaridades com o japonês oral que com o inglês oral. Similarmente, países que usam uma única língua oral podem ter duas ou mais línguas de sinais, assim como uma área que contenha mais de uma língua oral pode usar apenas uma língua de sinais. A África do Sul, que possui 11 línguas orais oficiais e um número similar de outras línguas orais não oficiais amplamente utilizadas, é um bom exemplo disso. O país tem apenas uma língua de sinais com duas variantes devido à sua história, em que havia dois grandes institutos para surdos que serviam a diferentes áreas geográficas no país.

Estudos indicam que línguas orais e línguas de sinais são semelhantes também, no que diz respeito à velocidade de pronúnciação. Em artigo, Bellugi e Fischer (1972), comparam a taxa de articulação nas duas línguas e especulam sobre as consequências dessa comparação. As duas pesquisadoras do *Salk Institute for Biological Studies*, solicitaram aos participantes da pesquisa que cada um deles individualmente contasse

alguma história de sua infância ou alguma história que conhecia bem. Solicitaram, então, três interpretações diferentes de cada história, em diferentes ordens. O processo foi filmado de modo que para cada indivíduo foram registradas as seguintes versões: 1. uma história contada em *American Sign Language*; 2. a mesma história contada em Inglês falado; 3. a mesma história sinalizada e falada simultaneamente. Todo o processo foi cuidadosamente transcrito. Os resultados mostraram uma média de 4,7 palavras por segundo e 2,3 sinais por segundo. No entanto, apenas 122 sinais eram necessários para uma história, enquanto 210 palavras em língua oral eram necessárias. Assim, as duas versões da história levaram quase o mesmo tempo para serem contadas. A pesquisadora então testou se falantes de língua americana de sinais omitiram alguma informação. Foi dada a uma pessoa bilíngue uma história para ser traduzida para ASL. Uma segunda pessoa bilíngue que podia apenas ver os sinais então traduziu a história de volta para o inglês. A informação veiculada na história sinalizada foi idêntica à história original. Tal estudo, apesar de limitado em seu escopo, sugere que os sinais em ASL têm mais informação que a língua inglesa: 1,5 proposições por segundo comparado a 1,3 para língua inglesa.

Segundo Quadros (2004, p. 84), ao observar as diferenças entre as produções na Língua Portuguesa e na língua brasileira de sinais percebem-se uma série de diferenças e apresenta a lista com algumas delas:

- (1) A língua de sinais é visual-espacial e a língua portuguesa é oral-auditiva.
- (2) A língua de sinais é baseada nas experiências visuais das comunidades surdas mediante as interações culturais surdas, enquanto a língua portuguesa constitui-se baseada nos sons.
- (3) A língua de sinais apresenta uma sintaxe espacial incluindo os chamados classificadores. A língua portuguesa usa uma sintaxe linear utilizando a descrição para captar o uso de classificadores.
- (4) A língua de sinais utiliza a estrutura tópico-comentário, enquanto a língua portuguesa evita este tipo de construção.
- (5) A língua de sinais utiliza a estrutura de foco através de repetições sistemáticas. Este processo não é comum na língua portuguesa.
- (6) A língua de sinais utiliza as referências anafóricas através de pontos estabelecidos no espaço que exclui ambiguidades que são possíveis na língua portuguesa.
- (7) A língua de sinais não tem marcação de gênero, enquanto que na língua portuguesa o gênero é marcado a ponto de ser redundante.

(8) A língua de sinais atribui um valor gramatical às expressões faciais. Esse fator não é considerado como relevante na língua portuguesa, apesar de poder ser substituído pela prosódia.

(9) Coisas que são ditas na língua de sinais não são ditas usando o mesmo tipo de construção gramatical na língua portuguesa. Assim, tem vezes que uma grande frase é necessária para dizer poucas palavras em uma ou outra língua.

(10) A escrita da Língua de Sinais não é alfabética.

### 2.1.2 Gramática espacial e simultaneidade

As línguas de sinais exploram as características únicas do meio visual. Segundo a compilação de Nakamura (1995), as línguas orais são lineares, ou seja, apenas um som pode ser produzido ou recebido por vez. A língua de sinais, por outro lado, é visual de maneira que toda a cena pode ser percebida de uma vez. A informação pode ser veiculada em diversos canais e expressada simultaneamente, pois a percepção visual permite esse tipo de processamento. A título ilustrativo, em Português, um indivíduo poderia dizer “eu fui para lá”. Para adicionar informações ao ato de ir, ter-se-ia que construir uma frase maior ou mesmo adicionar outra frase à primeira, como “eu fui pra lá pelo caminho tortuoso” ou “eu fui pra lá. Foi muito bom”. No entanto, na língua brasileira de sinais, as informações sobre como era o caminho ou sobre como foi agradável o ato de ir, podem ser veiculadas simultaneamente.

Uma maneira com a qual as línguas de sinais se aproveitam de sua natureza espacial é através do uso de classificadores. Os classificadores permitem ao falante de língua de sinais mostrarem atributos do referente como tamanho, tipo, forma, movimento e extensão. Grinevald (1996) (*apud* Bernadino, 2012, p. 253) distingue os reais classificadores por meio de quatro critérios:

- (a) Classificadores são morfemas explícitos.
- (b) Eles constituem um subsistema morfossintático.
- (c) Eles são sistemas de classificação semanticamente motivados que não classificam todos os substantivos.
- (d) Eles são sujeitos a condições de uso pragmático discursivas.

Nakamura (1995) pondera, a partir de Battison (1978), que o grande foco sobre a possibilidade de simultaneidade em línguas de sinais, em contraste com línguas faladas, às vezes, é exagerado. No entanto, o uso de dois articuladores manuais está sujeito a limitações motoras, o que resulta num grande grau de simetria ou sinalização, com apenas um articulador.

### 2.1.3 Sinais não manuais

As línguas de sinais veiculam muito de sua prosódia através de sinais não manuais. Segundo Nakamura (1995), posturas ou movimentos do corpo, cabeça, sobrancelha, olhos, bochechas e boca são usados em várias combinações para mostrar diversas categorias de informações, incluindo, distinção lexical, estrutura gramatical, conteúdo adjetival ou adverbial e funções discursivas. A estrutura gramatical veiculada por sinais não manuais incluem interrogativas, negativas, relativas e limites entre sentença.

Segundo Baker (1985) as funções discursivas são amplamente reguladas pelo movimento da cabeça e pelo olhar. Uma vez que o interlocutor em interação em língua de sinais deve estar observando o falante. O falante pode evitar que a outra pessoa tome a sua vez não olhando para ela, ou pode indicar que a outra pessoa tenha a vez fazendo contato com os olhos.

Para Liddell (2003), (*apud* Nakamura, 1995), na ASL, alguns sinais, precisam de componentes faciais que se distinguem dos outros sinais. Um exemplo desse tipo de distinção lexical é o sinal traduzido como “ainda não”, que requer um específico movimento dos lábios e da língua, além do sinal feito manualmente, que, desprovido desse movimento facial descrito, significaria “tarde”.

### 2.1.4 Classificação das línguas de sinais

Das centenas de línguas de sinais no mundo, criados e utilizados por pessoas surdas o sítio *Ethnologue: Línguas do mundo*<sup>2</sup> apresenta, em sua edição atual, 136 línguas vivas de sinais.

Como a principal língua de comunicação diária face-a-face, para suas respectivas comunidades, de usuários, essas línguas se inserem no âmbito do *Ethnologue*. As línguas de sinais listados na entrada de idioma são aqueles usados dentro das comunidades surdas. As listas incluem as línguas de sinais naturais, apenas versões não sinalizadas de línguas faladas (códigos manuais), que normalmente possuem nomes como "Inglês Sinalizado" ou "francês Sinalizado".

Apesar de as línguas de sinais terem emergido naturalmente em comunidades de surdos, em ambientes onde também se falavam línguas orais, elas não têm relação com essas línguas orais, destacando-se, ainda, por possuírem estruturas gramaticais diferentes.

---

<sup>2</sup> <http://www.ethnologue.com>

Podemos dizer que sinais familiares não constituem uma língua completa, mas estão próximos de um *pidgin*. Esses sinais são amorfos e geralmente idiossincráticos a uma família em particular em que uma criança surda não tem contato com outras crianças surdas que se expressem em língua de sinais e não recebe educação para surdos. Tais sistemas geralmente não são passados de uma geração para a outra e quando isso acontece, espera-se uma *creolização*.

Conforme observam Meir, Sandler, Padden e Aronoff (2010), as línguas de sinais emergentes se desenvolvem sob duas configurações distintas: dentro pequenas comunidades ou aldeias, onde a transmissão está dentro e entre as famílias, e em circunstâncias em que os sinalizantes de diferentes origens se reúnem em locais como clubes ou escolas. A classificação de língua de sinais de pequenas comunidades trata do fenômeno de uma língua indígena que tipicamente desenvolve-se por várias gerações, em comunidades relativamente isoladas com uma alta incidência de surdos. O número de pessoas surdas nascidas na comunidade pode ser muito pequeno. Por exemplo, Ferreira-Brito (1984) relata cinco pessoas surdas na tribo Urubu-Kaapor no Brasil;

Geralmente esta língua será usada tanto por surdos quanto por uma significativa porção dos ouvintes que têm amigos ou familiares surdos. As línguas de sinais de comunidades de surdos, por outro lado, surgem onde os indivíduos surdos agrupam-se para formar suas próprias comunidades. Inicialmente, as línguas de sinais de comunidades de surdos não são conhecidas pela população ouvinte e, em alguns casos, nem pelos parentes mais próximos dos indivíduos que dela participam.

Os pesquisadores Meir, Sandler, Padden e Aronoff (2010) abordam também questões acerca do contato linguístico e creolização, comuns também no desenvolvimento das línguas de sinais, tornando bastante complexo o processo de classificação por famílias linguísticas. Muitas vezes, não fica claro se as similaridades lexicais são devidas a empréstimos ou a parentescos linguísticos. O contato ocorre entre duas ou mais línguas de sinais; entre línguas de sinais e línguas orais (tipo de *pidgin*); e entre línguas de sinais e sistemas gestuais usados pela comunidade em geral.

A partir da pesquisa envolvida, nesta tese, que instituiu equipes para a produção de dicionários, com a presença dos surdos, uma nova comunidade de surdos começa a surgir, só que, dessa vez, em ambiente acadêmico. A reunião desses sujeitos não acontece ao acaso, ela carece de organização e sistematização.

### 2.1.5 Tipologia das línguas de sinais

A tipologia linguística é baseada na estrutura da palavra e distingue classes morfológicas como aglutinante/concatenante, inflexional, polissintética, incorporante e isolante. Segundo Quadros e Karnopp (2004), as línguas de sinais variam em tipologia sintática, uma vez que há diferentes ordens de palavras em diferentes línguas. Por exemplo, na língua austríaca de sinais, há o padrão Sujeito-Objeto-Verbo, enquanto na ASL há o padrão Sujeito-Verbo-Objeto. Não é improvável a correspondência com a língua oral falada, no espaço em questão. Morfológicamente, a forma da palavra (*wordshape*) é um fator essencial. As formas canônicas de palavras resultam do pareamento sistemático de valores binários de duas características, a saber, a silabidade (mono- ou poli-) e morfemicidade (mono ou poli).

Brentari (1998) classifica as línguas de sinais como um inteiro grupo determinado pelo meio de comunicação (visual, ao invés de auditivo), como um grupo de características monossilábicas e polimorfêmicas. Isso significa que através de uma sílaba (uma palavra, um sinal), muitos morfemas podem ser expressos como sujeito e objeto de um verbo e determina a direção do movimento do verbo (inflexão). Isso é necessário para que as línguas de sinais assegurem uma velocidade de produção compatível com as línguas orais, uma vez que a produção de um sinal leva mais tempo do que a pronúncia de uma palavra. Mas, numa comparação sentença por sentença, línguas orais e de sinais possuem aproximadamente a mesma velocidade.

### 2.2 Parâmetros fonéticos e fonológicos das línguas de sinais

O presente trabalho, originou-se do princípio de que as línguas de sinais são línguas que têm seu estatuto devidamente reconhecido. Consideramos também que a Língua Brasileira de Sinais é, reconhecidamente, língua de forma legal e oficial conforme o decreto 5626/2005 que regulamenta a lei 10.436 de 24 de abril de 2002. Conforme extenso número de pesquisas, segundo Quadros e Karnop, (2004), as línguas de sinais contêm os mesmos princípios subjacentes de construção das línguas orais. Nesse sentido, elas têm um léxico, isto é, um vocabulário, caracterizado por um conjunto de símbolos convencionais e, também, uma gramática que constitui um sistema de regras, objetivando reger o uso desses símbolos.

A fonologia das línguas de sinais é uma área da linguística que objetiva identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo modelos descritivos e explanatórios. Segundo Quadros e Karnop (2004, p. 47), a fonologia em línguas de sinais tem duas tarefas básicas: “Determinar quais são as unidades mínimas que formam os sinais. Estabelecer quais são os padrões possíveis de combinação entre essas unidades e as variações possíveis no ambiente fonológico”.

Nas línguas de sinais as informações linguísticas são recebidas pelos olhos fazendo com que tais línguas sejam de modalidade gestual-visual/visuoespacial. São claras as diferenças entre as línguas de sinais e orais na modalidade de produção, no entanto o termo *fonologia* tem sido usado para referir-se ao estudo dos elementos básicos das línguas de sinais.

Na década de sessenta, o pesquisador William Stokoe apresentou um esquema linguístico estrutural para analisar a formação dos sinais e propôs a decomposição dos sinais na ASL em três principais aspectos, ou parâmetros que não carregam significado isoladamente, encontrados em Ferreira-Brito (*apud* Quadros e Karnop, 2004, p. 51): “Configuração de mão (CM); Locação da mão (L); Movimento (M)”.

A partir de então, essa ideia começou a prevalecer. Tratam-se de unidades mínimas (fonemas), que constituem morfemas nas línguas de sinais, de forma análoga aos fonemas que constituem os morfemas nas línguas orais. Entretanto, a principal diferença entre as duas modalidades de língua foi a presença da ordem linear (sequência horizontal no tempo) entre os fonemas das línguas orais, enquanto que nas línguas de sinais os fonemas são articulados simultaneamente. Hulst *apud* Quadros e Karnop (2004, p. 49) ilustra essas diferenças no seguinte esquema:

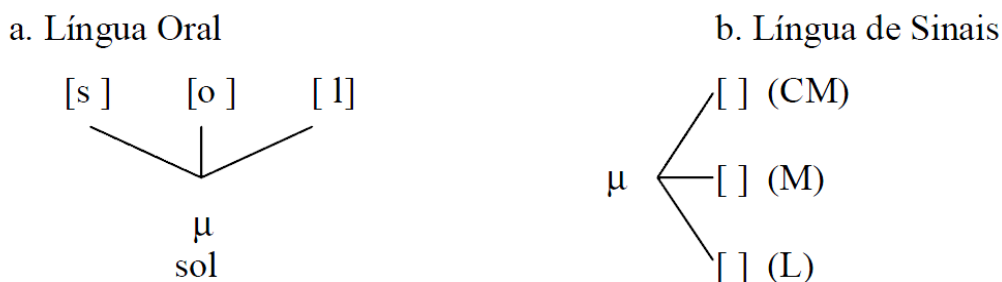


FIGURA 10 – A sequencialidade das línguas orais e a simultaneidade nas línguas de sinais.  
Fonte: Quadros e Karnop, 2004, p. 49.



A análise dos modelos das unidades formacionais dos sinais, posteriores a Stokoe, sugeriu a adição de informações referentes à orientação da palma da mão (Or) e aos aspectos não manuais (NM) – expressões faciais e corporais (BATTINSON, 1974 1978). Esses dois parâmetros foram então adicionados aos estudos da fonologia dos sinais.

Entre os anos de 1978 e 1988, os estudos sobre a ASL se expandiram, atingindo as áreas da morfologia e da sintaxe. Em relação à fonologia, uma segunda geração de estudiosos (Supalla e Newport, 1978; Klima e Bellugi, 1979; Padden, 1983; Liddell, 1984) investigou questões referentes à estrutura fonológica dos sinais, seus traços distintivos e seu aspecto sequencial e simultâneo.

### 2.2.1 Propriedades dos parâmetros na língua de sinais brasileira

Nas línguas de sinais, segundo Karnopp (1999), os articuladores primários são as mãos, que se movimentam no espaço em frente ao corpo. Um sinal pode ser articulado com uma ou duas mãos. Um mesmo sinal pode ser articulado tanto com a mão direita quanto com a mão esquerda, sem ocasionar mudança significativa e, portanto, não distintiva. Sinais articulados com uma mão são produzidos pela mão dominante, sendo que sinais articulados com duas mãos também ocorrem e apresentam restrições no que se refere ao tipo de interação entre ambas as mãos.

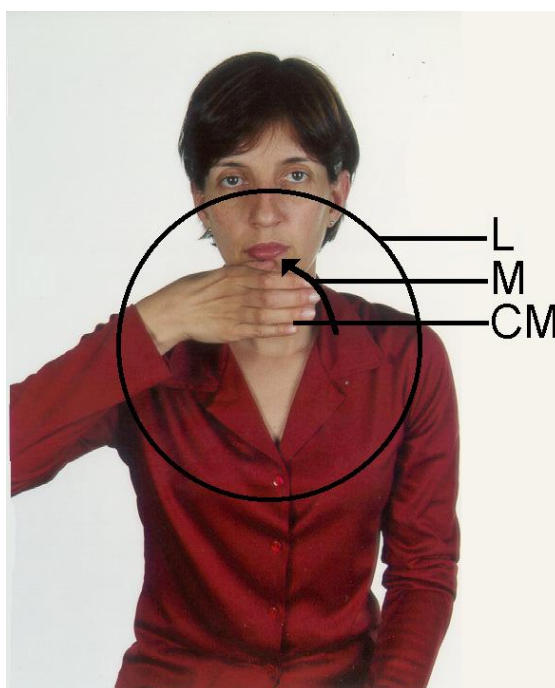


FIGURA 11 – Parâmetros fonológicos da língua de sinais.  
Fonte: Quadros e Karnop, 2004, p 51.

Uma das tarefas do pesquisador em línguas de sinais é identificar as configurações de mão, as locações e os movimentos que têm um caráter distintivo. Isso pode ser feito comparando pares de sinais que contrastam minimamente, um método utilizado na análise tradicional de fones distintivos das línguas naturais. O valor contrastivo dos parâmetros fonológicos é ilustrado na FIG. 12.



FIGURA 12 – Pares mínimos na língua de sinais.  
Fonte: Quadros e Karnopp, 2004,p. 52.

Segundo Ferreira-Brito, é com a combinação de alguns parâmetros que se tem o sinal. Destacamos: (1) Configuração das mãos; (2) Locação; (3) Movimento; (4) Orientação da Mão; (5) Expressão facial e ou corporal.

(1) Configuração das mãos: são formas que podem ser da datilologia (alfabeto manual) ou outras formas feitas pela mão predominante (mão direita para os destros), ou pelas duas mãos do emissor ou sinalizante. Os sinais APRENDER, LARANJA e ADORAR têm a mesma configuração de mão.

Conforme Ferreira-Brito, a Libras apresenta 46 CMs, um sistema bastante similar àquele da ASL, embora nem todas as línguas de sinais partilhem o mesmo inventário de CMs. As CMs da Libras

foram descritas a partir de dados coletados nas principais capitais brasileiras, sendo agrupadas verticalmente segundo a semelhança entre elas, mas ainda sem uma identificação enquanto CMs básicas ou CMs variantes. Dessa forma, o conjunto de CMs refere-se apenas às manifestações de superfície, isto é, de nível fonético, encontradas na Libras.

A CM pode permanecer a mesma durante a articulação de um sinal, ou pode passar de uma configuração para outra. Quando há mudança na configuração de mão, ocorre movimento interno da mão, essencialmente mudança na configuração dos dedos selecionados.

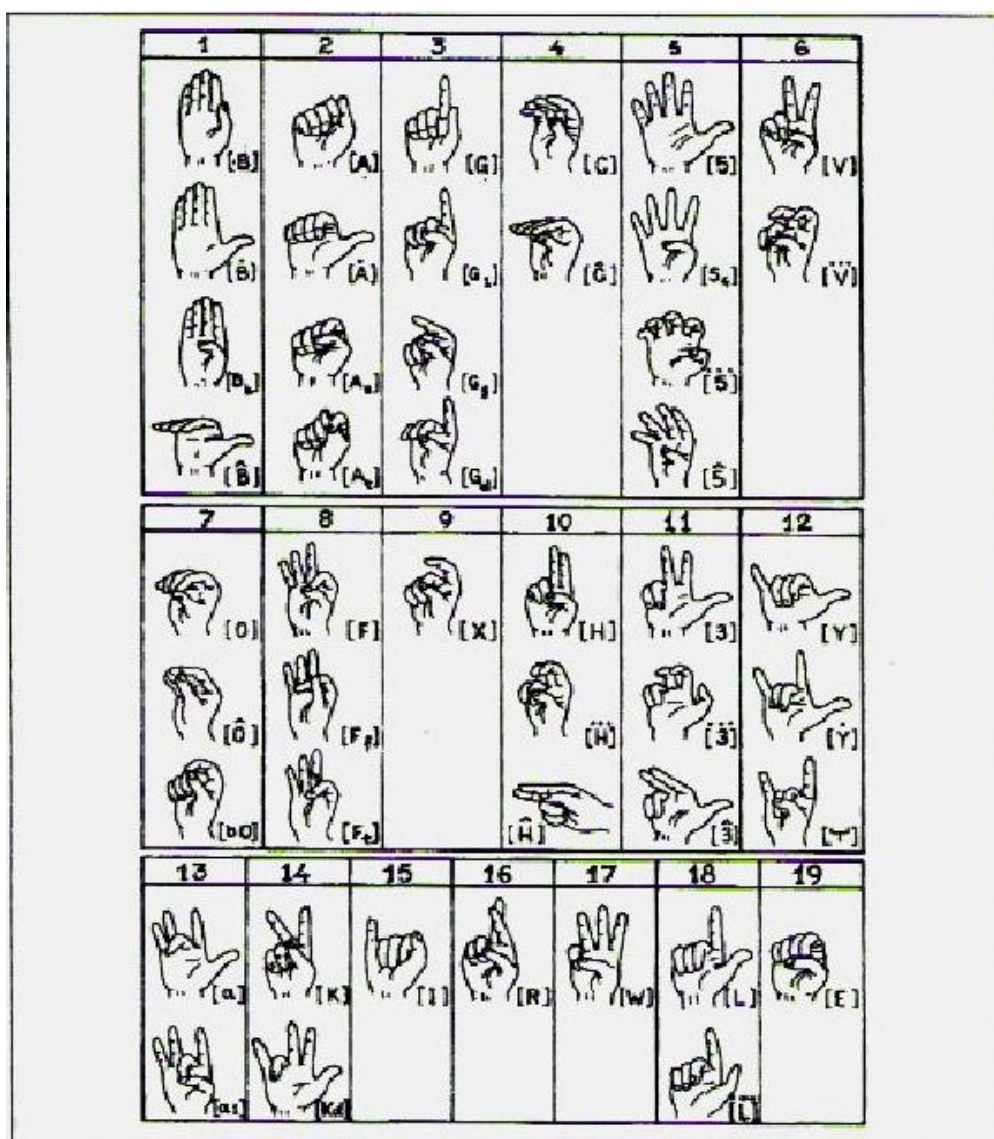


FIGURA 13: Configurações de mão.

Fonte: Ferreira Brito e Langevin, 1995, *apud* Quadros e Karnopp, p. 53.

(2) Locação (L): é o lugar onde incide a mão predominante configurada, podendo esta tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro vertical (do meio do corpo até à cabeça) e horizontal (à frente do emissor). Definido por Stokoe como um

dos três principais aspectos fonacionais da ASL. Friedman (1977, p. 4) afirma que ponto de articulação é aquela área no corpo, ou espaço de articulação definido pelo corpo, perto da qual o sinal é articulado. Klima e Bellugi (1979, p. 50) utilizam a definição de Stokoe para o aspecto locação: "o segundo dos principais parâmetros de sinais lexicais da ASL é o *locus* de movimento do sinal, seu ponto de articulação (PA)".

Na Libras, assim como em outras línguas de sinais até o momento investigadas, o espaço de enunciação é uma área que contém todos os pontos, dentro do raio de alcance das mãos em que os sinais são articulados.

Segundo Pizzio (2009)

Na língua de sinais brasileira, assim como verificado na ASL (Siple, 1978), as relações gramaticais são especificadas através da manipulação dos sinais no espaço. As sentenças ocorrem dentro de um espaço definido na frente do corpo, consistindo de uma área limitada pelo topo da cabeça e estendendo-se até os quadris. O final de uma sentença na língua de sinais brasileira é indicado por uma pausa. A figura, abaixo ilustra o espaço de realização dos sinais na língua de sinais brasileira conforme Langevin & Ferreira Brito.

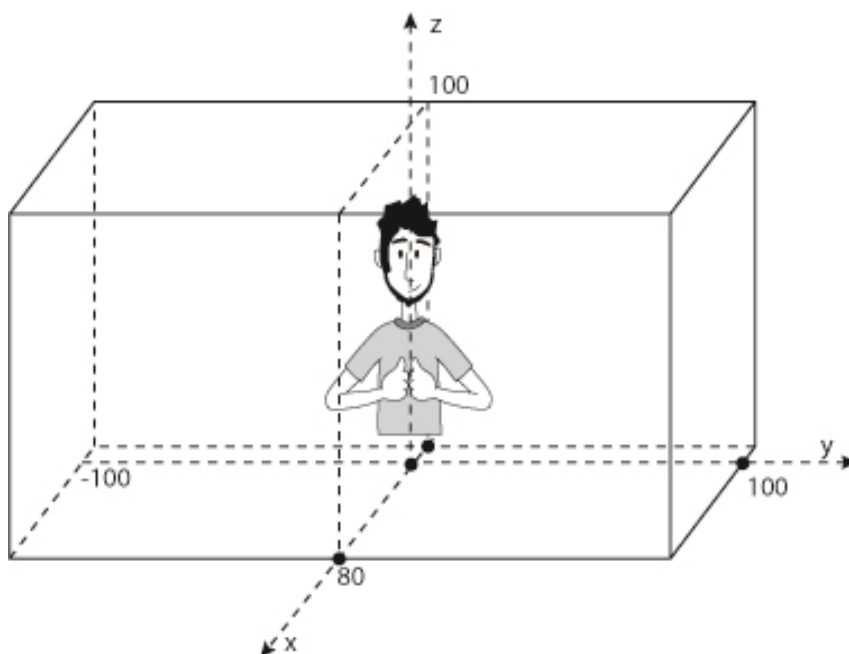


FIGURA 14 – Espaço de realização dos sinais.  
Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 58.

O espaço de realização dos sinais é considerado finito (Langevin & Ferreira Brito, 1995). A partir desse espaço de enunciação, pode-se determinar um número finito de pontos, que são denominados L (Locação) ou PA (Ponto de Articulação). O espaço da

enunciação é um espaço ideal, no sentido que se considera que os interlocutores estejam face a face.

O QUADRO 2 descreve as locações reunidas por Friedman (1970), sendo adaptado para a Libras por Ferreira-Brito e Langevin (1995). As locações dividem-se em quatro regiões principais: cabeça, mão, tronco e espaço neutro.

QUADRO 2

Locações – Localização

Cabeça	Mão	Tronco	Espaço Neutro
Topo da cabeça	Palma	Pescoço	
Testa	Costas das mãos	Ombros	
Rosto	Lado do indicador	Busto	
Parte superior do rosto	Lado do dedo mínimo	Estômago	
Parte inferior do rosto	Dedos	Cintura	
Orelha	Ponta dos dedos	Braços	
Olhos	Dedo mínimo	Braço	
Nariz	Anular	Antebraço	
Boca	Dedo médio	Cotovelo	
Bochechas	Indicador	Pulso	
Queixo	Polegar		

Fonte: Ferreira-Brito e Langevin (1995), *apud* Quadros e Karnopp, 2004, p. 58.

(3) Movimento: os sinais podem ter movimento ou não. Para que haja movimento, é preciso existir objeto e espaço. Nas línguas de sinais, a(s) mão(s) do enunciador representa(m) o objeto, enquanto o espaço em que o movimento se realiza (o espaço de enunciação) é a área em torno do corpo do enunciador (Ferreira-Brito e Langevin, 1995). O movimento é definido como um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso e os movimentos direcionais no espaço (Klima e Bellugi 1979).

Em relação ao tipo de movimento, Ferreira-Brito (1990) menciona que o movimento pode estar nas mãos, pulsos e antebraço. Os movimentos direcionais podem ser unidirecionais, bidirecionais ou multidirecionais. A maneira é a categoria que descreve a qualidade, a tensão e a velocidade do movimento. A frequência refere-se ao número de repetições de um movimento. O QUADRO 3, a seguir mostra as categorias do movimento.

Wilbur (1987), ao analisar o parâmetro movimento, argumentou que esse deveria ser dividido em dois tipos: movimento de direção (*path movement*) e movimento local,

conhecido, também, como movimento interno da mão. A razão para essa divisão é que um sinal pode apresentar somente um movimento de direção (*path*), somente um movimento local ou a combinação simultânea entre ambos.

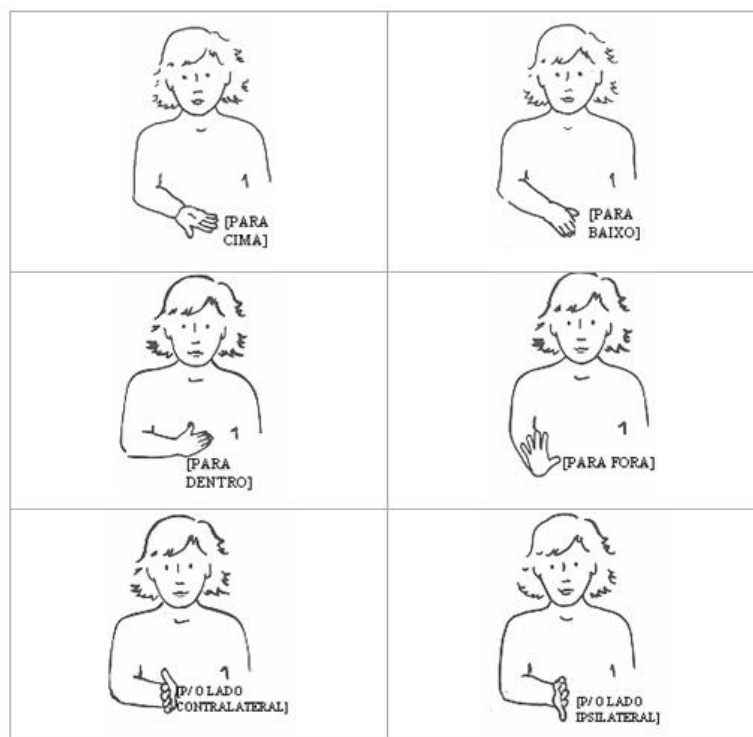
### QUADRO 3

Categorias do parâmetro movimento na LIBRAS (FERREIRA-BRITO, 1990)

<p><i>Contorno ou forma geométrica</i>: retilíneo, helicoidal, semicircular, Sinuoso, angular, pontual;  <i>Interação</i>: alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado;  <i>Contato</i>: de ligação, de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar;  <i>Torcedura do pulso</i>: rotação, com refreamento;  <i>Dobramento do pulso</i>: para cima, para baixo;  <i>Interno das mãos</i>: abertura, fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo/gradativo).</p>	<b>Tipo</b>
<p>Direcional  - <i>Unidirecional</i>: para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para a lateral inferior esquerda, para a lateral inferior direita, para a lateral superior esquerda, para a lateral superior direita, para específico ponto referencial;  - <i>Bidirecional</i>: para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita, para dentro e para fora, para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda.  Não-direcional</p>	<b>Direcionalidade</b>
<p>Qualidade, tensão e velocidade  - contínuo  - de retenção  - refreado</p>	Maneira
<p>Qualidade, tensão e velocidade  - contínuo  - de retenção  - refreado</p>	Qualidade, tensão e velocidade
<p>Repetição  - simples  - repetido</p>	FREQUÊNCIA

Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 56.

(4) Orientação da Mão (Or): A orientação da mão não foi considerada como um parâmetro distinto na pesquisa inicial de Stokoe. Entretanto, Battinson (1974) e, posteriormente, outros pesquisadores argumentaram a favor da inclusão de tal parâmetro na fonologia das línguas de sinais, baseando-se na existência de pares mínimos em sinais que apresentam mudança de significado apenas na produção de distintas orientações da palma da mão. Por definição, a orientação é a direção para qual a palma da mão aponta na produção do sinal. Os sinais podem ter uma direção e a inversão desta pode significar ideia de oposição, contrário ou concordância número-pessoal.



**Orientações de Mão (retirado de Marentette 1995, p. 204)**

FIGURA 15 – Orientação da Mão.  
Fonte: Marentette, 1995, p. 204

(5) Expressão facial e/ou corporal: muitos sinais, além dos quatro parâmetros mencionados acima, em sua configuração têm como traço diferenciador também a expressão facial e/ou corporal, como os sinais ALEGRE e TRISTE. Há sinais feitos somente com a bochecha como LADRÃO, ATO-SEXUAL.

As expressões não manuais (movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco) prestam-se a dois papéis nas línguas de sinais: marcação de construções sintáticas e de sinais específicos. As expressões não manuais, que têm função sintática, marcam sentenças interrogativas sim-não, interrogativas QU-, orações relativas, topicalizações.

As expressões não manuais que constituem componentes lexicais marcam referência específica, referência pronominal, partícula negativa, advérbio ou aspecto. Com base em Baker (1985), Ferreira-Brito e Langevin (1995) identificam as expressões não manuais da Libras, as quais são encontradas no rosto, na cabeça e no tronco. Deve-se salientar que duas expressões não manuais podem ocorrer simultaneamente, por exemplo, as marcas de interrogação e negação.

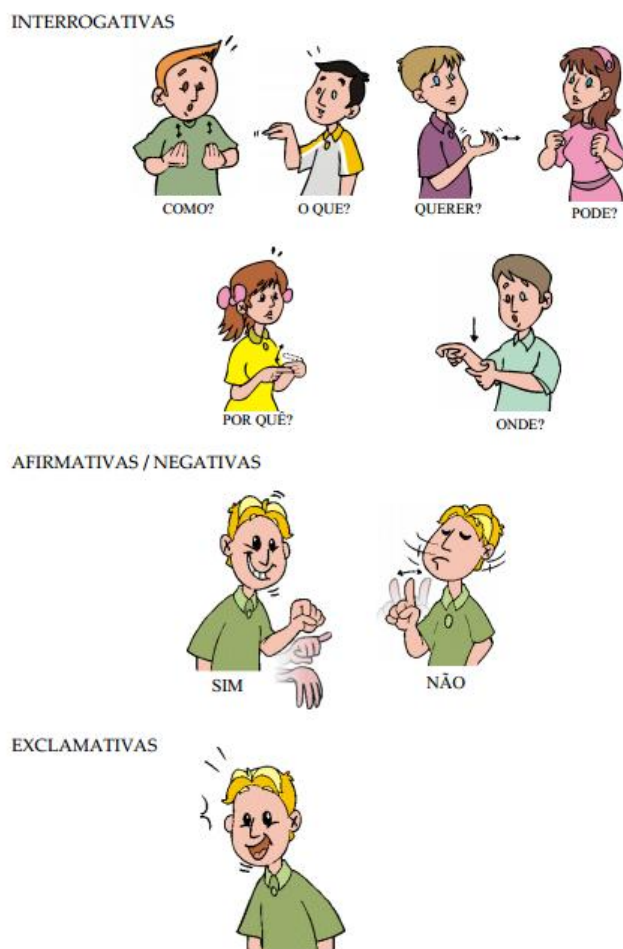


FIGURA 16 – Ilustrações Originais de Sérgio Barbosa Júnior Alcântara (2007)

Cabe aqui registrar questões relativas ao estabelecimento de Terminologia, na área da linguística das línguas de sinais, justificando a utilização do termo “fonologia” para denominar os estudos dos parâmetros básicos das línguas de sinais. Anteriormente, Stokoe (1960), havia proposto o termo ‘Cherology’ para denominar as unidades formacionais dos sinais (configuração de mão, locação e movimento) e, ao estudo de suas combinações, propôs o termo ‘Quirologia’ (do grego ‘mão’).

Outros pesquisadores, incluindo Stokoe (1978), em edição posterior, têm utilizado os termos ‘Fonema’ e ‘Fonologia’. O argumento para a utilização desses termos é o de que as línguas de sinais são línguas naturais, que compartilham princípios linguísticos subjacentes com as línguas orais, apesar das diferenças de superfície entre fala e sinal (Klima e Bellugi, 1979; Wilbur, 1987; Hulst, 1993).



Publicações de autores como Quadros e Karnop (2004) que utilizam o termo “A fonética das línguas de sinais tratará, portanto, da descrição da produção dos sinais, uma vez que se trata de uma língua gesto-visual”.

Citaremos a seguir alguns excertos a guisa de exemplo da utilização ou não dos termos fonologia e fonética. Bernadino, (1999, p. 89) aborda os parâmetros linguísticos da Libras como “os componentes do Plano Querológico da Libras, conforme definição de Fernandes (1994), sendo que, nessa língua, a *fonologia* seria representada pela *querologia*, sendo os *queremas* os correspondentes aos *fonemas* das línguas orais”. Bernadino (2006), em um excerto da sua tese, utiliza-se do termo fonologia, quando esclarece que “A forma fonológica dos itens lexicais também difere da forma fonológica dos classificadores<sup>3</sup>”

De acordo com Supalla (1982), verbos de movimento e localização em ASL são produzidos, principalmente, como configurações fonéticas isoladas (ou como sendo uma sílaba longa), mas eles são compostos de dois grupos básicos: movimento (que inclui a mudança de um dos três parâmetros de articulação: orientação, localização ou forma) e articuladores<sup>4</sup>.

Cabe ressaltar que não há unanimidade terminológica, pois Estelita (2008), em sua tese de doutorado, pretendendo, segundo a mesma, desviar o olhar fonocentrista com que se tem observado as LS criou o termo “visema” para designar a unidade mínima das LS, em busca de uma acuidade do objeto de estudo da lingüística no campo das LS. No quadro abaixo a autora relaciona alguns dos novos termos derivados do termo “visema” com seus correspondentes na nomenclatura das línguas orais.

<b>Campo das LS</b>	<b>Campo das LO</b>
Visema	Fonema
Viso	Fone
Visologia	Fonologia
Visética	Fonética
Visêmico	Fonêmico
Visético	Fonético
Aloviso	Alofone
Visografema	Alfabeto

FIGURA 17 – Campos das LS e LO.  
Fonte: Estelita, 2008, p. 140.

<sup>3</sup> BERNARDINO, 2006, p. 29. (Tradução nossa). “The phonological form of lexical items also differs from the phonological form of classifiers”.

<sup>4</sup> BERNARDINO, 2006, p. 26. (Tradução nossa). According to Supalla (1982), verbs of motion and location in ASL are mostly produced as single phonetic features (or as being one syllable long), yet they are composed of two basic groups: movement (which includes change in one of the three articulation parameters: orientation, location, or shape) and articulators.

Outro exemplo vem de Capovilla e Garcia (2011), no qual assumem a necessidade de "uma revisão taxonômica da linguagem do surdo que substitua visemas por fanerolaliemas, e quiremas por simatosemas para a forma da mão (quiriformemas), local de mão (quiritoposema), movimento de mão (quiricinesema), e expressão facial (mascarema)". Ainda, segundo Capovilla e Garcia

Os termos visema (Fisher, 1968), que diz respeito à unidade de leitura orofacial da língua falada; e quirema (Stokoe, 1960), que diz respeito à unidade da língua de sinais. Stokoe (1960) propôs o termo Quirema como a unidade mínima das línguas de sinais, análoga ao Fonema, que é a unidade mínima das línguas faladas. Fisher (1968) propôs o termo Visema como a unidade mínima da recepção visual da língua falada, análoga ao Fonema, que é a unidade mínima da recepção auditiva das línguas faladas. (CAPOVILLA e GARCIA, 2011, p. 11)

Autores internacionais como Crasborn. Hulst e Kooij (2000) do Holland Institute of Generative Linguistics (HIL), utilizam os termos *Phonetic and phonological*, dos quais transcrevo um excerto: "Assim, os elementos básicos de um sinal (movimento, configuração de mão, localização, etc), que Stokoe denominou *cheremes* (e mais tarde fonemas)".

A fonologia/fonética da American Sign Language (ASL) foi certamente extensivamente estudada e isso trouxe à tona uma série de generalizações importantes. Algumas delas dizem respeito à estrutura dos sinais de duas mãos. Tem sido observado, por exemplo, que, se ambas as mãos se movimentarem ativamente, suas configurações de mão devem ser idênticas (BATTISON 1978, CRASBORN. HULST e KOOIJ, 2000, p. 13).

Finalizando, explicitaremos alguns momentos nos quais, Saussure, menciona tanto a possibilidade da existência da língua de sinais ou da linguagem dos surdos mudos, quanto às questões que relacionam e distinguem língua, Terminologia e nomenclatura. Saussure (2012, p.17-18), esclarece que em essência, que as teorias de Whitney, linguista americano, estão em consonância com aquelas as suas, quando explica que "a língua é uma convenção e a natureza do signo convencional é indiferente", revelando-se como secundária a questão do aparelho vocal para a comunicação entre pessoas. página Saussure (2012, p. 24) explica que a língua é um sistema de signos que exprime ideias e, portanto é comparável à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, ela é apenas o principal de todos esses sistemas. Saussure (2012, p. 82) faz uma observação sobre a possibilidade da existência de uma língua baseada na pantomima: "quando a Semiologia estiver organizada, deverá averiguar se os modos de

expressão que se baseiam em signos inteiramente naturais – como a pantomima – lhe pertencem de direito”. Saussure (2012, p. 84) já tratava das questões da linearidade do signo linguístico e da previsão rudimentar de compreensão do caráter não linear do significante visual. Ainda na página 91, no capítulo dedicado à *Mutabilidade do signo linguístico* Saussure afirma que “A continuidade do signo no tempo, ligada à alteração no tempo, é um princípio da semiologia geral; sua confirmação se encontra nos sistemas de escrita e na linguagem dos surdos mudos”.

No capítulo, *O Lugar da Língua nos Fatos da Linguagem*, Saussure nos diz que uma interação linguística é o produto de manifestações psíquicas, físicas e fisiológicas entre dois indivíduos. Um signo linguístico é um evento totalmente psíquico resultante da associação de uma imagem acústica com um conceito. A faculdade de associação e coordenação de diversos signos linguísticos isolados é a que desempenha o principal papel na organização da língua, enquanto sistema. Nesse ponto, sai-se do ato individual para entrar no ato social, ou seja, entre todos os indivíduos com o mesmo código estabelece-se uma espécie de meio termo, em que todos reproduzirão aproximadamente os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos. Assim sendo, caracterizada, a língua, é um sistema gramatical composto pelo conteúdo psíquico de um conjunto de indivíduos. A língua não existe completa em apenas um indivíduo e só na massa ela pode ser vista de maneira completa. A língua deve, portanto, ser separada da fala, na medida em que a primeira representa o social, o que interessa para este estudo, e a segunda apenas idiosincrasias individuais.

### **2.2.2 Restrição na formação de sinais**

Neste item abordamos a partir de Quadros e Karnop (2004) as restrições físicas e linguísticas, próprias das articulações fonológicas que a anatomia e fisiologia das mãos permitem, resultando em possíveis combinações entre as unidades configuração de mão, movimento, locação e orientação de mão na formação de sinais. Algumas dessas restrições são impostas pelo sistema perceptual (visual) e outras pelo sistema articulatório (fisiologia das mãos).

Tratando-se de uma língua de modalidade visuogestual, Siple (1978), (*apud* Quadros e Karnop, 2004), mostrou que propriedades do sistema de percepção visual restringem a produção de sinais. A acuidade visual é maior na área da face, pois é em tal região que o interlocutor fixa o olhar. Nessa área de alta acuidade é mais fácil detectar pequenas

diferenças em CM, L, ou M. Fora dessa área de proeminência perceptual, discriminações visuais não são tão precisas, dependendo mais da visão periférica do que da visão central.

Battison (1978), (*apud* Quadros e Karnop, 2004), demonstra que na região facial há um grande número de diferentes locações, comparada à região do tronco. Além disso, CM marcadas ocorrem com maior frequência na região da face do que na região do tronco. Essas observações relacionam-se perfeitamente com as colocações de Siple (1978) relatadas no parágrafo anterior.

As restrições fonológicas de boa-formação de sinais podem ser exemplificadas pelas restrições desses sinais produzidos pelas duas mãos. De um modo geral, pode-se fazer a seguinte classificação: (a) sinais produzidos com uma mão, (b) sinais produzidos com as duas mãos em que ambas são ativas, e (c) sinais de duas mãos em que a mão dominante é ativa e a mão não dominante serve como locação.

Na classificação proposta por Battison (1978) há duas restrições fonológicas na produção de diferentes tipos de sinais envolvendo as duas mãos. A primeira restrição, denominada Condição de Simetria, estabelece que, caso as mãos se movam na produção de um sinal, então determinadas restrições aparecem, a saber: a CM deve ser a mesma para as duas mãos, a locação deve ser a mesma ou simétrica, e o movimento deve ser simultâneo ou alternado. Exemplos de sinais de condição de simetria. A segunda restrição, denominada Condição de Dominância, estabelece que, se as mãos não dividem a mesma CM, então a mão ativa produz o movimento, e a mão passiva serve de apoio e apresenta uma das CM não marcadas do seguinte conjunto: [A]a, [S]s, [S] [5]5 [B]b, [1]1, [C]c, [O]. (QUADROS e KARNOP, 2004, p. 78-80).

### 2.3 Noções de arbitrariedade e iconicidade

Antes de abordarmos o aspecto da iconicidade em línguas de sinais trataremos da arbitrariedade da maneira que foi proposta por Saussure (2012) no capítulo que o autor trata do Signo, Significado e Significante. O autor nos diz que apesar de não podermos dizer categoricamente que a língua é apenas uma nomenclatura, ou seja, uma lista de termos correspondentes às coisas do mundo. Essa visão, ainda que deficiente por não levar em consideração a complexidade de tal operação, pode ser considerada como um primeiro passo na direção de uma definição mais adequada, pois já mostra que a unidade linguística é constituída da união de dois termos.

De fato, o signo linguístico não representa a união de uma coisa e uma palavra, mas a união de um conceito e uma *imagem acústica*. A diferença entre as duas abordagens é que a primeira trata de elementos físicos, enquanto a segunda trata de elementos puramente psíquicos. Desta forma, a imagem acústica não é o som propriamente dito de uma palavra, mas sim a impressão (forma, pegada, pista, marca, etc.) psíquica desse som em nosso cérebro.

O conceito é o que em nosso o cérebro identifica coisas do mundo e ideias. Tal união, formadora do signo linguístico é uma unidade psíquica de duas faces, ou seja, de dois elementos intimamente unidos. Para fins de assinalar a oposição que separa imagem acústica e conceito, doravante tais termos serão denominados, respectivamente, *significante* e *significado*. Para Saussure (2012) o signo linguístico, definido dessa maneira, apresenta duas características principais: arbitrariedade do signo e o caráter linear do significante.

O princípio da arbitrariedade (relação imotivada entre significante e significado) do signo indica que a ideia representada por um significado não está ligada por nenhum tipo de relação à sequência fonética que forma o significante, ou seja, a imagem acústica. A comprovação desse fato é clara na existência de diferentes línguas e que o mesmo significado pode ser ligado a dirigentes significantes em línguas diferentes. A palavra *arbitrário*, no entanto, não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do indivíduo falante, mas que o significante é imotivado, ou seja, não tem nenhum laço natural com o significado. Não está ao alcance do indivíduo operar modificações no signo, uma vez que ele esteja estabelecido em um grupo linguístico.

Por outro lado, o significante enquanto unidade de natureza auditiva desenvolve-se unicamente no tempo e possui as características do tempo: representa uma extensão e tal extensão é mensurável em uma só dimensão, a da linha. Daí o caráter linear do significante. Saussure (2012) comenta a importância de tal característica, opondo o significante de natureza auditiva ao que chama de significantes visuais que, segundo ele, poderiam oferecer “complicações simultâneas em várias dimensões” (SAUSSURE, 2012, p. 84). Tal definição de significante visual é semelhante àquela empregada ao significante de um *signal* em língua de sinais, capaz de apresentar diversos significados simultaneamente e de maneira não linear. Embora Saussure (2012) não mencione o termo iconicidade, em seu livro, afirma que o signo pode ser relativamente motivado.

Considerando, hoje, a existência da semiologia e da semiótica cabe aqui, buscar as relações entre as duas ciências e seus teóricos fundadores: Ferdinand de Saussure e Charles Sanders Peirce. Consultando-se o *E-Dicionário de Termos Literários*, é possível encontrar um paralelo entre estes autores. Segundo o colaborador Latuf Isaias Mucci semiologia é a ciência dos signos e semiótica é a ciência dos sistemas significantes (linguísticos ou não linguísticos, como o teatro, o cinema, os ritos etc..).

O filósofo americano Charles Sanders Peirce (1839-1914) e o linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913) conceberam, simultânea e independentemente (em sincronicidade, diria Jung – 1875-1961), um estudo dos sistemas de signos, e, de um modo mais geral, um estudo dos sistemas de significação, nomeado ‘semiotics’, pelo fundador do pragmatismo estadunidense, e ‘sémiologie’ pelo mestre genebrino. Por outro lado, alguns estudiosos, como A. Greimas, lituano, e J. Courtès, francês, propõem designar-se por ‘semiótica’ a ciência dos signos concernente a um domínio particular (cinema, literatura, por exemplo) e de fazer da ‘semiologia’ a ‘teoria geral de todas as semióticas particulares’. Já outros teóricos reservariam o termo ‘semiologia’ aos objetos linguísticos (sic) e o vocábulo “semiótica” aos objetos não linguísticos; para uma outra corrente de pensadores, a semiologia corresponderia às ciências humanas, ao passo que a semiótica teria como objeto as ciências da natureza. Se é incerta, talvez competitiva, a distinção entre semiologia e semiótica, pode-se observar que a designação “semiologia” diz respeito, sobretudo, aos trabalhos de Saussure e por ele inspirados, enquanto que o significante ‘semiótica’ é mais utilizado pela tradição anglo-saxã, veiculando-se, amplamente, na cultura pós-moderna por força mesmo da hegemonia norte-americana<sup>5</sup>.

Segundo Votre (1996), um dos princípios centrais da linguística funcional de orientação em Talmy Givón é o princípio da iconicidade. Em termos informais, o princípio da iconicidade prevê motivação na relação entre forma e significado. Sua formulação clássica, no domínio da linguística funcional, pode encontrar-se nos termos de Bolinger (1977, p. X): “a condição natural de uma língua é preservar uma forma para um significado, e um significado para uma forma<sup>6</sup>”.

Os primeiros estudos sobre a iconicidade na ASL foram publicados no final dos anos 1970 e no começo dos anos 1980. Wescott (1971) (*apud* FRISHBERG, 1975) sugere que todas as formas de linguagem (oral, escrita, e sinal) usam iconicidade. Ele diz que a iconicidade é um parente, em vez de uma característica absoluta de qualquer sistema de comunicação, incluindo a linguagem. A pesquisadora Frishberg (1975) em seus estudos

<sup>5</sup> E-Dicionário de Termos Literários

<sup>6</sup> (Tradução do autor). “[...] *the natural condition of a language is to preserve one form for one meaning, and one meaning for one form*”.

acerca das relações entre a arbitrariedade e iconicidade da ASL, concluiu que apesar de, originariamente, presente em muitos sinais, a iconicidade degradava com o passar do tempo através da aplicação de processos gramaticais. Em outras palavras, com o passar do tempo, o processo natural de regularização da língua obscurece qualquer motivação icônica que possa ter havido na construção de um sinal. Frishberg (1975) afirma que linguistas, desde Saussure, reconhecem que, mesmo que convencionalizados, os signos linguísticos são arbitrários. A autora chama atenção para o quanto tem sido normal que em línguas de sinais, em geral, e na *American Sign Language* (ASL), em particular, sejam conhecidas por sua natureza icônica. Frishberg (1975), em seu artigo analisa alguns processos históricos em ASL, e mostra que existe uma forte tendência para mudança de direção dos sinais para a arbitrariedade, ao invés de manter um nível de iconicidade. Alterações no nível formativo podem ser vistos como contribuindo para a coerência interna da língua, à custa de transparência.

A iconicidade lexical é abordada por Johnston (1989, p. 218), e segundo este autor, a iconicidade em línguas de sinais se manifesta de várias maneiras. No nível lexical, é geralmente observado que a forma de um grande número de sinais, se não a maioria, é relacionada de alguma forma para o significado. Essa relação é considerada como iconicamente motivada. Signos icônicos são um subconjunto de todos os sinais de uma língua de sinais. Ainda, segundo Johnston (1989), embora vários pesquisadores tenham dividido os sinais em diferentes categorias (Mandel 1977a), a maioria concorda com as três categorias de Deuchar (1984, p.13) que divide em: “(i) sinais arbitrários, (ii) sinais indéxicos e (iii) signos icônicos”.

Outro aspecto importante relacionado à iconicidade e à transparência é o abordado por segundo Johnston (1989, p. 219). Segundo esse autor, o grau de iconicidade que motiva um sinal é tão importante como a origem e o tipo da iconicidade. O erro fundamental de muitos observadores tem sido o de confundir iconicidade com ‘inteligibilidade transparente’ ou ‘universalidade’. O fato de que a relação entre o significante e o significado pode ser motivado iconicamente não necessita de ser de transparência óbvia. Com efeito, a iconicidade é mediada pelo conhecimento da cultura, e o código e sua modalidade. Johnston (1989, p. 218), cita Brennan (1986) que aponta, por exemplo, a iconicidade no relacionamento entre o sinal escola "*school*" e faculdade "*college*" em ASL, que não são nem evidentes ou inteligíveis para falantes de línguas de sinais de outros países. O sinal de "*school*" é mimético, na medida em que 'bate as palmas a

mãos", que pode estar associado com um professor chamando uma classe e, por extensão, a "school" em si. O sinal faculdade — "college" — toma como base a configuração da escola e acrescenta uma representação icônica de 'altura', 'ir acima ou subir as notas daquilo que está associado com a "faculdade" (faculdade como uma escola grande ou maior). Portanto, as ações de aplaudir com as mãos devem significar 'escola 'e não' 'aplausos'. É somente a partir da existência do sinal de escola convencional, que se é capaz de gerar "College", mesmo se esse processo é o próprio ícone, para maior compreensão da descrição feita por Johnston (1989) faz dos sinais abaixo<sup>7</sup>.



FIGURA 18 – American Sign Language: "college"

No que diz respeito à aquisição da linguagem, pela criança surda, Brown (1977) (*apud* Karnop, 2004) afirma que a iconicidade das línguas de sinais favorece o aparecimento do primeiro sinal antes da primeira palavra. Seu argumento baseia-se no fato de que os primeiros itens do vocabulário das crianças estão no “nível básico do objeto” (isto é, referem-se aos objetos básicos do ambiente da criança, como leite, mesa, maçã, etc.) e que os sinais para tais objetos teriam um alto grau de iconicidade. Um contra-argumento para a suposição de Brown aparece em Prinz e Prinz (1979), que questionam a ideia de que os sinais que são icônicos para os adultos também o seriam para as crianças, apontando para o fato de que a percepção da iconicidade em muitos sinais depende de sua etimologia (por exemplo, na Libras, o sinal LEITE vem da noção de tirar leite de uma vaca) e que essa informação, na maioria dos casos, não está disponível à criança.

<sup>7</sup> Sugerimos consulta-los no *link* <http://lifefprint.com/dictionary.htm>, para que possam ser vistos em vídeo.



## 2.4 Formas escritas para línguas de sinais

Atualmente, já se reconhece que as línguas de sinais têm sua própria escrita, portanto não são ágrafas. O *SignWriting* é a denominação dada a um sistema de escrita por meio do qual pode-se escrever línguas de sinais. A escrita de sinais registrada nesta tese se referencia no sistema *Sign Writing* criado em 1974 por Valerie Sutton<sup>8</sup>, embora este não seja o único sistema de notação escrita de línguas de sinais a maioria dos pesquisadores brasileiros optou pelo sistema de *Sutton*. Trata-se de um sistema de representação gráfica que permite através de símbolos visuais representa as configurações das mãos, seus movimentos, as expressões faciais e os deslocamentos corporais. Tal sistema vem sendo modificado e aperfeiçoado significativamente, a partir de mudanças propostas por pessoas surdas, a maioria deles falantes nativos das línguas de sinais de seus países. O comitê de ação pela escrita de línguas de sinais (DAC), foi fundado e mantido pelo Centro Sutton pelo Movimento de Escrita no Sul da Califórnia, em 1988, para publicar o manual de escrita de língua de sinais em inglês, desenvolver o programa de computador *SignWriter*® e determinar as regras que se aplicam a escrita.

Segundo Quadros (s/d) as línguas de sinais já foram consideradas pelos linguistas, professores e os próprios surdos como uma língua ágrafa e afirma que hoje, esse capítulo da caminhada da comunidade surda já faz parte da história. Assim como há duas décadas começamos a discutir sobre as línguas de sinais, agora começamos a descobrir a riqueza dessas línguas através de uma escrita própria.

O *SignWriting* expressa os movimentos, as formas das mãos, as marcas não manuais e os pontos de articulação. Até então, a única forma de registro das línguas de sinais era o registro em vídeo cassetes, registro que continua sendo uma forma valiosa para a comunidade surda. Acrescenta-se a essa forma, a escrita das línguas de sinais. Um sistema rico e fascinante que mostra a forma das línguas de sinais.

No entanto, alguns autores consideram impossível o registro escrito das línguas de sinais, isto é, acreditam que, ainda, ela seja ágrafa. Por exemplo, Réé, (2000) (*apud* Reily, 2007, p. 311), comparando a língua de sinais com línguas orais, considera que, diferentemente da linguagem oral que foi, de certa forma, domada pela invenção da escrita, afirma, que “ainda não foi inventado para as linguagens de sinais um sistema

---

<sup>8</sup> <http://www.SignWriting.org>

eficiente de representação gráfica que permita a sua reprodução em espaços ou tempos distantes”. Já para Campello (2008, p. 132 4) “É notório e sabido que a língua de sinais utilizada pela comunidade Surda-Muda não é uma língua escrita”. A autora afirma ainda que “o fato dos Surdos-Mudos serem ágrafos, acarreta desvantagem em relação ao povo que possui língua oral, o mesmo acontecendo com os índios e outros povos que não possuem a escrita”.

Percebe-se, a partir de tais afirmações, que as pesquisas que envolvem a escrita de sinais são ainda pouco conhecidas no Brasil. No entanto, artigos como o de Campos, Giraffa e Santarosa (2000) mostram que o interesse nesse tema não é recente. As autoras até mesmo desenvolveram o *SIGNSIM* que se configura como uma ferramenta para auxílio à aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais, e, para tanto, utilizam o sistema de escrita *Sign Writing*. Tal sistema de escrita foi amplamente descrito em Campos, Giraffa e Santarosa (2000) e é definido por três estruturas básicas. Além dessas, há os símbolos para expressões faciais, pontos de articulação e sinais de pontuação, dentre outros. Os símbolos são: Posição de Mão: as configurações básicas são mão fechada, circular e aberta (FIG. 19) e a mão pode estar paralela ou perpendicular ao chão. O *Sign Writing* define dez configurações básicas de mão que são agrupadas de acordo com os dedos (quantidade e configuração) que são usados. Cada grupo possui um símbolo que o identifica e estes formam uma sequência de variações do símbolo inicial.



FIGURA 19 – Configurações básicas de mão no sistema *SignWriting*.  
Fonte: Campos, Giraffa e Santarosa, p. 3.

Movimentos: podem ser classificados em duas categorias: movimento de dedos e de mãos. A FIG. 20 ilustra alguns símbolos para movimentos.

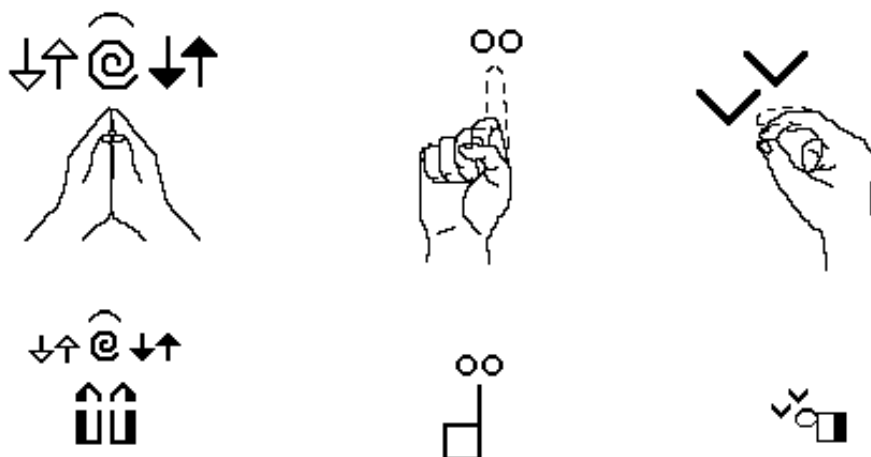


FIGURA 20 – Exemplos de símbolos para movimento no sistema *SignWriting*  
 Fonte: Campos, Giraffa e Santarosa, p. 3.

Contato: existem seis formas de representar o contato dos elementos que compõem o sinal, seja mão com mão, mão com corpo, mão com cabeça. A FIG. 21 apresenta todos os símbolos para contato.

✱	Tocar em outra parte do corpo
+	Pegar em alguma parte do corpo ou roupa
✱	Tocar entre duas partes do corpo, geralmente entre dois dedos
#	Bater em alguma parte do corpo
●	Raspar em alguma parte do corpo saindo da superfície
◎	Esfregar em alguma parte do corpo (tocar e mover sem sair da superfície)

FIGURA 21 – Representação de contato dos elementos que compõe o sinal.  
 Fonte: Campos, Giraffa e Santarosa, p. 4.

O sistema acima descrito não é o único, outros pesquisadores propuseram diferentes sistemas de notação desenvolvidos por cinco diferentes autores conforme Stumpf (2005):

*Notação de Stokoe*: foi o primeiro linguista a realizar um estudo sistemático das línguas de sinais nos Estados Unidos, iniciando inclusive um sistema de notação dessas línguas.

*Notação de François Neve (1996)* – Notação que utiliza códigos que tornam possíveis uma numeração e um tratamento informático dos sinais. Seu registro é organizado em colunas verticalmente de cima

para baixo, sendo em uma só coluna, quando a mão dominante sinaliza, e em duas colunas, quando as duas mãos sinalizam *Hamburg Notation System – HamNoSys* – Inventado na Universidade de Hamburgo, Alemanha, por Prillwitz Vollhaber e seus colaboradores, foi inspirado no sistema de Stokoe.

*O Sistema D` Sing de Paul Jouison (1990)* – Neste sistema o registro não se dá de forma isolada, mas em sentenças longas e sequências de discursos. Entretanto, o autor desta notação faleceu antes de apresentá-la totalmente.

*O Sistema de Escrita SignWriting (1974)* – Originado de um sistema para escrever passos de dança, foi reelaborado para escrever as línguas de sinais. É um dos sistemas de notação mais utilizado pela comunidade surda (STUMPF, 2005. p.47-51)

No artigo de Stokoe (1960), percebemos que objetivo principal do trabalho que elaborou é o de, em primeiro lugar, trazer para dentro do âmbito da linguística uma língua, praticamente desconhecida, a língua de sinais do surdo americano. A rigorosa metodologia aplicada a esse sistema linguístico de sinais visuais levou a conclusões acerca da sua estrutura, o que aumenta o montante de conhecimentos linguísticos. Além disso, a análise isolada deste sistema linguístico levou Stokoe a inventar um método de transcrição, visando acelerar o estudo de qualquer sistema de comunicação gestual, com a profundidade e complexidade característica da língua. Portanto, em segundo lugar, o sistema de transcrição apresentado por Stokoe (1960), considerado por ele como uma ferramenta de análise, a qual recomendou a utilização ao surdo e ao ouvinte usuário da língua de sinais, como uma forma de registro, para várias finalidades desta língua até então ágrafa.

No Brasil, os estudos na área de escrita de sinais começaram por iniciativa do Dr. Antônio Carlos da Rocha Costa, que coordenou, entre 2003–2007, o projeto SignNet/PLN - Processamento de Línguas de Sinais. Em 2006, *Sistema de Escrita SignWriting* foi inserido no currículo da Graduação em Letras-Libras, da Universidade Federal de Santa Catarina . Costa, orientou a primeira tese de doutorado na área da escrita de sinais, defendida em 2005 pela Prof<sup>a</sup> Marianne Rossi Stumpf , surda. Nas palavras de Stumpf (2005):

A escrita de sinais é muito importante para nós, porque é a forma própria de escrever a língua de sinais. A comunidade surda que utiliza a língua de sinais merece ter também a sua escrita. Da mesma forma, as crianças devem escrever os sinais uma vez que usam a língua de sinais. A escrita de sinais apresenta todas as possibilidades de registro de qualquer outra forma escrita. Nós podemos escrever em sinais produções literárias, dramatizações, histórias infantis, poesias, piadas e também registrar nossa própria história. Além de tudo isso, a escrita

de sinais é fundamental para entendermos melhor a gramática da Libras e, inclusive, as gramáticas de outras línguas como a do português, por exemplo (STUMPF, s.d., p. 14).

Silva (2009) realizou uma pesquisa com objetivo de averiguar a compreensão da leitura, a partir do sistema de escrita de língua de sinais, *signwriting*. A pesquisa foi realizada com uma pequena amostra de surdos fluentes em Libras e conhecedores de escrita de sinais, há pelo menos seis anos na disciplina de Língua Brasileira de Sinais.

Este estudo focou a compreensão da leitura em *signwriting* através da exposição do entendimento sobre determinado texto. Os resultados das análises demonstraram que, ao ler em *signwriting*, o leitor é capaz de associar informações já adquiridas às novas informações. Acrescentar, interpretar, resumir, tudo é possível nesta troca de informações entre texto e leitor na língua de sinais (SILVA, 2009, p.99).

Embora não seja esse o sistema de escrita que estamos utilizando, nesta tese, cabe registrar que, no Brasil, Estelita (2008) apresenta o sistema de escrita de sinais denominado ELiS criado e desenvolvido por essa autora. Trata-se de um sistema de escrita das LS, de base alfabética e linear. Esse sistema foi criado durante a pesquisa de mestrado de Mariângela Estelita, em 1997, e desde então, vem passando por aperfeiçoamentos sugeridos por colegas surdos e ouvintes, e pelas próprias reflexões linguísticas da autora. Inclusive, seu nome acompanha seu amadurecimento teórico. A autora descreve a evolução do nome desde “AlfaSig” até o nome atual ELiS:

Ele nasceu ‘AlfaSig’ – “Alfa” de “alfabético” e “Sig” do latim “signalis”, mas ao perceber a estreita relação entre “alfa”, ou “alfabético”, com uma representação de sons, descartei o nome. Passou a ser chamado de “QuiroSig” por ser um sistema que representa os “quiremas” dos sinais, de acordo com a nomenclatura criada por Stokoe. No entanto, durante o Estudo Piloto, a professora da turma em que atuei como pesquisadora percebeu que faltava no nome, algo que fizesse referência a “escrita” e não apenas a “sinais”, então, durante um período o sistema teve o nome de ScripSig. Mas foi novamente batizado e hoje é apresentado simples e definitivamente como ELiS, uma sigla para Escrita das Línguas de Sinais. A estrutura da ELiS que aqui apresento é a de 2007.

## 2.5 História das línguas de sinais

No decorrer da história, diversos grupos de surdos usaram línguas de sinais. Uma das primeiras menções documentadas sobre línguas de sinais remonta a 500 a.c. e mostra uma indagação de Sócrates a respeito do tema: “se não tivéssemos voz ou língua e

quiséssemos nos expressar uns com os outros, será que não faríamos sinais movendo as mãos, a cabeça e o resto do nosso corpo, assim como fazem os mudos de hoje em dia?”

Até o século XIX, a maior parte do que sabemos sobre a história das línguas de sinais era limitada aos alfabetos manuais que foram inventados para facilitar a transferência de palavras de línguas orais para uma língua sinalizada. Não havia, no entanto, suficiente documentação do resto dos componentes da língua.

Segundo Baltazar (2010), em 1620, Juan Pablo Bonet publicou em Madri a obra intitulada *Ruducción de las letras y arte para enseñar a hablar a los surdos (Redução de letras e a arte de ensinar os surdos a falar)*. Essa obra é considerada o primeiro tratado moderno sobre a fonética das línguas de sinais, uma vez que demonstra um método de educação oral dos surdos e um alfabeto manual.

Contemporaneamente, na Grã Bretanha, alfabetos manuais eram usados com diversos propósitos, tais como comunicações secretas, falas em público ou comunicação entre surdos. Em 1680, Geore Dalgarno publicou a obra *Didascalocophus, ou O tutor de surdos e mudos*, no qual ele apresenta seu próprio método de educação de surdos, incluindo um alfabeto artrológico, no qual as letras eram indicadas em diferentes pontos de articulação dos dedos e da palma da mão esquerda. Sistemas artrológicos foram usados por ouvintes por algum tempo. As vogais desses alfabetos artrológicos sobreviveram no alfabeto atual da língua Britânica de sinais, Auslan e na língua de sinais da Nova Zelândia. As primeiras documentações, por escrito, de consoantes do sistema moderno de alfabeto com duas mãos apareceu em 1690, no *Digiti Lingua*, um panfleto de um autor anônimo, mas que era surdo. Ele sugeria que o alfabeto manual poderia também ser usado por mudos, para comunicação sigilosa ou simplesmente por diversão.

Charles de La Vin publicou um livro, em 1692, que descrevia um sistema de alfabeto que consistia em apontar para uma parte do corpo cuja primeira letra fosse aquela representada pelo sinal. As vogais eram localizadas nas pontas dos dedos, assim como nos outros sistemas britânicos. Ele descreveu códigos tanto para o inglês quanto para o latim.

Em 1720, o alfabeto manual britânico chegou à forma que é conhecida até hoje. Formas descendentes deste alfabeto foram usadas por comunidades de surdos ( pelo menos em

sala de aula) por ex-colônias britânicas como Índia, Austrália, Nova Zelândia, Uganda, África do Sul, assim como nas repúblicas e províncias da antiga Iugoslávia, Ilhas Cayman, Indonésia, Noruega, Alemanha e Estados Unidos.

Da língua de sinais Bonet, Charles-Michel de l'Épée publicou o seu alfabeto manual no século XVIII, que permaneceu basicamente sem mudanças, na França e na América do Norte até os dias de hoje.

As línguas de sinais também se desenvolveram, frequentemente, em escolas para estudantes surdos. Em 1755, Abbé de l'Épée fundou a primeira escola para crianças surdas, em Paris. Laurent Clerc foi seu aluno mais famoso. Ele foi aos Estados Unidos com Thomas Hopkins Gallaudet para fundar, em 1817, a Escola Americana para Surdos, em Hartford, Connecticut. O filho de Gallaudet, Edward Miner Gallaudet, fundou uma escola para surdos, em 1857, em Washington D.C, que, em 1864 tornou-se *A National Deaf-Mute Collet* (Faculdade Nacional para Surdos e Mudos). Hoje chamada Gallaudet University, ela é ainda hoje a única universidade para Surdos no mundo.

As línguas de sinais normalmente não são originárias das línguas orais dos países em que se desenvolvem. Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, Austrália e Nova Zelândia são países falantes de língua inglesa, mas a ASL (Língua Americana de Sinais), usada nos Estados Unidos e em grande parte do Canadá, tem origem na língua francesa de sinais, enquanto que os outros países falantes de língua inglesa usam línguas de sinais provenientes das línguas de sinais britânicas, australianas e neozelandesas. De maneira similar, as línguas de sinais de Espanha e México são muito diferentes, apesar da língua espanhola pertencer a ambos os países. Outro exemplo interessante é a Bolívia, que também usa a língua americana de sinais, ao invés de línguas de sinais provenientes de outros países que falam espanhol. Também, podem haver variações dentro de uma mesma língua de sinais, que não necessariamente corresponde às diferenças dialetais dentro de uma mesma língua. Pelo contrário, tais diferenças normalmente estão correlacionadas à localização geográfica de escolas para surdos.

A Língua internacional de Sinais, ou Gestuno, é usada principalmente em eventos de surdos como as Olimpíadas de Surdos e encontros da Federação Mundial de Surdos. Estudos recentes afirmam que o Gestuno é um tipo mais complexo de *pidgin* e que se parece mais com uma língua de sinais completa.

## 2.5.1 Especificidades da cultura surda

Estudar a história é conhecer mais profundamente a identidade de um grupo social, comunidade, povo ou país. “A história dos surdos é a história das relações entre as comunidades surdas e as ouvintes”. Neste tópico está traçado um panorama da história dos surdos no decorrer dos séculos, começa demonstrando acerca do etnocentrismo e ouvintismo e apresenta uma visão geral acerca dos surdos na Antiguidade até os dias de hoje. Assim, demonstra como se deu o início da educação dos surdos no mundo e no Brasil. Em seguida, é exposto o oralismo e as repercussões que esta filosofia educacional trouxe para a educação dos surdos em todo o mundo. É demonstrado também o início das mudanças com o bilinguismo e também o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais, por lei.

### 2.5.1.1 Etnocentrismo

Nos séculos XV e XVI, durante o expansionismo europeu, alguns pensadores acreditavam que a cultura europeia se sobrepunha às demais, o que influenciou o pensamento da época. Ainda hoje, muitas pessoas, das mais variadas culturas, postulam ideias semelhantes. Elas defendem, mesmo implicitamente, que a sua cultura é melhor do que a do outro, ou que a sua forma de pensar é a mais correta. Este posicionamento é denominado etnocentrismo. Everardo Rocha (1988, p. 5) define o etnocentrismo como “a visão do mundo onde nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência”. O etnocentrismo é comum na relação entre ouvintes e surdos. Carlos Skliar, (*apud* SÁ, 2006, p. 95), denomina esta relação de poder como “ouvintismo”:

Um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser ‘deficiente’, do ‘não ser ouvinte’; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais (SKLIAR *apud* SÁ, 2006, p. 95).

Esta relação de poder entre ouvintes e surdos permeará a história dos surdos, como veremos a seguir.

Quanto à educação dos surdos, não se tem nenhum registro até o final do século XV. Os primeiros registros datam do século seguinte, quando Girolamo Cardano (1501-1576),



médico, filósofo e matemático, nascido em Milão, preocupou-se com a educação dos surdos, tentando romper a barreira da comunicação utilizando a mímica e a escrita de acordo com Kuchenbecker (2006).

Girolamo defendia a ideia de que os surdos eram capazes de pensar racionalmente. Contudo, é atribuído ao monge beneditino espanhol Pedro Ponce de Leon (1520-1585) o título de pioneiro na educação dos surdos, porque trabalhou com filhos da nobreza espanhola para que pudessem ser reconhecidos pela lei como pessoas e assim exercessem o direito de herdar os títulos e a fortuna da família. Todavia, é importante ressaltar que a intenção final era que o surdo aprendesse a língua oral (CONFEDERAÇÃO, s/d, b, p. 4).

O padre surdo Vicente de Burnier, (*apud* Kuchenbecker, 2006, p. 38), afirma que Ponce de Leon “dedicou-se a melhorar a situação dos surdos e conseguiu ensiná-los a falar e a ler os lábios do interlocutor”. Outra figura importante nesse período é Juan Martin Pablo Bonet (1579-1623) que, ao final deste século, mudou um pouco o quadro cultural de então. Bonet defendia a necessidade de compreensão do aluno surdo conforme Kuchenbecker (2006) e condenava os métodos brutais de gritaria e de enclausuramento, praticados na época, mas acreditava que deveriam aprender a língua oral. É dele também a primeira publicação contendo o alfabeto manual, em 1620.

A história moderna dos surdos geralmente começa com o abade Charles Michel de l'Épée (1712-1789), venerado por muitos como “criador da língua de sinais”. Contudo, a história do próprio l'Épée diz que ele aprendeu sinais com grupos de surdos que vagavam pelas ruas de Paris, por volta de 1755. Pouco tempo depois, apoiado pela coroa francesa, o abade fundou a primeira escola para surdos na cidade de Paris. Seu método de ensino consistia numa mistura de língua de sinais com a fala. L'Épée acreditava que a comunicação em sinais<sup>9</sup> usada pelos surdos era incompleta, devendo ser melhorada e universalizada. Com essa finalidade introduziu o que ele denominou “signos metódicos”. Seu método ganhou grandes proporções no mundo, sendo que em 1789, já havia, na Europa, 21 escolas especializadas.

Paralelamente ao trabalho de l'Épée, Samuel Heinicke (1729-1790) desenvolveu na Alemanha as bases de outra filosofia de ensino aos surdos: o oralismo, que enfatizava a fala (língua oral), em detrimento da língua de sinais. Em 1778, Heinicke fundou a

---

<sup>9</sup> O abade l'Épée não reconhecia os sinais utilizados pelos surdos como língua.

primeira escola de oralismo puro no estado da Saxônia na Alemanha Veloso; Maia Filho (2009, p. 26). Nos anos seguintes, estas filosofias ganharam muitos adeptos. Perlin e Strobel (2008, p. 7), no entanto, afirmam que nessa época já em muitos lugares havia professores surdos. Um desses professores, o francês Eduardo Huet (1822-1882), partidário de l'Épée, com mestrado em Paris, que usava o método combinado, chegou ao Brasil, em 1855 e, a convite de D. Pedro II, começou a trabalhar a educação dos surdos. Assim, em 26 de setembro de 1857<sup>10</sup>, foi fundado na cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, o Imperial Instituto de Surdos Mudos, hoje, Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Em 1861, Huet deixou o país devido a problemas pessoais e se mudou para o México para lecionar aos surdos. “Em 1868, após inspeção governamental, o INES foi considerado um asilo de surdos”(VELOSO; MAIA FILHO 2009, p. 35). Já em 1875, Flausino José da Gama, ex-aluno do Instituto, elaborou um pequeno vocabulário de sinais brasileiros, através de desenhos, denominado “Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos”, tendo sido contratado como Repetidor aos alunos do Instituto, ensinando-os em língua de sinais (MARQUES; FELIPE, 2005). É interessante notar que vários desses sinais são utilizados até hoje pelas comunidades surdas brasileiras.

### **2.5.1.2 O império oralista**

Em 1878, em Paris, conforme Lacerda, (2009), foi realizado o I Congresso Internacional sobre a Instrução de Surdos, onde aconteceram debates a respeito das práticas realizadas até então, bem como das impressões obtidas. Ali, alguns grupos defendiam a ideia de que falar era melhor que usar sinais, mas que esses eram muito importantes para a criança poder se comunicar. Naquele espaço, os surdos obtiveram conquistas importantes, tais como o direito a assinar documentos, tirando-os da marginalidade social, mas ainda estava distante uma verdadeira integração social.

Dois anos mais tarde, foi realizado o II Congresso Internacional em Milão, Itália. Borne (*apud* PERLIN E STROBEL, 2008, p. 6), afirma:

---

<sup>10</sup> Esta data constituiu-se num importante marco na história das comunidades surdas brasileiras. Atualmente, dia 26 de setembro é comemorado o Dia Nacional dos Surdos, instituído pela Lei Federal 1.976 de 29 de outubro de 2008, resultado do projeto de Lei 1.791 de 1999. Ressaltamos ainda que em Belo Horizonte esta data foi reconhecida como Dia Municipal dos Surdos pela Lei 7.793/1999, e que ainda em outros estados já era comemorado o Dia Estadual dos Surdos. Dentre eles citamos: Minas Gerais (Lei 16.500/2006), Rio de Janeiro (Lei 4.920/2006) e Ceará (Lei 13.694/2005).

Os temas propostos foram: vantagens e desvantagens do internato, tempo de instrução, número de alunos por classe, trabalhos mais apropriados aos surdos, enfermidades, medidas curativas e preventivas, etc. Apesar da variedade de temas, as discussões voltaram-se às questões do oralismo e da língua de sinais.

Nesse evento havia apenas um surdo presente: Claudius Forestier Kuchenbecker (2006, p. 46). Foram retomados vários princípios aristotélicos que diziam “a fala viva é o privilégio do homem, o único e correto veículo do pensamento, a dádiva divina, da qual foi dito verdadeiramente: a fala é a expressão da alma, como a alma é a expressão do pensamento divino” (VELOSO; MAIA FILHO, 2009, p. 39). Mediante a discussão que se travou ali, o método vencedor foi o oralista (160 votos com quatro contra) (STROBEL, 2006, p. 247).

A língua dos sinais foi oficialmente proibida e estigmatizada alegando-se que a mesma “destruía a capacidade da fala dos surdos, argumentando que os surdos são “preguiçosos” para falar, preferindo usar a língua de sinais” (VELOSO; MAIA FILHO, 2009, p. 39). Começava ali um período que trouxe grande sofrimento às comunidades surdas:

Por quase um século, as línguas de sinais foram perseguidas nas mesmas instituições que supostamente deveriam propagá-las. Mas os códigos não chegaram a ser eliminados, mas simplesmente conduzidos ao mundo marginal, onde sobreviveram graças às contraculturas estabelecidas pelas crianças nas escolas, clandestinas, rebeldes e cruéis (RÉE *apud* STROBEL, 2006, p. 247).

Veloso e Maia Filho (2009, p. 41) afirmam que “todos [os surdos] que não progrediam na oralidade eram considerados deficientes mentais com necessidades especiais. Depois do congresso de Milão, o conceito de surdo passou para o deficiente”.

### **2.5.1.3 Repercussões do oralismo no Brasil.**

Em 1896, A. J. de Moura e Silva, um professor do INES, foi até o Instituto Nacional de Surdos de Paris, a pedido do governo brasileiro, para avaliar a decisão do Congresso de Milão e concluiu que o Método Oral Puro não se prestava para todos os surdos (MARQUES; FELIPE, 2005, p. 135). Contudo, alguns anos depois, “em 1911 ficou estabelecido [...] o oralismo como método de educação dos surdos” no INES (CONFEDERAÇÃO, s/d, a, p. 6). Dois anos mais tarde, foi fundada no Rio de Janeiro a Associação Brasileira de Surdos-Mudos (a primeira brasileira), o que contribuiu para um grande desenvolvimento cultural das comunidades surdas. Ali os surdos

encontravam um espaço de interação em sua própria língua, sem influência ouvintista. De 1930 a 1947, o Dr. Armando de Paiva de Lacerda, ex-Diretor do INES, proíbe o uso da Língua de Sinais entre os surdos do Instituto. Podia-se utilizar somente o alfabeto manual e um bloco de papel com lápis no bolso para escrever a palavra e a fala.

Três anos mais tarde, Ana Rimoli de Faria Doria, ex-Diretora do INES, ao assumir o cargo, proibiu por completo o uso do alfabeto manual e da Língua de Sinais, implantando o método oralista. Os surdos não conseguiram adaptar-se a essa imposição do oralismo e continuaram a usar a língua de sinais, reunindo-se para conversar quando saíam das aulas. Esses encontros possibilitavam aos surdos a troca de informações em sua própria língua, sem o controle dos ouvintes e, também, o prazer de estarem juntos.

Sá afirma ainda que “até os dias atuais, o oralismo consegue manter-se muito presente na chamada educação especial, ou seja, no âmbito integracionista, assimilacionista e terapêutico” (2006, p. 77).

O oralismo, aqui referido, diz respeito à *imposição exclusiva da língua na modalidade oral*, objetivando a integração do surdo na cultura ouvinte e seu afastamento da cultura surda. No entanto, essa mesma imposição que atenta contra as formas de organização cultural e cognitiva dos surdos, acaba por alijá-los ainda mais, tanto da comunidade ouvinte quanto da comunidade surda. *Ora, sem a base cognitiva que a língua de sinais pode dar à pessoa surda, inviabiliza-se a instrumentalização linguístico-cognitiva, gerando, assim, um círculo vicioso* (SÁ, 2006, p. 78, grifos nossos).

O oralismo é uma das marcas do ouvintismo. Sua prática afligiu os surdos durante muitos anos, gerando uma grande barreira de comunicação, ao contrário do que se pretendia. Assim, durante muitos anos os surdos foram privados de se desenvolverem social, cultural, linguística e intelectualmente como deveriam.

Já na década de 1960, o linguista William Stokoe (1919-2000) pesquisou avidamente a Língua de Sinais Americana enquanto trabalhava na *Gallaudet University*<sup>11</sup>, tendo feito publicações, divulgando os resultados de suas pesquisas (VELOSO; MAIA FILHO, 2009, p. 41-42). Stokoe contribuiu muito para a pesquisa linguística das línguas de sinais e seu reconhecimento como língua natural.

Ainda, no final da década de 1960, muitos educadores ouvintes, frustrados pelo fracasso do oralismo, atraíram-se por uma nova “filosofia”: a chamada Comunicação Total,

---

<sup>11</sup> Universidade para surdos localizada nos Estados Unidos da América

iniciada por Roy Holcon, também nessa década (CONFEDERAÇÃO, s.d., b, p. 5). Essa metodologia utiliza gestos criados pelas crianças, alfabeto manual, fala, leitura labial, língua de sinais, leitura e escrita, objetivando o desenvolvimento de quaisquer resíduos auditivos para melhoria das habilidades de fala ou de leitura labial, fazendo-se necessário o uso de aparelhos auditivos individuais (DENTON *apud* PERLIN e STROBEL, 2008).

Owen Wrigley, (*apud* Sá, 2006, p. 84), comenta que:

A comunicação total veio significar a mistura da fala e língua dos sinais mais convenientes a cada professor [...]. O uso da língua dos sinais nesses ambientes mostrou-se ser, na melhor das hipóteses, apenas ‘fala apoiada pelos sinais’, que é inadequada para ser compreendida por uma criança surda como uma mensagem completa [...]. A ‘comunicação total’ é qualquer coisa, menos total, e raramente comunica (*apud* SÁ, 2006, p. 84).

Ainda hoje é muito comum o uso da fala e sinalização simultaneamente, processo denominado bimodalismo ou português sinalizado, no nosso caso. Limeira de Sá (2006, p. 85) afirma que “qualquer abordagem que não considere a língua de sinais como primeira língua e língua utilizada por surdos proficientes como referencial é uma mera conveniência para os profissionais ouvintes que trabalham na área da surdez”.

#### **2.5.1.4 Início das mudanças: o bilinguismo**

Ainda na década de 1980, estando em voga a Comunicação Total, antropólogos, linguistas, educadores e psicólogos propuseram um novo modelo: o “Bilinguismo”. Esta filosofia apregoa que a criança surda é capaz de apreender as duas línguas: a de sinais e a língua oficial de seu país, tendo a língua de sinais como primeira língua e eixo fundamental. Atualmente, tem sido levantada uma grande discussão a esse respeito haja vista os resultados alcançados e o fracasso das propostas anteriores. Contudo, o bilinguismo, para Sá, (2006, p. 85) “nada diz quanto à questão das culturas envolvidas, das identidades surdas, das lutas por poderes, saberes e territórios”. Sá comenta, ainda, que “incluir surdos em salas de aula regulares inviabiliza seu desejo de construir saberes, identidades e culturas a partir das duas línguas [...] e impossibilita sua consolidação linguística” (2006, p. 87).

Em síntese, a história dos surdos, contada pelos não-surdos, é mais ou menos assim: primeiramente os surdos foram ‘descobertos’ pelos ouvintes, depois eles foram isolados da sociedade para serem

‘educados’ e, afinal, conseguirem ser como os ouvintes; quando não mais se pôde isolá-los, porque eles começaram a formar grupos que se fortaleciam, tentou-se dispersá-los, para que não criassem guetos (SÁ, 2006, p. 79, grifos do autor).

Hoje, fala-se muito em apreciar a diversidade, o que é bem diferente de reconhecer a alteridade. Nessa perspectiva, surgiram os chamados estudos surdos que veem a “experiência da surdez como um traço cultural, tendo a língua de sinais como elemento significativo para essa definição” conforme Sá (2006, p. 65), entendendo-a como diferença, não como deficiência. Esta tese está fundamentada, nessa linha, por isso não utilizamos o termo “deficiente auditivo” visto que essa expressão está relacionada ao contexto médico-clínico. Empregamos aqui o termo “surdo”, pois esse está mais ligado ao marco sociocultural da surdez, além de ser como o surdo se refere a si mesmo e a seus pares (2006, p. 67). Aqui, nos referimos aos surdos enquanto pessoas que se constituem como uma minoria diferente com características linguísticas, cognitivas, culturais e comunitárias específicas mediante sua experiência visual-gestual ao contrário da comunidade majoritária, cuja experiência é oral-auditiva.

#### **2.5.1.5 O reconhecimento pela lei**

Cabe lembrar que, anterior à publicação da Lei Federal nº 10.436, o Estado de Minas Gerais, reconhece oficialmente, a língua de sinais por meio da Lei Nº 10.379, DE 10 DE JANEIRO DE 1991 com os seguintes artigos:

Art. 1º Fica reconhecida oficialmente, pelo Estado de Minas Gerais, a linguagem gestual codificada na Língua Brasileira de Sinais – Libras, e outros recursos de expressão a ela associados, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente.

Art. 2º Fica determinado que o Estado colocará, nas repartições públicas voltadas para o atendimento externo, profissionais intérpretes da língua de sinais.

Art. 3º Fica incluída no currículo da rede pública estadual de ensino estendendo-se aos cursos de magistério, formação superior nas áreas das ciências humanas, médicas e educacionais, e às instituições que atendem ao aluno portador de deficiência auditiva, a Língua Brasileira de Sinais.

Art. 4º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º Revogam-se as disposições em contrário.

A maior conquista das comunidades surdas brasileiras, ainda no início deste século, é o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras), pela Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002, conhecida também por Lei de Libras, que tem sua regulamentação

pelo Decreto Lei nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005<sup>12</sup>. Essa lei assegura aos surdos o direito de serem educados em sua própria língua e de contarem com os serviços do intérprete de Libras, profissional responsável por desempenhar traduções-interpretações da Língua Portuguesa para a Libras e vice-versa, nos espaços públicos, educacionais e nos meios de comunicação. O decreto normatiza ainda a formação desse profissional e também do professor de Libras, profissional – preferencialmente surdo – habilitado para ensinar a Libras, tanto a pessoas ouvintes quanto pessoas surdas.

Já em 2006, em cumprimento ao Decreto 5.626, “foi criado o primeiro curso universitário de Letras-Libras, na modalidade Licenciatura, uma formação específica para professores de Libras, na Universidade Federal de Santa Catarina, com mais nove polos espalhados pelo Brasil”, conforme Veloso; Maia Filho, (2009, p. 44).

Dois anos mais tarde, foi lançada também a modalidade Bacharelado em Tradução- interpretação da Libras, expandindo o curso para um total de quinze polos. Um marco histórico na educação de surdos no Brasil e no mundo, sem precedentes.

Ainda, em 1992, foram criados o *Código de Ética do Intérprete*<sup>13</sup> e um ‘código’ sobre sua postura<sup>14</sup> e, mais recentemente, com fins de regulamentar o exercício da profissão de tradutor-intérprete de Libras, foi instituída a Lei Federal nº 12.319 de 01 de setembro de 2010<sup>15</sup>. Essa lei regulamenta a formação deste profissional e define suas atribuições, enfatizando o caráter ético a ela inerente, pelo respeito ao ser humano e à cultura surda.

Reconhecemos que mudanças significativas têm acontecido, mas sabemos que são necessárias ainda, tantas outras conquistas para uma real integração do surdo na sociedade. Concluímos esta pesquisa citando alguns dos diversos mitos sobre os surdos, sua cultura e língua que ainda circulam gerando confusão. Afirma-se que todas as línguas de sinais (isso quando não a chamam de “língua dos sinais”<sup>16</sup>) são todas iguais; que é uma forma manual-gestual da língua oral acrescentada de mímicas e gestos

<sup>12</sup> Disponível: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)> Acesso: 12 set. 2009.

<sup>13</sup> Disponível em <[http://www.feneis.com.br/interpretes/codigo\\_etica.shtml](http://www.feneis.com.br/interpretes/codigo_etica.shtml)> Acesso em: 12 set. 2009.

<sup>14</sup> Disponível em <<http://www.feneis.com.br/interpretes/postura.shtml>> Acesso em: 12 set. 2009.

<sup>15</sup> Disponível em <[http://www.normaslegais.com.br/legislacao/lei12319pr\\_2010.htm](http://www.normaslegais.com.br/legislacao/lei12319pr_2010.htm)> Acesso em: 03 mar. 2011.

<sup>16</sup> O que os surdos usam é uma língua, com a qual podem expressar “a complexa inteligência que têm da situação os seus protagonistas” (MARTINS *apud* SÁ, 2006, p. 109). Quando se chama a língua de sinais brasileira de “língua” e não “língua”, vemos aí um preconceito. Segundo Ferreira, linguagem “é um termo que pode ser usado para denominar sistemas de comunicação entre animais ou sistemas reconhecidos de várias áreas do conhecimento, tais como a artística (língua da pintura, da música etc.). Este não é o caso das línguas naturais” (*apud* SÁ, 2006, p. 109).

utilizados pelos ouvintes; um obstáculo à aprendizagem; dever-se-ia criar uma língua de sinais internacional, um padrão que todos utilizassem. Diz-se também que os surdos não têm capacidade de realizar atividades como educar seus filhos ou ocupar cargos de responsabilidade, nem têm cultura própria, entre outras. Todas essas considerações são fruto da visão médico-clínica sobre a surdez, embasada na história dos surdos. Vemos, assim, que ainda é comum a falta de informação acerca da surdez e dos surdos em nossos dias. Vemos, também, que a relação entre surdos e ouvintes ainda hoje é marcada pela visão etnocêntrica/ouvintista construída nos séculos passados.

Após essa revisão da literatura científica pertinente ao tema estudado, passamos, no próximo capítulo, a discorrer sobre Terminologia – disciplina linguística que trata do uso e estudo de termos, com a finalidade de documentar e promover seu uso correto.



## CAPÍTULO 3

### PRESSUPOSTOS LINGUÍSTICOS BÁSICOS PARA UM ESTUDO COM ENFOQUE NA TERMINOLOGIA

#### 3.1 Contribuição da Terminologia para o estudo das línguas de sinais

No estudo das línguas de sinais, considera-se a relevância do estudo e da aplicação dos princípios da Terminologia, tão bem dimensionada por Rey (1979, p. 3), apud Krieger (2011) ao afirmar que “na origem das reflexões sobre o nome e a denominação, base da terminologia, encontra-se toda a reflexão sobre a linguagem e o sentido”.

Em uma primeira acepção, a Terminologia refere-se simplesmente ao uso e estudo de termos, isto é, propõe-se a descrever as palavras simples e compostas que são geralmente usadas em contextos específicos. Já em uma segunda acepção, em sentido estrito, a Terminologia refere-se a uma disciplina científica que estuda sistematicamente a rotulação e a designação de conceitos de diversos campos dos saberes relativos às atividades humanas, ou seja, estuda os termos e os conceitos empregados nas línguas de especialidade. Seu objetivo é pesquisar, documentar e promover o uso correto dos termos. É um estudo que se caracteriza por dar enfoque a uma ou mais línguas, ao mesmo tempo, podendo, assim, intitular-se monolíngue, bilíngue ou, até mesmo, multilíngue. Quando envolve mais de uma língua, a gestão da Terminologia é um elemento central de uma boa legibilidade e correção técnica das palavras de que trata. Constitui-se, por isso, quando bem administrada, uma ferramenta bastante produtiva a ser utilizada em áreas do saber que se propõem a administrar obras terminológicas bilíngues, como é a nossa proposta, em que temos como *Língua de Partida* a Língua Portuguesa e como *Língua de Chegada* a Libras para dar tratamento terminológico aos termos da área de Desenho Arquitetônico.

O *termo* é entendido como “designação, por meio de uma unidade linguística, de um conceito definido em uma língua de especialidade” (ISO 1087, 1990, p.5). O *termo* é, portanto, uma unidade lexical que designa um conceito de um domínio de especialidade. É também chamado de *unidade terminológica*. O conjunto de termos de uma área especializada chama-se *conjunto terminológico* ou *terminologia*.

### 3.1.1 Breve histórico

A descrição apresentada por Biderman, (1998) do processo de nomeação que gerou as línguas naturais nos proporciona a dimensão do que vem constituindo o processo de nomeação, que os nossos bolsistas surdos que vêm se apropriando no ato de nomear.

O léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos identificando semelhanças e inversamente e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca., rotulando essas entidades discriminadas. (BIDERMAN,1998, p. 13)

Toda ciência desenvolve-se concomitantemente com o desenvolvimento de sua terminologia, como nos lembra Benveniste (1974, p. 83): “Uma ciência somente começa a existir ou a ser divulgada à medida que impõe seus conceitos e divulga-os por meio de suas respectivas denominações.” Assim sendo, é justificável que a Terminologia esteja intimamente vinculada à descrição neológica de uma língua. Podemos afirmar que a maior parte dos neologismos criados, em uma língua, constituem termos das línguas de especialidade, pois o dinamismo das áreas do conhecimento determina a criação de novos conceitos, que devem ser nomeados.

Três disciplinas se ocupam em dar tratamento científico ao léxico, a saber, Lexicologia, Lexicografia, e a Terminologia. O notório desenvolvimento que se vem observando, nessas duas últimas décadas, nessas áreas, tem evidenciado a importância das pesquisas que estão sendo empreendidas, bem como suscitado reflexões a respeito de seus campos de atuação.

Embora complementares entre si, essas áreas possuem objeto de estudo, metodologia e pressupostos teóricos distintos. Enquanto a primeira ocupa-se dos problemas teóricos que embasam o estudo do léxico, a segunda está voltada para as técnicas de elaboração dos dicionários, para o estudo da descrição da língua feita pelas obras Lexicográficas. Já a terceira área tem como objeto de estudo o termo, a palavra especializada, os conceitos próprios de diferentes áreas de especialidades (BIDERMAN (1998, p. 7-8).

A Terminologia pode ser definida, segundo Barros (2006, p. 22) como o estudo científico dos termos usados nas línguas de especialidade, ou melhor, empregados em

discursos e textos de áreas técnicas, científicas e especializadas. Estudos demonstram que esse campo não se constitui como uma derivação da Lexicologia, uma vez que se comprova que a Terminologia é tão antiga quanto a linguagem humana. Os sumérios, 2600 a.C. já registravam em tijolos de argila termos relativos às profissões, gado, objetos e divindades. Para Alan Rey, a necessidade de referir-se a um conjunto de palavras que designam elementos próprios de um determinado campo do saber ou do fazer humano, assim como a ideia de uma disciplina que estude metodicamente esse tipo de conjunto vocabular, começa a se manifestar a partir do Renascimento.

De fato, o processo de normatização terminológica que precedeu Wuster, desenvolvido na Europa Central, engloba, segundo Klaus Schmitz (2009), as primeiras abordagens para elaborar e ordenar a Terminologia de um domínio específico. Abaixo reproduzimos a linha de tempo proposta e comentada por Klaus Schmitz (2009), para situarmos os autores, na área da Terminologia, que precederam e deram suporte às pesquisas linguísticas nessa área, desenvolvidas no século XX:

Dürer (1471-1528) Matemática; Vesalius (1514-1564) anatomia; Lavoisier (1743-1793) Química; Berthollet (1748-1822) Química; von Linne (1707-1778) Botânica e Zoologia. Algumas das nomenclaturas desenvolvidas ainda são válidas e utilizadas hoje em dia (por exemplo, Vesalius, Linne). É relevante a obra Léxicográfica de Alfred Schlomann, um engenheiro alemão que elaborou e publicou dicionários técnicos, ilustrados, dispostos de modo sistemático. Cada dicionário cobre (todos) os conceitos de um domínio específico. Entre 1906 e 1928, 16 volumes dos seus "Dicionários Técnicos Ilustrados em 6 Idiomas" ("Illustrierte Technische Wörterbücher em 6 Sprachen") foram elaborados por subcomissões específicas para a terminologia. Em 1926, o mesmo acontece em nível internacional no ISA (International Standards Association, mais tarde chamado de ISO). Também outros organismos nacionais de normalização terminológica estabeleceram subcomissões. Em 1931, Eugen Wüster, publica a dissertação "Internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektrotechnik". Em 1936 se deu a fundação de um comitê técnico para lidar com princípios terminológicas (ISA/TC37, depois ISO/TC37). Objetivando melhorar os princípios básicos da Terminologia estandardização, Wüster elaborou o dicionário sistemático "A Ferramenta de Machine" (1967/1968), (SCHMITZ, 2009, ).

Na concepção de Wüster, a Terminologia é uma ciência de caráter filosófico que mantém relações privilegiadas com a Lógica, com a Teoria da Classificação e com a Linguística; embora considere ambígua sua relação com essa última, pois na sua concepção os termos dissociam-se do léxico, da gramática e do contexto do discurso, comportando-se como unidades com vida independente.

Paralelamente, ao trabalho de Wüster, ainda nos anos 1930, a Escola Russa lança suas bases teóricas com a publicação dos trabalhos de Lotte e Drezen.

Segundo Barros (2004),

a escola soviética tem como característica uma concepção linguística da Terminologia, que se diferencia da austríaca, conciliando teoria e prática; tomando os termos como elementos linguísticos utilizados nos textos técnicos e científicos e não como unidades controladas, objetos de uma normalização. Ainda assim a preocupação com a normalização está presente, justificada pelo fato de a Rússia constituir-se como um país multilíngue.

Ainda observando a linha de tempo acima apontada, pode-se concluir que os estudos relacionados à Terminologia não iniciaram, mas se intensificaram no século XX, tornaram-o o mais profícuo, no que diz respeito à Terminologia moderna. Pode-se dizer que a Terminologia, como é vista hoje, deve sua fundamentação a dois principais pensadores: Eugen Wüster que propôs a Teoria Geral da Terminologia (TGT); e Maria Teresa Cabré e seus colaboradores, pioneiros na sistematização crítica e fundamentada à proponentes da Teoria Comunicativa da Terminologia (TGT).

### 3.1.1.1 Teoria Geral da Terminologia (TGT)

O trabalho e, sobretudo, a Teoria de Wüster é reconhecida por terminólogos brasileiros, como Krieger, Finatto e Barros. Krieger e Finatto (2004) afirmam que “a TGT é o pilar referencial dos estudos terminológicos, apesar de seu objetivo principal ser o de padronizar os léxicos especializados para favorecer a eficácia das comunicações científicas e técnicas, em plano internacional”.

Para Barros (2006), o fato de a Terminologia ter se afirmado como disciplina científica que estuda os termos das áreas de especialidade, deve-se aos trabalhos de Wüster, nos anos 1930. Conforme Barros (2006, p. 22), é com os trabalhos do engenheiro austríaco Eugen Wüster<sup>17</sup>, em 1931, que a Teoria Geral da Terminologia (TGT), eixo central da Escola de Viena, estabelece suas bases.

A Teoria Geral da Terminologia (TGT) de Wüster, apoiava-se em cinco princípios básicos (*apud* OLIVEIRA, 2007, p. 25), a saber:

1. Perspectiva onomasiológica (do conceito ao termo);
2. Conceitos estáticos e bem definidos em um sistema estrutural;

<sup>17</sup> *Die internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektronik e The Machine Tool.*

3. Definição tradicional para os conceitos (as definições, de acordo com a localização do conceito em sua estrutura conceitual, devem ser: intencional, extensional ou partitiva);
4. Relação unívoca entre termo e conceito (um termo deve ser relacionado a apenas um conceito, assim como um conceito deve ser relacionado a apenas um termo);
5. Termos e conceitos devem ser estudados sincronicamente.

Cabe registrar que Krieger reconhece a preocupação de Wüster com a precisão conceitual, admitindo mesmo a face linguística da Terminologia. Isso é perceptível no fato da linguagem integrar a interdisciplinaridade, própria da Terminologia, e pelo fato de ter considerado essa disciplina como um ramo da Linguística Aplicada, como pode ser compreendido no excerto de Wüster; (*apud* KRIEGER, 2000, p. 213):

Em sentido restrito, um termo unívoco ou monovalente é um termo que, em um contexto de discurso determinado, apenas tem um ‘significado atual’, embora possa ser polissêmico. Por ‘contexto de discurso’ é preciso entender, ou bem o contexto da frase, ou bem a situação de discurso determinada pelas circunstâncias.

A distinção entre, por uma parte, a monossemia, e por outro, a monovalência, ou univocidade em sentido estrito, permite limitar a exigência teórica da monossemia em Terminologia a uma única condição econômica: que os termos sejam ‘monovalentes’, sem serem necessariamente ‘monossêmicos’ (Wüster, 1998, p. 140<sup>18</sup>).

Em vários autores encontramos que a Terminologia vem se renovando e as proposições favoráveis a socioterminologia se destacam, principalmente as formuladas por Gaudin, *apud* Krieger (2000).

Sobre esse ponto, tentaremos mostrar como, no mesmo movimento que conduziu a linguística estrutural à sociolinguística, uma socio Terminologia pode levar em conta o real do funcionamento da linguagem e restituir toda sua dimensão social às práticas languageiras concernidas. (GAUDIN; 1993, p.16)

Segundo Faulstich (1995), é de fato, François Gaudin quem discute com maior propriedade a pertinência da Terminologia voltada para o social. Em dezembro de 1993, ele publica sua tese de doutorado<sup>19</sup>, na qual declara:

[...] é que a socioterminologia, por pouco que ela queira ultrapassar os limites de uma terminologia 'burocrática', deve substituir a gênese dos termos, sua recepção, sua aceitação, mas também as causas de seu

<sup>18</sup> Wüster, E. *Introdução a la teoria general de la terminologia y a la lexicografía terminológica*. Barcelona. Universitat Pompeu Fabra, 1998. p. 140

<sup>19</sup> *Pour une socioterminologie – des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*,

fracasso e as razões de seu sucesso, dentro das práticas linguísticas e sociais<sup>20</sup>.

### 3.1.1.2 Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT)

A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), que tem como expoente Maria Teresa Cabré (1999), trata os termos como unidades linguísticas que devem ser consideradas em seus aspectos linguísticos, cognitivos e sociais. Dentre as teorias hoje vigentes a TCT é a que propõe princípios teórico-metodológicos mais coerentes para a descrição e análise das unidades léxicas de valor especializado. Seguem alguns princípios gerais que determinam suas bases teóricas:

- a) A Terminologia é uma matéria de caráter interdisciplinar, integrada por fundamentos procedentes das ciências da linguagem, das ciências da cognição e das ciências sociais. Estes três fundamentos inspiram, por sua vez, a poliedricidade da unidade terminológica, que, em consequência, é ao mesmo tempo uma unidade linguística, uma unidade cognitiva e uma unidade sociocultural.
- b) Considera que, como consequência dessa interdisciplinaridade, a prática terminológica é também tridimensional.
- c) Sustenta que o caráter interdisciplinar de uma matéria somente se justifica quando, além de incluir em seus fundamentos elementos procedentes de distintas disciplinas, os integram em um campo próprio e específico, que não se pode explicar pura e simplesmente como a adição dos fundamentos das disciplinas que a integram, mas como uma reorganização conceitual dos mesmos.
- d) Assume o fato de que toda matéria interdisciplinar, ainda que seja um todo integrado, pode ser analisada priorizando alguns dos ângulos de sua multidisciplinaridade. Assim, uma aproximação à Terminologia desde o ponto de vista da linguística, ainda que se analise o mesmo objeto se a aproximação fosse do ponto de vista da comunicação, não requer necessariamente dar conta dos mesmos aspectos dos termos. O fato de que uma interdisciplina permita diferentes aproximações não deixa de ser uma disciplina.
- e) Considera que, junto à sua interdisciplinaridade, a Terminologia se caracteriza por sua multifuncionalidade, o que comporta que pode propor uma diversidade de objetivos, e que, em função do objetivo que se proponha alcançar, pode atualizar diversamente sua poliedricidade (CABRÉ, 1999, p. 7021).

Quanto à diversidade de aplicações, defende-se na Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) que:

---

<sup>20</sup> Tradução nossa.[...] c'est que la socioterminologie, pour peu qu'elle veuille dépasser les limites d'une terminologie 'greffière', doit replacer la genèse des termes, leur réception, leur acceptation mais aussi les causes de leur échec et les raisons de leur succès, au sein des pratiques langagières et sociales.

a) A Terminologia aplicada à recopilação de termos e à confecção de dicionários é a mais conhecida das aplicações terminológicas, mas não é a única nem a mais representativa no conjunto das atividades reais.

b) Apesar disso, considera que toda atividade terminológica se justifica socialmente por sua utilidade na resolução de problemas relacionados à informação e à comunicação.

c) Parte da convicção de que a importância social da Terminologia é determinada pelas características da sociedade atual, marcada pelo desenvolvimento do conhecimento especializado e pelo necessário plurilinguismo.

d) Considera, finalmente, que a Terminologia não se pratica, nem se deve praticar, da mesma maneira em todos os países nem em todos os meios, mas que deve variar necessariamente segundo os contextos, as finalidades, os recursos e a matéria que queira abranger. (CABRÉ, 1999, p. 7122).

### 3.1.1.3 TGT e TCT

A discussão entre TGT e TCT pede cautela e coerência, pois vários autores reconhecem a importância da obra de Cabré e, ao mesmo tempo, a relevância da obra de Wüster, gerando debates que seguem inconclusivos. Ao contrário da Terminologia Clássica introduzida por Eugen Wüster, fundador da Teoria Geral da Terminologia (TGT), que prega o princípio da univocidade entre o conceito e seu respectivo termo, não admitindo, portanto, nenhuma possibilidade de variação nos domínios de especialidade. No Brasil, os estudos terminológicos atuais que se inserem em correntes como a Socioterminologia, a Teoria Comunicativa da Terminologia e o Sociocognitivism, tendem a assumir a sinonímia, a polissemia e os recursos metafóricos e metonímicos como uma realidade da linguagem técnica-científica. É nessa perspectiva que se enquadra nosso trabalho.

## 3.2 A Lexicografia especializada

A Terminologia, segundo Pavel e Nolet (2002), é um ramo da Linguística Aplicada que abrange a Lexicografia especializada, tradução, redação e ensino de línguas – quatro aplicações que se encontram estreitamente inter-relacionadas. Mais que isso, vários produtos terminológicos podem ser gerados pela atividade terminológica, como *normas terminológicas*, *dicionários técnicos e científicos*, *glossários* (de uma área de especialidade), *bancos de dados*.

### 3.2.1 Tipologia

Por percebermos os limites tênues que envolvem as diferenças de definição dos termos dicionário, glossário ou vocabulário, em Terminologia, utilizaremos, como Haensch (1982), a expressão “obra Lexicográfica”, no lugar de dicionário, glossário ou vocabulário, pois essas denominações são aplicadas, muitas vezes, como sinônimas. Para tanto, concordamos com a minuciosa reflexão realizada por Barbosa (2001), que estuda a diferenciação entre esses termos também dentro do processo da normalização. Segundo essa linguista, constata-se que há uma pluralidade de denominações de um mesmo conceito de obra Léxicográfica e, inversamente, pluralidade de conceitos para uma mesma denominação.

A tipologia de obra Lexicográfica denominada “dicionário bilíngue” é de complexidade reconhecida por vários autores. Uma das mais detalhadas pesquisas acerca desse tipo de obra nos é oferecida por Carvalho (2001). Em sua obra encontramos informações importantes sobre a Lexicografia bilíngue. Segundo a autora, “a classificação dos tipos de dicionários existentes (ou possíveis) baseia-se em grande número de critérios que não atuam isoladamente, mas sim se entrecruzam, podendo ser combinados entre si”.

Entretanto, Carvalho (2001) afirma que é justamente na microestrutura que os bilíngues especializados levam vantagem sobre os monolíngues por poderem prover mais informações sobre o lema, tais como colocações, sinônimos, observações gramaticais, regência, etc., além de poderem trazer uma definição do termo. Em sua obra, considerando a questão da sistematização, Carvalho (2001) propõe a seguinte divisão dos critérios (que influenciam tanto a macro quanto a micro estrutura do dicionário) concernentes à tipologia dos dicionários bilíngues:

1. dimensão: de bolso, médio, grande;
2. número de línguas: monolíngues, bilíngues, multilíngues;
3. grau de especialização: geral *versus* especializado;
4. direção: língua do usuário como língua fonte ou língua alvo;
5. abrangência: unidirecional ou bidirecional; e
6. função: situações em que o usuário utiliza o dicionário.

Para a autora, o primeiro critério aplica-se a diferentes tipos de dicionários, sejam eles monolíngues, bilíngues, multilíngues, gerais ou especializados. O segundo critério coloca os bilíngues, frente a outros especializados. O terceiro é considerado uma



subdivisão do segundo. A direção, a abrangência e a função dizem respeito exclusivamente aos dicionários bilíngues.

De maneira geral, existem mais estudos teóricos a respeito de obras terminológicas, bilíngues, quando se tem duas línguas orais em um mesmo dicionário. Tais estudos mostram que as questões relacionadas à equivalência linguística fazem dos dicionários bilíngues obras complexas. Haensch e Omeñaca (2004) (*apud* SILVA, 2008, p. 107) observam que:

a tarefa Lexicográfica bilíngue é difícil e até ingrata já que se trata de dar equivalentes de unidades léxicas de uma língua (dita língua de partida) em outra língua (dita língua de destino / chegada). Os autores afirmam que para encontrar esses equivalentes faz-se necessário confrontar dois sistemas linguísticos cujas estruturas léxicas não se correspondem e que possuem como contexto civilizações diferentes e, portanto, possuidoras de diferentes percepções da realidade.

Certamente, o tema da equivalência interlinguística encontra-se implícita e explicitamente entranhado em nossa pesquisa que, se relaciona com os aspectos dos estudos da tradução, embora tais aspectos não se constituam como foco desta pesquisa em si. As considerações de Haensch (1982) acerca de dicionários bilíngues, nas quais faz uma ressalva para os dicionários terminológicos, fortalecem nossa escolha por essa tipologia, embora este autor esteja naturalmente se referindo a línguas da mesma modalidade oral-auditiva.

Para que um dicionário multilíngue desse tipo seja verdadeiramente útil, é preciso que haja uma equivalência efetiva entre os significantes léxicos das diferentes línguas, no que se refere ao seu conteúdo. Uma equivalência dessa natureza existe, em geral, somente entre monemas ou sinmonemas terminológicos das distintas línguas. Por isso, a maioria dos dicionários multilíngues são, atualmente, dicionários terminológicos (HAENSCH, 1982, p. 100)<sup>21</sup>.

Quando pensamos em dicionários bilíngues, pensamos em tradução de uma língua para outra, mas Silva (2008) alerta que não se trata, simplesmente de traduzir de uma língua para outra, mas de colocar duas unidades léxicas distintas em relação de equivalência. A ideia de equivalência é tão fundamental em dicionários bilíngues que o autor afirma que a “presença de duas línguas em um dicionário não o caracteriza como bilíngue se não apresentar relação de equivalência entre elas” (SILVA, 2008, p. 101).

<sup>21</sup> (Tradução nossa) Para que un diccionario multilingüe de este tipo resulte verdaderamente útil, es preciso que haya una equivalencia efectiva entre los significantes léxicos de las diferentes lenguas en cuanto a su contenido. Una equivalencia de esta índole existe, en general, sólo entre monemas o sinmonemas terminológicos de las distintas lenguas. Por eso, la mayoría de los diccionarios multilingües son, hoy en día diccionarios terminológicos (HAENSCH, 1982, p. 100).

O processo de produção terminológica, em línguas orais, encontra-se normalizado nos âmbitos nacional e internacional, seja pela ABNT ou pela ISO 1087. Trata-se de um amplo conjunto de normas que se construiu através dos séculos e que se consolidou no século XX, dentro das duas fortes correntes denominadas Teoria Geral da Terminologia (TGT) e da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT)

### 3.2.2 Dicionários em Língua de Sinais

Observando-se a produção Léxicográfica bilíngue – Língua Portuguesa e Libras –, disponível, no Brasil, é notável a existência de grandes intervalos de tempo entre suas produções: data de 1875, a publicação da obra de Flausino José da Costa Gama, considerada a primeira obra Lexicográfica, em Língua de Sinais Brasileira, denominada “*Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*”:

O estudo rigoroso da obra “*Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*” realizado por Sofiato (2005) é extremamente esclarecedor. Segundo a autora:

Apos um longo período, de quase um século, ocorreram dois fatos relevantes relacionados as pesquisas da língua de sinais em terras brasileiras. Em 1968, aconteceu a publicação do artigo de KAKUMUSU, J. Urubu Sign Language, que evidenciou que havia no Brasil pelo menos outra língua de sinais, a dos índios Urubu-Kaapor na selva Amazônica. Em termos de pesquisa sobre a iconografia da língua de sinais brasileira, em 1969, foi lançado o segundo livro do gênero. A iniciativa foi de um estrangeiro chamado Eugenio Oates, padre, pertencente à Congregação Redentorista. Oates chegou ao Brasil em 1946 como missionário, tendo vindo dos Estados Unidos para prestar serviços as comunidades carentes (SOFIATO, 2005 p 27)

Em Sofiato e Reily (2011) as autoras têm o “intuito é revelar a importância que a referida obra teve na História da Educação dos Surdos e acompanhar o processo de Flausino da Gama em busca da elaboração e da constituição de uma iconografia para a língua de sinais no Brasil”.

**ICONOGRAPHIA**  
DOS SIGNAES  
DOS  
**SURDOS-MUDOS**

TRABALHO DE  
**Flausino José da Gama**

ALUNHO DO INSTITUTO DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro  
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE E. & H. LAEMMERT  
11, Rua dos Inválidos, 11  
1875

**Capa do dicionário produzido por Flausino da Gama: limpeza digital ajudou a recuperar texto e imagens da obra**



**Segundo Cássia Sofiato, Flausino da Gama fez uma tradução iconográfica da obra de Pelissier**

FIGURA 22 – *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* (publicada em 1875).

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=Iconographia+dos+Signaes+dos+Surdos-Mudos&source>

A pastoral do surdo ao comunicar do falecimento de Oates comenta a relevância do autor e da obra (<http://www.affata.org.br/?s=noticias&ss=detalhes&id=268>)

Em 1969, foi lançado o segundo dicionário brasileiro por iniciativa do missionário americano Padre Eugênio Oates, pertencente à Congregação Redentorista. Nas suas viagens pelo país, interessou-se pela situação dos surdos e aprendeu a língua de sinais, dando início a uma pesquisa sobre a “comunicação natural” que havia entre eles. Percebeu que havia diferenças lexicais nos sinais dos surdos de diversas regiões do Brasil, por isso elaborou o manual *Linguagem das Mãos*, com o intuito de ajudar os surdos brasileiros a se entrosarem na sociedade, promovendo melhora na vida social, educacional, recreativa, econômica e religiosa (Oates, 1989)



FIGURA 23 – A obra *Linguagem das Mãos* (publicada em 1969)  
Fonte: <http://alturl.com/5kdv4>

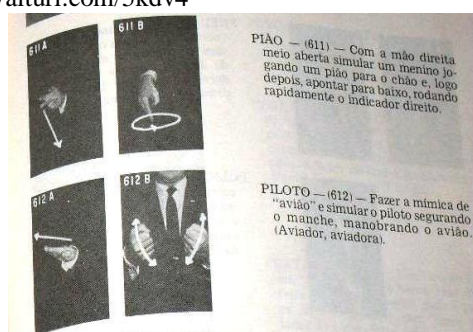


FIGURA 24 – Modelo de verbetes da obra de Oates.  
Fonte: <http://alturl.com/kgqqup>

Mais recentemente foram produzidos dois dicionários, de língua geral: o *Dicionário digital da Língua Brasileira de Sinais*<sup>22</sup>, editado pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos, INES, em 2005 e, o *Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue: Língua Brasileira de Sinais* (CAPOVILLA e RAPHAEL, 2001), o primeiro bilíngue e o segundo, trilíngue, pois inclui uma tradução para a Língua Inglesa em modalidade oral. Os dicionários citados são da tipologia de língua geral, não sendo possível encontrar, na presente data, dicionários especializados, monolíngues ou bilíngues, no qual uma das línguas seja a Libras, direcionados às áreas de ciências, tecnologia ou cultura.

<sup>22</sup> <http://www.acessobrasil.org.br/Libras/>

Nesse âmbito, buscamos obras internacionais. Apresentamos abaixo um excerto do artigo de Schermer e Koolhof (2010), acerca da edição, em 2009, do primeiro dicionário em Língua de Gestual Holandesa, (*Dutch Sign Language (NGT)*), em forma de livro, que reafirma que a maioria dos dicionários em línguas de sinais é bilíngue, embora sejam dicionários de língua geral.

Dicionários de línguas orais são, em grande parte, ou monolíngues ou bilíngues. Este não é o caso das línguas de sinais. Dicionários monolíngues de línguas de sinais quase não existem. O dicionário de língua de sinais mais conhecido que pode ser considerado monolíngue foi produzido por William Stokoe et al. e descrevia a Língua Americana de Sinais (ASL) através de um sistema de notações próprio. Com o advento das tecnologias de multimídia, estes dicionários talvez poderão ser mais comuns no futuro. No entanto, a maior parte dos dicionários de línguas de sinais é produzida para aprendizes ouvintes e, portanto, são todos bilíngues. Estes dicionários são organizados tanto pelos parâmetros do sinal (formato da mão, locação, movimento) usando um sinal como lema ou, mais frequentemente, usando alfabeticamente uma glosa como lema. A glosa é definida como uma tradução do sinal em um termo da língua escrita que chegue o mais próximo possível ao significado do sinal. Por exemplo, em NGT, o sinal AANWEZIG ("ser apresentado"). (Schermer e Koolhof 2010, p. 1561)

Ainda no âmbito internacional cabe citar a o trabalho de construção terminológica *online* que tem sido realizado pelo *Rochester Institute of Technology*, (RIT) por meio do *National Technical Institute for the Deaf Science Signs Léxicon* que vem desenvolvendo um dicionário científico online, bilíngue, Língua Inglesa e *American Sign Language (ASL)*<sup>23</sup>.

A Libras, ainda, não possui, formalmente, ou oficialmente, um dicionário terminológico ou mesmo o marco teórico para a produção de obras Lexicográficas Terminológicas. Embora, seja possível encontrar em alguns autores a preocupação com a apreensão dos conceitos científicos pelos surdos, em disciplinas básicas do ensino médio, ainda desconhecemos a existência de um dicionário terminológico que contemple o ensino fundamental e médio. Por exemplo, a dissertação de Marinho (2007) registra a escassez de termos científicos em Libras e analisa as dificuldades vivenciadas por estudantes surdos e seus intérpretes, nas aulas de Biologia, nas salas de aulas do ensino de nível médio.

---

<sup>23</sup> <http://www.rit.edu/ntid/sciencesigns/>

A ausência de termos específicos em Libras dificulta o acesso ao conteúdo, cabendo ao intérprete a difícil tarefa de traduzir os conceitos explicados em português pelo professor ouvinte. Na área do ensino de química os autores Souza, Costa e Silveira (2011) relatam a abordagem por meio de experimentação em química, realizada com um grupo de alunos visando a produção textual das interpretações. Esses autores verificaram que a atividade levou os alunos a produzirem sinais terminológicos da área de química em Libras, ampliando assim o vocabulário de verbetes dos surdos. Portanto, Souza e Silveira (2011) em outro artigo, defendem a promoção de ações que respeitem a especificidade do aluno surdo e que os incluíssem em processos dialógicos da interação ensino e aprendizagem dos conceitos científicos. Segundo esses mesmos autores (2011, p. 38), “O ensino de química, nesse viés, deveria contemplar o uso de terminologias desse conteúdo na língua de sinais no ensino-aprendizagem dos conceitos químicos e levar o aluno surdo a utilizar, igualmente, os mesmos termos na escrita e leitura”.

A preocupação dos autores supracitados, com a conceituação terminológica em Libras, nos faz supor que, na atualidade, esteja latente a ideia da produção de obras Lexicográficas a partir de termos criados em salas de aulas, do nível de ensino médio, no Brasil. Portanto, pode-se prever uma futura produção de dicionários ou obras terminológicas bilíngues, em espaços de tempo cada vez menores entre as publicações.

A expansão terminológica da LSB, ou Libras está prevista em Faria-Nascimento (2009), na medida em que a autora preocupa-se com esta questão detalhando que:

conscientizar estudantes surdos, de graduação, a respeito dos processos de construção terminológica, provendo o enriquecimento mais acelerado da LSB e a rápida sistematização e divulgação dos neologismos terminológicos acarretará o acesso e o domínio mais rápido, também dos intérpretes para adequarem sua tradução ao contexto emergente (FARIA-NASCIMENTO 2009, p. 58).

Corroboramos com a autora, pois nossa experiência em produção Terminológica, embora, tem como pesquisadores, em sua maioria, estudantes de nível médio. Os bolsistas surdos que vêm desenvolvendo pesquisa, na medida em que criam sinais, de forma sistematizada, têm promovido a ampliação lexical da Libras. Observamos, também, a necessidade de formação de intérpretes específicos para atuar nas áreas do conhecimento nas quais estamos desenvolvendo dicionários.

Nesse contexto, cabe apresentar a reflexão de Cabré (2002) acerca da criação terminológica, em línguas orais minoritárias. Não encontramos estudos acerca de Terminologia em línguas minoritárias relacionados às línguas de sinais, em geral, ou à Libras especificamente. A autora, em seu artigo, lança uma questão de fato inquietante para presente pesquisa:

*Mas, quando uma língua não possui terminologia, como se constrói?*

Porque é evidente que em todas as situações nas quais se produz um conhecimento original, novo, esse conhecimento se expressa, inicialmente, na língua de quem o produz ou na que serve de veículo entre os pares que trabalham em conjunto no mesmo círculo. Mas, e se nenhum novo conhecimento é produzido pelos especialistas falantes de uma língua? (CABRÉ, 2002, p. 5).

Recorremos, novamente, à Cabré (2002) que aborda aspectos acerca da Terminologia em línguas minoritárias e levanta alguns itens a serem observados. A autora faz considerações a respeito do multilinguismo, na Europa, e tenta estabelecer as noções de igualdade, desigualdade, diferença e diversidade, e apresenta sua posição em relação a este multilinguismo; “discute os motivos pelos quais a Terminologia parece indispensável para a sobrevivência das línguas minoritárias e defende a conveniência de organizar o trabalho da Terminologia das línguas minoritárias” (CABRÉ, p. 2002, p. 4).

Para a autora, os falantes de uma língua precisam poder utilizá-la, sem constrangimento, em todas as situações de comunicação, portanto, uma língua sem recursos terminológicos é uma língua incompleta. Nesse âmbito, o trabalho terminológico aplicado tem um o objetivo básico de prover a comunidade falante de unidades apropriadas para a expressão e transferência de conceitos especializados, em situações de comunicação profissionais. Esse objetivo básico conduz a uma produção de inúmeros léxicos, glossários, vocabulários ou dicionários. Para Cabré (2002), o trabalho terminológico em línguas, minoritárias (orais), já se encontra estruturado.

Normalmente, esse trabalho é feito em centros geridos pela administração ou sob a coordenação da administração e é financiado em grande parte com recursos públicos, porquanto forma parte de uma política de promoção da língua da comunidade. São nestes centros que se habilitam mecanismos para validar e normatizar a Terminologia produzida por eles próprios. E, além disso, esses mesmos centros têm serviços de aconselhamento que se propõem a controlar a implantação e disseminação de Terminologia padronizada, principalmente nos casos em que a denominação habitual não coincide com a forma de referência estabelecida (CABRÉ, 2002, p. 7)

A reflexão acima nos conduz diretamente ao tema da equivalência linguística, questão que se relaciona diretamente à caracterização da tipologia dicionário bilíngue. Tal tema torna-se mais complexo quando uma das línguas não tem Terminologia desenvolvida em sua própria cultura, pois para Cabré (2002, p. 5), “as línguas, para serem consideradas línguas de cultura, precisam dispor de recursos terminológicos próprios e não dependerem dos recursos cunhados em outro idioma”.

A questão de complexidade mais crucial para a Lexicográfica bilíngue e bimodal é a coexistência de duas línguas de modalidades distintas, o que torna a equivalência interlinguística, entre as mesmas, complexa, ocasionando questões, muitas vezes, intransponíveis entre as duas culturas. Os estudos que tratam das questões de equivalência linguística intermodal são escassos. No Brasil, encontramos o artigo de Quadros e Souza (2008) e a dissertação de Segala (2010) que “alertam para a necessidade de reconhecimento das zonas fronteiriças de contato e as linhas de diferenças que se fazem, no lugar de tentar neutralizá-las com falso apaziguamento”. Escassas são também as obras que estudam a equivalência linguística entre duas línguas de sinais de diferentes países ou entre duas línguas de sinais dentro de um mesmo país. No Brasil, por exemplo, temos pelo menos duas línguas de sinais: a Libras e a Língua de Sinais dos índios Urubu-Kaapor, da floresta amazônica brasileira, pesquisada por Ferreira-Brito, em 1982.

Embora não seja o foco desta tese cabe registrar que Vilhalva (2009) pesquisadora surda que em sua dissertação de mestrado denominada “Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul”, nas palavras de Vilhalva (2009) a pesquisa “foi realizada numa perspectiva de mapear e registrar, através do olhar de como as línguas de sinais familiares está emergindo no contexto plurilíngue, especificamente nas aldeias Jaguapiru e Bororo das comunidades indígenas do município de Dourados no estado de Mato Grosso do Sul”

Dentre os autores da área de Libras que abordam este tema da equivalência linguística escolhemos o ponto de vista de Segala (2010), autor surdo, que trata da tradução e do problema da equivalência linguística entre línguas orais-auditivas, e línguas de sinais e refere-se à tradução entre línguas de modalidades diferentes como no caso da Língua Portuguesa e da Libras, como tradução intermodal e intersemiótica e interlingual. Segala (2010) desenvolveu sua pesquisa analisando o material didático, utilizado no



programa de ensino a distância que dava suporte ao curso de Bacharelado e Licenciatura Letras-Libras, da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Segundo o autor, a princípio, o que se espera do sujeito que operará esse tipo de tradução é que ele possua o domínio das variações linguísticas, sociais e culturais de cada uma das línguas. Assim como em qualquer tradução deve-se evitar traduções literais, no caso, muito frequentemente, representada por traduções diretas de sinais para palavras em línguas orais. Deve-se, ao contrário, dispor tais elementos linguísticos de forma a fazerem sentido no tipo de sintaxe próprio da língua de chegada.

O excerto a seguir, extraído da dissertação de Segala (2010), é um exemplo de como a tradução de um texto entre línguas de modalidades diferentes pode ser complexa. De fato, é importante observar que muito pouco da ordem sintática do texto original conservou-se na tradução que, neste caso específico representa a ordem com a qual os sinais representativos de cada uma das palavras foram traduzidos.

#### QUADRO 4

##### Comparação de textos

<p>Pai Nosso, que estais no céu, / santificado seja o Vosso nome, / venha a nós o Vosso reino, / seja feita a Vossa vontade / assim na terra como no céu. / O pão nosso de cada dia nos dai hoje, /perdoai as nossas ofensas / assim como nós perdoamos a quem nos tenha ofendido / e não nos deixeis cair em tentação, / mas livrai-nos do mal.</p>	<p>PAI (DEUS LÁ), TER-EXISTE LÁ CÉU, ELE FILHO NÓS, NÓS PAI ELE (SEU-SINAL), SEU NOME É SANTIFICADO-SANTO, (SUPERIOR-PUREZA). ELE REI-REINO, (VEM AQUI), ELE (SUA VONTADE) PRÓPRIA, (CÉU-ANJOS), (TERRA PESSOAS), IGUALDADE. QUANDO NÓS PRECISAMOS-(INTERIOR), BUSCO, BUSCO, BUSCO DEUS NOS DÁ, DÁ, DÁ TODOS OS DIAS. COISAS (ELAS-PESSOAS) ERRADAS, OFENDEM, EU PERDÔO PESSOAS, EU ERRADO, OFENSAS, DEUS ME PERDOA. CAMINHO-RETO, TENTAÇÃO ME TENTA, (EU CAIR-DESVIO-CAMINHO-RETO) DEUS ME PEGA, COLOCA CAMINHORETO QUALQUER-COISA-HÁ M-A-L, DEUS, MÃO-O-OBRA, TIRA-FORA. (SEGALA, 2010, p. 55)</p>
--	--

Fonte: Segala, 2010.

Cabe registrar, que segundo Diniz (2001) a expressão “tradução intersemiótica” foi cunhada por Roman Jakobson em 1959 para conceituar a “transmutação,” ou “interpretação de signos verbais por meio de signos não verbais” e que tal expressão se contrasta com “tradução intralingual” e “tradução interlingual”. Segundo Diniz (2001), semelhante a outros tipos de tradução, a tradução intersemiótica busca equivalentes, ou

seja, procura encontrar um determinado sistema semiótico, de elementos cuja função se assemelhe à de elementos de outro sistema de signos.

Toda tradução irá, portanto, oferecer sempre algo além ou aquém do chamado original, e o sucesso não dependerá apenas da criatividade nem da habilidade, mas das decisões tomadas pelo tradutor, seja sacrificando algo, ou encontrando a todo custo um equivalente. Se nos lembrarmos de que o sentido é o resultado de uma interpretação, de uma leitura, e da função que o texto/tradução terá para a audiência à qual se destina, nunca poderemos avaliar uma tradução com critérios de fidelidade (DINIZ, 2001, p. 10).

Depois das abordagens teóricas, explicitadas nos capítulos 2 e 3, passamos, no próximo capítulo aos procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa.

## CAPÍTULO 4

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 4.1. Constituição do *corpus*

Conforme já mencionado, a pesquisa em questão tem como objetivo a construção de uma obra terminográfica, bilíngüe, bimodal de termos técnicos relativos ao desenho arquitetônico e, portanto, pertencentes às áreas da Arquitetura e da Engenharia, em Língua Portuguesa e Língua Brasileira de Sinais – Libras, doravante LPT e Libras. Para tanto, foi necessária a constituição de um *corpus* de conceitos que seriam traduzidos da LPT para a Libras.

##### 4.1.1. *Corpus* em língua portuguesa

O primeiro *corpus* estabelecido foi o de Língua Portuguesa: selecionamos os termos tidos como mais importantes para o ensino do desenho arquitetônico. Foram selecionados termos extraídos de textos da área da Arquitetura e da Engenharia. Tais textos foram escolhidos para esta pesquisa por terem sido selecionados como material didático da maioria dos cursos técnicos dessas áreas no Brasil, mais especificamente das disciplinas de Desenho Arquitetônico e de Projeto Arquitetônico do curso Técnico em Edificações do CEFET-MG. Os títulos em questão são:

- 1) Desenho Arquitetônico, (MONTENEGRO, G. 1999).
- 2) Arte de projetar em arquitetura (NEUFERT, 2004).
- 3) Desenho arquitetônico (OBERG, 1979).
- 4) Normas Técnicas da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT; Lei nº 9.725, de 15 de julho de 2009, que institui o Código de Edificações do Município de Belo Horizonte.
- 5) Projeto do Curso Técnico da Educação Profissional de Nível Médio Técnico em Edificações Eixo: Infraestrutura, CEFET-MG, Campus II – integrado, BH.2009.

O *corpus* selecionado em Língua Portuguesa conta com, aproximadamente, 413 termos, conforme registrado no relatório do projeto BIC JR (2009). Esses termos referem-se à estrutura da residência unifamiliar<sup>24</sup> e ao ensino do desenho arquitetônico. Para maior sistematização, eles foram divididos em quatro subcategorias que possibilitaram uma

---

<sup>24</sup> Residência *unifamiliar* é aquela que se refere a uma única família.

melhor organização do *corpus*: a) infraestrutura, b) superestrutura, c) acabamento, e d) cobertura.

A escolha de incluir no *corpus* termos referentes ao ensino do desenho arquitetônico justifica-se pelo fato de que esta obra terminográfica deve ser utilizada para a capacitação profissional do sujeito surdo.

Cabe esclarecer que, dos vários tipos de edificações existentes (prédios públicos, condomínios de apartamentos, hotéis, museus, restaurantes etc.), optou-se por escolher os termos referentes ao projeto de uma residência unifamiliar por tratar-se de um objeto conhecido do senso comum.

#### **4.1.2. Corpus em Libras**

A constituição desta obra terminográfica em Libras foi realizada a partir do *corpus* de termos selecionados em LPT. Primeiramente observaram-se quais lexias dentre as selecionadas já figuravam nos principais dicionários existentes, de língua geral, em Libras que são: *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira*, de Capovilla e Raphael (2001) e o *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais/Libras* (INES, 2006). Tais lexias foram inseridas na lista da obra terminográfica. Na etapa seguinte, procedeu-se à criação dos sinais em Libras não existentes para os outros termos do *corpus* em LPT.

O processo de criação de sinais em Libras teve características e etapas específicas. Foram utilizadas várias estratégias a fim de que proporcionassem aos informantes surdos familiaridade com o objeto de estudo que comentaremos a seguir.

1. Considerando que os informantes envolvidos no processo deveriam estar familiarizados com os conceitos da área de especificidade em questão, os mesmos frequentaram as disciplinas de Desenho Técnico<sup>25</sup> e Desenho Arquitetônico<sup>26</sup>, nas salas de aulas regulares do curso Técnico em Edificações.

---

<sup>25</sup> O Desenho Técnico é definido pela NBR 10647 (Abr/1989) e, esta norma, estabelece, dentre outras terminologias, a classificação do desenho segundo o seu aspecto geométrico. Segundo FERREIRA, et al, o desenho técnico pode ser dividido em duas grandes modalidades, Desenhos projetivos e Desenhos não projetivos.

<sup>26</sup> Desenho arquitetônico consiste na representação geométrica das diferentes projeções, vistas ou seções de um edifício ou parte do mesmo, munindo-se de convenções que venham auxiliar na leitura e execução da obra. O projeto arquitetônico é composto de: Planta da situação, Planta de locação, Planta baixa, diagrama de cobertura, Cortes Fachada, Detalhes.

2. Apresentaram-se aos informantes maquetes de sólidos geométricos e maquetes de edificações já construídas.
3. Com o objetivo de ampliar a leitura do *corpus* de termos técnicos em LPT, de maneira tridimensional, foram organizadas visitas guiadas aos prédios dos Campi do CEFET-MG, aos prédios públicos, museus, conjunto arquitetônico da Pampulha, lojas de materiais de construção, lojas de instrumentos de desenho. A estratégia das visitas guiadas constituiu-se como recurso prático para que os informantes que se expressam em uma língua de modalidade visuoespacial, pudessem compreender os conceitos imagetivamente, uma vez que tais termos não existiam em Libras.
4. Com o objetivo de ampliar a compreensão por meio de modelos tridimensionais, foram utilizadas também ferramentas virtuais de desenvolvimento e de representação, tais como o *Sketchup* para modelagem 3D, e jogos, como o *The Sims*. Essas ferramentas refletem aspectos da realidade e contribuem para ampliar a percepção tridimensional dos informantes envolvidos no processo da pesquisa.

#### **4.1.2.1. Projeto BIC JR**

O objetivo principal deste projeto consistia no despertar de estudantes de nível médio, com deficiência auditiva, ou surdos, para a vocação científica, permitindo seu envolvimento em atividades de pesquisa e ampliando sua formação.

Os objetivos inicialmente estabelecidos foram: i) levantar os termos técnicos utilizados no desenho arquitetônico e a existência de uma tradução dos mesmos em Libras; ii) criar os sinais para os termos técnicos que não possuíam uma correspondência em Libras; iii) elaborar uma versão impressa e digital da obra terminográfica contendo os termos definidos.

Esse projeto alinhou-se com o Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, que tem como objetivo apoiar e incentivar a qualificação profissional de professores que com eles atuam. A ideia é que professores e alunos tenham acesso a uma obra terminográfica técnica e a um manual em Libras voltado para a construção civil, possibilitando a viabilização de oficinas, de laboratórios, e de produção de novos materiais didáticos por parte dos professores relacionando teoria e prática. O projeto

constituiu-se em um passo inicial para a melhoria do acesso dos alunos Surdos em cursos profissionalizantes.

O projeto de pesquisa valeu-se da metodologia de pesquisa participante e pesquisa-ação considerando que o público alvo, ali representado pelos bolsistas surdos, eram leigos na área de especialidade do Desenho Arquitetônico. Portanto, a escolha de quais e quantos termos seriam os mais importantes ou suficientes gerou inúmeras discussões e reflexões. Como forma de se ter uma pré-validação dos termos ofereceu-se um curso piloto de Desenho Arquitetônico para vinte e dois alunos surdos. Cabe ressaltar que, segundo Kilian *et al* (2012, p. 278):

raramente, produtos terminográficos são criados a partir do perfil e das necessidades dos aprendizes de uma área de especialidade em determinada situação comunicativa, ou seja, para um público constituído por aqueles que ainda se encontram em um período de formação, seja ela técnica ou acadêmica.

Nos últimos seis anos os projetos de pesquisa bem como as iniciativas em prol do desenvolvimento dos dicionários obtiveram o apoio do CEFET-MG conforme os dados no quadro abaixo

QUADRO 5  
Participação de bolsistas e voluntários nos projetos BIC JR/PIBIC

ANO	BIC JR CEFET	PIBIC CEFET	PII INOVA	PAPIA UFMG	INTÉPRETES CEFET-MG	ESPECIALISTAS DA ÁREA	TOTAL Pessoas
2008	04				01	Arquitetura / Engenharia 02	06
2009		02			01	Arquitetura / Engenharia	02
2010	04	01			01	Arquitetura / Engenharia	05
2011						Doutoranda 01	01
2012	03					Linguística Aplicada / Química 01	04
2013	01		02		01	Linguística Aplicada / Eletrônica - 01	04
2014	02			11	02	Linguística Aplicada / Eletrônica - 01 Registro em vídeo na UFSC 04	18
Todo o tempo	-	-	-	-	-	Fotógrafo e Videomaker 01 Tradutor para inglês 01 Gestão estratégica 01 CEFET-MG.	03
Subtotal	14	03	02	11	03	12	43

No que diz respeito à validação tanto da utilização dos termos quanto a utilização do Manual, já prevista nos projetos de pesquisa BIC JR e PIBIC, o quadro abaixo oferece a dimensão de participação voluntária na proposta de disponibilização do curso de desenho arquitetônico realizado em 2010, conforme apresentamos no Capítulo 1 desta tese (Quadro 1, p'27).

**QUADRO 6**  
Validação Curso de Desenho Arquitetônico para estudantes surdos do ensino médio.  
Mai/Nov. 2010

<b>Validação Curso de Desenho Arquitetônico para Estudantes Surdos do Ensino Médio.</b>					
<b>Mai/Nov. 2010</b>					
DISCIPLINAS 240 h/aulas	C. H	Prof	Locais de realização	Vol.	Total
Fundamentos Informática	20	02	E. E Maurício Murgel	01	02
Libras Instrumental	20	02	E. E. Maurício Murgel		02
Língua Portuguesa	20	02	E. E Maurício Murgel	01	02
Matemática	20	02	E. E. Maurício Murgel	02	02
Relações Interpessoais	20	04	E. E. Maurício Murgel	04	04
Tecnologia Construções	20	02	CEFET-MG Campus I		02
Desenho Arquitetônico	80	02	CEFET-MG Campus II	01	02
AUTOCAD : Desenho Auxiliado	40	02	CEFET-MG Campus II	01	02
Numero alunos	22			11	22
Numero de observadores	04				04
Alunos no mercado trabalho	02				44

#### 4.1.2.2. Seleção de informantes surdos

A seleção de Informantes foi realizada de acordo com as regras do Edital nº 42/08 (BIC JR) DPPG/CEFET-MG, de acordo com os seguintes critérios:

- a. Alunos dos 1º ou 2º anos do nível médio.
- b. Dois alunos em cada projeto.
- c. Preferencialmente Surdos.
- d. Proficiente em Libras.
- e. Alguma proficiência em Língua Portuguesa.
- f. Visão espacial para desenho.

Em setembro de 2008 o projeto passou a contar com um bolsista voluntário, surdo, aluno do Curso Superior de Arquitetura Urbanismo, da PUCMINAS que atuou também como informante. Em fevereiro de 2009, iniciou sua participação como bolsista efetivo no projeto PIBIC *Estudo do desenho universal sob a ótica da sustentabilidade*. Foi inserido também como bolsista PIBIC, neste projeto uma aluna surda do curso de Design gráfico da UEMG. A inserção da mesma justificou-se pelo fato desse projeto buscar também melhores maneiras de editoração e diagramação do ponto de vista do sujeito surdo. Dessa forma estabeleceu-se que a construção de uma obra terminográfica técnica, em Libras, necessitaria de um grupo de interlocutores para que o próprio ato de diálogo entre os informantes oportunizasse o primeiro momento de aplicação e aceite dos sinais propostos. A equipe era composta de nove participantes: quatro bolsistas surdos BIC JR, dois bolsistas PIBIC, um intérprete LPT/Libras, duas professoras orientadoras. Todas as atividades foram realizadas em equipe.

#### **4.1.2.3. Descrição do corpus**

A partir da constatação da não existência da maioria dos termos técnicos da área do projeto arquitetônico, em Libras, procedeu-se a criação dos sinais. Em primeiro lugar os informantes precisavam compreender o conceito em Libras e em LTP, para depois criar o sinal. A criação dos sinais acontecia a partir de ampla discussão entre os informantes surdos juntamente com as especialistas da área.

Mudanças ou variações linguísticas são uma constante em toda e qualquer língua, já que nenhuma língua existe em isolamento, por si mesma. Assim, não é possível estudá-las como algo inerte ou paralisado. Essas variações e/ou mudanças ocorrem, especialmente, pela interação entre os usuários de uma mesma língua ou de outras línguas. Um dos resultados dessas alterações ou modificações são os empréstimos linguísticos.<sup>27</sup> Segundo Higa (1973), baseando-se em Weinreich (1953), a aquisição de novas unidades lexicais se dá pela necessidade prática de nomear algo novo que está entrando em sua cultura/vocabulário/léxico e que já existe em outra. Carvalho (2002) determina:

[...] o mundo, as ciências, as técnicas e os costumes evoluem rapidamente; há urgência de nomear as novidades. Não se podem aguardar resultados de estudos prolongados e, na maioria das vezes, as

---

<sup>27</sup> Trataremos aqui dos casos de empréstimos lexicais conforme classificação de Sandmann (1992).



normas apenas consagram nomes já em uso (CARVALHO, 2002, p. 98)

Além dessa primeira classificação, é importante citar, ainda, outra classificação dos empréstimos, ainda segundo Carvalho:

[...] o termo empréstimo designa uma palavra estrangeira adotada pela língua, *empréstimo externo*, mas também pode ser usado para designar um termo de linguagem especial ou técnica que passou para o uso geral, *empréstimo interno*. (CARVALHO, 1983, p. 44, grifos nossos)

Dubuc também cita essa distinção:

[...] o empréstimo é um fenômeno através do qual se transfere uma unidade léxica de um sistema ou de um subsistema linguístico a outro. Existem dois tipos de empréstimos: o *empréstimo externo*, extraído de um sistema linguístico estrangeiro e o *empréstimo interno*, extraído de subsistemas diferentes dentro do sistema linguístico em questão. (DUBUC, 1999, p. 150-1; grifos é nossos)

Cabe aqui definir, segundo Biderman (2001) *lexia* e *lexema*.

Os *lexemas* se manifestam no discurso através de formas fixas ou variáveis. Esta segunda alternativa é mais frequente em línguas flexíveis e aglutinantes. Assim, em Português, o *lexema* CANTAR pode manifestar-se discursivamente como *cantei, cantavam, cantas, cantando, etc.* O *lexema* menino como *menino* e *meninos*. A essas formas que aparecem no discurso, daremos o nome de *lexia*. (BIDERMAN, 2001, p. 130; grifos da autora).

A partir das referências encontradas em vários autores é possível concluir que *lexia* e *sinal* se correspondem, já que a *lexia* é palavra. Segundo Quadros (2004), a palavra corresponde ao sinal com significado, compreendido também como morfema.

Wilcox e Wilcox (2005, p. 55) apresentam uma interessante reflexão sobre sinal e palavra, da qual extraímos um trecho:

É estranho, portanto, no que diz respeito à ASL, que as pessoas raramente falem de aprender palavras. Ao invés disso, elas falam em aprender sinais, como se os sinais fossem de alguma forma diferentes das palavras. Mas não são. Sejam faladas, escritas ou sinalizadas, as palavras são blocos de construção que formam a base das línguas. Nós não usamos nomes diferentes para palavras escritas, em oposição às palavras faladas (nós poderíamos chamar as palavras escritas de escritos, por exemplo). Talvez, para nossos alunos, essa Terminologia confusa deva ser abandonada. Devemos começar a chamar as palavras sinalizadas do que elas realmente são: palavras.

Todas as afirmações linguísticas acima lembradas fazem parte da estrutura construtiva das línguas orais, mas também são perceptíveis nas línguas espaço-visuais, como é o caso da Língua Brasileira de Sinais. Podemos perceber o surgimento de empréstimos de

*característica externa*, bem como empréstimos de *característica interna* na Libras. Citemos alguns exemplos do segundo caso; a saber, as unidades léxicas.

a) **Engenharia de Produção.**

Temos já dicionarizada a lexia *Engenharia*. Essa lexia já faz parte do vocabulário geral ou comum dos surdos usuários de Libras.



FIGURA 25 – Engenharia (Dicionário de Língua Geral)

Porém, com o advento dos surdos no círculo acadêmico, surge a necessidade de incorporar a esse vocabulário geral lexias terminológicas, como, por exemplo, a nomeação de cursos superiores ou técnicos específicos. É o caso da lexia *Engenharia de Produção*, que foi assim descrita, como na FIG. 26.

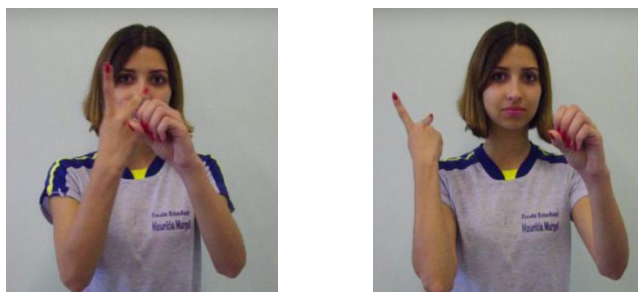


FIGURA 26 – Engenharia de Produção (termo)

Nesse caso, mantiveram-se do sinal já dicionarizado parâmetros como o movimento, a direcionalidade e o ponto de articulação, o que reflete característica do empréstimo interno; pois, a criação do sinal *Engenharia de Produção* acompanha características do sinal *Engenharia*. Mas, as mudanças refletem também o empréstimo externo – oriundo da Língua Portuguesa. A Libras se apropriou da Língua Portuguesa ao definir como parte do neologismo a letra P (referente à inicial do tipo específico da engenharia em questão) para determinar o hipônimo<sup>28</sup>.

<sup>28</sup> **Hiperônimo** é uma palavra que apresenta um significado mais abrangente do que o do seu **hipônimo** (vocabulário de sentido mais específico). É o que acontece com as palavras **doença** e **gripe** – doença é hiperônimo de gripe porque em seu significado contém o significado

b) *Espelho*

A lexia com o significado de “*espelho*”, forma genérica que já se encontra dicionarizada, refere-se à superfície de vidro recoberta por uma película metálica, que reflete as imagens.



FIGURA 27 – Espelho (Dicionário de Língua Geral)

No entanto, *espelho* no caso do desenho arquitetônico refere-se a um dos componentes do degrau de uma escada que se dividem em piso e espelho. *Espelho* refere-se então ao componente vertical do degrau. Trata-se de uma lexia ainda não dicionarizada, em Libras e segue o padrão de formação baseado na iconicidade.



FIGURA 28: Espelho (termo)

c) *Janela*

Temos já dicionarizada a lexia *Janela*. Veja:

---

de gripe e o significado de mais uma série de palavras como dengue, malária, câncer. Então se conclui que gripe é hipônimo de Doença. A relação existente entre **hiperônimo** e **hipônimo** é fundamental para a coesão textual.



FIGURA 29 – Janela (Dicionário de Língua Geral)

Essa lexia já faz parte do vocabulário geral ou comum dos surdos usuários de Libras. No âmbito da arquitetura e da engenharia temos diferentes *tipos de janelas*, de acordo com suas propriedades. Os tipos de Janelas são: Janela de batente, Janela de correr, Janela de sacada, Janela guilhotina, Janela persiana horizontal, Janela persiana vertical, Janela com caixilhos fixos.

Nesse caso, a lexia *Janela*, já dicionarizada, passa atuar como lexema ou morfema-base, para a especificação dos tipos de janela. Tomemos como exemplo o termo criado “Janela de batente” no qual foi utilizado o lexema janela mais a lexia “*batente*”

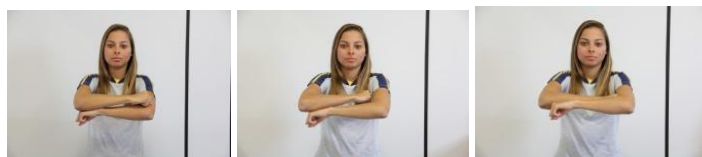


FIGURA 30 – Janela de batente (termo)

Seu processo de produção é embasado na iconicidade, isto é, uma imagem é mais icônica que outra na medida em que tem mais propriedades comuns com o esquema perceptivo do próprio objeto. À medida que a imagem revela semelhanças com o objeto representado facilita ao interlocutor sua codificação. Os parâmetros formadores do sinal “Janela de batente” em sua imagem e movimento revelam nitidamente a função do detalhe da janela.

“Batente”, em língua portuguesa, pode ser definido como *Rebaixo onde a porta ou a janela encaixam-se ao fechar. A folha que fecha primeiro, na porta ou janela.*<sup>29</sup>

#### d) *Planta*

As duas acepções do sinal para a lexia planta, dicionarizados, não contemplam a especificidade do ensino do desenho arquitetônico. Trata-se de um mesmo sinal utilizado para planta e para arquitetura, veja FIG. 31.

<sup>29</sup> <http://www.geocities.ws/andrepcgeo/dicionarioB.htm>



FIGURA 31 – Planta (Dicionário de Língua Geral)

O sinal da FIG. 32 foi criado para significar *planta* na acepção necessária ao ensino do desenho arquitetônico.



FIGURA 32 – Planta (termo)

Esse será o sinal que se constituirá como lexema, ou morfema-base, para as outras acepções de *planta* existentes no projeto, tais como “planta de cobertura”, “planta de situação”.

Segundo Faria-Nascimento (2009, p. 97)

palavras já constituídas na LSB, tanto no domínio da língua comum quanto no domínio da linguagem de especialidade, podem se transformar em base para a produção de novas palavras e, conseqüentemente, para o preenchimento de lacunas lexicais e terminológicas em LSB. Como visto na análise do corpus (que trata dos morfemas-bases), esse mecanismo morfológico é bastante produtivo na expansão terminológica.

#### 4.1.2.3 Formação de Palavras, ou Sinais, em Libras.

A partir de estudos desenvolvidos no CEFET-MG E na UFMG produzimos uma rede semântica a partir da lexia *casa* com o objetivo de estudarmos a formação de palavras ou sinais em Libras.

As lexias coletadas a partir da palavra *casa* têm diferentes processos de formação. De Souza e Lima e Salviano optaram por descrever/analisar dez das muitas lexias que compõem a rede semântica da lexia *casa*. A discriminação das escolhidas foi feita pela escolha do grupo de configuretos que cada uma delas faz parte.<sup>30</sup> Como a classificação

<sup>30</sup> Os sinais são formados a partir da combinação de cinco parâmetros bases. Entre eles temos a chamada configuração de mãos (CM) que são organizados em grupos de semelhança de modo a facilitar a identificação, localização e remissão das mesmas. Usamos aqui os critérios de classificação de dez

revela dez grupos de configuoretos, selecionamos uma palavra de cada um desses grupos representantes da configuração de mãos (CM).

Analisemos as dez lexias escolhidas:

- **Céu\_** grupo: 01; CM: 11
- **Sol\_** grupo: 02; CM: 31

As lexias acima são exemplos de empréstimos da língua portuguesa pelo processo de transliteração de todas ou algumas letras. Essa transliteração é denominada nas línguas de sinais como *datilologia*, isto é, a representação do alfabeto manual. Obviamente que como todo processo de empréstimo linguístico, a língua receptora aporta algumas modificações, quer gráficas, quer fonéticas, etc. Isso não é diferente nas línguas de sinais. Considere os exemplos acima mencionados. Inicialmente, os sinais eram a datilologia completa das palavras em português: [C-E-U], realizado sob a cabeça do sinalizador, evidenciando o espaço, e com movimento abrindo para a esquerda afastando as mãos; e [S-O-L], realizado sob a lateral da cabeça do sinalizador, evidenciando o espaço, em um movimento rotacional. Com a utilização recorrente, todavia, esses sinais sofreram adaptação para melhor fluência em língua de sinais. Ambos mantiveram o movimento e a evidência de espaço, porém, foram estruturalmente modificados. Veja: [C-E-U] perdeu as duas últimas letras, sendo realizado apenas pela primeira [C] e [S-O-L] se modificou de modo a suprimir a segunda letra da palavra, se tornando [S-L].



Figura 33: Céu (Dicionário de Língua Geral)



Figura 34: Sol (Dicionário de Língua Geral)

- **Cadeira\_** grupo: 03; CM: 33

O sinal referente ao substantivo *cadeira* é formado a partir do processo denominado derivação zero. Felipe (2006) descreve o processo de derivação zero para os itens lexicais com formas que são diferenciadas somente a partir da sua função no contexto linguístico onde está inserida e, quando estão na função de verbo, possuem a incorporação do instrumento implícito. Por exemplo, *cadeira/sentar*; *tesoura/cortar* com tesoura; *vida/viver*; etc. O sinal para o substantivo *cadeira* é semelhante ao sinal para o verbo *sentar*. Sua formação a partir da chamada derivação zero exige que o interlocutor alcance a carga semântica da lexia a partir do contexto no qual aquele sinal foi produzido. O nome *cadeira* terá a sua incorporação semântica do instrumento representado, isto é, sua significação nominal está semanticamente implícita na raiz do sinal<sup>31</sup> evidenciando seu caráter de instrumento. Essa é uma característica de incorporar o aspecto semântico do instrumento é percebido também na língua portuguesa, como relembra Felipe (2006) citando como exemplo os verbos *capinar*, *martelar*, *parafusar*, etc.



Figura 35: Cadeira (Dicionário de Língua Geral)

- **Abrigar\_** grupo: 04; CM: 42
- **Fogão\_** grupo: 07; CM: 56
- **Cama\_** grupo: 10; CM: 70

<sup>31</sup> Os cinco principais parâmetros de formação dos sinais são: configuração de mãos (CM); direcionalidade (D); movimento (M); ponto de articulação (PA) e Expressões faciais e corporais (EF/EC). Segundo Felipe (1998), esses parâmetros atuam como morfemas lexicais ou gramaticais que podem ser, diferentemente, uma raiz/radical (M), um afixo (alterações em M e CM) e uma desinência, ou seja, uma marca de concordância número pessoal (D) ou de gênero (CM).

Felipe (2006) descreve o processo de expressão linguística através das produções miméticas como estrutura frasal:

O processo mimético transforma a mímica em uma forma linguística que representa iconicamente o referente a partir dos parâmetros de configuração sígnica e da sintaxe da língua. Na verdade, não se faz a mímica simplesmente, esta é incorporada pela língua e se estrutura a partir dos parâmetros de cada língua de sinais, como as onomatopeias nas línguas oral-auditivas. Assim, a mímica é a substância do plano de expressão que, a partir das regras fonomorfo-sintáticas, gera a forma do plano de expressão. (Felipe, 2006, p. 206)

Esse processo gera inúmeras lexias nas línguas, inclusive nas línguas de sinais. É o caso da lexia *fogão* e *abrigar* mencionadas na rede semântica analisada neste artigo. Seu processo de produção é embasado na iconicidade, isto é, uma imagem é mais icônica que outra na medida em que tem mais propriedades comuns com o esquema perceptivo do próprio objeto. À medida que a imagem revela parecer com o objeto representado facilita ao interlocutor sua codificação. Os parâmetros formadores do sinal *fogão* revela nitidamente uma trempe em chamas. Mesmo não sendo proficiente em Libras é fácil para qualquer indivíduo alcançar a carga semântica dessa lexia. Isso também acontece com a lexia *abrigar* que tem por sinal uma referência icônica de um indivíduo entrando sob um ‘teto’; essa imagem passa a ideia semântica do classificador que se tornou o sinal para esse verbo. A formação de *cama* também passa por esse processo; a saber, o mimético. O sinal para essa lexia evidencia a forma do objeto referente.

É importante lembrar que um sinal pode ser realizado de acordo com a característica daquilo que se refere, mas, de acordo com Strobel & Fernandes (1998), isto não é uma regra, já que a maioria dos sinais em Libras é arbitrário, ou seja, não mantém uma relação de similitude com o referente.



Figura 36: Abrigar  
(Dicionário de Língua Geral)



Figura 37: Fogão  
(Dicionário de Língua Geral)



Figura 38: Cama  
(Dicionário de Língua Geral)



- **Sobrinho/Sobrinha\_** grupo: 05; CM: 47

A formação das lexias *sobrinho/sobrinha* acontece pelo processo denominado por Silva e Sell (2008) como composição *aparente* por justaposição de dois itens lexicais. Por que chamar de composição aparente? Bem, inicialmente podemos classificar a composição por justaposição como a presença de dois sinais que formam uma terceira forma livre. Para formar *sobrinho/sobrinha* é preciso o uso de dois itens lexicais: um item lexical que será o marcador de gênero e depois um segundo item lexical indicativo do grau de parentesco. Assim teremos a seguinte fórmula linguística:

Sobrinho: homem + sobrinh@

Sobrinha: mulher + sobrinh@

Porém, essa não é uma composição por justaposição efetiva por algumas justificativas. Por exemplo, embora a ordem mais comum seja [HOMEM + N] ou [MULHER + N], a ordenação entre os sinais pode variar invertendo-se as lexias formadoras dessa única forma livre. Segundo Silva e Sell:

O fato de a ordem ser variável depõe contra a hipótese da composição, onde a ordem dos elementos componentes é invariável. Além disso, a aposição dos sinais HOMEM ou MULHER na libras em geral não é obrigatória, pois é possível usar sinais como CRIANÇA, BEBÊ, JOVEM, IRM@ sozinhos na língua, sem qualquer referência ao sexo do referente. Assim, embora num primeiro momento este pudesse ser um caso de composição nessa língua, a formação final não parece se constituir como um composto de fato, já que a aposição não é obrigatória e apresenta ordem variável. (Silva e Sell, 2008)

Assim, os sinais formados com indicação de gênero serão a partir de processos que evidenciam uma composição aparente, isto é, uma característica generalizada de composições por justaposição, mas com outras evidências um tanto livres e variáveis.



Figura 39: Homem / Mulher: marcação de gênero  
(Dicionário de Língua Geral)



Figura 40: Sobrinh@  
(Dicionário de Língua Geral)

- **Escola\_** grupo: 06; CM: 51

Mencionemos um exemplo que designa composição por justaposição denominada ‘verdadeira’ ou ‘pura’. Uma área bastante produtiva de justaposição de sinais em libras para cunhar novos itens lexicais é a formação de sinais que designam locais/instituições/estabelecimentos, gerados a partir da matriz lexical [CASA + N/V]. Esse é o processo formador da lexia *escola*, uma lexia semanticamente simples que se forma por [CASA + ESTUDAR]. Nesse caso, observamos a ordem fixa e a obrigatoriedade dos dois sinais, que neste caso também existem como formas independentes na língua. Mas surge a pergunta: qual das lexias formadoras do sinal *escola* pode ser considerada o núcleo do composto? A essa altura é importante lembrar a escassez de instruções teóricas no que diz respeito à classificação da classe gramatical dos sinais na Libras. Podemos estabelecer duas aplicações. A primeira a partir de Silva e Sell (2008) em seu trabalho sobre língua de sinais e a segunda a partir de Biderman (2001) em seu trabalho sobre a língua portuguesa. Veja:

Por conta da incerteza sobre a classe gramatical dos sinais em libras, não podemos lançar mão do critério morfológico para estabelecer qual é o núcleo do composto; parece mais seguro nos fiarmos no critério semântico para determinar o núcleo dos compostos [...]. Como todos eles se referem a um lugar/local (para estudar, por exemplo), pelo critério semântico, o núcleo deste tipo de compostos está à esquerda. E mesmo que um estudo mais completo da ordem de palavras em libras ainda esteja por ser feito, a ordem observada nos compostos espelha a ordem que observamos no sintagma nominal, que parece ser DM-DT. (Silva e Sell, 2008, p.22)

Assim, segundo as autoras, propõe-se o núcleo de compostos referentes a estabelecimentos/locais como sendo a lexia imutavelmente à esquerda, isto é, CASA. Para ampliar a visão linguística nessa análise, é possível estabelecer critérios da língua oral nas línguas de sinais. É por isso que também mencionamos Biderman. Em Biderman (2001), encontramos que a análise morfêmica é adequada na descrição do corpus de uma língua flexível, tais como o Português, o Latim e o Turco e nessas línguas pode-se considerar os morfemas como constituintes imediatos dos lexemas. A autora toma como exemplo a família de palavras, em português, que integram o campo semântico de **claro**; admitindo que a raiz **clar-**, presente em todas as palavras abaixo, portam o mesmo substrato semântico em cada um desses vocábulos:

*Claro, Clareza, Claridade, Claramente, Clarear, Clarificar, Esclarecer*

A partir das considerações de Biderman, podemos estabelecer, em línguas de sinais, um processo de formação de palavras semelhante aos das línguas orais, a saber; a partir de uma raiz (lexema) com substrato semântico singular, o acoplamento de morfemas diversos acabará por definir o caráter da lexia formada a partir do lexema/raiz.



Figura 41: Escola (Dicionário de Língua Geral)

- **Casarão**\_ grupo: 08; CM:62

A formação de palavras formadas a partir do acréscimo de afixos à raiz, como é o caso dos diminutivos e aumentativos, tem processo, inicialmente diferente do processo formador dos mesmos nas línguas orais. Isso se justifica porque as línguas de sinais não possuem afixos como o são nas LO. Como assim? Nas línguas orais, sufixos e prefixos são morfemas denominados *presos*, isto é, não constituem sozinhos uma lexia, sendo necessário estarem associados a outro(s) morfema(s) para produzirem uma lexia com sentido. As línguas de sinais também produzem lexias a partir da modificação por afixos da raiz. Porém seus afixos não são formas *presas*, pois o que os constituem são sinais com significado próprio: por exemplo, sinais como *pequeno*, *mínimo*, etc retratam sufixos de caráter diminutivo; assim como sinais como *grande*, *imenso*, *maior*, etc retratam sufixos de caráter aumentativo. Contudo, é importante salientar que serem formas simples não significa que estão atuando como tal. Nos casos como o exemplo retirado da rede semântica produzida, a saber, **casarão**, formado por [CASA + GRANDE], a lexia GRANDE, embora seja uma forma livre, não atua como tal nesse caso. Servindo como sufixo para a raiz CASA está preso a esse lexema que recebe variação.



Figura 42: Casarão (Dicionário de Língua Geral)

- **Brincar** \_ grupo: 09; CM: 68

A formação do verbo *brincar* não está ligada a um processo específico como a composição, derivação, aglutinação, etc. Assim como acontece com grande parte das lexias em línguas de sinais, que são elaboradas de modo arbitrário, o verbo *brincar* não tem características icônicas ou passa por maiores elaborações como variações, flexões ou variações; antes, atua como lexema passível de receber processos para novas formações como *brincadeira*, *brincaram*, *brincalhões*, etc.



Figura 43: Brincar (Dicionário de Língua Geral)

Percebemos que nos atuais dicionários: tanto o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira - Vol 1 e 2 Vol. 2 vols de 2001* quanto o *Dicionário Digital da Libras* do INES, de 2006, não há informações relevantes que permitam preencher plenamente uma ficha terminográfica ou lexicográfica do ponto de vista dos três parâmetros das línguas de sinais; a saber, a *locação* (ou ponto de articulação), a *configuração de mãos* e o *movimento*. Por exemplo, não encontramos, nesses dicionários, informações sobre todos os sinais ali registrados. Não há, a título de exemplo, discriminações efetivas se os sinais têm ou não movimento ou sobre a orientação da palma da mão para tais.<sup>32</sup> Em WELKER, que traça “*um breve histórico da lexicografia brasileira, tanto muito sucintamente – da lexicografia teórica, ou metalexicografia, quanto da lexicografia prática, mais exatamente dos dicionários brasileiros, restringindo-me aos grandes dicionários gerais*”, compreendemos a

<sup>32</sup> Inserimos, em anexo, um exemplo de preenchimento da ficha terminográfica em língua de sinais com a palavra *casa*.

importância de se realizar um estudo metalexigráfico dos dicionários em Libras ou mesmo em ASL que é certamente a língua de sinais mais estudada no mundo.

## 4.2. Fichas lexicográficas

Para que possamos ampliar ou reduzir nosso banco de dados Lexicográficos, construímos fichas Lexicográficas. Antes de detalhar essas fichas, realizamos algumas reflexões.

→ A fonologia é o campo da linguística que estuda os menores elementos linguísticos capazes de gerar diferenciação entre palavras. Em línguas orais, tais elementos são representados pelos fonemas específicos de cada língua capazes de diferenciar uma palavra de outra. As línguas de sinais também possuem elementos mínimos capazes de diferenciar sinais pela mudança de apenas um destes elementos. Por se tratar de uma língua de modalidade visuoespacial, tais elementos, denominados fonemas em línguas orais, são de natureza icônica e também são compostos por um conjunto de propriedades distintivas. Não podendo ser analisados isoladamente, os assim chamados Parâmetros das Línguas de Sinais constituem os morfemas das línguas de sinais assim como o fazem os fonemas em línguas orais.

→ Os parâmetros reconhecidos pelas línguas de sinais são: configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da mão, expressões faciais e expressões corporais. Em termos fonológicos, isso significa dizer que, por exemplo, uma mesma configuração de mão, se articulada em localizações diferentes, ou que apresente movimentos diferentes, ou que produzida com uma orientação diferente, poderá produzir sinais com significados diferentes.

→ O primeiro parâmetro fonético das línguas de sinais é a Configuração de mão. Trata-se simplesmente da forma que a mão assume na realização de um determinado sinal. A pesquisadora Stumft utiliza dez grupos de configuração de mão e cada grupo tem suas configurações específicas totalizando 261 configurações. Portanto, com o *SignWriting* podemos realizar a busca através de um símbolo das configurações de mão diferentes usadas em línguas de sinais, sendo que 26 dessas representam também o alfabeto manual, usado no processo de datilologia.

→ O parâmetro do Ponto de Articulação, também conhecido como Localização, indica a área do corpo do falante ou o espaço neutro, em que o sinal é produzido. O espaço de enunciação do falante, portanto, é limitado pelo raio de alcance de suas mãos. Existem, no entanto, quatro locações específicas reconhecidas pela fonologia das línguas de sinais, e dizem respeito a qual parte do corpo a mão do falante toca quando o sinal está sendo articulado, a saber: cabeça, mão, tronco e espaço neutro, quando as mãos não tocam nenhuma parte do corpo e o sinal é produzido “no ar”.

→ O parâmetro do movimento procura descrever o deslocamento da mão do falante no espaço na produção de um sinal. Esse parâmetro pode ser dividido em três diferentes direcionalidades: unidirecional, quando o sinal gesticulado apresenta apenas um movimento; bidirecional, quando o sinal gesticulado apresenta dois movimentos diferentes, podendo ser feitos por uma ou por ambas as mãos; e multidirecional, quando o sinal gesticulado apresenta mais de dois movimentos. Esse parâmetro também especifica tipos diferentes de movimento como o movimento retilíneo, quando a mão percorre uma trajetória em linha reta em seu movimento; o movimento helicoidal, quando a mão percorre uma trajetória em espiral em seu movimento; o movimento circular, quando a mão percorre a trajetória de um círculo em seu movimento; o movimento semicircular, quando a mão percorre a trajetória de um semicírculo; o movimento sinuoso, quando a mão percorre uma trajetória de curvas subsequentes; e o movimento angular, similar ao sinuoso, quando a mão percorre uma trajetória de ângulos de 90 graus.

→ O parâmetro da orientação da mão indica a direção para a qual a palma da mão do falante está voltada no momento da execução de um determinado sinal. As orientações da mão descritas pela fonologia das línguas de sinais são: para frente, para trás, para a esquerda, para a direita, para cima e para baixo.

→ O parâmetro das expressões não manuais inclui ambos os parâmetros de expressão facial e expressão corporal. Este parâmetro é representado por movimentos apresentados por um determinado sinal além daqueles já executados pelas mãos, como pela face, olhos, cabeça e tronco. Esse parâmetro possui duas funções nas línguas de sinais. A primeira função é a

de marcação de construções sintáticas como sentenças interrogativas, orações reativas, topicalizações, concordância e foco. A segunda função é a de diferenciação de itens lexicais, marcando referências específicas, referência pronominal, partículas negativas, advérbio, grau ou aspecto.

Passemos às fichas Lexicográficas.

Inicialmente, para cada um dos termos, construímos uma ficha Léxicográfica, nos moldes desta que apresentaremos a seguir (QUADRO 5). Essa ficha mostra informações específicas sobre o termo analisado e atende às especificidades do registro em Libras ou das línguas de sinais, em geral. Depois de preenchidas as fichas, teremos registros para a confecção e à organização dos verbetes. Pressupomos que a descrição dos sinais valendo-se dos recursos desta ficha, poderá se constituir como a descrição fonética da língua de sinais.

#### QUADRO 7

##### Modelo de Ficha

(1) Ficha Léxico-terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número:	
(2) Termo:		(3) Categoria:	
(4) Classe gramatical:			
(5) Definição em português:			
(6) Utilização do termo em uma frase			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia):			
(8) Fotos do sinal:			
(9) Escrita de sinais ( <i>SignWriting</i> ):			
(10) Quantidade de mãos:			
(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo:	(a.2) Número:	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(a.2) Grupo:	(b.2) Número:	
(c) Tipo de ação da mão (direita):			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)			
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:		(h) Movimento:	
(i) Expressão facial:		(j) Expressão corporal:	
(12) Parâmetros do sinal (término do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo:	(a.2) Número:	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(a.2) Grupo:	(b.2) Número:	
(c) Tipo de ação da mão (direita):			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)			
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:		(h) Movimento:	
(i) Expressão facial:		(j) Expressão corporal:	

A seguir, especificaremos cada campo desta ficha.

- 1) **Título da ficha:** indica o nome do projeto em questão.
  - a) **Número:** indica o número de registro da ficha.
- 2) **Termo:** esse campo indica o nome do termo em Português que será analisado na ficha em questão. O vocábulo aparece na forma encontrada nos dicionários de Língua Portuguesa. Sugerimos, também, como se trata de um campo terminológico que o termo venha traduzido para o Inglês.
- 3) **Categoria:** indica a categoria à qual o termo pertence dentro das categorias estabelecidas para a obra terminográfica em questão.
- 4) **Classe gramatical:** indica a classe gramatical do termo em Português.
- 5) **Definição em Português:** significado do termo em português como é encontrado em dicionários. As definições oferecem a identificação do termo somente com referência ao sistema conceitual do desenho arquitetônico.
- 6) **Utilização do termo em uma frase.**
- 7) **Formação da palavra ou sinal na Libras. (Morfologia):** indica a categoria morfológica de cada sinal.
- 8) **Fotos do sinal:** mostra as fotos que indicam a progressão dos movimentos que constituem o sinal.
- 9) **Escrita de sinais (*Sign Writing*):** mostra a representação do sinal em escrita de sinais.
- 10) **Quantidade de mãos:** indica quantas mãos estão envolvidas na expressão do sinal.
- 11) **Parâmetros do sinal (início do sinal):** essa seção indica as características do sinal no momento em que ele começa a ser executado.
  - a) **Configuração de mão direita:** indica a configuração da mão direita do sinal em questão conforme Barreto e Barreto (2012).
    - i) Indica o grupo específico do sinal.
    - ii) Indica o número específico da configuração de mão, dentro do grupo em questão.
  - b) **Configuração de mão esquerda:** indica a configuração da mão esquerda do sinal, em questão, conforme Barreto e Barreto (2012).
    - i) Indica o grupo específico do sinal.
    - ii) Indica o número específico da configuração de mão, dentro do grupo em questão.



- c) **Tipo de ação da mão direita:** indica se a mão direita tem papel ativo ou passivo no sinal, em questão.
  - d) **Tipo de ação da mão esquerda:** indica se a mão esquerda tem papel ativo ou passivo no sinal em questão.
  - e) **Orientação da palma direita:** incide a orientação da palma da mão direita podendo ser: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita ou para a esquerda.
  - f) **Orientação da palma esquerda:** indica a orientação da palma da mão esquerda podendo ser: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita ou para a esquerda.
  - g) **Ponto de articulação:** indica a região espacial em que o sinal é executado em relação ao corpo do falante.
  - h) **Movimento:** indica se o sinal apresenta ou não movimento.
  - i) **Expressão facial:** indica se o sinal apresenta ou não expressão facial.
  - j) **Expressão corporal:** indica se o sinal apresenta ou não expressão corporal.
- 12) **Parâmetros do sinal** (final do sinal): esta seção indica as características do sinal no momento em que ele termina de ser executado.
- i) **Configuração de mão direita:** indica a configuração da mão direita do sinal em questão, conforme Barreto e Barreto (2012).
  - ii) Indica o grupo específico do sinal.
  - iii) Indica o número específico da configuração de mão dentro do grupo em questão.
  - iv) Configuração de mão esquerda: indica a configuração da mão esquerda do sinal em questão conforme Barreto e Barreto (2012).
  - v) Indica o grupo específico do sinal.
  - vi) Indica o número específico da configuração de mão dentro do grupo em questão.
- b) **Tipo de ação da mão direita:** indica se a mão direita tem papel ativo ou passivo no sinal em questão.
  - c) **Tipo de ação da mão esquerda:** indica se a mão esquerda tem papel ativo ou passivo no sinal em questão.
  - d) **Orientação da palma direita:** indica a orientação da palma da mão direita podendo ser: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita ou para a esquerda.

- e) **Orientação da palma esquerda:** indica a orientação da palma da mão esquerda podendo ser: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita ou para a esquerda.
- f) **Ponto de articulação:** indica a região espacial em que o sinal é executado, em relação ao corpo do falante.
- g) **Movimento:** indica se o sinal apresenta ou não movimento.
- h) **Expressão facial:** indica se o sinal apresenta ou não expressão facial.
- i) **Expressão corporal:** indica se o sinal apresenta ou não expressão corporal.

#### 4.2.1. Obras Lexicográficas consultadas

Como, no Brasil, temos apenas dois dicionários em Libras, várias obras que fazem referência ao Léxico, em língua de sinais foram consultadas, tais como teses, dissertações, artigos e sítios nacionais e internacionais.

A partir da escolha dos principais termos que permitiriam uma melhor compreensão do projeto arquitetônico pelos surdos, os informantes/bolsistas, com o objetivo de saber se os termos já existiam em Libras, consultaram os dois dicionários, de língua geral, ambos bilíngues, Libras Português<sup>33</sup>: o Capovilla e Raphael (2001), edição impressa, online, disponibilizado pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos, INES.

O Dicionário de Engenharia Civil e de Construção Civil, que TRINDADE (2001) publica *online* no qual se encontra o significado de termos da Engenharia Civil e de Construção Civil, traduzidos para o Inglês, Francês, Espanhol e Alemão, no endereço <http://www.engenhariacivil.com/dicionario/>, é referência importante para a área específica da Engenharia Civil.

Dentre os principais *sites* internacionais que tratam de dicionários em língua de sinais consultamos:

1. O Dicionário Terminológico em LGP – Projecto do Centro de Investigação Interdisciplinar em Saúde (CIIS) do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa. Pretendem-se com este projeto, fazer propostas terminológicas gestuais no que respeita a Terminologia científica e

---

<sup>33</sup> <http://www.acessobrasil.org.br/Libras/>

técnica que faz parte da Licenciatura em Língua Gestual Portuguesa, a PRO\_LGP e difundi-las pela comunidade de gestuantes de LGP, em Portugal<sup>34</sup>.

### 4.3. Macro e Microestrutura da obra terminográfica

Segundo Haensch (1982, p. 457), um dicionário se compõe, geralmente, das seguintes partes:

- a) parte introdutória;
- b) corpo do dicionário; e
- c) anexos.

É segundo Barros (2004) um universo único, com características próprias, permitindo incontáveis e imprevisíveis modelos de Macro e Microestruturas.

#### 4.3.1 A Macroestrutura

Para Haensch (1982, p. 452), o elemento mais importante da Macroestrutura de um dicionário é a ordenação dos materiais léxicos que podem ser:

- a) por ordem alfabética;
- b) por ordem alfabética inversa; e
- c) por famílias de palavras ou segundo um sistema conceitual.

Em se tratando da Macroestrutura dos glossários bilíngues e multilíngues, Barros (2004) aponta as características abaixo relacionadas:

- 1) a lista de entrada é em ordem alfabética; esta é organizada no sentido vertical;
- 2) a obra compõem-se de pelo menos duas partes: uma com a Língua de Partida, LP, A e Língua de Chegada, LC, B e outra, seguindo o percurso inverso; e
- 3) a Microestrutura contém a entrada em LP e seus equivalentes em LC.

---

<sup>34</sup> The sign language dictionary. Spread the sign is an international web based translation tool for sign language. The tool increases the accessibility to other sign languages and simplifies the exchange between sign language users in the world. The home page [www.spreadthesign.com](http://www.spreadthesign.com) facilitates and is helpful for contacts between deaf and hearing people, and for users of different sign languages in the world. <http://www.signlanguage.eu/>. (<http://pro-lgp.com/dicionario/>)

DGS Corpus is a long-term project of the Academy of Sciences in Hamburg for the documentation of and research on German Sign Language (DGS). The aim is to collect sign language texts from Deaf people and to present parts of them as a public corpus. (<http://www.sign-lang.uni-hamburg.de/dgs-korpus/index.php/welcome.html>)

Em se tratando de um glossário bilíngue (LPT/Libras) e bimodal (oral-auditiva/visuo/espacial) como o que se propõe, destacam-se características ainda mais particulares. Cabe aqui citar a TCT – Teoria Comunicativa da Terminologia (CABRÉ, 1999 (*apud* BARROS e TELES, 2010, p. 268), que “permite que a organização da aplicação terminológica seja variável em função do público-alvo do produto, o que possibilita diversos tipos de ordenação (temática, alfabética, múltipla, navegação hipertextual)”

A constituição do *corpus* desta pesquisa proporciona a compilação de lexias criadas no projeto de pesquisa. O *corpus* da “Obra Terminográfica Bilíngue Bimodal Língua Oral/Língua de Sinais do Ensino do Desenho Arquitetônico” está organizado em ordem alfabética tendo como Língua de Partida, LP, a Língua Portuguesa, LPT, e a Língua de Chegada, LC, a Libras. Tal medida justificou-se pelo fato de que se fosse escolhida como Língua de Partida a Libras, as entradas ou lemas precisariam estar em ordem de configuração de mãos o que dificultaria o processo de consulta tanto por parte do público surdo quanto do público ouvinte. Recomenda-se que *Obra Terminográfica Bilíngue Bimodal Língua Oral/Língua de Sinais do Ensino do Desenho Arquitetônico* seja impressa em meio digital.

Em sua edição *online* deverá oferecer três sistemas de busca:

1. Ordem alfabética
2. Por Configurações de Mãos, CM;
3. Pelo percurso onomasiológico (Considerando as quatro subcategorias explicitadas no Capítulo 06, no Quadro Geral de Classificação).

Segundo Babini, o dicionário onomasiológico caracteriza-se por permitir a busca de uma unidade lexical ou terminológica a partir de seu conteúdo semântico. Haensch *et al*, (1982, p. 165) reitera a importância desse modelo quando afirma que:

a ordenação onomasiológica tem como ponto de partida os significados, os quais, por sua vez, podem ser classificados segundo diferentes métodos. Haensch alerta que é um erro crer que a ordenação onomasiológica equivale forçosamente a uma classificação alfabética.

#### **4.3.2 A Microestrutura**



A Microestrutura trata da organização das informações no verbete. O verbete, ou artigo Lexicográfico é considerado a unidade mínima na organização de um dicionário.

Conforme as informações registradas na Ficha Léxico-terminográfica a microestrutura da obra Terminográfica *Bilíngue Bimodal Língua Oral/ Língua de Sinais do Ensino do Desenho Arquitetônico* será conforme o modelo abaixo:

Quadro 8  
Forma do Verbetes

<p><b>Forma do Verbetes</b></p> <p><b>LEXIA</b> - (não dicionarizada ou dicionarizada) • Estrutura Morfológica • Sinal do termo em Libras • Definição • (Ver: vídeo) • Abonação em forma de ilustração • configurações de mão inicial e final • escrita de sinais</p>
---

Quadro 9  
Sugestão do Verbetes para versão impressa

<p><b>ESPELHO</b> – (n/d) • Nm•</p>	
	
<p><b>ESPELHO</b> – Nm [Ssing] – Face vertical do degrau. No máximo deve ter altura de 19 cm. Nas escadas usualmente sua altura varia de 16,5 cm a 17 cm. Albernaz, pg. 235, 1998. • (Ver: vídeo Espelho)</p>	
<p>Ilustração:</p>	<p>Escrita de sinais (SignWriting):</p> 

Na obra terminográfica *Bilíngue do Ensino do Desenho Arquitetônico Libras/Português* os verbetes, a partir da Língua de Partida, a LPT, apresentam informações sistemáticas (obrigatórias em todos os verbetes) e não sistemáticas (informações não recorrentes). As sistemáticas referem-se a: entrada em português; classe morfológica, seguida do gênero; definição – as definições oferecem a identificação do termo somente com referência ao

sistema conceitual do Desenho Arquitetônico. Dessa forma, foram elaboradas definições necessárias e suficientes para a compreensão de cada termo.

Na obra terminográfica *Bilíngue Bimodal Língua Oral/ Língua de Sinais do Ensino do Desenho Arquitetônico* os verbetes, a partir da Língua de Chegada, a Libras, serão organizados de forma a apresentarem as informações em fotografia para a representação dos sinais. Trazendo também informações sistemáticas (obrigatórias em todos os verbetes) e não sistemáticas (informações não recorrentes). As sistemáticas referem-se a: entrada em Libras, classe morfológica, seguida do gênero; definição referência ao sistema conceitual do Desenho Arquitetônico.

A definição, em Libras, encontra-se registrada em vídeo. Em cada verbete na Língua de Chegada, a Libras, encontra-se também em sua forma escrita, denominada escrita de sinais ou *SignWriting*, (um sistema para representação de gestos, aplicado às línguas de sinais).

Faria-Nascimento (2009, p. 214) apresenta reflexões e sugestões em torno da representação iconográfica de Libras, relacionando as duas vias básicas de representação iconográfica dos sinais: impressa, fixa, “congelada” e a outra digitalizada, “em movimento”, em vídeo e advoga a existência dos dois meios de representação, a impressa e a digitalizada.





## CAPÍTULO 5

### APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS TERMOS

Conforme já relatado no Capítulo 4, para cada um dos termos selecionados, construímos uma ficha léxico-terminográfica. Essa ficha nos dá várias informações.






- 1) Informa em qual categoria do percurso onomasiológico o termo se encontra.
- 2) Indica a Classe gramatical de cada um dos termos.
- 3) Apresenta a definição do termo.
- 4) Exemplifica a utilização do termo em uma frase.
- 5) Orienta acerca da categoria morfológica do sinal.
- 6) Aponta ilustrações com fotografias de cada momento dos sinais.
- 7) Representa o sinal também em sua forma escrita (*SignWriting*).
- 8) Indica a quantidade de mãos utilizada na sinalização.
- 9) Indica o tipo de ação das mãos direita e esquerda.
- 10) Transcreve os Parâmetros do sinal que são: Configuração de mão, Ponto de articulação, Orientação da palma, Expressão facial e Expressão corporal.
- 11) Mostra as configurações de mão em cada momento do sinal.
- 12) Informa se o termo encontra-se dicionarizado ou não.

A seguir listamos essas fichas, em ordem alfabética.






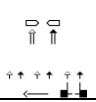
(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 01	
(2) Termo: <b>ANTIDERRAPANTE</b>		(3) Categoria [2b]: Elementos Construtivos- comunicação vertical	
(4) Classe gramatical: Adjetivo			
(5) Definição em português: <b>ANTIDERRAPANTE</b> – Nf [Ssing] – Revestimento de uma superfície que evita escorregar ou deslizar.			
(6) Utilização do termo em uma frase: A superfície da rampa deverá ser antiderrapante e ter uma largura mínima de 760 cm.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Arquitetura e Urbanismo é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem). A formação da lexia se dá, em parte, pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting): 			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 06	(a.2) Número: 69
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Lateral direita da testa	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 06	(a.2) Número: 69
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para frente	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 03	(a.2) Número: 28
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ palma da mão esquerda	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			




(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 03	(a.2) Número: 28
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:
(15) Registro em dicionários:	Não	Sim
(16) Termo criado para o projeto:	Sim	Não

(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico	Número: 02			
(2) Termo: <b>ARQUITETURA E URBANISMO</b>	(3) Categoria [4a]: Ensino do desenho Arquitetônico - Denominações Institucionais			
(4) Classe gramatical: Substantivo				
(5) Definição em português: <b>ARQUITETURA E URBANISMO</b> – Nf + Nm [Ssing] Denominação do curso e área do conhecimento que lida com as técnicas de projeto, desenho e construção de edifícios.				
(6) Utilização do termo em uma frase: Várias universidades no Brasil, públicas e particulares, possuem o curso de Arquitetura e Urbanismo.				
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia) : trata-se em primeiro lugar de um empréstimo lingüístico da língua geral para o léxico terminológico (Correia 1998). O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Arquitetura e Urbanismo é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem)				
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)				
(9) Escrita de sinais (SignWriting):				
				
(10) Quantidade de mãos: duas (02)				
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 90		
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 10	(b.2) Número: 111		
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Passiva			
(e) Orientação da palma (direita)	Para frente			
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo			
(g) Ponto de articulação:	Braço	(h) Movimento:		
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:		
		Sim		
		Não		
(12) <b>Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 90		
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 10	(b.2) Número: 111		
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Passiva			
(e) Orientação da palma (direita)	Para frente			
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo			
(g) Ponto de articulação:	Braço	(h) Movimento:		
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:		
		Sim		
		Não		
(13) <b>Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 12		
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 02	(b.2) Número: 12		
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa			

(e) Orientação da palma (direita)	Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para trás		
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (quarto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 12	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 02	(b.2) Número: 12	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para trás		
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(15) Registro em dicionários: Não			
(16) Termo criado para o projeto: Sim			

(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico	Número: 03			
(2) Termo: <b>AZULEJO</b>	(3) Categoria [2a]: Elementos Construtivos – Acabamentos e peças fixas			
(4) Classe gramatical: Substantivo				
(5) Definição em português: <b>AZULEJO</b> – Nm [Ssing] – Placa de cerâmica, Arenito vidrado ou Porcelana, esmaltada em uma de suas faces, usada como revestimento de alvenarias. Sua principal propriedade é a impermeabilidade à água. É imune ao mofo e ótimo isolante térmico. É material de fácil conservação e manutenção pela simplicidade de limpeza e resistência ao desgaste. Tem também uma função decorativa, particularmente quando utilizado como painel. É o material mais usado como revestimento impermeável. Albernaz, pg. 72, 1998.				
(6) Utilização do termo em uma frase: O azulejo pode apresentar modelos variados que combinados formam desenhos padronizados.				
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Azulejo é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem). A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.				
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)				
				
(9) Escrita de sinais (SignWriting):				
				
(10) Quantidade de mãos: duas (02)				
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40		
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40		
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa			
(e) Orientação da palma (direita)	Para trás			
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para trás			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim	

(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 97
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 09	(b.2) Número: 97
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para frente	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para frente	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (quarto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 97
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 09	(b.2) Número: 97
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para frente	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para frente	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(15) Parâmetros do sinal (termino do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 97
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 09	(b.2) Número: 97
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para frente	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para frente	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(16) Registro em dicionários: Não			
(17) Termo criado para o projeto: Sim			

(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 04	
(2) Termo: <b>BANHEIRA</b>		(3) Categoria [2a]: Elementos Construtivos – Acabamentos e peças fixas	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>BANHEIRA</b> – Nf [Ssing] – Equipamento para banho de imersão. Burden, pg. 64, 2006.			
(6) Utilização do termo em uma frase: Depois de um dia exaustivo a melhor coisa é um banho de banheira.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo. O outro processo formador da lexia é a composição localização espacial somado ao classificador pessoa. Esta partícula que pode ser denominada lexema ou morfema e atribui o caráter científico terminológico a esta lexia da língua geral.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			

(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 13	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 45	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Passiva		
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para direita		
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Polegar da mão esquerda	(h) Movimento:	Não
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(12) Registro em dicionários: Não			
(13) Termo criado para o projeto: Sim			

## Observações





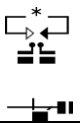
Localização: o sinal está no espaço neutro.

1. O que caracteriza o espaço neutro? Podemos dizer que é quando o sinal está sendo realizado descolado do corpo. Mas quando toca e ou apoia-se em situações de: mão com mão, antebraço com antebraço, dedo com dedo ou falange com falange, pode-se dizer que há uma tipologia para a localização?
2. Qual a melhor nome anatômico para referenciar os sinais que acontecem nos diferentes locais do espaço neutro? Por exemplo, este da 'banheira', estaria na altura do diafragma ou abaixo do peito sendo estes dois lugares os mesmos?

(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 05	
(2) Termo: <b>BANHEIRA DE HIDROMASSAGEM</b>		(3) Categoria [2a]: Elementos Construtivos – Acabamentos e peças fixas	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>BANHEIRA DE HIDROMASSAGEM</b> – Ncf [Ssing] – É um utensílio doméstico construído para as pessoas tomarem banho como cuidado de higiene pessoal que apresenta jatos de água, com o objetivo de massagear o corpo, movidos a um motor elétrico.			
(6) Utilização do termo em uma frase: Não ligue o motor com a banheira de hidromassagem vazia.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo. O outro processo formador da lexia é a composição localização espacial somado à ação de borbulhar. Esta partícula que pode ser denominada lexema ou morfema atribui o caráter científico terminológico a esta lexia da língua geral. O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição de dois termos icônicos. O termo Banheira de Hidromassagem é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem).			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 13	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 45	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Passiva		


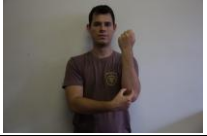

(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Polegar da mão esquerda	(h) Movimento:	Não
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 38
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 45
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Passiva		
(e) Orientação da palma (direita)	Para cima		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para direita		
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Sim	(j) Expressão corporal:	Não
(13) Registro em dicionários: Não			
(14) Termo criado para o projeto: Sim			





Obs: No primeiro momento do sinal, a mão direita está apoiada no dedão da mão esquerda, podemos considerar como ponto de articulação o espaço neutro ou o dedão da mão esquerda?

(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 06	
(2) Termo: <b>BANHEIRO</b>		(3) Categoria [1]: Denominação dos cômodos	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>BANHEIRO</b> – Nm [Ssing] – Recinto com recursos para banho, geralmente contendo ducha ou banheira e ducha, bacia sanitária e vaso sanitário. Burden,pg. 65, 2006.			
(6) Utilização do termo em uma frase: Estudos comprovam que apenas 5% das pessoas que utilizam o banheiro lavam suas mãos da forma correta.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): trata-se em primeiro lugar de um empréstimo lingüístico da língua geral para o léxico terminológico, Correia (1998). O processo formador da lexia é a composição localização espacial somado ao nome banheiro. Esta partícula que pode ser denominada lexema ou morfema atribui o caráter científico terminológico a esta lexia da língua geral.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para trás		
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedo	(h) Movimento:	Sim

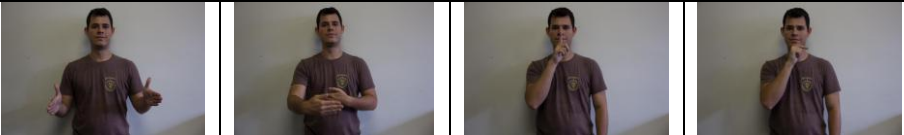
	indicador		
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (quarto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedo indicador	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(15) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 10	(a.2) Número: 111
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 06	(b.2) Número: 71
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Início do antebraço próximo ao pulso	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(16) Registro em dicionários: Não</b>			
<b>(17) Termo criado para o projeto: Sim</b>			

<b>(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico</b>		Número: 07
<b>(2) Termo: BONECA</b>	<b>(3) Categoria [2a]: Elementos Construtivos – Acabamentos e peças fixas</b>	
<b>(4) Classe gramatical: Substantivo</b>		
<b>(5) Definição em português: BONECA – Nf [Ssing] – Saliência de alvenaria de paredes internas. Em geral é feita para colocação do Marco das esquadrias. Usualmente possui 15 cm de largura. Albermaz, pg. 97, 1998.</b>		
<b>(6) Utilização do termo em uma frase: O marco da porta é fixado na boneca que é uma saliência de alvenaria.</b>		
<b>(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já</b>		

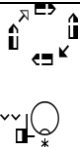
que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo, dentro do contexto do desenho arquitetônico.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting): 			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 101
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 10	(b.2) Número: 111
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/An tebraço	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(12) <b>Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 101
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 10	(b.2) Número: 111
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro Antebraço	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(13) Registro em dicionários: Não			
(14) Termo criado para o projeto: Sim			

(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico	Número: 08
(2) Termo: <b>BORRACHA</b>	(3) Categoria [4b]: Ensino do Desenho Arquitetônico - Instrumentos de Desenho
(4) Classe gramatical: Substantivo	
(5) Definição em português: <b>BORRACHA</b> – Nm [Ssing] – artigo feito de látex usado para apagar escritos em papel feitos com grafite.	
(6) Utilização do termo em uma frase: A borracha natural é obtida através da seiva da seringueira.	
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo. O outro processo formador da lexia é a composição localização espacial somado à ação de apagar. Esta partícula que pode ser denominada lexema ou morfema atribui o caráter científico terminológico a esta lexia da língua geral.	
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)	  
(9) Escrita de sinais (SignWriting): 	
(10) Quantidade de mãos: duas (02)	
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>	



(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 98
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedo indicador	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 98
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedo indicador	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 98
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(14) Registro em dicionários: Sim			
(15) Termo criado para o projeto: Não			





(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número:09	
(2) Termo: <b>CAIXA D'ÁGUA</b>		(3) Categoria [2a]: Elementos Construtivos – Acabamentos e peças fixas	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>CAIXA D'ÁGUA</b> – NCF [Ssing] – Reservatório de água do edifício. Em geral o termo refere-se a reservatório superior, sendo o reservatório inferior chamado cisterna. Através da caixa d'água é feita a distribuição de água no prédio. Deve ser situada no local que permita fácil acesso para fiscalização e limpezas. Em geral seu volume não ultrapassa 1.000 litros. Albernaz, pg. 107, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: A caixa d'água possui diversos tamanhos e formatos com capacidades variadas.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Caixa d'água é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem). O processo formador da lexia é a composição de duas lexias já dicionarizadas e lexicalizadas (caixa + água).			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			






			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 41
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 06	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 92
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 97
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(15) Registro em dicionários: Não			
(16) Termo criado para o projeto: Sim			






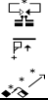
(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 10
(2) Termo: <b>CEFET-MG</b>		(3) Categoria [4a]: Ensino do Desenho Arquitetônico – Denominações Institucionais
(4) Classe gramatical: Adjetivo		
(5) Definição em português: <b>CEFET-MG</b> – Nm [Ssing] – centro federal de educação tecnológica de minas gerais. O CEFET-MG e uma instituição de ensino profissional nos níveis técnico e superior.		
(6) Utilização do termo em uma frase: Pela primeira vez, em 2011, um estudante surdo, passou no vestibular do CEFET-MG e terminou com sucesso o curso técnico de eletrônica..		
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia ocorreu por empréstimo lingüístico “transliterada” para configurações de mão específica da Libras em letra inicial. (Faria-Nascimento, 2009)		

(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Felipe de Castro Teixeira (surdo)				
(9) Escrita de sinais (SignWriting):				
				
(10) Quantidade de mãos: duas (02)				
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 06		(a.2) Número: 59a
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05		(b.2) Número: 45
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva		
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita		
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ polegar da mão esquerda	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não	
(14) Registro em dicionários: Não				
(15) Termo criado para o projeto: Sim				

(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 11	
(2) Termo: <b>CLARABOIA</b>		(3) Categoria [2c]: Elementos Construtivos – Vãos e Aberturas	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>CLARABOIA</b> – Nf [Ssing] – Abertura na cobertura do telhado vedada por material transparente para possibilitar ou aumentar a iluminação e às vezes a ventilação em compartimentos sem acesso direto ao exterior ou de amplas dimensões. Usualmente é provida de Caixilho envidraçado. Se inclinada em relação ao plano da cobertura evita acumulação de pó sobre sua superfície, preservando sua transparência. Às vezes é disposta em nível ligeiramente superior à cobertura, resultando em pequenas frestas laterais que permitem ventilar internamente o edifício. Foi muito comum seu uso nas antigas edificações que possuíam Alcovas. Albernaz, pg. 156, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: A Clarabóia é a abertura situada no telhado e fechada por vidro para levar ventilação e luminosidade aos ambientes.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por composição e se denomina formação sintagmática. O termo clarabóia é uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que possui amarras morfosintáticas e semânticas bem definidas, ou seja, tais termos sempre aparecem nesta ordem e sem outras lexias intermediárias)			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40




(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/Ponta dos dedos	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 92
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 09	(b.2) Número: 92
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para frente	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para frente	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 10	(a.2) Número: 111
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 10	(b.2) Número: 111
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 35
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 35
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Sim	(j) Expressão corporal:	Não
15) Registro em dicionários: Não			
16) Termo criado para o projeto: Sim			

(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 12	
(2) Termo: <b>CLOSET</b>		(3) Categoria [1]: Denominação dos Cômodos	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>CLOSET</b> – Nm [Ssing] – É o espaço junto ao quarto de dormir onde são guardadas as roupas e todas as peças do vestuário.			
(6) Utilização do termo em uma frase: Um closet ideal deve ser dimensionado de forma que acomode todos os pertences de maneira organizada e facilite o manuseio.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Closet é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem). A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			



				
				
(9) Escrita de sinais (SignWriting):				
				
(10) Quantidade de mãos: duas (02)				
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01	
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01	
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás		
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedo indicador	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não	
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01	
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01	
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás		
(g) Ponto de articulação:	Neutro/De do indicador	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não	
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01	
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01	
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás		
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedo indicador	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não	
<b>(14) Parâmetros do sinal (quarto momento)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01	
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01	
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás		
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedo indicador	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não	
<b>(15) Parâmetros do sinal (quinto momento)</b>				

(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 90
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Peitoral direito	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(16) Parâmetros do sinal (sexto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 90
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Peitoral direito	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(17) Parâmetros do sinal (sétimo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 07
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/De do indicador	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(18) Parâmetros do sinal (oitavo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 07
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedo indicador	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(19) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 07
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedo indicador	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(20) Registro em dicionários: Não			
(21) Termo criado para o projeto: Sim			







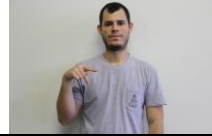


Obs: O Sinalizador não utilizou a configuração de mão dos momentos quinto e sexto conforme a Escrita de Sinais, mas na edição final do dicionário será usada a configuração de mão do grupo: 09, número: 90. Em SC foi gravado com a

(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 14	
(2) Termo: <b>COLUNA</b>		(3) Categoria [2d]: Elementos Construtivos – Elementos Estruturais	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>COLUNA</b> – Nf [Ssing] – Elemento de sustentação vertical diferenciado do Pilar por ter seção horizontal circular. Na arquitetura clássica é comumente composta por três partes: Base, na parte inferior, que transmite as cargas verticais para fundações ou pavimento inferior; Fuste, na parte intermediária, que abrange o corpo principal da coluna; e Capitel, na parte superior, que aumenta a superfície de apoio de qualquer elemento construtivo sobre a coluna. Albernaz, pg. 161, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: A coluna sustenta as cargas verticais de uma obra transmitindo-as a fundação.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, a partir de um classificador especificador de tamanho e forma já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 101
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 09	(b.2) Número: 101
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(12) <b>Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 101
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 09	(b.2) Número: 101
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(13) Registro em dicionários: Não			
(14) Termo criado para o projeto: Sim			

(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 15	
(2) Termo: <b>COMPASSO</b>		(3) Categoria [4b]: Ensino do Desenho Arquitetônico - Instrumentos de Desenho	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>COMPASSO</b> – Nm [Ssing] – É o instrumento que serve para traçar circunferências ou arcos de circunferências. L. Oberg, pg. 3, 1997			
(6) Utilização do termo em uma frase: Nos compassos usados em desenho técnico, a ponta de grafite pode ser substituída por um adaptador, que permite acoplar uma lapiseira ou caneta.			




(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): Trata-se em primeiro lugar de um empréstimo linguístico da língua geral para o léxico terminológico, Correia (1998). A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 10
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para direita	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Palma da mão esquerda	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 10
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Palma da mão esquerda	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(13) Registro em dicionários: Sim			
(14) Termo criado para o projeto: Não			


(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico	Número: 16
(2) Termo: <b>COPA</b>	(3) Categoria [1]: Denominação dos Cômodos
(4) Classe gramatical: Substantivo	
(5) Definição em português: <b>COPA</b> – Nf [Ssing] – É um espaço geralmente construído ao lado da cozinha, que se destina a refeições.	
(6) Utilização do termo em uma frase: Uma copa bem planejada e linda deve ter acabamentos de fácil limpeza e manutenção, que não mancham ou riscam com facilidade.	
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): trata-se em primeiro lugar de um empréstimo linguístico da língua portuguesa para o léxico terminológico. O processo formador da lexia é a composição localização espacial somado ao nome copa. A lexia é exemplo de empréstimo da língua portuguesa pelo processo de transliteração de todas as letras. Essa transliteração é denominada nas línguas de sinais como datilologia, isto é, a representação do alfabeto manual. (Faria-Nascimento, 2009)	

(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)				
				
(9) Escrita de sinais (SignWriting):				
				
(10) Quantidade de mãos: duas (02)				
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01		(a.2) Número: 01
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01		(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás		
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedos indicadore s	(h) Movimento:		Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:		Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01		(a.2) Número: 01
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01		(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás		
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:		Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:		Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01		(a.2) Número: 01
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01		(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás		
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:		Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:		Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (quarto momento)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01		(a.2) Número: 01
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01		(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás		
(g) Ponto de articulação:	Neutro/De dos indicadore s	(h) Movimento:		Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:		Não
<b>(15) Parâmetros do sinal (quinto momento)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05		(a.2) Número: 46
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:		(b.2) Número:




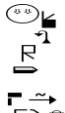


(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Não
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(16) Parâmetros do sinal (sexto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 51
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Não
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(17) Parâmetros do sinal (sétimo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 03	(a.2) Número: 28
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Não
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(18) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 10	(a.2) Número: 108b
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Não
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(19) Registro em dicionários: Não			
(20) Termo criado para o projeto: Sim			







(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 17	
(2) Termo: <b>CORRIMÃO</b>		(3) Categoria [2b]: Elementos Construtivos - Comunicação vertical	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>CORRIMÃO</b> – Nm [Ssing] – Peça disposta ao longo de escadas e Parapeito ou sobre Guarda-corpo e Balaustrada, em Balcões, Alpendres e Terraços, servindo de remate ou apoio para a mão, principalmente em escadas. Geralmente é colocado na altura de 80 cm, para maior conforto no apoio das mãos. É também chamado mainel. Albernaz, pg. 186, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: É ideal que a escada tenha um corrimão do começo ao fim para que a pessoa idosa possa se apoiar nele durante o percurso.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Corrimão é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem). A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			

(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: uma (01)			
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 13	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo:	(b.2) Número:	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo		
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(12) <b>Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 13	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo:	(b.2) Número:	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo		
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(13) <b>Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 51	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo:	(b.2) Número:	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)	Para esquerda		
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(14) <b>Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 51	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo:	(b.2) Número:	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)	Para esquerda		
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(15) Registro em dicionários: Não			
(16) Termo criado para o projeto: Sim			




(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico	Número: 18
(2) Termo: <b>CORTES</b>	(3) Categoria [4c]: Ensino do Desenho Arquitetônico - Peças Gráficas do Projeto
(4) Classe gramatical: Substantivo	
(5) Definição em português: <b>CORTES</b> – Nm [Splur] – 1. Representação de uma edificação ou de uma de suas partes obtida pela seção vertical por um plano imaginário e usada para se mostrar o interior do espaço ou perfil de uma parte. 2. Projeção ortogonal de estrutura ou objeto, indicado como este seria visualizado se cortado por um plano que expusesse sua configuração interna. Burden, pg. 113, 2006.	
(6) Utilização do termo em uma frase: O corte, ou cortes, deve ser disposto de forma que o desenho mostre o máximo possível de detalhes construtivos.	
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por composição e se denomina formação sintagmática. O termo corte é uma unidade fraseológica com alto grau de	



fixidez (isto quer dizer que possui amarras morfosintáticas e semânticas bem definidas, ou seja, tais termos sempre aparecem nesta ordem e sem outras lexias intermediárias).			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
			
(9) Escrita de sinais (SignWriting): 			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 10
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para frente	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Bochecha direita	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 10
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 10
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (quarto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 41
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(15) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 41
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	

(e) Orientação da palma (direita)	Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para cima		
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(16) Registro em dicionários: Não			
(17) Termo criado para o projeto: Sim			





(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 19	
(2) Termo: <b>COZINHA</b>		(3) Categoria [1]: Denominação dos Cômodos	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>COZINHA</b> – Nf [Ssing] – compartimento da casa especificamente utilizado para o preparo de alimentos.			
(6) Utilização do termo em uma frase: A cozinha pode ser o lugar mais confortável da casa, onde a <a href="#">família</a> e visitantes tendem a permanecer.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): Trata-se em primeiro lugar de um empréstimo lingüístico da língua geral para o léxico terminológico, Correia (1998). O processo tem característica de derivação zero, pois incorpora o instrumento e somente será diferenciado a partir da sua função no contexto lingüístico. (cozinha x cozinhar ou substantivo x verbo) Felipe 2006. O outro processo formador da lexia é a composição localização espacial somado ao nome cozinha. Esta partícula que pode ser denominada lexema ou morfema atribui o caráter científico terminológico a esta lexia da língua geral.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizadora Ana Carolina Pereira (surda)			
			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 01		(a.2) Número: 01
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 01		(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para trás		
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedos indicadores	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(12) <b>Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 01		(a.2) Número: 01
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 01		(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para trás		
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(13) <b>Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			

(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (quarto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedos indicadores	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(15) Parâmetros do sinal (quinto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 98
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 45
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para direita	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(16) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 98
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 45
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(17) Registro em dicionários: Não			
(18) Termo criado para o projeto: Sim			

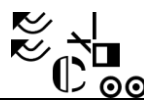
(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 20	
(2) Termo: <b>DEGRAU</b>		(3) Categoria [2b]: Elementos Construtivos - Comunicação vertical	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>DEGRAU</b> – Nm [Ssing] – Desnívelamento formado por duas superfícies, em geral paralelas, permitindo a passagem entre níveis diferentes. Nas escadas, é constituído por uma parte horizontal, chamada de piso ou cobertor, e outra, vertical, chamada espelho. Albernaz, pg. 197, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: A altura do degrau é proporcional sua profundidade.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			

						
(9) Escrita de sinais (SignWriting):						
						
(10) Quantidade de mãos: Duas (02)						
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>						
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 04		(a.2) Número: 32		
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 04		(b.2) Número: 32		
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa				
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva				
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo				
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo				
(g) Ponto de articulação:		Neutro/ Laterais internas das mãos		(h) Movimento:		Sim
(i) Expressão facial:		Não		(j) Expressão corporal:		Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>						
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 04		(a.2) Número: 32		
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 04		(b.2) Número: 32		
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa				
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva				
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo				
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo				
(g) Ponto de articulação:		Neutro		(h) Movimento:		Sim
(i) Expressão facial:		Não		(j) Expressão corporal:		Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>						
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 04		(a.2) Número: 32		
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 04		(b.2) Número: 32		
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa				
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva				
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda				
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo				
(g) Ponto de articulação:		Neutro		(h) Movimento:		Sim
(i) Expressão facial:		Não		(j) Expressão corporal:		Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (quarto momento)</b>						
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 04		(a.2) Número: 32		
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 04		(b.2) Número: 32		
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa				
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva				
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda				
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo				
(g) Ponto de articulação:		Neutro		(h) Movimento:		Sim
(i) Expressão facial:		Não		(j) Expressão corporal:		Não
<b>(15) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>						
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 04		(a.2) Número: 32		
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 04		(b.2) Número: 32		
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa				
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva				
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo				
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo				
(g) Ponto de articulação:		Neutro		(h) Movimento:		Sim
(i) Expressão facial:		Não		(j) Expressão corporal:		Não
(16) Registro em dicionários: Não						

(17) Termo criado para o projeto: Sim

(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 21	
(2) Termo: <b>DESENHO UNIVERSAL</b>		(3) Categoria [4d]: Ensino do Desenho Arquitetônico – Temas transversais	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>DESENHO UNIVERSAL</b> – Ncm [Ssing] – Concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados, na maior medida possível, por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou projeto específico. O desenho universal não excluirá as ajudas técnicas para grupos específicos de pessoas com deficiência, quando necessárias. Presidência da República, 2009.			
(6) Utilização do termo em uma frase: O Desenho Universal existe para que nossas cidades estejam preparadas para receber qualquer pessoa, em qualquer idade.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Desenho Universal é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem). A formação da lexia se dá, em parte, pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 38
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 38
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(12) <b>Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 38
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 38
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(13) <b>Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 39
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 45
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(14) <b>Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			




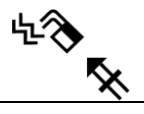
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 58
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 46
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)	Para cima	
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/Palma da mão direita	(h) Movimento: Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal: Não
(15) Registro em dicionários: Não		
(16) Termo criado para o projeto: Sim		

(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico	Número: 22
(2) Termo: <b>ENGENHARIA DE PRODUÇÃO CIVIL</b>	(3) Categoria [4a]: Ensino do Desenho Arquitetônico – Denominações Institucionais
(4) Classe gramatical: Adjetivo	
(5) Definição em português: ENGENHARIA DE PRODUÇÃO CIVIL – Ncf [Ssing] – E o nome de um curso de graduação disponibilizado pelo CEFET-MG. Forma engenheiros civis com ênfase em gestão.	
(6) Utilização do termo em uma frase: A ênfase em gestão e o diferencial do curso de engenharia de produção civil do CEFET-MG.	
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): características de empréstimo interno, pois acompanha características do sinal engenharia. mas as mudanças refletem também características de empréstimo externo transliterado.	
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Felipe de Castro Teixeira (surdo)	
(9) Escrita de sinais (SignWriting):	
(10) Quantidade de mãos: duas (02)	
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>	
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 03 (a.2) Número: 28
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 05 (b.2) Número: 46
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Passiva
(e) Orientação da palma (direita)	Para esquerda
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para direita
(g) Ponto de articulação:	Neutro (h) Movimento: Sim
(i) Expressão facial:	Não (j) Expressão corporal: Não
(12) <b>Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>	
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo:03 (a.2) Número: 28
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 05 (b.2) Número: 46
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Passiva
(e) Orientação da palma (direita)	Para esquerda
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para direita







(g) Ponto de articulação:	Neuro/ Lateral interna da mão esquerda	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 03	(a.2) Número: 28
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 46
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neuro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (quarto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 03	(a.2) Número: 28
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 46
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neuro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(15) Parâmetros do sinal (quinto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 03	(a.2) Número: 28
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 46
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neuro/ Lateral interna da mão esquerda	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(16) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 03	(a.2) Número: 28
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 46
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neuro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(17) Registro em dicionários: Não			
(18) Termo criado para o projeto: Sim			

(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 23
(2) Termo: <b>ESCADA</b>		(3) Categoria [2b]: Elementos Construtivos - Comunicação Vertical
(4) Classe gramatical: Substantivo		
(5) Definição em português: <b>ESCADA</b> – Nf [Ssing] – Elemento constituído por uma sucessão de degraus destinados a permitir circulação vertical entre níveis diferentes. Albernaz, pg. 225, 1998.		

(6) Utilização do termo em uma frase: Existem regras básicas para projetar uma escada.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): Trata-se em primeiro lugar de um empréstimo linguístico da língua geral para o léxico terminológico, Correia (1998). Esta partícula que pode ser denominada lexema ou morfema atribui o caráter científico terminológico a esta lexia da língua geral. A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: uma (01)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 13
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 13
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 13
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 13
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(15) Registro em dicionários: Sim			
(16) Termo criado para o projeto: Não			

Obs: Falta a especificação dos possíveis espaços neutros para cada momento do sinal.





(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 24	
(2) Termo: <b>ESCADA EM ESPIRAL</b>		(3) Categoria [2b]: Elementos Construtivos: Comunicação Vertical	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>ESCADA EM ESPIRAL</b> – NcF [Ssing] – Lance de escada de planta baixa circular cujos degraus se desenvolvem a partir de um mastro, ou poste central. Burden, pg. 138, 2006.			
(6) Utilização do termo em uma frase: A escada em espiral teve seu uso muito difundido em função da economia de espaço que proporciona.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo. O outro processo formador da lexia é a composição localização espacial somado ao classificador espiral. Esta partícula que pode ser denominada lexema ou morfema e atribui o caráter científico terminológico a esta lexia da língua geral.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: uma (01)			
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 13
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(12) <b>Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 13
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(13) <b>Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 13
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(14) <b>Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 13
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

(15) Registro em dicionários: Não
(16) Termo criado para o projeto: Sim








Obs: Falta a especificação dos possíveis espaços neutros para cada momento do sinal.

(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 25	
(2) Termo: <b>ESCALÍMETRO</b>		(3) Categoria [4b]: Ensino do Desenho Arquitetônico - Instrumentos de Desenho	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>ESCALÍMETRO</b> – Nm [Ssing] – São empregados para plantas de edificações, detalhes arquitetônicos e estruturais, sistemas mecânicos em construções, planta de situação, plantas de locação e medições em mapas e cartas. O objetivo da escala é representar grandes objetos por meio de uma representação reduzida em função das dimensões da folha de papel. Os escalímetros de melhor qualidade são produzidos em plástico inquebrável com numeração e códigos de cores gravados de acordo com as graduações calibradas.			
(6) Utilização do termo em uma frase: O escalímetro é muito usado para evitar cálculos de proporção.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 102	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 09	(b.2) Número: 102	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para esquerda		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para direita		
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedo indicador e polegar	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(12) <b>Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 102	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 09	(b.2) Número: 102	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para esquerda		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para direita		
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedo indicador e polegar	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(13) Registro em dicionários: Não			
(14) Termo criado para o projeto: Sim			





Obs: Corrigir a escrita de sinais, pois a configuração de mão não é do grupo 09 número 97 e sim do grupo 09 número 102.

(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 26	
(2) Termo: <b>ESPELHO</b>		(3) Categoria [2b]: Elementos Construtivos - Comunicação Vertical	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>ESPELHO</b> – Nm [Ssing] – Face vertical do degrau. No máximo deve ter altura de 19 cm. Nas escadas usualmente sua altura varia de 16,5 cm a 17 cm. Albernaz, pg. 235, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: O espelho do degrau muito alto torna a escada cansativa.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo. O outro processo formador da lexia é a composição localização espacial somado ao nome espelho. Esta partícula que pode ser denominada lexema ou morfema e atribui o caráter científico terminológico a esta lexia da língua geral.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 13
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:		Neutro	(h) Movimento:
(i) Expressão facial:		Não	Sim
(j) Expressão corporal:		Não	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 13
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:		Neutro	(h) Movimento:
(i) Expressão facial:		Não	Sim
(j) Expressão corporal:		Não	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 41
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Passiva	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para cima	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:		Neutro/ Laterais externas das mãos	(h) Movimento:
(i) Expressão facial:		Não	Não
(j) Expressão corporal:		Não	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	

(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Palma da mão esquerda	(h) Movimento:	Não
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(13) Registro em dicionários: Não			
(14) Termo criado para o projeto: Sim			






(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 27	
(2) Termo: <b>ESQUADRO 30° E 60°</b>		(3) Categoria [4b]: Ensino do Desenho Arquitetônico - Instrumentos de desenho	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>ESQUADRO 30° E 60°</b> – Nm [Ssing] – Instrumento em forma de triângulo retângulo ou de um L para traçar linhas perpendiculares e algumas linhas inclinadas e verificar ou medir ângulos retos. É usado no desenho arquitetônico, em geral feito de plástico ou acrílico, com formato de ângulo de 30° e 60°. Albernaz, pg. 237, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: Posiciona-se a régua paralela para baixo e apóia-se sobre ela o esquadro de 30° e 60°.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Esquadro 30° /60° é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem). A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 102
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedo indicador da mão esquerda	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(12) <b>Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 106

(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 06	(a.2) Número: 59b
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Não
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (quarto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 51
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Não
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(15) Parâmetros do sinal (quinto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Não
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(16) Parâmetros do sinal (sexto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 50
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para cima	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Não
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(17) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 51
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Não
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(18) Registro em dicionários: Não			
(19) Termo criado para o projeto: Sim			



(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 28	
(2) Termo: <b>ESQUADRO 45°</b>		(3) Categoria [4b]: Ensino do Desenho Arquitetônico - Instrumentos de desenho	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>ESQUADRO 45°</b> – Nm [Ssing] – Instrumento em forma de triângulo isósceles ou de um L para traçar linhas perpendiculares e algumas linhas inclinadas e verificar ou medir ângulos retos. É usado no desenho arquitetônico, em geral feito de plástico ou acrílico, com formato de ângulo de 45°. Albernaz, pg. 237, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: O sentido de abertura da porta, na planta baixa, e representado com o esquadro de 45 graus.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Esquadro 45° é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem). A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting): 			
(10) Quantidade de mãos: Duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 102
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Dedo indicador	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 102
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 04	(a.2) Número: 30
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Não
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 11
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:







(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Não
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(15) Registro em dicionários: Não			
(16) Termo criado para o projeto: Sim			

(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 29	
(2) Termo: <b>FACHADA</b>		(3) Categoria [4c]: Ensino do Desenho Arquitetônico - Peças Gráficas do Projeto.	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>FACHADA</b> – Nf [Ssing] –1. Cada uma das faces externas do edifício. O caráter da edificação é em grande parte devido às suas fachadas. O projeto arquitetônico sempre contém o desenho de todas as fachadas do prédio. 2. Por extensão, no desenho arquitetônico, vista que mostra o aspecto externo do prédio. Em geral especifica os materiais de revestimentos usados, o funcionamento de esquadrias e as cores e a textura dos seus elementos. Albernaz, pg. 247, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: Arquitetos projetam edifício horizontal com fachada curva.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por composição e se denomina formação sintagmática. O termo Fachada é uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que possui amarras morfossintáticas e semânticas bem definidas, ou seja, tais termos sempre aparecem nesta ordem e sem outras lexias intermediárias).			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 10
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para frente	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Bochecha direita	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(12) <b>Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 10
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(13) <b>Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 10
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim




(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (quarto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 41
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)	Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Nariz	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(15) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 41
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)	Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(16) Registro em dicionários: não</b>			
<b>(17) Termo criado para o projeto: sim</b>			

<b>(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico</b>		Número: 30	
<b>(2) Termo: FECHADURA</b>		<b>(3) Categoria [2a]: Elementos Construtivos – Acabamentos e peças fixas</b>	
<b>(4) Classe gramatical: Substantivo</b>			
<b>(5) Definição em português: FECHADURA – Nf [Ssing] –:</b> Ferragem composta por um conjunto de peças metálicas, que por meio da chave ou trinco é utilizada para trancar portas e gavetas. Pode ser de embutir ou de caixão. A fechadura de embutir é disposta na espessura da folha da porta e na espessura do rebaixo do marco da porta. A fechadura de caixão, também chamada painel, fica aparente no Tardoz e sobre o marco da porta. Contém essencialmente três partes, a fechadura propriamente dita, a chapa-testa, e a chave ou o trinco ou, mais modernamente, o cartão magnético. A fechadura propriamente dita é uma caixa metálica, em geral retangular ou quadrada, que compreende a testa, que é a face que possui abertura retangular por onde passa a lingüeta e o pano ou fundo, que é a face que possui uma abertura, a broca, por onde a chave penetra ou onde está assente o trinco. A chapa- testa é a caixa metálica vertical embutida ou presa no marco da porta na qual se encaixa a lingüeta da fechadura. A pequena placa que guarnece a broca pelo lado externo da folha da porta é chamada Espelho ou Escudete. Albernaz, pg. 250, 1998.			
<b>(6) Utilização do termo em uma frase:</b> As fechaduras são compactas e podem ser instaladas em portas à esquerda ou à direita.			
<b>(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia):</b> A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			
<b>(8) Fotos do sinal:</b> Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
<b>(9) Escrita de sinais (SignWriting):</b>			
			
<b>(10) Quantidade de mãos: duas (02)</b>			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			






(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 10	(a.2) Número: 111
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 10	(a.2) Número: 111
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Registro em dicionários:</b> Não			
<b>(14) Termo criado para o projeto:</b> Sim			

<b>(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico</b>		Número: 31	
<b>(2) Termo: GARAGEM</b>		<b>(3) Categoria [1]: Denominação dos Cômodos</b>	
<b>(4) Classe gramatical:</b> Substantivo			
<b>(5) Definição em português:</b> GARAGEM – Nf [Ssing] – Edificação ou parte da residência onde são guardados veículos motorizados. Burden, pg. 177, 2006.			
<b>(6) Utilização do termo em uma frase:</b> O arquiteto transformou sua garagem em uma sala de estar.			
<b>(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia):</b> O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Garagem é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem). A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			
<b>(8) Fotos do sinal:</b> Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
<b>(9) Escrita de sinais (SignWriting):</b>			
			
<b>(10) Quantidade de mãos:</b> duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 10	(a.2) Número: 111
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 10	(b.2) Número: 111
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 10	(a.2) Número: 111
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 10	(b.2) Número: 111
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	

(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para trás		
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 04	(a.2) Número: 32	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 45	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Passiva		
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo		
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 04	(a.2) Número: 32	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 45	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Passiva		
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo		
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(15) Registro em dicionários: Não			
(16) Termo criado para o projeto: Sim			


(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico	Número: 32		
(2) Termo: <b>GRADE</b>	(3) Categoria [2a]: Elementos Construtivos – Acabamentos e peças fixas		
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>GRADE</b> – Nf [Ssing] – Elemento de vedação ou proteção composto por uma série de peças delgadas entrecruzadas, cruzadas ou paralelas com intervalos vazios. Em geral é feita de madeira, ferro, alumínio ou aço. Permite visibilidade, ventilação e iluminação. Pode ser fixa, móvel ou removível. Em janelas pode ser colocada por dentro ou por fora da esquadria. Em geral é colocada internamente quando a folha abre para fora. Quando externa, é sempre fixa. Nas antigas construções tinha comumente também função decorativa. Apresentava desenhos variados. Encontrava-se sobretudo em janelas e balcões. Albernaz, pg. 293, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: A grade serve para resguardar um local privado de um local público.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo, dentro do contexto do desenho arquitetônico.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 04	(a.2) Número: 30	

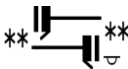
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 04	(b.2) Número: 30
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedos das mãos	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 04	(a.2) Número: 30
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 04	(b.2) Número: 30
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedos das mãos	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(13) Registro em dicionários: Não			
(14) Termo criado para o projeto: Sim			

(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 33	
(2) Termo: <b>GUARDA-CORPO</b>		(3) Categoria [2b]: Elementos Construtivos - Comunicação Vertical	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>GUARDA-CORPO</b> – NCm [Ssing] – Anteparo de proteção em geral a meia altura, aproximadamente a 85 cm do piso, usado em alpendres, balcões, escadas e terraços. Pode ser cheio ou vazado. É muitas vezes encimado por corrimão ou travessa, principalmente quando vazado. Pode constituir uma das partes integrantes de balaustradas e gradis. É também chamado de guarda, peitoril ou parapeito. No último caso, principalmente quando se trata de resguardo em compartimentos ou recintos elevados, tendo então usualmente cerca de 1,10 m de altura. Albernaz, pg. 300, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: Caso exista uma sacada no quarto instale um guarda-corpo para permitir segurança.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Guarda-corpo é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem). A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
 			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 41
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	




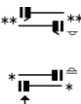
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedos das mãos	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 41
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedos das mãos	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 51
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 51
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 51
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 51
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(15) Registro em dicionários: Não			
(16) Termo criado para o projeto: Sim			

Obs: É necessário a correção da escrita de sinais do início do sinal pois a configuração de mão não é do grupo 05 número 40 e sim do grupo 05 número 41.

(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 34	
(2) Termo: <b>JANELA</b>		(3) Categoria: Elementos Construtivos – Vãos e Aberturas	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>JANELA</b> – Nf [Ssing] – Abertura em paredes externas destinada a iluminar e ventilar o interior do edifício, possibilitando ao mesmo tempo visibilidade externa. É composta de uma parte fixa e outra móvel. As dimensões mínimas do seu vão são normatizadas por legislação de acordo com o uso dado aos compartimentos em que se encontra. Albernaz, pg. 317, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: A posição correta das janelas de um edifício em relação ao sol pode melhorar o aproveitamento da iluminação natural.			
(7) Categoria morfológica do sinal: trata-se em primeiro lugar de um empréstimo lingüístico da língua geral para o léxico terminológico, Correia (1998). Assim como acontece com grande parte das lexias em línguas de sinais, que são elaboradas de modo arbitrário, o nome janela não tem características icônicas.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			

(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 10	(a.2) Número: 111	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 10	(b.2) Número: 111	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo		
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Antebraço	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(12) Registro em dicionários: Sim			
(13) Termo criado para o projeto: Não			





OBS: No sinal, os braços se apóiam um no outro na região do antebraço, porém os braços estão na frente do tórax região que é denominado espaço neutro. Qual a melhor descrição para o Ponto de articulação do sinal?

(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 35	
(2) Termo: <b>JANELA DE BATENTE</b>		(3) Categoria [2c]: Elementos Construtivos – Vãos e Aberturas	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>JANELA DE BATENTE</b> – Ncf [Ssing] – Janela com dois caixilhos para ventilação, fixos aos lados da abertura na qual se inserem e que giram sobre suas dobradiças ao longo de todo seu comprimento. Burden, pg. 199, 2006.			
(6) Utilização do termo em uma frase: A Janela de Batente limita-se por um rebaixo onde a porta ou a janela encaixam-se ao fechar.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): Trata-se de um caso de justaposição aparente com a primeira lexia já dicionarizada e lexicalizada e a segunda parte é um neologismo formado por iconicidade. Janela de batente funciona como única palavra, sendo uma lexia composta. Este neologismo pode ser caracterizado também como formação sintagmática. Felipe (2006) Ferraz 2008; Silva e Sell (2008).			
(8) Fotos do sinal: Sinalizadora Ana Carolina Pereira (surda)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 10	(a.2) Número: 111	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 10	(b.2) Número: 111	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo		
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Antebraço	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(12) <b>Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 10	(a.2) Número: 111	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 10	(b.2) Número: 111	






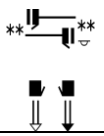
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Antebraço	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 10	(a.2) Número: 111
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 10	(b.2) Número: 111
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro / Laterais dos antebraços	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(14) Registro em dicionários: Não			
(15) Termo criado para o projeto: Sim			

Obs: No início do sinal, os braços se apoiam um no outro na região do antebraço, porém os braços estão na frente do tórax região que é denominado espaço neutro. Qual a melhor descrição para o Ponto de articulação do sinal?

(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 36	
(2) Termo: <b>JANELA DE CORRER</b>		(3) Categoria [2c]: Elementos Construtivos – Vãos e Aberturas	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>JANELA DE CORRER</b> – Ncf [Ssing] – Janela cujas Folhas deslizam horizontalmente ao longo de seu vão. Esse deslizamento é possibilitado por rebaixos e trilhos dispostos na parte superior e inferior da abertura. Tem como vantagens não se projetar internamente ou externamente, possibilitando o uso de telas, Grades ou Persianas, simplicidade de operação, baixa manutenção e o uso de folhas de grandes dimensões. Tem como desvantagens liberar apenas 50% de abertura e dificultar a limpeza do lado externo. Usualmente é envidraçada e tem caixilhos de alumínio. Albermaz, pg. 319, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: As janelas de correr permitem uma grande entrada de ar nas residências.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): Categoria morfológica do sinal: trata-se de um caso de justaposição aparente com a primeira lexia já dicionarizada e lexicalizada e a segunda parte é um neologismo formado por iconicidade. Janela de correr funciona como única palavra, sendo uma lexia composta. Este neologismo pode ser caracterizado também como formação sintagmática Felipe (2006) Ferraz (2008) Silva e Sell (2008)			
(8) Fotos do sinal: Sinalizadora Ana Carolina Pereira (surda)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 10	(a.2) Número: 111
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 10	(b.2) Número: 111
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	


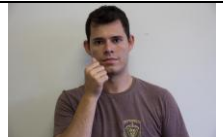

(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Antebraço	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 04	(a.2) Número: 32
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 10	(b.2) Número: 111
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 04	(a.2) Número: 32
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 10	(b.2) Número: 111
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(13) Registro em dicionários: Não			
(14) Termo criado para o projeto: Sim			

Obs: No início do sinal, os braços se apoiam um no outro na região do antebraço, porém os braços estão na frente do tórax região que é denominado espaço neutro. Qual a melhor descrição para o Ponto de articulação do sinal?

(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 37	
(2) Termo: <b>JANELA DE GUILHOTINA</b>		(3) Categoria [2c]: Elementos Construtivos – Vãos e Aberturas	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>JANELA DE GUILHOTINA</b> – NCf [Ssing] – Janela de duas Folhas articulada por movimento correção vertical. Comumente é formada por caixilhos envidraçados. Não permite abertura total do vão. Uma ou as duas de suas folhas deslizam em ranhuras feitas no aro do vão, sobrepondo-se quando se quer abrir. Sua posição é regulada por meio de contrapeso, mola ou borboleta. Albernaz, pg. 320, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: O uso de janela de guilhotina é sugerido em ambientes de pouco espaço.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): trata-se de um caso de justaposição aparente com a primeira lexia já dicionarizada e lexicalizada e a segunda parte é um neologismo formado por iconicidade. Janela de guilhotina funciona como única palavra, sendo uma lexia composta. Este neologismo pode ser caracterizado também como formação sintagmática. Felipe (2006) Ferraz 2008; Silva e Sell (2008).			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 10	(a.2) Número: 111
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 10	(b.2) Número: 111

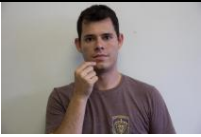
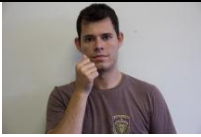
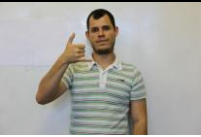
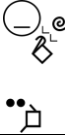
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo		
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Antebraço	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 10	(a.2) Número: 108b	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 10	(b.2) Número: 108b	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para frente		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para frente		
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 10	(a.2) Número: 108b	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 10	(b.2) Número: 108b	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo		
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(14) Registro em dicionários: Não			
(15) Termo criado para o projeto: Sim			

Obs: No início do sinal, os braços se apoiam um no outro na região do antebraço, porém os braços estão na frente do tórax região que é denominado espaço neutro. Qual a melhor descrição para o Ponto de articulação do sinal?

(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 38	
(2) Termo: <b>LÁPIS</b>		(3) Categoria [4b]: Ensino do Desenho Arquitetônico - Instrumentos de Desenho	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>LÁPIS</b> – Nf [Ssing] – Objeto feito de madeira e grafite usado para escrever e desenhar.			
(6) Utilização do termo em uma frase: O lápis pode gerar variados efeitos nos desenhos dependendo da textura do seu grafite.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): Trata-se em primeiro lugar de um empréstimo lingüístico da língua geral para o léxico terminológico, Correia (1998).			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting): 			
(10) Quantidade de mãos: uma (01)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 106	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo:	(b.2) Número:	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			





(e) Orientação da palma (direita)	Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 10	(a.2) Número: 108a
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)	Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(13) Registro em dicionários: Sim			
(14) Termo criado para o projeto: Não			

Obs: Correção da escrita de sinais pois a configuração de mão é a do grupo 09 número 106 e não 98.

(1) Ficha Léxico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 39	
(2) Termo: <b>LAPISEIRA</b>		(3) Categoria [4b]: Ensino do Desenho Arquitetônico - Instrumentos de Desenho	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>LAPISEIRA</b> – Nf [Ssing] – Instrumento de desenho, de plástico ou metal, abastecido por grafites, cuja funcionalidade é escrever ou desenhar.			
(6) Utilização do termo em uma frase: A lapiseira é semelhante ao lápis, mas com dispositivo que movimenta a grafite.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): Trata-se em primeiro lugar de um empréstimo linguístico da língua geral para o léxico terminológico (correia). O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Lapiseira é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que possui amarras sintáticas e semânticas bem definidas, ou seja, tais termos sempre aparecem nesta ordem e sem outras lexias intermediárias) Lapiseira passa pelo processo de composição em libras e de sufixação em português.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (01)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 106
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)	Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 10	(a.2) Número: 108a
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		




(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 06	(a.2) Número: 67
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 06	(a.2) Número: 69
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(15) Registro em dicionários: Não			
(16) Termo criado para o projeto: Sim			

Obs: Correção da escrita de sinais pois a configuração de mão inicial é a do grupo 09 número 106 e não 98.



(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 40	
(2) Termo: <b>LAVABO</b>		(3) Categoria [1]: Denominação dos cômodos	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>LAVABO</b> – Nm [Ssing] – Compartimento pequeno, provido usualmente de lavatório e vaso sanitário, colocado próximo às salas de visitas na habitação parra uso dos visitantes. Sua área mínima é de cerca de 2 m <sup>2</sup> . Albernaz, pg. 344, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: O lavabo, em uma residência, e um cômodo mais utilizado pelos visitantes.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Lavabo é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem). O processo formador da lexia é a composição de duas lexias já dicionarizadas e lexicalizadas (banheiro + visita). Aos serem dispostas dessa maneira cada uma das lexias apresentadas deixa de ter sentido sozinha e passa a ser parte de uma unidade polilexical.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 06	(a.2) Número: 71
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 10	(b.2) Número: 111
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	

(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro / antebraço esquerdo	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 03	(a.2) Número: 28
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Bochecha esquerda	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 03	(a.2) Número: 28
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para cima	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(14) Registro em dicionários: Não			
(15) Termo criado para o projeto: Sim			

Obs: O ponto de articulação do primeiro momento é no espaço neutro, porém está apoiado no antebraço esquerdo, qual seria a melhor descrição do ponto de articulação desse momento?

(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 41	
(2) Termo: <b>MAÇANETA</b>		(3) Categoria [2a]: Elementos Construtivos – Acabamentos e peças fixas	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>MAÇANETA</b> – Nf [Ssing] – Maçaneta: Peça que girando em torno de um eixo movimentada a Lingueta ou o trinco da fechadura, articulando esquadrias. Pode ter diferentes formas. O tipo mais comum é composto de pescoço e alavanca. Nas Cremonas é usada maçaneta de argola. Em algumas portas só tem movimento pelo lado interno, externamente constitui-se em puxador. Albernaz, pg. 359, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: Existem várias formas de maçanetas que devem ser evitadas por serem pouco anatômicas.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): Trata-se em primeiro lugar de um empréstimo lingüístico da língua geral para o léxico terminológico, Correia (1998). A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting): 			
(10) Quantidade de mãos: uma (01)			
(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)			





(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 10	(a.2) Número: 111
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:
(12) <b>Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>		
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 10	(a.2) Número: 111
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		
(e) Orientação da palma (direita)	Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)		
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:
(13) Registro em dicionários: Não		
(14) Termo criado para o projeto: Sim		

(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico	Número: 42
(2) Termo: <b>PASTILHA</b>	(3) Categoria [2a]: Elementos Construtivos – Acabamentos e peças fixas
(4) Classe gramatical: Substantivo	
(5) Definição em português: <b>PASTILHA</b> – Nf [Ssing] – Pequena peça de cerâmica, de formato hexagonal, circular, quadrado ou retangular, em geral com dimensões aproximadas de 2 cm, usada no revestimento de paredes e pisos ou na confecção de Painéis decorativos. É um material impermeável, de fácil manutenção e boa conservação. Seu uso restringe-se, por vezes, devido à maior dificuldade de execução, em relação a outros tipos de ladrilho. Albernaz, pg. 440, 1998	
(6) Utilização do termo em uma frase: Os arquitetos tem optado por revestir a parede do box com pastilhas coloridas para diferenciar o ambiente.	
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Pastilha é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem). A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.	
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)	
(9) Escrita de sinais (SignWriting):	
(10) Quantidade de mãos: duas (02)	
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>	
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 05 (a.2) Número: 40

(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 93a
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 09	(b.2) Número: 93a
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para frente	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para frente	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedos polegares	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (quarto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 93a
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 09	(b.2) Número: 93a
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para frente	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para frente	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedos polegares	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(15) Parâmetros do sinal (termino do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 93a
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 09	(b.2) Número: 93a
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para frente	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para frente	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedos polegares	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(16) Registro em dicionários: Não			
(17) Termo criado para o projeto: Sim			




(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico	Número: 43
(2) Termo: <b>PATAMAR</b>	(3) Categoria [2b]: Elementos Construtivos - Comunicação vertical







(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>PATAMAR</b> – Nm [Ssing] – 1. Piso elevado e plano, de maior largura que o degrau, que separa os Lances de uma escada ou que inicia ou finaliza a escada, permitindo um descanso na subida ou descida, e criando em quem transita um efeito de maior segurança e comodidade. É indispensável quando se muda a direção do eixo da escada sem usar Degraus Em Leque. Tem na maior parte das vezes forma retangular. Em geral sua largura acompanha a largura da escada. No caso de se situar na mudança de direção do eixo da escada, às vezes, tem largura um pouco menor. Seu comprimento deve permitir dar cerca de três passos mantendo o rito estabelecido pelos degraus da escada, o que usualmente corresponde entre 90 cm e 1,55m. Em escadas que percorram uma altura superior a 2,75 m é recomendável ter pelo menos um patamar. Do mesmo modo, a cada dezoito degraus no máximo é indispensável ter um patamar. 2. Piso plano que separa a extensão de uma rampa ou que inicia ou finaliza uma rampa, em geral é utilizado para dar maior conforto a quem nela transita. Albernaz, pg. 441, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: Os patamares podem ser considerados como forma de descanso em escadas muito longas.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Patamar é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem). O processo formador da lexia é a composição de uma lexia já dicionarizada (escada) e um identificador.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 13
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 04	(b.2) Número: 32
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 13
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 04	(b.2) Número: 32
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedo indicador	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (termino do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 04	(b.2) Número: 32
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	

(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedo médio	(h) Movimento:	Não
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(14) Registro em dicionários: Não			
(15) Termo criado para o projeto: Sim			





Obs: Corrigir a escrita de Sinais a configuração da mão esquerda não é a 40 e sim a 32.

(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 44	
(2) Termo: <b>PÉ-DIREITO</b>		(3) Categoria [2b]: Elementos Construtivos – Comunicação vertical	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>PÉ-DIREITO</b> – NCm [Ssing] – Altura que vai do piso ao teto nos compartimentos ou recintos de um edifício. Sua altura mínima é fixada por legislação, em geral nos códigos de obras municipais, de acordo com o uso dado ao compartimento ou ambiente do edifício. Albernaz, pg. 448, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: O pé-direito das edificações é definido pelo código de obras das prefeituras.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Felipe de Castro Teixeira (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting): 			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 90
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(12) <b>Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 90
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Palma da mão esquerda	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(13) Registro em dicionários: Não			
(14) Termo criado para o projeto: Sim			

(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico	Número: 45
---	------------




(2) Termo: <b>PILAR</b>		(3) Categoria [2d]: Elementos Construtivos – Elementos estruturais	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>PILAR</b> – Nm [Ssing] – Elemento estrutural vertical que serve de sustentação às construções. Em geral, o termo é aplicado quando referido ao elemento de seção poligonal, usualmente retangular ou quadrado, sendo chamado Coluna o pilar de secção cilíndrica. Nas construções de Concreto Armado, forma juntamente com as vigas e as lajes a estrutura do edifício. Recebe as cargas de vigas e lajes e as transmite às Fundações. Seu dimensionamento é feito pelo calculista em função da carga que suportará e do número de pilares distribuídos no prédio. Frequentemente, em concreto armado, tem no mínimo 12 cm de largura, sendo que quando quadrado tem usualmente a largura mínima de 20 cm. O pequeno pilar é chamado de pilarete. Albermaz, pg. 469, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: O pilar é um elemento estrutural vertical usado para receber os esforços de uma edificação.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, a partir de um classificador especificador de tamanho e forma já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(12) <b>Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(13) <b>Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não


<b>(14) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para trás		
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(15) Registro em dicionários: Não			
(16) Termo criado para o projeto: Sim			





(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 46	
(2) Termo: <b>Piso</b>		(3) Categoria [2b]: Elementos Construtivos - Comunicação Vertical	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>Piso</b> – Nm [Ssing] – 1.Superfície construída, externa ou interna, que recobre o chão ou elemento estrutural horizontal, e sobre o qual se pisa. É também chamado de pavimento, principalmente quando referido à superfície externa. 2.Cada um dos andares da construção. 3. No degrau das escadas, parte horizontal na qual se pisa. A sua largura é frequentemente determinada segundo a sua relação com a altura do degrau, considerando o comprimento habitual do passo. Em geral, esta medida varia de 25 cm a 30 cm. A largura mínima admitida para o piso de escadas de caracol é de 10 cm. Albernaz, pg.476, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: O piso deve ter um tratamento antiderrapante para dar maior segurança ao morador.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo. O outro processo formador da lexia é a composição localização espacial somado ao nome piso. Esta partícula que pode ser denominada lexema ou morfema e atribui o caráter científico terminológico a esta lexia da língua geral.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 13	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo:	(b.2) Número:	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita):	Para baixo		
(f) Orientação da palma (esquerda):			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 13	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo:	(b.2) Número:	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		


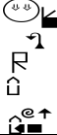
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 41
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para cima	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Laterais externas das mãos	(h) Movimento:	Não
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 41
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Passiva	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para cima	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Palma da mão esquerda	(h) Movimento:	Não
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(15) Registro em dicionários: Não			
(16) Termo criado para o projeto: Sim			

Obs: Corrigir a escrita de sinais, pois a configuração de mão do terceiro momento e término do sinal é de número 41 e não 40.





(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 47	
(2) Termo: <b>PLANTA</b>		(3) Categoria [4c]: Ensino do desenho Arquitetônico - Peças gráficas do projeto	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>PLANTA</b> – Nf [Ssing] – Genericamente, desenho que representa a projeção horizontal de um elemento da construção, de uma edificação, de um terreno ou de uma área. Existem vários tipos de planta, que de acordo com o que representam, recebem denominações especiais. A função essencial da planta é apresentar as medidas das distâncias. 2. Por extensão, disposição dos elementos construtivos, principalmente dos elementos de vedação, que são representados em Planta Baixa, na construção. Albernaz, pg. 481, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: A planta é o processo inicial para construção de uma edificação, é o desenho que representa o que se pretende construir.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo, dentro do contexto do desenho arquitetônico.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			

			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 10
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para frente	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Bochecha direita	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 10
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 10
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(15) Registro em dicionários: Não			
(16) Termo criado para o projeto: Sim			

(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 48	
(2) Termo: <b>PLANTA BAIXA</b>		(3) Categoria [4c]: Ensino do Desenho Arquitetônico - Peças Gráficas do Projeto	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
5) Definição em português: <b>PLANTA BAIXA</b> – NcF [Ssing] – Desenho que representa a projeção horizontal da edificação ou de parte da edificação. É traçado a partir de um corte horizontal feito um pouco acima da altura do peitoril das janelas ou distando cerca de 1 m do piso. Consta de todas as etapas do Projeto Arquitetônico, diferindo em cada uma dessas etapas quanto ao grau de informações apresentado. Albernaz, pg.481, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: Na planta baixa do apartamento estava também desenhada a disposição dos móveis.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por composição e se denomina formação sintagmática. O termo planta baixa-planta de situação é uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que possui amarras morfossintáticas e semânticas bem definidas, ou seja, tais termos sempre aparecem nesta ordem e sem outras lexias intermediárias).			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
			






					
(9) Escrita de sinais (SignWriting):					
					
(10) Quantidade de mãos: duas (02)					
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>					
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 10		
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41		
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva			
(e) Orientação da palma (direita)		Para frente			
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima			
(g) Ponto de articulação:	Bochecha direita	(h) Movimento:	Sim		
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não		
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>					
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 10		
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41		
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva			
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo			
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim		
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não		
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>					
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 10		
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41		
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva			
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás			
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim		
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não		
<b>(14) Parâmetros do sinal (quarto momento)</b>					
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 41		
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41		
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva			
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo			
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima			
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Palmas das mãos	(h) Movimento:	Sim		
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não		
<b>(15) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>					
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 41		
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41		
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva			
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo			
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima			

(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Palmas das mãos	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(16) Registro em dicionários: Não			
(17) Termo criado para o projeto: Sim			

(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 49	
(2) Termo: <b>PLANTA DE COBERTURA</b>		(3) Categoria [4c]: Ensino do Desenho Arquitetônico - Peças Gráficas do Projeto	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>PLANTA DE COBERTURA</b> – NcF [Ssing] – Planta que mostra o edifício visto de cima, apresentando o contorno total da edificação. Tem por finalidade caracterizar o telhado e indicar o modo como as águas da chuva serão retiradas e conduzidas para o solo. Usualmente é feita em escala de 1:100. É também chamada planta de telhado. Albernaz, pg.481, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: A planta de cobertura representa o desenho de tudo que enxergamos de cima para baixo, levando em conta o telhado e as informações de acabamentos e, sistema de recolhimento e escoamento das águas pluviais.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por composição e se denomina formação sintagmática. O termo planta de cobertura é uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que possui amarras morfossintáticas e semânticas bem definidas, ou seja, tais termos sempre aparecem nesta ordem e sem outras lexias intermediárias).			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting): 			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 10
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para frente	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Bochecha direita	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(12) <b>Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 10
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(13) <b>Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 10







(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Ponta dos dedos	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(15) Registro em dicionários: Não			
(16) Termo criado para o projeto: Sim			




(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 50	
(2) Termo: <b>PLANTA DE SITUAÇÃO</b>		(3) Categoria [4c]: Ensino do Desenho Arquitetônico - Peças Gráficas do Projeto	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>PLANTA DE SITUAÇÃO</b> – NcF [Ssing] – Planta que indica o terreno, seus principais acessos, a orientação e a implantação das edificações e de elementos construtivos. Define a posição da edificação no interior do terreno e aposição deste em relação ao logradouro e aos terrenos vizinhos. Em geral, consta do estudo preliminar, do anteprojeto e do projeto de execução, em escala de 1:100 ou 1:200. Apresenta, em cada uma dessas etapas diferentes níveis de informações. Albernaz, pg.482, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: A planta de situação define o local onde a obra será construída.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por composição e se denomina formação sintagmática. O termo planta baixa-planta de situação é uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que possui amarras morfossintáticas e semânticas bem definidas, ou seja, tais termos sempre aparecem nesta ordem e sem outras lexias intermediárias)			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)			

(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 10
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para frente	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Bochecha direita	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 10
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 10
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (quarto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 101
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 09	(b.2) Número: 101
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(15) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 101
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 09	(b.2) Número: 101
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(16) Registro em dicionários: Não			
(17) Termo criado para o projeto: Sim			

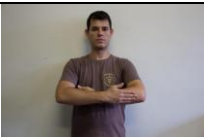

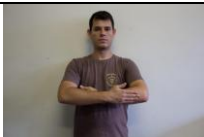

Obs: Corrigir a escrita de sinais, pois as configurações de mãos do primeiro, segundo e terceiro momentos do sinal é de número 41 e não 40.

(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 51	
(2) Termo: PLATIBANDA		(3) Categoria [2a]: Elementos Construtivos – Acabamento e peças fixas	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: PLATIBANDA – Nf [Ssing] – Elemento vazado ou cheio disposto no alto de fachadas, coroando a parede externa do prédio, formando uma espécie de mureta que esconde as águas dos telhados e eventualmente serve de proteção em terraços. Em geral, é utilizada para dar acabamento decorativo à fachada da construção. Albernaz, pg.485, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: Começaram a ser utilizados platibandas para evitar que a água descesse dos telhados diretamente.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Platibanda é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem). A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting): 			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/Ponta dos dedos	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 41
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/Lateral externa da mão esquerda	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 41
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	






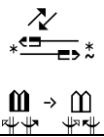
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(14) Registro em dicionários: Não			
(15) Termo criado para o projeto: Sim			

(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 52	
(2) Termo: <b>PORÃO</b>		(3) Categoria[1]: Denominação dos Cômodos	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>PORÃO</b> – Nm [Ssing] – Espaço situado entre o solo e o primeiro piso da construção, e com altura tal que permita minimamente dispor nas suas paredes externas pequenos vãos de janela, Óculos ou Seteiras. Tem como fundação básica impedir o contato entre o solo e o primeiro piso da edificação. Cria uma circulação de ar baixo do primeiro pavimento, evitando a umidade no seu interior. Em geral, seu piso localiza-se pelo menos um pouco abaixo do nível do chão ou da pavimentação que circunda a edificação. Antigamente só era considerado porão o espaço que tivesse no mínimo a quarta parte do seu Pé-Direito abaixo do chão ou pavimentação circundante, sendo chamado Rés-do-chão o espaço que não fosse tão enterrado. Quando sua altura permite que uma pessoa fique de pé, é chamado de porão habitável, e tem seu uso freqüente de depósito ou adega. Seu emprego foi comum nas habitações de maior porte construídas no final do século XIX e início deste. Com o uso do concreto armado na construção e de técnicas e materiais que permitiam a impermeabilização do piso, deixou de ser utilizado nas construções. Albernaz, pg. 494, 1998			
(6) Utilização do termo em uma frase: O porão é um pequeno espaço entre o solo e o primeiro pavimento de uma casa, nele podem ser guardados objetos diversos.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Porão é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem). O processo formador da lexia é a composição de um classificador da unidade casa somado à lexia sob.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo		
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Ponta dos dedos	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(12) <b>Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 06	(a.2) Número: 69	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Passiva		
(e) Orientação da palma (direita)	Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo		
(g) Ponto de articulação:	Neutro/	(h) Movimento:	Não

	Palma da mão esquerda		
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(13) Registro em dicionários: Não			
(14) Termo criado para o projeto: Sim			






(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 53	
(2) Termo: PORTA		(3) Categoria [2c]: Elementos Construtivos – Vãos e Aberturas	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: PORTA– Nf [Ssing] – Abertura em paredes ou muros, ao nível do piso, vedada por folha móvel, pela qual as pessoas e veículos têm acesso ao edifício, aos recintos e compartimentos. É composta de uma parte fixa e de uma parte móvel. A parte fixa corresponde em geral ao Marco ou Caixa e Á guarnição. A parte móvel é constituída por uma ou mais folhas, também chamadas Vedos ou Batentes. Em geral, suas dimensões estão vinculadas ao tamanho do objeto ou fluxo de pessoas para as quais serve de passagem. O aproveitamento do espaço interno depende da disposição e do sentido de abertura das portas. Albernaz, pg. 496, 1998			
(6) Utilização do termo em uma frase: Os sistemas de segurança das portas tem sido reforçados pela utilização de sistemas eletrônicos.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Passiva		
(e) Orientação da palma (direita)	Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para trás		
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Antebraços	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(12) <b>Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Passiva		
(e) Orientação da palma (direita)	Para esquerda		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para trás		
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(13) <b>Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			

(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Antebraços	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(14) Registro em dicionários: Não			
(15) Termo criado para o projeto: Sim			

(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 54	
(2) Termo: <b>PORTA ARTICULADA</b>		(3) Categoria [2c]: Elementos Construtivos – Vãos e Aberturas	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>PORTA ARTICULADA – NCF [Ssing]</b> – Porta cuja abertura é feita pelo movimento de rotação de seu vedo com auxílio de Ferragem de articulação. É a mais comum na construção, principalmente em compartimentos internos. Em geral, possui uma ou duas Folhas. Usualmente é disposta de modo a permitir a abertura no sentido direto. Sua abertura no sentido esquerdo é usada somente quando o arranjo interno do compartimento exige esse tipo de abertura. A superfície da porta de abrir voltada para o sentido de rotação da porta, que nas antigas portas externas correspondia usualmente ao interior do edifício, é chamada Tardoz. A superfície oposta ao tardoz é chamada Face. Albernaz, pg. 499, 1998			
(6) Utilização do termo em uma frase: A porta articulada foi projetada para economizar espaço em sua abertura.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): Trata-se de um caso de justaposição aparente com a primeira lexia já dicionarizada e lexicalizada e a segunda parte é um neologismo formado por iconicidade. Porta articulada funciona como única palavra, sendo uma lexia composta. Este neologismo pode ser caracterizado também como formação sintagmática. Felipe (2006) Ferraz 2008; Silva e Sell (2008).			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/	(h) Movimento:	Sim



	Antebraços		
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Antebraços	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (quarto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Palmas das mãos	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(15) Parâmetros do sinal (quinto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Laterais externas das mãos	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(16) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Palmas das mãos	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não


(17) Registro em dicionários: Não
(18) Termo criado para o projeto: Sim






(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número:55	
(2) Termo: <b>PORTA CORREDIÇA</b>		(3) Categoria [2c]: Elementos Construtivos - Vãos e Aberturas	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>PORTA CORREDIÇA</b> – NcF [Ssing] – Porta usada no fechamento de grandes vãos, cujo vedo desliza sobre trilhos providos de roldanas, movimentando-se no sentido vertical ou horizontal. No primeiro caso, os trilhos são dispostos junto à Padieira e sobre a Soleira da porta; e, no segundo caso, as suas laterais. Em geral, sua Folha é subdividida em lâminas ou seções articuladas, facilitando a sua abertura. Albernaz, pg. 499, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: As portas corrediças são, geralmente, feitas de vidro.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): Trata-se de um caso de justaposição aparente com a primeira lexia já dicionarizada e lexicalizada e a segunda parte é um neologismo formado por iconicidade. Porta corrediça funciona como única palavra, sendo uma lexia composta. Este neologismo pode ser caracterizado também como formação sintagmática. Felipe (2006) Ferraz 2008; Silva e Sell (2008).			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:		Neutro/ Antebraços	(h) Movimento: Sim
(i) Expressão facial:		Não	(j) Expressão corporal: Não
(12) <b>Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:		Neutro	(h) Movimento: Sim
(13) <b>Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			

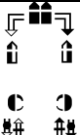


(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Antebraços	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (quarto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(15) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(16) Registro em dicionários: Não			
(17) Termo criado para o projeto: Sim			







(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 56	
(2) Termo: <b>PORTÃO BASCULANTE</b>		(3) Categoria [2c]: Elementos Construtivos – Vãos e Aberturas	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>PORTÃO BASCULANTE</b> – NCm [Ssing] – Portão usado em grandes vãos cujo vedo gira sobre o eixo horizontal colocado próximo à sua Padireira. Comumente, seu eixo situa-se a cerca de 2/3 da sua altura e, quando aberta, fica em posição horizontal. Comparada à Porta de Contrapeso, também usada no fechamento de grandes vãos, apresenta como desvantagens maior dificuldade de execução e desperdício na altura do vão. Sua Folha em geral é feita de material muito leve para facilitar a sua movimentação, usualmente um esqueleto metálico revestido com folha de zinco. Pode ser instalada associada a comutadores elétricos que permitam sua abertura por controle remoto por dentro ou por fora do edifício. É às vezes também chamada de porta levadiça. Albernaz, pg. 497, 1998			
(6) Utilização do termo em uma frase: O Portão Basculante ocupa pouco espaço em suas laterais, e na altura, facilitando a passagem dos veículos.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			

			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 04	(a.2) Número: 32
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedo indicador esquerdo	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 04	(a.2) Número: 32
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedo indicador esquerdo	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(13) Registro em dicionários: Não			
(14) Termo criado para o projeto: Sim			

(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 57	
(2) Termo: <b>PRANCHETA</b>		(3) Categoria [4b]: Ensino do Desenho Arquitetônico - Instrumentos de Desenho	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>PRANCHETA</b> – Nf [Ssing] – Geralmente de madeira, em forma retangular; nela se fixam os papéis de desenho. Deve ser de madeira maciça (pinho ou similar), bem seca e isenta de defeitos. Hoje todas as pranchetas são feitas de madeira compensada (folhas de compensado fixadas em um chassi). L. Oberg, pg.1, 1997.			
(6) Utilização do termo em uma frase: A prancheta é uma mesa utilizada pelo profissional Arquiteto ou Engenheiro para o desenho de plantas e projetos.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Prancheta é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem). A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			






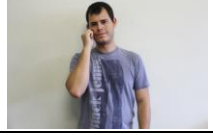


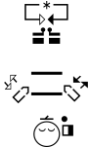
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 04	(a.2) Número: 32
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 04	(b.2) Número: 32
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Laterais internas das mãos	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 04	(a.2) Número: 32
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 04	(b.2) Número: 32
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 04	(a.2) Número: 32
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 04	(b.2) Número: 32
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (quarto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 04	(a.2) Número: 32
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 04	(b.2) Número: 32
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(15) Parâmetros do sinal (quinto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 46
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 46
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(16) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 46
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 46
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	

(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo		
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(17) Registro em dicionários:	Não		
(18) Termo criado para o projeto:	Sim		

(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico	Número: 58		
(2) Termo: <b>QUARTO</b>	(3) Categoria [1]: Denominação dos cômodos		
(4) Classe gramatical:	Substantivo		
(5) Definição em português:	<b>QUARTO</b> – Nm [Ssing] – Dependência da casa destinada para dormir, sinônimo de dormitório.		
(6) Utilização do termo em uma frase:	O arquiteto derrubou a parede para ampliar o quarto.		
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia):	Trata-se em primeiro lugar de um empréstimo lingüístico da língua geral para o léxico terminológico, Correia (1998). O processo formador da lexia é a composição localização espacial somado ao verbo dormir. Esta partícula que pode ser denominada lexema ou morfema atribui o caráter científico terminológico a esta lexia da língua geral.		
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
(10) Quantidade de mãos:	duas (02)		
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para trás		
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedo indicador	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para trás		
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01	




(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (quarto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedo indicador	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(15) Parâmetros do sinal (quinto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 38
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Bochecha direita	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(16) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 10	(a.2) Número: 111
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Bochecha direita	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(17) Registro em dicionários: Sim			
(18) Termo criado para o projeto: Não			

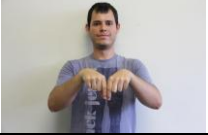


(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico	Número: 59
(2) Termo: <b>QUARTO DE EMPREGADA</b>	(3) Categoria [1]: Denominação dos cômodos
(4) Classe gramatical: Substantivo	
(5) Definição em português: <b>QUARTO DE EMPREGADA</b> – Nm +Nf [Ssing] – Dependência de dormitório destinada a trabalhadores domésticos.	
(6) Utilização do termo em uma frase: O quarto de empregada era um ambiente essencial há alguns anos.	
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Quarto de empregada é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem). O processo formador da lexia é a composição localização espacial somado ao verbo dormir mais o nome empregada. Esta partícula que pode ser denominada lexema ou morfema atribui o caráter científico terminológico a esta lexia da língua geral.	

(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)				
				
(9) Escrita de sinais (SignWriting):				
				
(10) Quantidade de mãos: duas (02)				
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01	
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa			
(e) Orientação da palma (direita)	Para trás			
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para trás			
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedo indicador	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não	
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01	
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa			
(e) Orientação da palma (direita)	Para trás			
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para trás			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não	
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01	
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa			
(e) Orientação da palma (direita)	Para trás			
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para trás			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não	
<b>(14) Parâmetros do sinal (quarto momento)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01	
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa			
(e) Orientação da palma (direita)	Para trás			
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para trás			
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedo indicador	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não	
<b>(15) Parâmetros do sinal (quinto momento)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 38	

(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Bochecha direita	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(16) Parâmetros do sinal (sexto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 10	(a.2) Número: 111
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Bochecha direita	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(17) Parâmetros do sinal (sétimo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 41
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para cima	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Cintura	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(18) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 41
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para cima	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Cintura	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(19) Registro em dicionários: Não			
(20) Termo criado para o projeto: Sim			


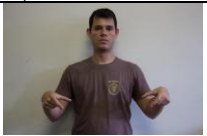
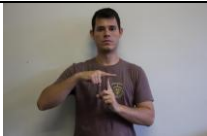
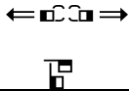
(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico	Número: 60
(2) Termo: <b>RAMPA</b>	(3) Categoria [2b]: Elementos Construtivos - Comunicação Vertical
(4) Classe gramatical: Substantivo	
(5) Definição em português: <b>RAMPA</b> – Nf [Ssing] – Superfície inclinada que se constitui em um elemento de circulação vertical Exige mais espaço no seu desenvolvimento do que uma escada. Para circulação de pessoas, deve ter no máximo inclinação de 15°, exigindo um revestimento no piso rugoso que evite deslizamento. Para veículos, pode ter inclinação maior, sendo considerado confortável até no máximo 20% de inclinação. O conjunto de rampas é chamado rampado. Albernaz, pg.531, 1998.	
(6) Utilização do termo em uma frase: A rampa facilita o acesso de quem tem dificuldades de locomoção.	
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.	

(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)				
(9) Escrita de sinais (SignWriting): 				
(10) Quantidade de mãos: uma (01)				
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40	
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):				
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo			
(f) Orientação da palma (esquerda)				
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não	
<b>(12) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40	
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):				
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo			
(f) Orientação da palma (esquerda)				
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não	
(13) Registro em dicionários: Não				
(14) Termo criado para o projeto: Sim				




(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico	Número: 61			
(2) Termo: <b>RÉGUA</b>	(3) Categoria [4b]: Ensino do Desenho Arquitetônico - Instrumentos de desenho			
(4) Classe gramatical: Substantivo				
(5) Definição em português: <b>RÉGUA</b> – Nf [Ssing] – Peça longa e estreita, de faces retangulares e superfície plana, feita principalmente de madeira ou metal, usada no canteiro de obras para traçar linhas retas. Pode ser dividida em unidades de medida linear, servindo então também para medir. Albernaz, pg. 540, 1998				
(6) Utilização do termo em uma frase: Se medir cuidadosamente com uma régua perceberá que as duas figuras são do mesmo tamanho.				
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo, dentro do contexto do desenho arquitetônico.				
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)				
(9) Escrita de sinais (SignWriting): 				
(10) Quantidade de mãos: duas (02)				
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 103	
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 09	(b.2) Número: 103	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa			
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo			



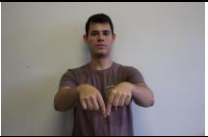
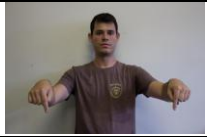




(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedos indicadores e polegares	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 103
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 09	(b.2) Número: 103
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo		
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(13) Registro em dicionários: Não			
(14) Termo criado para o projeto: Sim			

(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 62	
(2) Termo: <b>RÉGUA T</b>		(3) Categoria [4b]: Ensino do Desenho Arquitetônico - Instrumentos de Desenho	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>RÉGUA T</b> – Ncf [Ssing] – É uma régua composta de duas outras, fixas uma na outra. Uma delas, pequena e de madeira grossa, denomina-se cabeçote; a outra mais fina e mais longa denomina-se haste. Estas régua formam um ângulo de 90°. Serve para traçar linhas horizontais paralelas no sentido do comprimento da prancheta, servindo ainda de apoio aos esquadros para traçar paralelas verticais ou com determinadas inclinações. O comprimento da régua T deve ser um pouco menor que o da prancheta. L. Oberg, pg. 3, 1997			
(6) Utilização do termo em uma frase: A régua T percorre a prancheta no sentido vertical (para cima e para baixo), e têm como função permitir traçar linhas horizontais paralelas no papel.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Régua T é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem). O processo formador da lexia é a composição de uma lexia terminológica registrada no dicionário em questão (régua) e um classificador especificador de tamanho e forma. A formação do “T” está também na categoria empréstimo linguístico estereotipado (Faria-Nascimento, 2009).			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 103
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 09	(b.2) Número: 103
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo		
(g) Ponto de articulação:	Neutro/	(h) Movimento:	Sim

	Dedos indicadores e polegares		
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 103
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 09	(b.2) Número: 103
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para direita	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(14) Registro em dicionários: Não			
(15) Termo criado para o projeto: Sim			







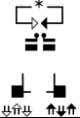
(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 63	
(2) Termo: <b>RODAPÉ</b>		(3) Categoria [2a]: Elementos Construtivos – Acabamento e peças fixas	
(4) Classe gramatical: Adjetivo			
(5) Definição em português: <b>RODAPÉ</b> – Nm [Ssing] – Barra de proteção na parte inferior das paredes internas, junto ao piso, para lhes dar melhor acabamento e evitar que choques, aparelhos ou materiais de limpeza estraguem seu revestimento. Comumente, é ligeiramente abaulado na sua parte superior, evitando acúmulo de pó. Diferentes materiais são usados nos rodapés, dependendo do revestimento de paredes e pisos, do uso dado ao espaço interno e da qualidade do acabamento da construção. Albernaz, pg. 550, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: Além da função estética, o rodapé também veda e protege a parede contra batidas de ferramentas de limpeza.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Felipe de Castro Teixeira (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting): 			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 09	(b.2) Número: 101
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	

(e) Orientação da palma (direita)	Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para trás		
(g) Ponto de articulação:	Antebraço	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 09	(b.2) Número: 101	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Passiva		
(e) Orientação da palma (direita)	Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para trás		
(g) Ponto de articulação:	Antebraço	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(13) Registro em dicionários: Não			
(14) Termo criado para o projeto: Sim			


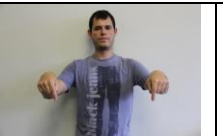

(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 64	
(2) Termo: <b>SALA DE ESTAR</b>		(3) Categoria [1]: Denominação dos cômodos	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>SALA DE ESTAR</b> – Ncf [Ssing] – Recinto multifuncional usado para se sentar e para entretenimento formal. Na maioria das habitações, é situado no pavimento principal. Burden, pg. 299, 2006.			
(6) Utilização do termo em uma frase: Por se tratar de um lugar de receber visitas, a sala de estar deve ser aconchegante e refletir a personalidade do dono.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Sala de estar é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem). O processo formador da lexia é a composição de duas lexias (localizador espacial + visita). Aos serem dispostas dessa maneira cada uma das lexias apresentadas deixa de ter sentido sozinha e passa a ser parte de uma unidade polilexical.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para trás		
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedo indicador	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não




<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (quarto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedo indicador	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(15) Parâmetros do sinal (quinto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 03	(a.2) Número: 28
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Bochecha esquerda	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(16) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 03	(a.2) Número: 28
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(17) Registro em dicionários:	Não		
(18) Termo criado para o projeto:	Sim		

(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico	Número: 65
(2) Termo: <b>SALA DE TV</b>	(3) Categoria [1]: Denominação dos cômodos
(4) Classe gramatical: Substantivo	
(5) Definição em português: <b>SALA DE TV – NCf [Ssing] – Espaço na área íntima da residência destinado ao</b>	




descanso e lazer.			
(6) Utilização do termo em uma frase: Salas de Tv são muito usadas para assistir filmes nas residencias.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Sala de tv é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem). O processo formador da lexia é a composição localização espacial somado ao nome televisão. Esta partícula que pode ser denominada lexema ou morfema atribui o caráter científico terminológico a esta lexia da língua geral.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedo indicador	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (quarto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	

(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedo indicador	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(15) Parâmetros do sinal (quinto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 92
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 09	(b.2) Número: 92
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para frente	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para frente	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(16) Parâmetros do sinal (sexto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 92
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 09	(b.2) Número: 92
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para frente	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para frente	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(17) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 92
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 09	(b.2) Número: 92
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para frente	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para frente	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(18) Registro em dicionários: Não			
(19) Termo criado para o projeto: Sim			

(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 66	
(2) Termo: <b>SAUNA</b>		(3) Categoria [1]: Denominação dos Cômodos	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>SAUNA</b> – Nf [Ssing] – Uma espécie de banho de vapor; local onde se toma tal banho.			
(6) Utilização do termo em uma frase: Na sauna ocorre o relaxamento e a redução do estresse do dia a dia.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Sauna é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem). O processo formador da lexia é a composição localização espacial somado ao classificador vapor. Esta partícula que pode ser denominada lexema ou morfema atribui o caráter científico terminológico a esta lexia da língua geral. A formação da lexia se dá, em parte, pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			









				
(9) Escrita de sinais (SignWriting):				
				
(10) Quantidade de mãos: duas (02)				
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01	
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01	
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás		
(g) Ponto de articulação:		Neutro/ Dedo indicador	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:		Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01	
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01	
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás		
(g) Ponto de articulação:		Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:		Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01	
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01	
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás		
(g) Ponto de articulação:		Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:		Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (quarto momento)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01	
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01	
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás		
(g) Ponto de articulação:		Neutro/ Dedo indicador	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:		Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(15) Parâmetros do sinal (quinto momento)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 38	
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 38	
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás		
(g) Ponto de articulação:		Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:		Sim	(j) Expressão corporal:	Não

<b>(16) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 38	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 38	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para trás		
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Sim	(j) Expressão corporal:	Não
(17) Registro em dicionários: Não			
(18) Termo criado para o projeto: Sim			

(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 67	
(2) Termo: <b>SÓTÃO</b>		(3) Categoria [1]: Denominação dos cômodos	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>SÓTÃO</b> – Nm [Ssing] – Espaço compreendido pelo último pavimento do edifício e pela cobertura do telhado usado como compartimento principalmente para depósito. Em geral distingue-se da Água-Furtada não só pelo seu uso, mas também pelo por possuir Pé-Direito reduzido e não ter aberturas para o exterior. Muitas vezes é interligado aos demais compartimentos do prédio por um Alçapão. Albernaz, pg.579, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: Como o sótão costuma ser de baixa altura e de difícil acesso, costuma não ser habitável.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Sótão é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem). O processo formador da lexia é a composição de um classificador da unidade telhado somado à lexia sobre.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo		
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Ponta dos dedos	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 06	(a.2) Número: 69	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Passiva		
(e) Orientação da palma (direita)	Para frente		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo		
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dorso da	(h) Movimento:	Não







	mão		
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(13) Registro em dicionários: Não			
(14) Termo criado para o projeto: Sim			

(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 68	
(2) Termo: <b>SUÍTE</b>		(3) Categoria [1]: Denominação dos cômodos	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>SUÍTE</b> – Nf [Ssing] – Conjunto de dois cômodos em que um é dormitório e o outro é banheiro.			
(6) Utilização do termo em uma frase: O tamanho da suíte foi um dos fatores principais para a compra da casa.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Suíte é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem). O processo formador da lexia é a composição localização espacial somado ao nome banheiro mais o verbo dormir. Esta partícula que pode ser denominada lexema ou morfema atribui o caráter científico terminológico a esta lexia da língua geral.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
			
			
(9) Escrita de sinais (SignWriting): 			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:		(h) Movimento:	Sim
	Neutro/ Dedo indicador		
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(12) <b>Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:		(h) Movimento:	Sim
	Neutro		
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(13) <b>Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	

(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (quarto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 01
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 01	(b.2) Número: 01
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedo indicador	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(15) Parâmetros do sinal (quinto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 06	(a.2) Número: 71
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 10	(b.2) Número: 111
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Início do antebraço próximo ao pulso	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(16) Parâmetros do sinal (sexto momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 38
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Bochecha direita	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(17) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 10	(a.2) Número: 111
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Bochecha direita	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(18) Registro em dicionários: Não			
(19) Termo criado para o projeto: Sim			





(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 69
(2) Termo: <b>SUSTENTABILIDADE</b>		(3) Categoria [4d]: Ensino do Desenho Arquitetônico – Temas transversais
(4) Classe gramatical: Substantivo		

(5) Definição em português: <b>SUSTENTABILIDADE</b> – Nf [Ssing] – A capacidade do ser humano interagir com o mundo, preservando o meio ambiente para não comprometer os recursos naturais das gerações futuras.			
(6) Utilização do termo em uma frase: Sustentabilidade é um dos temas mais debatidos no mercado hoje.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Sustentabilidade é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem).			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 38
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 38
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 10	(a.2) Número: 111
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 10	(b.2) Número: 111
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 10	(a.2) Número: 111
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 10	(b.2) Número: 111
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 10	(a.2) Número: 111
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 10	(b.2) Número: 111
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para cima	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(15) Registro em dicionários: Não			





(16) Termo criado para o projeto: Sim





(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 70	
(2) Termo: <b>TELHA</b>		(3) Categoria [3]: Cobertura	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>TELHA</b> – Nf [Ssing] – Cada uma das peças que formam a cobertura do telhado. Pode ser feita em diversos materiais, como cerâmica, Fibrocimento, Zinco, pedra, madeira, plástico, e ter variadas formas. A inclinação dos telhados depende em grande parte do tipo de telha utilizado em sua cobertura. Albernaz, pg.599, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: As principais variedades de telhas utilizadas são coloniais e francesas.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): Trata-se em primeiro lugar de um empréstimo lingüístico da língua geral para o léxico terminológico, Correia (1998). A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo, dentro do contexto do desenho arquitetônico.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting): 			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 48
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 48
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para cima	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedos da mão	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(12) Registro em dicionários: Sim			
(13) Termo criado para o projeto: Não			

(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 71	
(2) Termo: <b>TELHA DE CUMEEIRA</b>		(3) Categoria [3]: Cobertura	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>TELHA DE CUMEEIRA</b> – NCf [Ssing] – Telha de seção curva frequentemente decorativa que é empregada para cobrir a cumeeira de um telhado, dando acabamento. Burden, pg. 314, 2006.			
(6) Utilização do termo em uma frase: Para instalação das telhas de cumeeiras é conveniente planejar previamente a colocação das mesmas, a fim de evitar cortes e obter o melhor acabamento estético.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Telha de cumeeira é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem). A formação da lexia se dá, em parte, pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			





(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)				
(9) Escrita de sinais (SignWriting):				
				
(10) Quantidade de mãos: duas (02)				
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40	
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa			
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo			
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo			
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Ponta dos dedos	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não	
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 07	
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Passiva			
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo			
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo			
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Ponta dos dedos	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não	
<b>(13) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>				
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 01	(a.2) Número: 07	
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Passiva			
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo			
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim	
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não	
(14) Registro em dicionários: Não				
(15) Termo criado para o projeto: Sim				

(1) Ficha Léxico -Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico	Número: 72
(2) Termo: TELHADO	(3) Categoria [3]: Cobertura
(4) Classe gramatical: Substantivo	
(5) Definição em português: TELHADO – Nm [Ssing] – Elemento que serve de cobertura para a construção. O termo é principalmente utilizado quando o elemento é composto por uma armação estrutural e um material de recobrimento, a cobertura. A armação do telhado sustenta a cobertura que frequentemente é composta por telhas. Sua superfície pode ser plana, o mais comum, ou curva. Pode ser constituído por uma ou mais de uma superfície. As superfícies que compõem o telhado são chamadas de Águas de Telhado. Usualmente, as águas de telhado são inclinadas, favorecendo o escoamento das águas pluviais. Albermaz, pg.604, 1998.	
(6) Utilização do termo em uma frase: As águas pluviais após caírem nos telhados são direcionadas às calhas e, ao invés de serem descartadas, são filtradas e levadas a um reservatório inferior, podendo ser usadas para lavar a	

varanda e regar as plantas.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): O processo de formação da lexia aconteceu por justaposição ou composição. O termo Telhado é uma composição pura (Silva e Sell 2008) já que se trata de uma unidade fraseológica com alto grau de fixidez (isto quer dizer que tais termos sempre aparecem nesta ordem). A formação da lexia se dá, em parte, pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting): 			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 40
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 40
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Ponta dos dedos	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 41
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para baixo	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 41
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para frente	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Ponta dos dedos	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
<b>(14) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 41
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 41
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para trás	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para frente	
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(15) Registro em dicionários: Não			
(16) Termo criado para o projeto: Sim			



(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 73	
(2) Termo: <b>TORNEIRA</b>		(3) Categoria [2a]: Elementos Construtivos – Acabamento e peças fixas	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>TORNEIRA</b> – Nf [Ssing] – Dispositivo colocado na extremidade de um ramal de distribuição de água destinado ao controle manual da saída de água. Comumente é feita de Latão, Bronze ou plástico. Quando metálica, pode ter o aspecto externo natural polido do metal ou ser cromada ou niquelada. Quanto ao seu funcionamento é classificada em: torneira de pressão, torneira de macho e torneira especial. É também chamada torneira de serviço ou, principalmente no interior, bica. Albernaz, pg. 627, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: Uma das funções da Torneira é permitir regular ou reter o fluxo de água.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): Trata-se em primeiro lugar de um empréstimo lingüístico da língua geral para o léxico terminológico, Correia (1998). A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Felipe de Castro Teixeira (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 92
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação: Queixo		(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial: Não		(j) Expressão corporal:	Não
<b>(12) Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 09	(a.2) Número: 92
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para esquerda	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação: Queixo		(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial: Não		(j) Expressão corporal:	Não
<b>(13) Parâmetros do sinal (terceiro momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 38
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação: Neutro		(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial: Não		(j) Expressão corporal:	Não
<b>(15) Parâmetros do sinal (termino do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 05	(a.2) Número: 38
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo:	(b.2) Número:

(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo		
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	Neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(16) Registro em dicionários: Sim			
(17) Termo criado para o projeto: Não			

(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 74	
(2) Termo: <b>TRELIÇA</b>		(3) Categoria [2d]: Elementos Construtivos – Elementos estruturais	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>TRELIÇA</b> – Nf [Ssing] – Armação em geral de madeira formada por peças que se cruzam. Portas, Caramanchões, janelas e Guarda-corpos podem ser compostos por treliças. 2. Viga metálica composta por diversas peças que se encontram, deixando espaços vazios. 3. Rede metálica em geral usada na estruturação de elementos como Lajes ou Tabiques. Albernaz, pg. 637, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: As treliças fazem parte do sistema estrutural das construções.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
(11) <b>Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 10	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 02	(b.2) Número: 10	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para frente		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para trás		
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedos indicador e médio	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(12) <b>Parâmetros do sinal (segundo momento)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 10	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(b.1) Grupo: 02	(b.2) Número: 10	
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa		
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa		
(e) Orientação da palma (direita)	Para trás		
(f) Orientação da palma (esquerda)	Para frente		
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedos indicador e médio	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não



<b>(13) Parâmetros do sinal (término do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 10
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 02	(b.2) Número: 10
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Ativa	
(e) Orientação da palma (direita)		Para frente	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Dedos indicador e médio	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(14) Registro em dicionários: Não			
(15) Termo criado para o projeto: Sim			

(1) Ficha Lexico-Terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número: 75	
(2) Termo: <b>VASO SANITÁRIO</b>		(3) Categoria [2a]: Elementos Construtivos – Acabamento e peças fixas	
(4) Classe gramatical: Substantivo			
(5) Definição em português: <b>VASO SANITÁRIO</b> – NCM [Ssing] – Em geral de louça unida às canalizações de água e esgoto, usada em banheiros e W.Cs. Necessita de um fluxo forte de água para o seu funcionamento. É também chamada de bacia e privada, principalmente no Norte e Nordeste, sentina e, especialmente em Portugal, retrete. Albernaz, pg. 652, 1998.			
(6) Utilização do termo em uma frase: A indústria tem investido no design das peças de banheiro inclusive o vaso sanitário.			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia): A formação da lexia se dá pelo processo de iconicidade, já que tem uma propriedade em comum com esquematização perceptiva do elemento construtivo.			
(8) Fotos do sinal: Sinalizador: Ademar Alves de Oliveira Júnior (surdo)			
(9) Escrita de sinais (SignWriting):			
			
(10) Quantidade de mãos: duas (02)			
<b>(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)</b>			
(a) Configuração de mão (direita):		(a.1) Grupo: 02	(a.2) Número: 13
(b) Configuração de mão (esquerda):		(b.1) Grupo: 05	(b.2) Número: 51
(c) Tipo de ação da mão (direita):		Ativa	
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):		Passiva	
(e) Orientação da palma (direita)		Para baixo	
(f) Orientação da palma (esquerda)		Para trás	
(g) Ponto de articulação:	Neutro/ Lateral interna da mão	(h) Movimento:	Não
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(12) Registro em dicionários: Não			
(13) Termo criado para o projeto: Sim			

## CAPÍTULO 6

### PROPOSTA DE OBRA TERMINOGRÁFICA

O *Dicionário Terminográfico Bilíngue do Ensino do Desenho Arquitetônico Português/Libras* que estamos apresentando conta, inicialmente, com 75 termos que são parte de um *corpus* composto por 300 lexias, em Libras, conforme relatado anteriormente. Tais lexias foram analisadas em fichas léxico-terminográficas, no Capítulo 5.

Embora, na origem, o projeto BIC JR denominava a obra terminográfica como “Glossário” estamos fazendo opção pela denominação “Dicionário” por tratar-se de termos mais conhecido pela comunidade surda, já que constatamos que os termos, dicionário, glossário, vocabulário se equivalem.

Propomos, portanto, duas divisões:

1. Quadro Geral de Classificação.
2. Dicionário.

#### **6.1 Quadro geral de classificação**

Segue o critério onomasiológico de classificação.

Compõe-se por quatro quadros:

1. Denominação dos cômodos,
2. Elementos Construtivos,
  - a) Acabamento e peças fixas
  - b) Comunicação vertical
  - c) Vãos e aberturas
  - d) Elementos estruturais
3. Cobertura,
4. Ensino do Desenho Arquitetônico.
  - a) Denominações institucionais
  - b) Instrumentos de desenho
  - c) Peças gráficas do projeto
  - d) Temas Transversais

### 1) Denominação dos cômodos

Banheiro, Closet, Copa, Cozinha, Garagem, Lavabo, Porão, Quarto, Quarto de Empregada, Sala de Tv, Sala de Visita, Sauna, Sótão, Suíte, Varanda (14).

### 2) Elementos Construtivos

#### a) Acabamento e peças fixas

Azulejo, Banheira, Banheira de Hidromassagem, Boneca, Caixa D'água, Coifa, Fechadura, Grade, Maçaneta, Pastilha, Platibanda, Rodapé, Torneira, Vaso Sanitário (13).

#### b) Comunicação vertical

Antiderrapante, Corrimão, Degrau; Escada, Escada em Espiral, Espelho, Guarda-Corpo, Patamar, Pé direito, Piso, Rampa (11)

#### c) Vãos e aberturas

Clarabóia, Janela, Janela de Batente, Janela de Correr, Janela de Guilhotina, Porta, Porta Articulada, Portão Basculante, Porta Corrediça (8).

#### d) Elementos estruturais:

Coluna, Pilar, Trelença.

### 3) Cobertura

Beiral, Platibanda, Telha, Telha de Cumeeira, Telhado, Trelença (07).

### 4) Ensino do desenho Arquitetônico

#### a) Denominações institucionais

Arquitetura e Urbanismo, CEFET-MG, Edificações, Engenharia de Produção Civil, Desenho Universal, Sustentabilidade (6)

#### b) Instrumentos de desenho

Borracha, Compasso, Escalímetro; Esquadro 30° e 60°, Esquadro 45°, Lápis, Lapiseira, Prancheta, Régua, Régua T (10).

c) Peças gráficas do projeto

Cortes, fachada, Planta, Planta Baixa, Planta de cobertura, Planta de situação (6).

d) Temas Transversais:

Desenho Universal, Sustentabilidade (6)

## **6.2. Dicionário Terminográfico Bilíngue do Ensino do Desenho Arquitetônico Português/Libras**

### **6.2.1 Procedimentos**

1. As entradas em Língua Portuguesa estão em ordem alfabética e impressas em versalete e em negrito.
2. Os substantivos e os adjetivos apresentam-se no masculino e no singular.
3. Após a entrada, é indicado, entre parênteses, se o vocábulo é dicionarizado pelo Capovilla (2001), ou pelo <http://www.acessobrasil.org.br> (2005). Caso não seja dicionarizado, em nenhum dos dois dicionários consultados (n/d).
4. A categoria gramatical indica se a palavra é um substantivo, um verbo, um adjetivo, etc.
- 5 Após esses procedimentos, apresentamos a definição da palavra construída a partir do significado que apresenta em nosso *corpus*. Em alguns verbetes, fazemos observações que se encontram entre parênteses a respeito de como a definição encontra-se nas normas da ABNT.

### **6.2.2 Validação Acadêmica De Sinais Terminológicos.**

Durante os últimos seis anos trabalhamos para concretizar a ação que julgávamos ser a mais importante: entregar ao estudante surdo o resultado dos estudos e pesquisas iniciados em agosto de 2008 no CEFET-MG. Tais estudos propunham-se a produzir um *Manual Bilíngue de Ensino do Ensino do Desenho Arquitetônico para Surdos*, acompanhado de um *Dicionário Terminográfico Bilíngue do Ensino do Desenho Arquitetônico Português/Libras*. Entregar o dicionário, online durante a defesa da tese deve-se às equipes do CEFET-MG e da USFC. De um lado, o CEFET-MG, que além da produção terminológica, tem promovido um profícuo

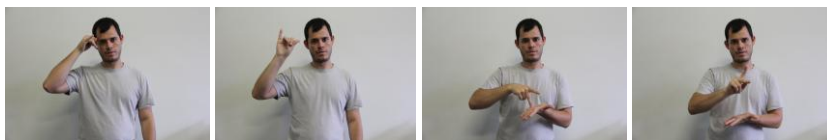
diálogo intrainstitucional e interinstitucional com o propósito definido de realização do dicionário. De outro, a concretização dependia de *expertises* já desenvolvidas pela UFSC que são: equipe de estúdio com experiência ampla em filmagem em Libras (para citar apenas um exemplo: o Programa Letas-Libras), atores surdos experientes, doutores surdos e ouvintes com competência para emitir parecer acerca do aspecto linguístico da produção terminográfica e, um *software* desenvolvido para ser repositório de dicionários. A maneira como se deram as filmagens nos fez perceber que estávamos diante de uma nova instância de validação dos sinais terminológicos. O conjunto de 75 sinais que pertencentes à mostra da área do Desenho Arquitetônico foram filmados no CEFET-MG, pela equipe que compunha o projeto de pesquisa BIC JR, até dezembro de 2013, que são: Débora da Silva Assunção Carvalho, intérprete de Libras; Felipe Teixeira Castro, bolsista, (surdo); Gilberto de Lima Goulart, voluntário da fotografia e vídeo, com a presença do arquiteto Ademar Alves de Oliveira Junior (surdo), ex-bolsista PIBIC e orientados por De Souza e Lima, na qualidade de especialista em linguística aplicada à produção de dicionários bilíngue e bimodal.

As filmagens aconteceram entre os dias 10 e 13 de março de 2014, com a presença do ator e intérprete surdo que gravou os sinais, as definições e as frases com os exemplos. Antes de cada gravação, os sinais, as definições e as frases com exemplos, bem como as fichas léxico-terminográficas que levamos, eram examinadas pela Prof<sup>a</sup> Dra. Marianne Rossi Stumpf, surda, e pelo ator e intérprete surdo Prof. Germano Dutra. Fizemos uma explanação sobre a maneira como os sinais foram criados, bem como acerca da metodologia de fichamento dos sinais propostos por De Souza e Lima. A intérprete Cláudia Sosa Cunha intermediou nossa comunicação.

Os vídeos gravados foram incluídos no site [www.glossario.libras.ufsc.br](http://www.glossario.libras.ufsc.br), por meio de um *software* desenvolvido por Ramon Dutra Miranda, programador responsável pelo *site*. Atendendo à característica bilíngue e bimodal da nossa proposta terminográfica, foi acrescentado à programação do *software* o item para a definição em Língua Portuguesa. Assim, a equipe que se formou para a gravação de vídeos constitui-se também como uma nova instância de validação dos sinais, pois tínhamos ali representantes da comunidade surda, ouvinte e acadêmicas, suficientemente capacitadas para a avaliação da formação dos sinais e da forma como as definições foram traduzidas em Libras. Esse momento, não previsto inicialmente, incorporou-se à proposta metodológica em De Souza e Lima como uma das instâncias de validação.

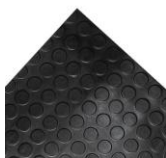
# A

**ANTIDERRAPANTE** – (n/d) • Adj. •



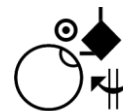
**ANTIDERRAPANTE** – Adj. [Ssing] – Revestimento de uma superfície que evita escorregar ou deslizar. • (Ver: vídeo Antiderrapante)

Ilustração:



Fontes : <http://decoracao.novidadediaria.com.br/construcao/piso-antiderrapante-para-o-banheiro> e <http://www.dinamaq.com.br/fita-antiderrapante-3m.html>

Escrita de sinais (SignWriting):

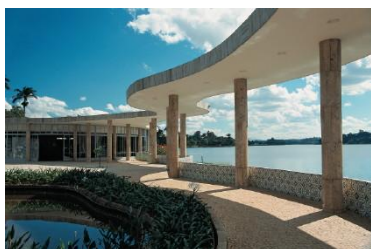


**ARQUITETURA E URBANISMO** – (n/d) • Nf + Nm •



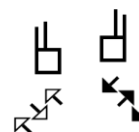
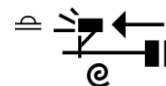
**ARQUITETURA E URBANISMO** – Nf + Nm [Ssing] – Denominação do curso e área do conhecimento que lida com as técnicas de projeto, desenho e construção de edifícios. • (Ver: vídeo Arquitetura e Urbanismo)

Ilustração:



Fonte: [http://fernandacomparth.files.wordpress.com/2011/04/casa\\_do\\_baile.jpg](http://fernandacomparth.files.wordpress.com/2011/04/casa_do_baile.jpg)

Escrita de sinais (SignWriting):



**AZULEJO** – (n/d) • Nm •



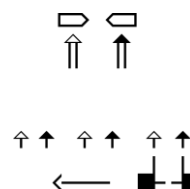
**AZULEJO** – Nm [Ssing] – Placa de cerâmica, Arenito vidrado ou Porcelana, esmaltada em uma de suas faces, usada como revestimento de alvenarias. Sua principal propriedade é a impermeabilidade à água. É imune ao mofo e ótimo isolante térmico. É material de fácil conservação e manutenção pela simplicidade de limpeza e resistência ao desgaste. Tem também uma função decorativa, particularmente quando utilizado como painel. É o material mais usado como revestimento impermeável. Albernaz, pg. 72, 1998. • (Ver: vídeo Azulejo)

Ilustração:



Foto: Gilberto Goulart

Escrita de sinais (SignWriting):



**B**

**BANHEIRA** – (n/d) • Nf •



**BANHEIRA**– Nf [Ssing] – Equipamento para banho de imersão. Burden, pg. 64, 2006. • (Ver: vídeo Banheira)

Ilustração:



Fonte: <http://abr-casa.com.br/blog/prateleira/tag/banheira/>

Escrita de sinais (SignWriting):



**BANHEIRA DE HIDROMASSAGEM – (n/d) • Ncf •**

**BANHEIRA DE HIDROMASSAGEM– Ncf [Ssing] –** É um utensílio doméstico construído para as pessoas tomarem banho como cuidado de higiene pessoal que apresenta jatos de água, com o objetivo de massagear o corpo, movidos a um motor elétrico. • (Ver: vídeo Banheira de Hidromassagem)

Ilustração:



Fonte: <http://www.banheirasjacobs.com.br/banheirasindividuais.html>

Escrita de sinais (SignWriting):

**BANHEIRO – (n/d) • Nm •**

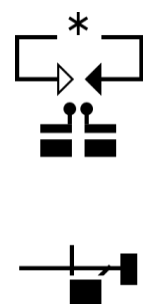
**BANHEIRO – Nm [Ssing] –** Recinto com recursos para banho, geralmente contendo ducha ou banheira e ducha, bacia sanitária e vaso sanitário. Burden,pg. 65, 2006. • (Ver: vídeo Banheiro)

Ilustração:



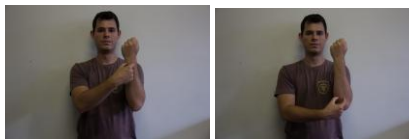
Fonte: <http://eumoraria.blogspot.com.br/2013/01/19-banheiros-pequenos-dos-mais-simples.html>

Escrita de sinais (SignWriting):





**BONECA** – (n/d) • Nf •



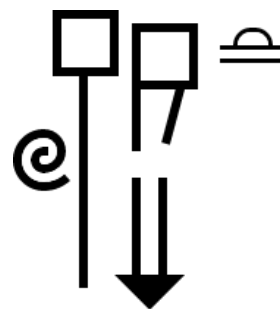
**BONECA** – Nf [Ssing] – Saliência de alvenaria de paredes internas. Em geral é feita para colocação do Marco das esquadrias. Usualmente possui 15 cm de largura. Albernaz, pg. 97, 1998. • (Ver: vídeo Boneca)

Ilustração:



Fonte: [http://zapmadeiras.com.br/imagens/portapivoltante/pivoltante\\_1.jpg](http://zapmadeiras.com.br/imagens/portapivoltante/pivoltante_1.jpg)

Escrita de sinais (SignWriting):



**BORRACHA** – (d) • Nm •



**BORRACHA** – Nm [Ssing] – artigo feito de látex usado para apagar escritos em papel feitos com grafite. • (Ver: vídeo Borracha)

Ilustração:

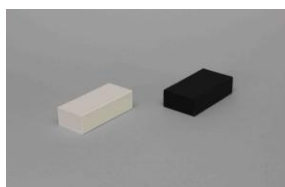
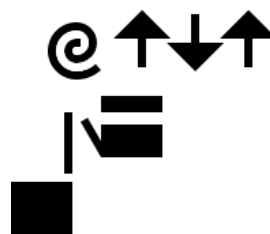


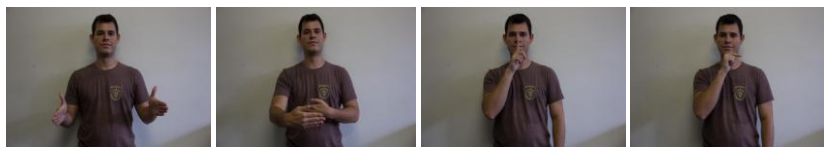
Foto: Gilberto Goulart

Escrita de sinais (SignWriting):



## C

**CAIXA D'ÁGUA** – (n/d) • Ncf •



**CAIXA D'ÁGUA** – Ncf [Ssing] – Reservatório de água do edifício. Em geral o termo refere-se a reservatório superior, sendo o reservatório inferior chamado cisterna. Através da caixa d'água é feita a distribuição de água no prédio. Deve ser situada no local que permita fácil acesso para fiscalização e limpeza. Em geral seu volume não ultrapassa 1.000 litros. Albermaz, pg. 107, 1998. • (Ver: vídeo Caixa d'água)

Ilustração:

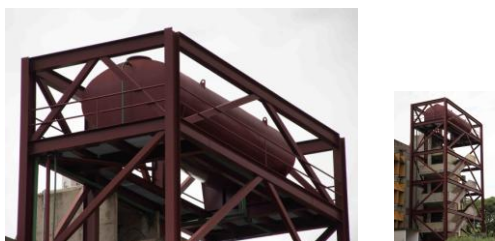
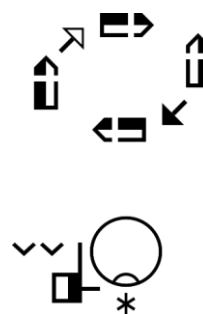


Foto: Gilberto Goulart

Escrita de sinais (SignWriting):



**CEFET-MG**– (n/d) • Nm •



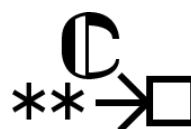
**CEFET-MG** – Nm [Ssing] – centro federal de educação tecnológica de minas gerais. O CEFET-MG e uma instituição de ensino profissional nos níveis técnico e superior. • (Ver: vídeo CEFET-MG)

Ilustração:



Fonte: <http://www.campus1.cefetmg.br/>

Escrita de sinais (SignWriting):



**CLARABOIA** – (n/d) • Nf •

**CLARABOIA** – Nf [Ssing] – Abertura na cobertura do telhado vedada por material transparente para possibilitar ou aumentar a iluminação e às vezes a ventilação em compartimentos sem acesso direto ao exterior ou de amplas dimensões. Usualmente é provida de Caixilho envidraçado. Se inclinada em relação ao plano da cobertura evita acumulação de pó sobre sua superfície, preservando sua transparência. Às vezes é disposta em nível ligeiramente superior à cobertura, resultando em pequenas frestas laterais que permitem ventilar internamente o edifício. Foi muito comum seu uso nas antigas edificações que possuíam Alcovas. Albernaz, pg. 156, 1998. • (Ver: vídeo Claraboia)

Ilustração:

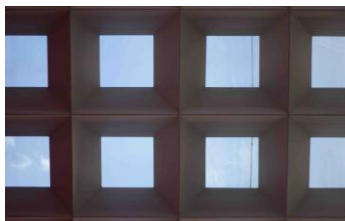
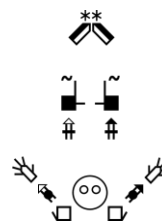


Foto: Gilberto Goulart

Escrita de sinais (SignWriting):

**CLOSET** – (n/d) • Nm •

**CLOSET** – Nm [Ssing] – É o espaço junto ao quarto de dormir onde são guardadas as roupas e todas as peças do vestuário. • (Ver: vídeo Closet)

Ilustração:

Fonte: <http://static.betazeta.com/www.belelu.com/up/2014/02/ves6.jpg>

Escrita de sinais (SignWriting):



**COIFA – (n/d) • Nf •**

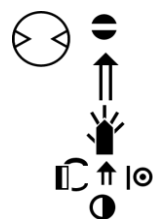
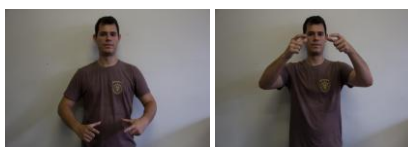
**COIFA – Nf [Ssing]** – Em forma de campânula usado em fogões, churrasqueiras e lareiras para concentração da fumaça. Pode constituir elemento móvel ou integrado na construção. Sua parte superior é ligada à chaminé ou tubulação de exaustão do ar. Em geral é feita de concreto, alvenaria de tijolo ou metal. Albernaz, pg. 159, 1998. • (Ver: vídeo Coifa)

Ilustração:



Fonte: <http://www.quintelatorres.com.br/o-que-devo-levar-em-consideracao-na-hora-de-escolher-a-coifa>

Escrita de sinais (SignWriting)

**COLUNA – (n/d) • Nf •**

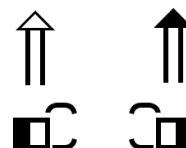
**COLUNA – Nf [Ssing]** – Elemento de sustentação vertical diferenciado do Pilar por ter seção horizontal circular. Na arquitetura clássica é comumente composta por três partes: Base, na parte inferior, que transmite as cargas verticais para fundações ou pavimento inferior; Fuste, na parte intermediária, que abrange o corpo principal da coluna; e Capitel, na parte superior, que aumenta a superfície de apoio de qualquer elemento construtivo sobre a coluna. Albernaz, pg. 161, 1998. • (Ver: vídeo Coluna)

Ilustração:



Foto: Gilberto Goulart

Escrita de sinais (SignWriting)



**COMPASSO – (d) • Nm •**

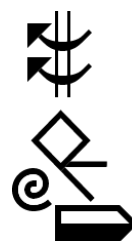
**COMPASSO – Nm [Ssing]** – É o instrumento que serve para traçar circunferências ou arcos de circunferências. L. Oberg, pg. 3, 1997. • (Ver: vídeo Compasso)

Ilustração:



Fonte: <http://www.velamar.com.br/compasso-carta-nautica.html>

Escrita de sinais (SignWriting):

**COPA – (n/d) • Nf •**

**COPA – Nf [Ssing]** – É um espaço geralmente construído ao lado da cozinha, que se destina a refeições. • (Ver: vídeo Copa)

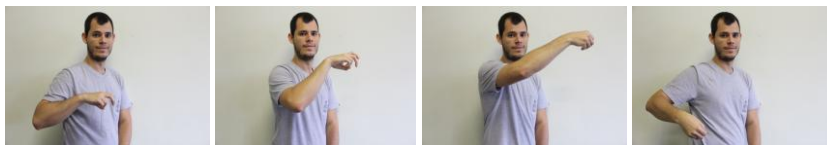
Ilustração:



Fonte: <http://www.lojaskd.com.br/blog/2009/11/26/inspire-se-1-cozinha-e-copa-integradas/#.U0hQmMRDu70>

Escrita de sinais (SignWriting):



**CORRIMÃO – (n/d) • Nm •**

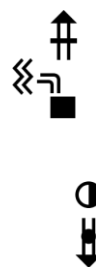
**CORRIMÃO** – Nm [Ssing] – Peça disposta ao longo de escadas e Parapeito ou sobre Guarda-corpo e Balaustrada, em Balcões, Alpendres e Terraços, servindo de remate ou apoio para a mão, principalmente em escadas. Geralmente é colocado na altura de 80 cm, para maior conforto no apoio das mãos. É também chamado mainel. Albermaz, pg. 186, 1998. • (Ver: vídeo Corrimão)

Ilustração:



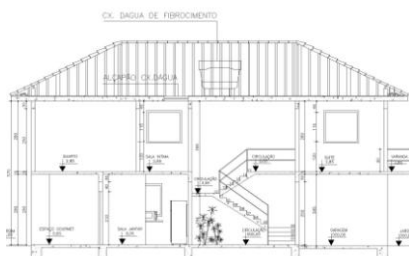
Foto: Gilberto Goulart

Escrita de sinais (SignWriting):

**CORTES – (n/d) • Nm •**

**CORTES** – Nm [Splur] – 1. Representação de uma edificação ou de uma de suas partes obtida pela seção vertical por um plano imaginário e usada para se mostrar o interior do espaço ou perfil de uma parte. 2. Projeção ortogonal de estrutura ou objeto, indicado como este seria visualizado se cortado por um plano que expusesse sua configuração interna. Burden, pg. 113, 2006. • (Ver: vídeo Cortes)

Ilustração:



Fonte: <http://2.bp.blogspot.com/-kPvYs9f8dyM/UBM-00kt6I/AAAAAAAAAio/yn7Zab1MeVo/s1600/CORTE.bmp>

Escrita de sinais (SignWriting):



**COZINHA** – (n/d) • Nf •



**COZINHA** – Nf [Ssing] – compartimento da casa especificamente utilizado para o preparo de alimentos. • (Ver: vídeo Cozinha)

Ilustração:



Fonte:

<http://www.sociedadeasdicas.org/img/fotos/cozinha%20planejada%20branca%206.jpg>

Escrita de sinais (SignWriting)



# D

## DEGRAU – (n/d) • Nm •



**DEGRAU** – Nm [Ssing] – Desnívelamento formado por duas superfícies, em geral paralelas, permitindo a passagem entre níveis diferentes. Nas escadas, é constituído por uma parte horizontal, chamada de piso ou cobertor, e outra, vertical, chamada espelho. Albernaz, pg. 197, 1998. • (Ver: vídeo Degrau)

Ilustração:

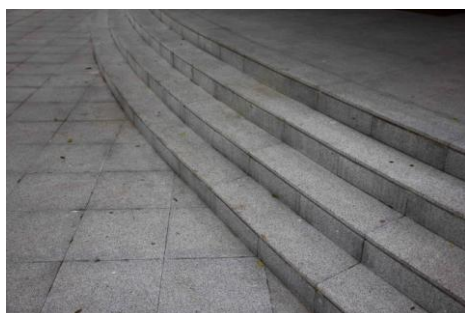
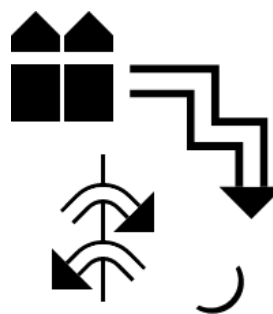
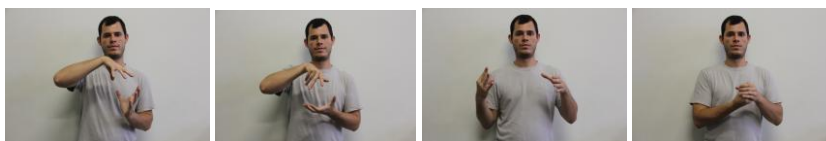


Foto: Gilberto Goulart

Escrita de sinais (SignWriting):



## DESENHO UNIVERSAL – (n/d) • NCm •



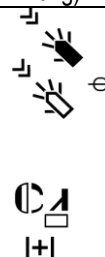
**DESENHO UNIVERSAL**– NCm [Ssing] – Concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados, na maior medida possível, por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou projeto específico. O desenho universal não exclui as ajudas técnicas para grupos específicos de pessoas com deficiência, quando necessárias. Presidência da República, 2009. • (Ver: vídeo Desenho Universal)

Ilustração:



Fonte: <http://saudeforipa33pj.wordpress.com/2012/06/22/acessibilidade-real/>

Escrita de sinais (SignWriting):





# E

## ENGENHARIA DE PRODUÇÃO CIVIL – (n/d) • Ncf •



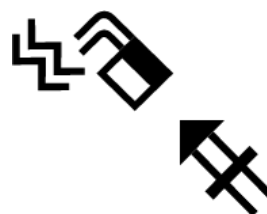
**ENGENHARIA DE PRODUÇÃO CIVIL** – Ncf [Ssing] – E o nome de um curso de graduação disponibilizado pelo CEFET-MG. Forma engenheiros civis com ênfase em gestão. • (Ver: vídeo Engenharia de Produção Civil)

Ilustração:

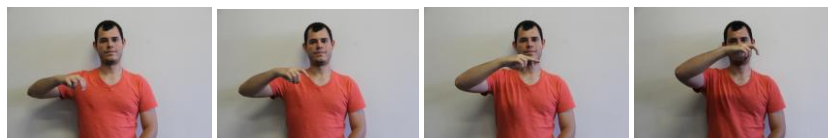


Fonte:  
<http://guiadoestudante.abril.com.br/blogs/melhoresfaculdades/category/engenharia/page/2/>

Escrita de sinais (SignWriting):



## ESCADA – (d) • Nf •



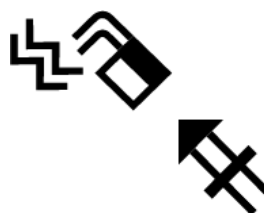
**ESCADA** – Nf [Ssing] – Elemento constituído por uma sucessão de degraus destinados a permitir circulação vertical entre níveis diferentes. Albernaz, pg. 225, 1998. • (Ver: vídeo Escada)

Ilustração:

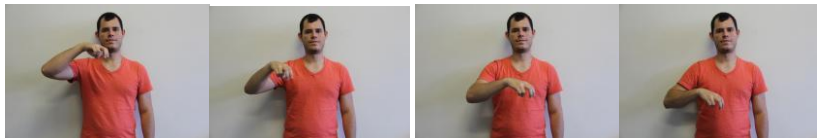


Foto: Gilberto Goulart

Escrita de sinais (SignWriting):



### ESCADA EM ESPIRAL – (n/d) • NCf•



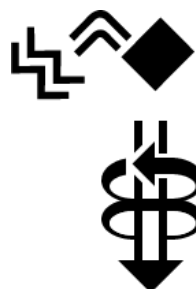
**ESCADA EM ESPIRAL – NCf [Ssing]** – Lance de escada de planta baixa circular cujos degraus se desenvolvem a partir de um mastro, ou poste central. Burden, pg. 138, 2006. • (Ver: vídeo Escada em Espiral)

Ilustração:

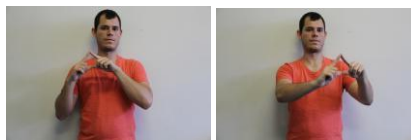


Foto: Gilberto Goulart

Escrita de sinais (SignWriting):



### ESCALÍMETRO – (n/d) • Nm•



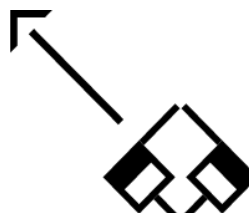
**ESCALÍMETRO – Nm [Ssing]** – São empregados para plantas de edificações, detalhes arquitetônicos e estruturais, sistemas mecânicos em construções, planta de situação, plantas de locação e medições em mapas e cartas. O objetivo da escala é representar grandes objetos por meio de uma representação reduzida em função das dimensões da folha de papel. Os escalaímetros de melhor qualidade são produzidos em plástico inquebrável com numeração e códigos de cores gravados de acordo com as graduações calibradas. • (Ver: vídeo Escalímetro)

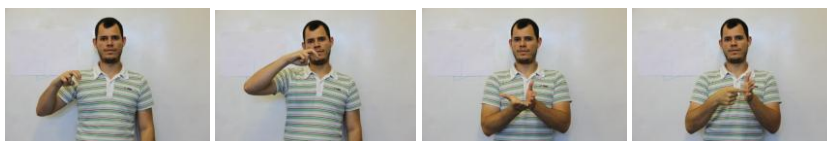
Ilustração:



Fonte:  
[http://www.artcamargo.com.br/product\\_info.php?cPath=37\\_169\\_188&products\\_id=1119&osCsid=4oahj3anni49344vcca783j5](http://www.artcamargo.com.br/product_info.php?cPath=37_169_188&products_id=1119&osCsid=4oahj3anni49344vcca783j5)

Escrita de sinais (SignWriting):



**ESPELHO – (n/d) • Nm•**


**ESPELHO – Nm [Ssing] – Face vertical do degrau.** No máximo deve ter altura de 19 cm. Nas escadas usualmente sua altura varia de 16,5 cm a 17 cm. Albermaz, pg. 235, 1998. • (Ver: vídeo Espelho)

Ilustração:

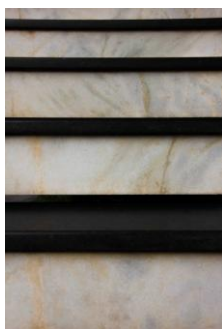
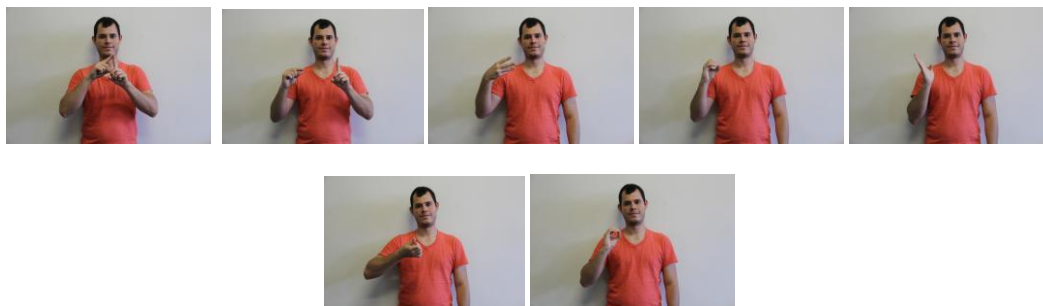


Foto: Gilberto Goulart

Escrita de sinais (SignWriting):


**ESQUADRO 30° E 60° – (n/d) • NCm•**


**ESQUADRO 30° E 60° – NCm [Ssing] – Instrumento em forma de triângulo retângulo ou de um L para traçar linhas perpendiculares e algumas linhas inclinadas e verificar ou medir ângulos retos.** É usado no desenho arquitetônico, em geral feito de plástico ou acrílico, com formato de ângulo de 30° e 60°. Albermaz, pg. 237, 1998. • (Ver: vídeo Esquadro 30° e 60°)

Ilustração:

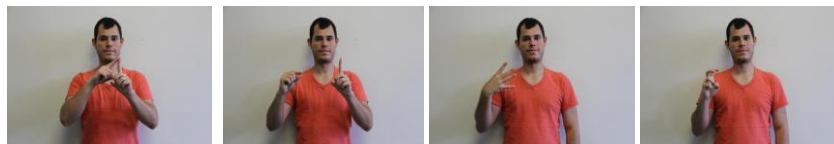


Fonte:

[http://www.livrariapesquisa.com.br/produtos/produto\\_livraria\\_pesquisa\\_03\\_05\\_2011\\_02\\_24\\_06.jpg](http://www.livrariapesquisa.com.br/produtos/produto_livraria_pesquisa_03_05_2011_02_24_06.jpg)

Escrita de sinais (SignWriting):

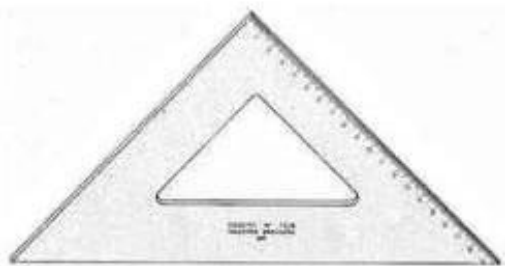


**ESQUADRO 45° – (n/d) • NCm•**


**ESQUADRO 45° – NCm [Ssing]** – Instrumento em forma de triângulo retângulo ou de um L para traçar linhas perpendiculares e algumas linhas inclinadas e verificar ou medir ângulos retos. É usado no desenho arquitetônico, em geral feito de plástico ou acrílico, com formato de ângulo de 45°. Albernaz, pg. 237, 1998. • (Ver: vídeo Esquadro 45°)

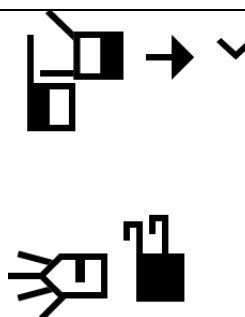
Ilustração:

Ilustração:



Fonte: <http://www.artcamargo.com.br/images/esquadro%2045%20c%20g.jpg>

Escrita de sinais (SignWriting)



# F

**FACHADA** – (n/d) • Nf•



**FACHADA** – Nf [Ssing] –1. Cada uma das faces externas do edifício. O caráter da edificação é em grande parte devido às suas fachadas. O projeto arquitetônico sempre contém o desenho de todas as fachadas do prédio. 2. Por extensão, no desenho arquitetônico, vista que mostra o aspecto externo do prédio. Em geral especifica os materiais de revestimentos usados, o funcionamento de esquadrias e as cores e a textura dos seus elementos. Albernaz, pg. 247, 1998. • (Ver: vídeo Fachada)

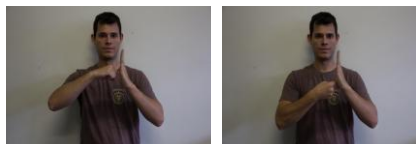
Ilustração:



Foto: Gilberto Goulart

Escrita de sinais (SignWriting):



**FECHADURA** – (n/d) • Nf•

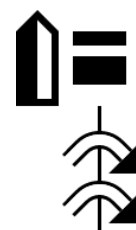
**FECHADURA** – Nf [Ssing] –: Ferragem composta por um conjunto de peças metálicas, que por meio da chave ou trinco é utilizada para trancar portas e gavetas. Pode ser de embutir ou de caixão. A fechadura de embutir é disposta na espessura da folha da porta e na espessura do rebaixo do marco da porta. A fechadura de caixão, também chamada painel, fica aparente no Tardoz e sobre o marco da porta. Contêm essencialmente três partes, a fechadura propriamente dita, a chapa-testa, e a chave ou o trinco ou, mais modernamente, o cartão magnético. A fechadura propriamente dita é uma caixa metálica, em geral retangular ou quadrada, que compreende a testa, que é a face que possui abertura retangular por onde passa a lingüeta e o pano ou fundo, que é a face que possui uma abertura, a broca, por onde a chave penetra ou onde está assente o trinco. A chapa- testa é a caixa metálica vertical embutida ou presa no marco da porta na qual se encaixa a lingüeta da fechadura. A pequena placa que guarnece a broca pelo lado externo da folha da porta é chamada Espelho ou Escudete. Albernaz, pg. 250, 1998. • (Ver: vídeo Fechadura)

Ilustração:

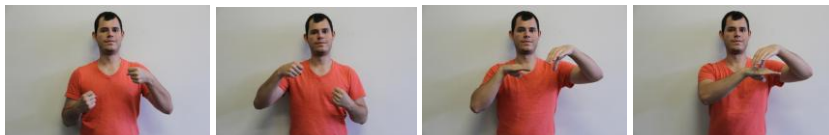


Fonte: [http://www.leroymerlin.com.br/fechadura-interna-2000-40-fz-linha-abitare-zamak-inox-com-espelho-maquina-40-mm-arouca\\_86407846](http://www.leroymerlin.com.br/fechadura-interna-2000-40-fz-linha-abitare-zamak-inox-com-espelho-maquina-40-mm-arouca_86407846)

Escrita de sinais (SignWriting):



## G

**GARAGEM** – (n/d) • Nf•

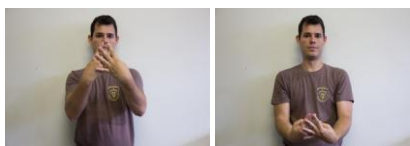
**GARAGEM** – Nf [Ssing] – Edificação ou parte da residência onde são guardados veículos motorizados. Burden, pg. 177, 2006. • (Ver: vídeo Garagem)

Ilustração:



Fonte: <http://www.construcaodacasa.com/wp-content/gallery/garagem-moderna/garagem-moderna-9.jpg>

Escrita de sinais (SignWriting):

**GRADE** – (n/d) • Nf•

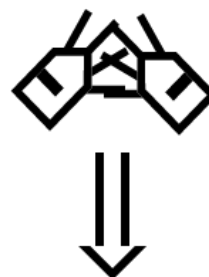
**GRADE** – Nf [Ssing] – Elemento de vedação ou proteção composto por uma série de peças delgadas entrecruzadas, cruzadas ou paralelas com intervalos vazios. Em geral é feita de madeira, ferro, alumínio ou aço. Permite visibilidade, ventilação e iluminação. Pode ser fixa, móvel ou removível. Em janelas pode ser colocada por dentro ou por fora da esquadria. Em geral é colocada internamente quando a folha abre para fora. Quando externa, é sempre fixa. Nas antigas construções tinha comumente também função decorativa. Apresentava desenhos variados. Encontrava-se sobretudo em janelas e balcões. Albernaz, pg. 293, 1998. • (Ver: vídeo Grade)

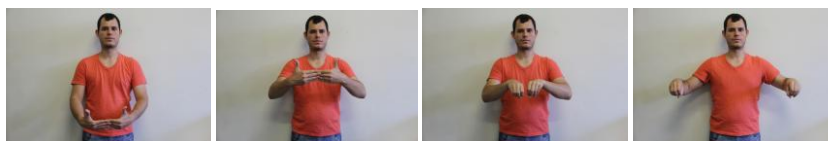
Ilustração:



Foto: Gilberto Goulart

Escrita de sinais (SignWriting):



**GUARDA-CORPO** – (n/d) • NCm•

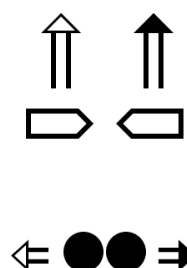
**GUARDA-CORPO** – NCm [Ssing] – Anteparo de proteção em geral a meia altura, aproximadamente a 85 cm do piso, usado em alpendres, balcões, escadas e terraços. Pode ser cheio ou vazado. É muitas vezes encimado por corrimão ou travessa, principalmente quando vazado. Pode constituir uma das partes integrantes de balaustradas e gradis. É também chamado de guarda, peitoril ou parapeito. No último caso, principalmente quando se trata de resguardo em compartimentos ou recintos elevados, tendo então usualmente cerca de 1,10 m de altura. Albernaz, pg. 300, 1998. • (Ver: vídeo Guarda-corpo)

Ilustração:



Foto: Gilberto Goulart

Escrita de sinais (SignWriting):



J

**JANELA** – (d) • Nf•

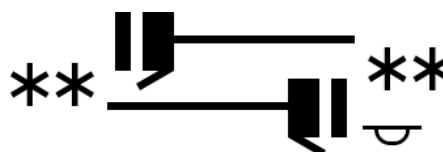
**JANELA** – Nf [Ssing] – Abertura em paredes externas destinada a iluminar e ventilar o interior do edifício, possibilitando ao mesmo tempo visibilidade externa. É composta de uma parte fixa e outra móvel. As dimensões mínimas do seu vão são normatizadas por legislação de acordo com o uso dado aos compartimentos em que se encontra. Albernaz, pg. 317, 1998. • (Ver: vídeo Janela)

Ilustração:



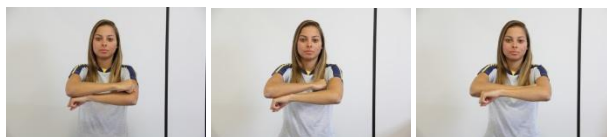
Foto: Gilberto Goulart

Escrita de sinais (SignWriting):





### JANELA DE BATENTE – (n/d) • NCf•



**JANELA DE BATENTE – NCf [Ssing]** – Janela com dois caixilhos para ventilação, fixos aos lados da abertura na qual se inserem e que giram sobre suas dobradiças ao longo de todo seu comprimento. Burden, pg. 199, 2006.. • (Ver: vídeo Janela de batente)

Ilustração:

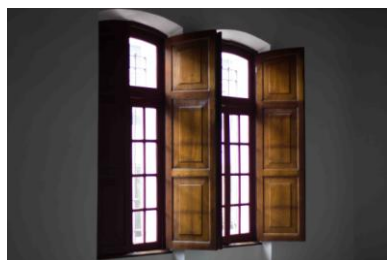
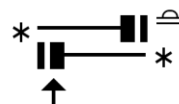
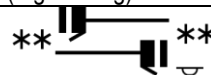


Foto: Giberto Goulart

Escrita de sinais (SignWriting):



### JANELA DE CORRER – (n/d) • NCf•



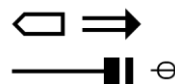
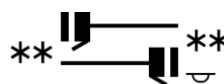
**JANELA DE CORRER – NCf [Ssing]** – Janela cujas Folhas deslizam horizontalmente ao longo de seu vão. Esse deslizamento é possibilitado por rebaixos e trilhos dispostos na parte superior e inferior da abertura. Tem como vantagens não se projetar internamente ou externamente, possibilitando o uso de telas, Grades ou Persianas, simplicidade de operação, baixa manutenção e o uso de folhas de grandes dimensões. Tem como desvantagens liberar apenas 50% de abertura e dificultar a limpeza do lado externo. Usualmente é envidraçada e tem caixilhos de alumínio. Albernaz, pg. 319, 1998. • (Ver: vídeo Janela de correr)

Ilustração:



Fonte: <http://www.manteze.com.br/mea/produtos>

Escrita de sinais (SignWriting):



**JANELA DE GUILHOTINA – (n/d) • Ncf•**

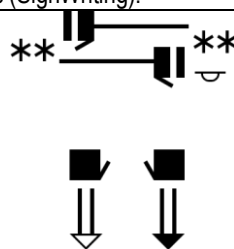
**JANELA DE GUILHOTINA – Ncf [Ssing]** – Janela de duas Folhas articulada por movimento correção vertical. Comumente é formada por caixilhos envidraçados. Não permite abertura total do vão. Uma ou as duas de suas folhas deslizam em ranhuras feitas no aro do vão, sobrepondo-se quando se quer abrir. Sua posição é regulada por meio de contrapeso, mola ou borboleta. Albernaz, pg. 320, 1998. • (Ver: vídeo Janela de guilhotina)

Ilustração:

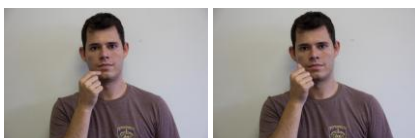


Foto: Gilberto Goulart

Escrita de sinais (SignWriting):



**L**

**LÁPIS – (n/d) • Nf•**

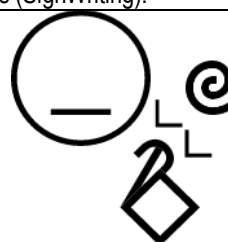
**LÁPIS – Nf [Ssing]** – Objeto feito de madeira e grafite usado para escrever e desenhar. • (Ver: vídeo Lápis)

Ilustração:



Foto: Gilberto Goulart

Escrita de sinais (SignWriting):



**LAPISEIRA – (d) • Nf•**



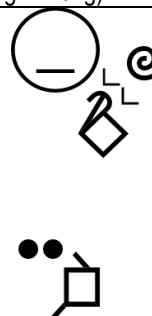
**LAPISEIRA – Nf [Ssing]** – Instrumento de desenho, de plástico ou metal, abastecido por grafites, cuja funcionalidade é escrever ou desenhar. • (Ver: vídeo Lapiseira)

Ilustração:



Foto: Gilberto Goulart

Escrita de sinais (SignWriting):



**LAVABO – (n/d) • Nm•**



**LAVABO – Nm [Ssing]** – Compartimento pequeno, provido usualmente de lavatório e vaso sanitário, colocado próximo às salas de visitas na habitação para uso dos visitantes. Sua área mínima é de cerca de 2 m<sup>2</sup>. Albernaz, pg. 344, 1998. • (Ver: vídeo Lavabo)

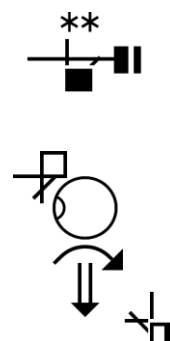
Ilustração:



Fonte: <http://construindominhacasaclean.com.br/2013/04/banheiros-e-lavabos-maravilhosos.html>

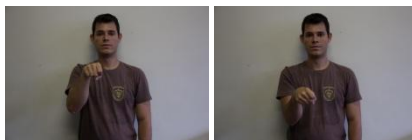
[blogspot.com.br/2013/04/banheiros-e-lavabos-maravilhosos.html](http://blogspot.com.br/2013/04/banheiros-e-lavabos-maravilhosos.html)

Escrita de sinais (SignWriting):



# M

**MAÇANETA** – (n/d) • Nf•



**MAÇANETA** – Nf [Ssing] – Maçaneta: Peça que girando em torno de um eixo movimenta a Lingueta ou o trinco da fechadura, articulando esquadrias. Pode ter diferentes formas. O tipo mais comum é composto de pescoço e alavanca. Nas Cremonas é usada maçaneta de argola. Em algumas portas só tem movimento pelo lado interno, externamente constitui-se em puxador. Albernaz, pg. 359, 1998. • (Ver: vídeo Maçaneta)

Ilustração:



Fonte: <https://www.obravip.com/categoria/215-macaneta>

Escrita de sinais (SignWriting):



# P

**PASTILHA** – (n/d) • Nf•



**PASTILHA** – Nf [Ssing] – Pequena peça de cerâmica, de formato hexagonal, circular, quadrado ou retangular, em geral com dimensões aproximadas de 2 cm, usada no revestimento de paredes e pisos ou na confecção de Painéis decorativos. É um material impermeável, de fácil manutenção e boa conservação. Seu uso restringe-se, por vezes, devido à maior dificuldade de execução, em relação a outros tipos de ladrilho. Albernaz, pg. 440, 1998. • (Ver: vídeo Pastilha)

Ilustração:

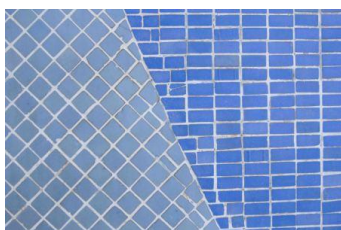
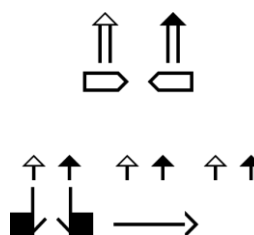


Foto: Gilberto Goulart

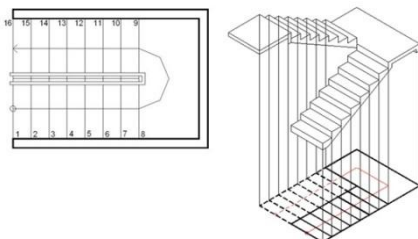
Escrita de sinais (SignWriting):



**PATAMAR – (n/d) • Nm•**

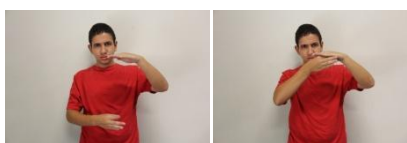
**PATAMAR – Nm [Ssing]** – 1. Piso elevado e plano, de maior largura que o degrau, que separa os Lances de uma escada ou que inicia ou finaliza a escada, permitindo um descanso na subida ou descida, e criando em quem transita um efeito de maior segurança e comodidade. É indispensável quando se muda a direção do eixo da escada sem usar Degraus Em Leque. Tem na maior parte das vezes forma retangular. Em geral sua largura acompanha a largura da escada. No caso de se situar na mudança de direção do eixo da escada, às vezes, tem largura um pouco menor. Seu comprimento deve permitir dar cerca de três passos mantendo o ritmo estabelecido pelos degraus da escada, o que usualmente corresponde entre 90 cm e 1,55m. Em escadas que percorram uma altura superior a 2,75 m é recomendável ter pelo menos um patamar. Do mesmo modo, a cada dezoito degraus no máximo é indispensável ter um patamar. 2. Piso plano que separa a extensão de uma rampa ou que inicia ou finaliza uma rampa, em geral é utilizado para dar maior conforto a quem nela transita. Albernaz, pg. 441, 1998. • (Ver: vídeo Patamar)

Ilustração:



<http://www.aulascad.com/2011/10/autocad-aula-18-calculando-e-desenhando.html>

Escrita de sinais (SignWriting)

**PÉ-DIREITO – (n/d) • NCm•**

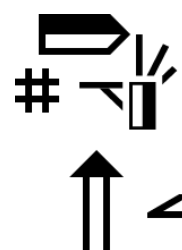
**PÉ-DIREITO– NCm [Ssing]** – Altura que vai do piso ao teto nos compartimentos ou recintos de um edifício. Sua altura mínima é fixada por legislação, em geral nos códigos de obras municipais, de acordo com o uso dado ao compartimento ou ambiente do edifício. Albernaz, pg. 448, 1998. • (Ver: vídeo Pé-Direito)

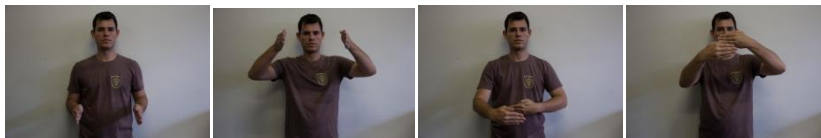
Ilustração:



Foto: Gilberto Goulart

Escrita de sinais (SignWriting)



**PILAR** – (n/d) • Nm•

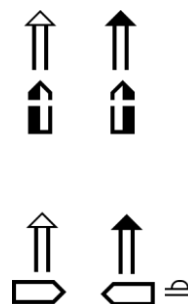
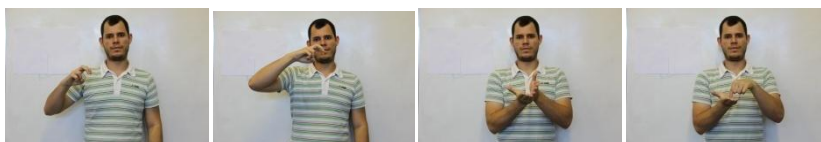
**PILAR** – Nm [Ssing] – Elemento estrutural vertical que serve de sustentação às construções. Em geral, o termo é aplicado quando referido ao elemento de seção poligonal, usualmente retangular ou quadrado, sendo chamado coluna o pilar de seção cilíndrica. Nas construções de Concreto Armado, forma juntamente com as vigas e as lajes a estrutura do edifício. Recebe as cargas de vigas e lajes e as transmite às Fundações. Seu dimensionamento é feito pelo calculista em função da carga que suportará e do número de pilares distribuídos no prédio. Frequentemente, em concreto armado, tem no mínimo 12 cm de largura, sendo que quando quadrado tem usualmente a largura mínima de 20 cm. O pequeno pilar é chamado de pilarete. Albernaz, pg. 469, 1998. • (Ver: vídeo Pilar)

Ilustração:



Foto: Gilberto Goulart

Escrita de sinais (SignWriting)

**PISO** – (n/d) • Nm•

**PISO** – Nm [Ssing] – 1. Superfície construída, externa ou interna, que recobre o chão ou elemento estrutural horizontal, e sobre o qual se pisa. É também chamado de pavimento, principalmente quando referido à superfície externa. 2. Cada um dos andares da construção. 3. No degrau das escadas, parte horizontal na qual se pisa. A sua largura é frequentemente determinada segundo a sua relação com a altura do degrau, considerando o comprimento habitual do passo. Em geral, esta medida varia de 25 cm a 30 cm. A largura mínima admitida para o piso de escadas de caracol é de 10 cm. Albernaz, pg.476, 1998. • (Ver: vídeo Piso)

Ilustração:

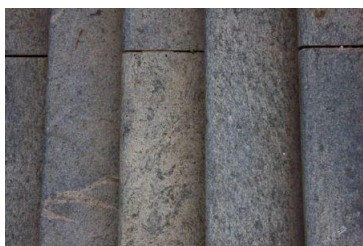


Foto: Gilberto Goulart

Escrita de sinais (SignWriting)



### PLANTA – (n/d) • Nf•



**PLANTA** – Nf [Ssing] – Genericamente, desenho que representa a projeção horizontal de um elemento da construção, de uma edificação, de um terreno ou de uma área. Existem vários tipos de planta, que de acordo com o que representam, recebem denominações especiais. A função essencial da planta é apresentar as medidas das distâncias. 2. Por extensão, disposição dos elementos construtivos, principalmente dos elementos de vedação, que são representados em Planta Baixa, na construção. Albernaz, pg. 481, 1998. • (Ver: vídeo Planta)

Ilustração:



Fonte: <http://3.bp.blogspot.com/-SpoaNKJ2dbk/UR7GXH4mS9I/AAAAAAAAAJX0/OwffNsJbDmTc/s640/edificioconfort.bmp>

Escrita de sinais (SignWriting)

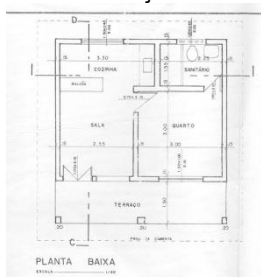


### PLANTA BAIXA – (n/d) • Ncf•



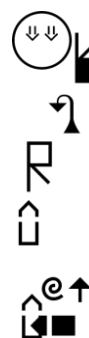
**PLANTA BAIXA** – Ncf [Ssing] – Desenho que representa a projeção horizontal da edificação ou de parte da edificação. É traçado a partir de um corte horizontal feito um pouco acima da altura do peitoril das janelas ou distando cerca de 1 m do piso. Consta de todas as etapas do Projeto Arquitetônico, diferindo em cada uma dessas etapas quanto ao grau de informações apresentado. Albernaz, pg.481, 1998. • (Ver: vídeo Planta baixa)

Ilustração:

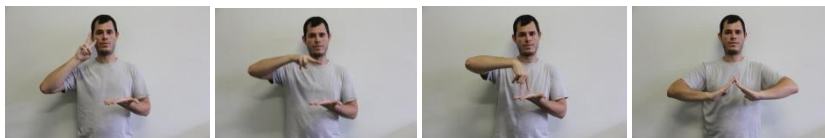


Fonte: <http://www.frasesparafacebook.info/imagens/planta-baixa-31e2b6.jpg>

Escrita de sinais (SignWriting)



### PLANTA DE COBERTURA – (n/d) • NCf•



**PLANTA DE COBERTURA – NCf [Ssing]** – Planta que mostra o edifício visto de cima, apresentando o contorno total da edificação. Tem por finalidade caracterizar o telhado e indicar o modo como as águas da chuva serão retiradas e conduzidas para o solo. Usualmente é feita em escala de 1:100. É também chamada planta de telhado. Albernaz, pg.481, 1998. • (Ver: vídeo Planta de cobertura)

Ilustração:



Fonte: <http://www.drb-assessoria.com.br/9coberturas.htm>

Escrita de sinais (SignWriting)

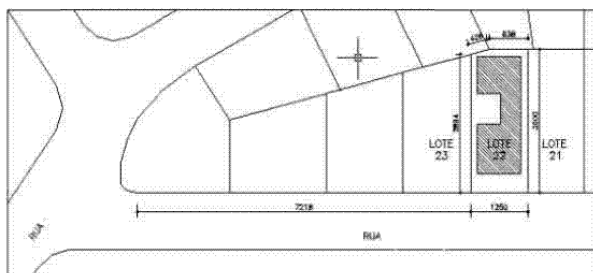


### PLANTA DE SITUAÇÃO – (n/d) • NCf•



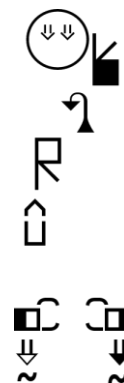
**PLANTA DE SITUAÇÃO – NCf [Ssing]** – Planta que indica o terreno, seus principais acessos, a orientação e a implantação das edificações e de elementos construtivos. Define a posição da edificação no interior do terreno e aposição deste em relação ao logradouro e aos terrenos vizinhos. Em geral, consta do estudo preliminar, do anteprojeto e do projeto de execução, em escala de 1:100 ou 1:200. Apresenta, em cada uma dessas etapas diferentes níveis de informações. Albernaz, pg.482, 1998. • (Ver: vídeo Planta de situação)

Ilustração:



Fonte: <http://rotadosconcursos.com.br/questoes-de-concursos/arquitetura/62884>

Escrita de sinais (SignWriting)





**PLATIBANDA – (n/d) • Nf•**

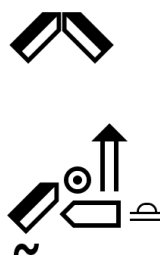
**PLATIBANDA – Nf [Ssing]** – Elemento vazado ou cheio disposto no alto de fachadas, coroando a parede externa do prédio, formando uma espécie de mureta que esconde as águas dos telhados e eventualmente serve de proteção em terraços. Em geral, é utilizada para dar acabamento decorativo à fachada da construção. Albernaz, pg.485, 1998. • (Ver: vídeo Plantibanda)

Ilustração:



Foto: Gilberto Goulart

Escrita de sinais (SignWriting)

**PORÃO – (n/d) • Nm•**

**PORÃO – Nm [Ssing]** – Espaço situado entre o solo e o primeiro piso da construção, e com altura tal que permita minimamente dispor nas suas paredes externas pequenos vãos de janela, Óculos ou Seteiras. Tem como fundação básica impedir o contato entre o solo e o primeiro piso da edificação. Cria uma circulação de ar baixo do primeiro pavimento, evitando a umidade no seu interior. Em geral, seu piso localiza-se pelo menos um pouco abaixo do nível do chão ou da pavimentação que circunda a edificação. Antigamente só era considerado porão o espaço que tivesse no mínimo a quarta parte do seu Pé-Direito abaixo do chão ou pavimentação circundante, sendo chamado Rés-do-chão o espaço que não fosse tão enterrado. Quando sua altura permite que uma pessoa fique de pé, é chamado de porão habitável, e tem seu uso freqüente de depósito ou adega. Seu emprego foi comum nas habitações de maior porte construídas no final do século XIX e início deste. Com o uso do concreto armado na construção e de técnicas e materiais que permitiam a impermeabilização do piso, deixou de ser utilizado nas construções. Albernaz, pg. 494, 1998. • (Ver: vídeo Porão)

Ilustração:



Fonte: [http://www.newyorker.com/online/blogs/books/2010/07/writers-houses.htm#slide\\_ss\\_0=1](http://www.newyorker.com/online/blogs/books/2010/07/writers-houses.htm#slide_ss_0=1)

Escrita de sinais (SignWriting)



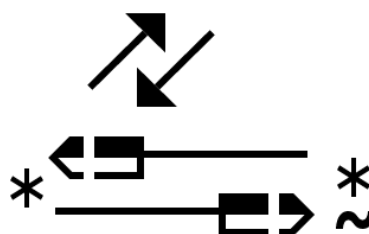
**PORTA – (n/d) • Nf•**

**PORTA– Nf [Ssing]** – Abertura em paredes ou muros, ao nível do piso, vedada por folha móvel, pela qual as pessoas e veículos têm acesso ao edifício, aos recintos e compartimentos. É composta de uma parte fixa e de uma parte móvel. A parte fixa corresponde em geral ao Marco ou Caixão e À guarnição. A parte móvel é constituída por uma ou mais folhas, também chamadas Vedos ou Batentes. Em geral, suas dimensões estão vinculadas ao tamanho do objeto ou fluxo de pessoas para as quais serve de passagem. O aproveitamento do espaço interno depende da disposição e do sentido de abertura das portas. Albernaz, pg. 496, 1998. • (Ver: vídeo Porta)

Ilustração

Fonte: <http://www.famossul.com.br/blog/2012/05/>

Escrita de sinais (SignWriting)

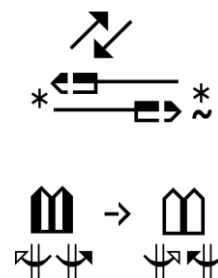
**PORTA ARTICULADA – (n/d) • Ncf•**

**PORTA ARTICULADA – Ncf [Ssing]** – Porta cuja abertura é feita pelo movimento de rotação de seu vedo com auxílio de Ferragem de articulação. É a mais comum na construção, principalmente em compartimentos internos. Em geral, possui uma ou duas Folhas. Usualmente é disposta de modo a permitir a abertura no sentido direito. Sua abertura no sentido esquerdo é usada somente quando o arranjo interno do compartimento exige esse tipo de abertura. A superfície da porta de abrir voltada para o sentido de rotação da porta, que nas antigas portas externas correspondia usualmente ao interior do edifício, é chamada Tardoz. A superfície oposta ao tardoz é chamada Face. Albernaz, pg. 499, 1998• (Ver: vídeo Porta Articulada)

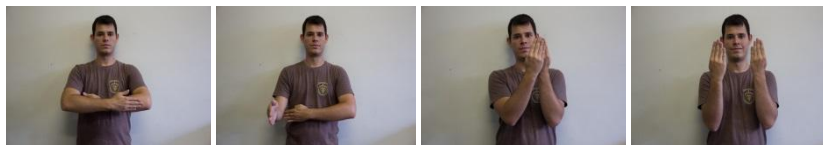
Ilustração:

Fonte: <http://vamosconstruir.com/portas/porta-articulada>

Escrita de sinais (SignWriting)



### PORTA CORREDIÇA – (n/d) • NCf•



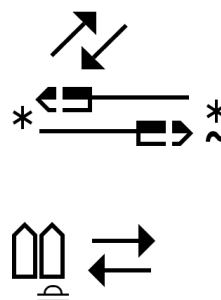
**PORTA CORREDIÇA** – NCf [Ssing] – Porta usada no fechamento de grandes vãos, cujo vedo desliza sobre trilhos providos de roldanas, movimentando-se no sentido vertical ou horizontal. No primeiro caso, os trilhos são dispostos junto à Padieira e sobre a Soleira da porta; e, no segundo caso, as suas laterais. Em geral, sua Folha é subdividida em lâminas ou seções articuladas, facilitando a sua abertura. Albemaz, pg. 499, 1998. • (Ver: vídeo Porta Corrediza)

Ilustração:



Fonte: [http://www.mundopediu.com/2013/04/portas-de-correr-de-madeira-para-o\\_14.html](http://www.mundopediu.com/2013/04/portas-de-correr-de-madeira-para-o_14.html)

Escrita de sinais (SignWriting)



### PORTÃO BASCULANTE – (n/d) • NCm•



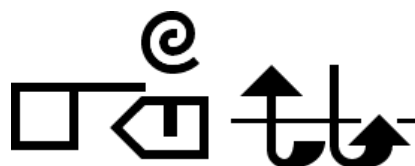
**PORTÃO BASCULANTE** – NCm [Ssing] – Portão usado em grandes vãos cujo vedo gira sobre o eixo horizontal colocado próximo à sua Padieira. Comumente, seu eixo situa-se a cerca de 2/3 da sua altura e, quando aberta, fica em posição horizontal. Comparada à Porta de Contrapeso, também usada no fechamento de grandes vãos, apresenta como desvantagens maior dificuldade de execução e desperdício na altura do vão. Sua Folha em geral é feita de material muito leve para facilitar a sua movimentação, usualmente um esqueleto metálico revestido com folha de zinco. Pode ser instalada associada a comutadores elétricos que permitam sua abertura por controle remoto por dentro ou por fora do edifício. É às vezes também chamada de porta levadiça. Albemaz, pg. 497, 1998. • (Ver: vídeo Portão Basculante)

Ilustração:



<http://www.aragaoportoes.com.br/portao-basculante-automatico.php>

Escrita de sinais (SignWriting)



**PRANCHETA – (n/d) • Nf•**



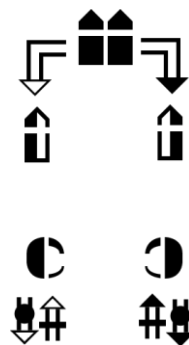
**PRANCHETA – Nf [Ssing]** – Geralmente de madeira, em forma retangular; nela se fixam os papéis de desenho. Deve ser de madeira maciça (pinho ou similar), bem seca e isenta de defeitos. Hoje todas as pranchetas são feitas de madeira compensada (folhas de compensado fixadas em um chassi). L. Oberg, pg.1, 1997. • (Ver: vídeo Prancheta)

Ilustração:



Fonte: [http://www.artcamargo.com.br/index.php?cPath=37\\_172\\_380\\_383&osCsid=](http://www.artcamargo.com.br/index.php?cPath=37_172_380_383&osCsid=)

Escrita de sinais (SignWriting)





# R

**RAMPA** – (n/d) • Nf•



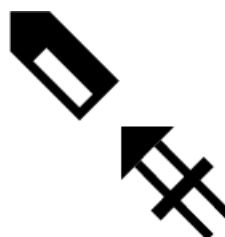
**RAMPA** – Nf [Ssing] – Superfície inclinada que se constitui em um elemento de circulação vertical. Exige mais espaço no seu desenvolvimento do que uma escada. Para circulação de pessoas, deve ter no máximo inclinação de 15°, exigindo um revestimento no piso rugoso que evite deslizamento. Para veículos, pode ter inclinação maior, sendo considerado confortável até no máximo 20% de inclinação. O conjunto de rampas é chamado rampado. Albernaz, pg.531, 1998. • (Ver: vídeo Rampa)

Ilustração:



Foto: Gilberto Goulart

Escrita de sinais (SignWriting)



**RÉGUA** – (n/d) • Nf•



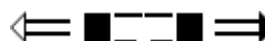
**RÉGUA** – Nf [Ssing] – Peça longa e estreita, de faces retangulares e superfície plana, feita principalmente de madeira ou metal, usada no canteiro de obras para traçar linhas retas. Pode ser dividida em unidades de medida linear, servindo então também para medir. Albernaz, pg. 540, 1998. • (Ver: vídeo Régua)

Ilustração:



Fonte: <http://www.reguaonline.com/sobre-a-regua.html>

Escrita de sinais (SignWriting)



**RÉGUA T – (n/d) • Ncf•**

**RÉGUA T – Ncf [Ssing]** – É uma régua composta de duas outras, fixas uma na outra. Uma delas, pequena e de madeira grossa, denomina-se cabeçote; a outra mais fina e mais longa denomina-se haste. Estas régua formam um ângulo de 90°. Serve para traçar linhas horizontais paralelas no sentido do comprimento da prancheta, servindo ainda de apoio aos esquadros para traçar paralelas verticais ou com determinadas inclinações. O comprimento da régua T deve ser um pouco menor que o da prancheta. L. Oberg, pg. 3, 1997. • (Ver: vídeo Régua T)

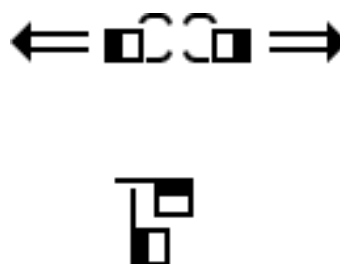
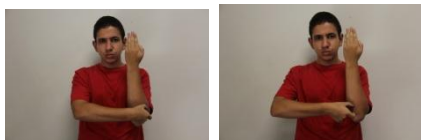
Ilustração:



Fonte:

[http://www.frutodearte.com.br/product\\_info.php?cPath=36\\_227\\_229&products\\_id=5592&osCsid=v35mv5v4a2oampncfc2drgi2i5](http://www.frutodearte.com.br/product_info.php?cPath=36_227_229&products_id=5592&osCsid=v35mv5v4a2oampncfc2drgi2i5)

Escrita de sinais (SignWriting)

**RODAPÉ – (n/d) • Nm•**

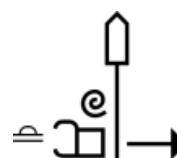
**RODAPÉ – Nm [Ssing]** – Barra de proteção na parte inferior das paredes internas, junto ao piso, para lhes dar melhor acabamento e evitar que choques, aparelhos ou materiais de limpeza estraguem seu revestimento. Comumente, é ligeiramente abaulado na sua parte superior, evitando acúmulo de pó. Diferentes materiais são usados nos rodapés, dependendo do revestimento de paredes e pisos, do uso dado ao espaço interno e da qualidade do acabamento da construção. Albernaz, pg. 550, 1998.. • (Ver: vídeo Rodapé)

Ilustração:



Fonte: <http://www.cliquearquitectura.com.br/portal/inc/userfile/image/03-materiais-e-acabamentos/02-decoracao/04-rodape/rodape-marmore-casos.jpg>

Escrita de sinais (SignWriting)



# S

## SALA DE ESTAR – (n/d) • NCf•



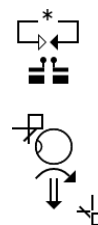
**SALA DE ESTAR – NCf [Ssing]** – Recinto multifuncional usado para se sentar e para entretenimento formal. Na maioria das habitações, é situado no pavimento principal. Burden, pg. 299, 2006. • (Ver: vídeo Sala de Estar)

Ilustração:



Fonte: <http://dicass.com.br/sala-de-estar-decorada/>

Escrita de sinais (SignWriting)



## SALA DE TV – (n/d) • NCf•



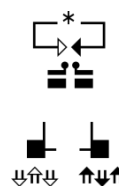
**SALA DE TV – NCf [Ssing]** – Espaço na área íntima da residência destinado ao descanso e lazer. • (Ver: vídeo Sala de Tv)

Ilustração:



Fonte: <http://www.dicasdecoracao.com/sala-de-tv/>

Escrita de sinais (SignWriting)





**SAUNA** – (n/d) • Nf•

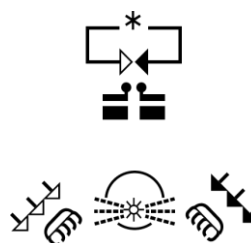
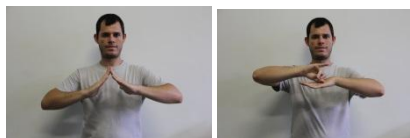
**SAUNA** – Nf [Ssing] – Uma espécie de banho de vapor; local onde se toma tal banho. • (Ver: vídeo Sauna)

Ilustração:



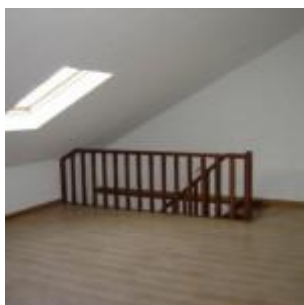
Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/Sauna>

Escrita de sinais (SignWriting)

**SÓTÃO** – (n/d) • Nm•

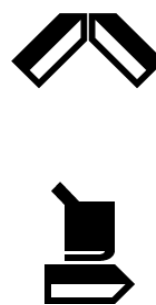
**SÓTÃO** – Nm [Ssing] – Espaço compreendido pelo último pavimento do edifício e pela cobertura do telhado usado como compartimento principalmente para depósito. Em geral distingue-se da Água- Furtada não só pelo seu uso, mas também pelo por possuir Pé-Direito reduzido e não ter aberturas para o exterior. Muitas vezes é interligado aos demais compartimentos do prédio por um Alçapão. Albernaz, pg.579, 1998. • (Ver: vídeo Sótão)

Ilustração:

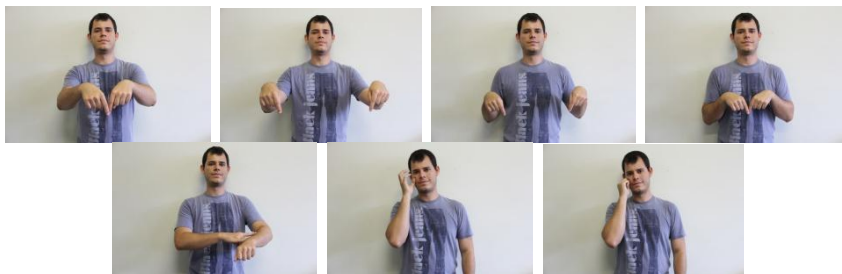


Fonte: <http://orcafacil.com.br/lajes/construcao-de-uma-laje-para-um-sotao-em-sao-mateus-sp/>

Escrita de sinais (SignWriting)



**SuíTE** – (n/d) • Nf•



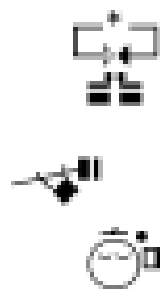
**SuíTE** – Nf [Ssing] – Conjunto de dois cômodos em que um é dormitório e o outro é banheiro. • (Ver: vídeo Suíte)

Ilustração:



Fonte: <http://www.simsenhora.com/2013/01/planejando-o-ape-quarto-casal.html>

Escrita de sinais (SignWriting)



**SUSTENTABILIDADE** – (n/d) • Nf•



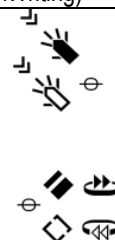
**SUSTENTABILIDADE** – Nf [Ssing] – A capacidade do ser humano interagir com o mundo, preservando o meio ambiente para não comprometer os recursos naturais das gerações futuras. • (Ver: vídeo Sustentabilidade)

Ilustração:



Fonte: <https://www.facebook.com/autossustentavel>

Escrita de sinais (SignWriting)



# T

**TELHA** – (n/d) • Nf•



**TELHA** – Nf [Ssing] – Cada uma das peças que formam a cobertura do telhado. Pode ser feita em diversos materiais, como cerâmica, Fibrocimento, Zinco, pedra, madeira, plástico, e ter variadas formas. A inclinação dos telhados depende em grande parte do tipo de telha utilizado em sua cobertura. Albernaz, pg.599, 1998. • (Ver: vídeo Telha)

Ilustração:



Fonte: <http://www.telhasjundiai.com.br/>

Escrita de sinais (SignWriting)



**TELHA DE CUMEEIRA** – (n/d) • NCF•



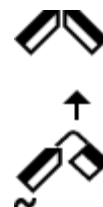
**TELHA DE CUMEEIRA** – NCF [Ssing] – Telha de seção curva frequentemente decorativa que é empregada para cobrir a cumeeira de um telhado, dando acabamento. Burden, pg. 314, 2006. • (Ver: vídeo Telha de cumeeira)

Ilustração:



Fonte: <http://www.depositodiamanteazul.com.br/telhas2.html>

Escrita de sinais (SignWriting)



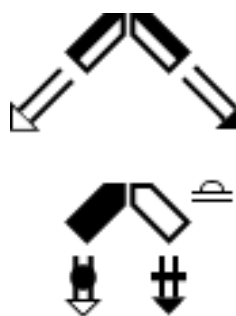
**TELHADO** – (n/d) • Nm•

**TELHADO** – Nm [Ssing] – Elemento que serve de cobertura para a construção. O termo é principalmente utilizado quando o elemento é composto por uma armação estrutural e um material de recobrimento, a cobertura. A armação do telhado sustenta a cobertura que frequentemente é composta por telhas. Sua superfície pode ser plana, o mais comum, ou curva. Pode ser constituído por uma ou mais de uma superfície. As superfícies que compõem o telhado são chamadas de Águas de Telhado. Usualmente, as águas de telhado são inclinadas, favorecendo o escoamento das águas pluviais. Albernaz, pg.604, 1998. • (Ver: vídeo Telhado)

Ilustração:

Fonte: <http://www.construindocasa.com/telhados-de-casas/>

Escrita de sinais (SignWriting)

**TORNEIRA** – (n/d) • Nf•

**TORNEIRA** – Nf [Ssing] – Dispositivo colocado na extremidade de um ramal de distribuição de água destinado ao controle manual da saída de água. Comumente é feita de Latão, Bronze ou plástico. Quando metálica, pode ter o aspecto externo natural polido do metal ou ser cromada ou niquelada. Quanto ao seu funcionamento é classificada em: torneira de pressão, torneira de macho e torneira especial. É também chamada torneira de serviço ou, principalmente no interior, bica. Albernaz, pg. 627, 1998. • (Ver: vídeo Torneira)

Ilustração:

Fonte: <http://portasdemadeira.net/torneira-onde-comprar-precos-e-modelos/>

Escrita de sinais (SignWriting)



TRELIÇA – (n/d) • Nf•



**TRELIÇA** – Nf [Ssing] – Armação em geral de madeira formada por peças que se cruzam. Portas, Caramanchões, janelas e Guarda-corpos podem ser compostos por treliças. 2. Viga metálica composta por diversas peças que se encontram, deixando espaços vazios. 3. Rede metálica em geral usada na estruturação de elementos como Lajes ou Tabiques. Albernaz, pg. 637, 1998. • (Ver: vídeo Treliça)

Ilustração:

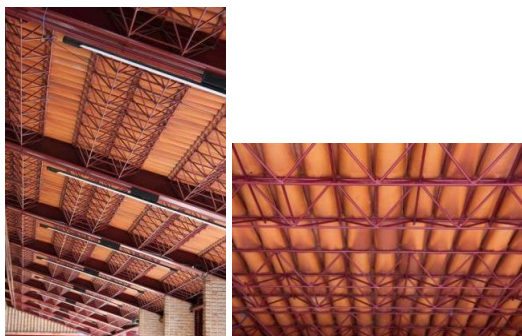
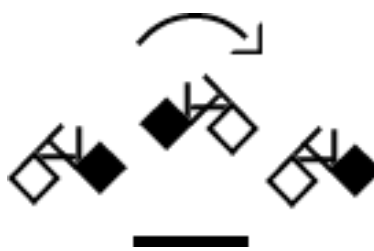


Foto: Gilberto Goulart

Escrita de sinais (SignWriting)



# V

**VASO SANITÁRIO** – (n/d) • NCm•



**VASO SANITÁRIO** – NCm [Ssing] – Em geral de louça unida às canalizações de água e esgoto, usada em banheiros e W.Cs. Necessita de um fluxo forte de água para o seu funcionamento. É também chamada de bacia e privada, principalmente no Norte e Nordeste, sentina e, especialmente em Portugal, retrete. Albermaz, pg. 652, 1998. • (Ver: vídeo Vaso Sanitário)

Ilustração:



Fonte: [http://ubmateriais.com.br/media/catalog/product/cache/1/image/9df78eab33525d08d6e5fb8d27136e95/b/a/bacia\\_sanitaria\\_branco.jpg](http://ubmateriais.com.br/media/catalog/product/cache/1/image/9df78eab33525d08d6e5fb8d27136e95/b/a/bacia_sanitaria_branco.jpg)

Escrita de sinais (SignWriting)



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho representa um intenso processo de aprendizagem pessoal, organizacional e social. A palavra, o sinal, o ato de nomear promove a existência e é o que mais caracteriza o ser humano. Se não se tem palavras, conceitos em uma determinada língua, academicamente, o ato de construí-los explicita, na prática, a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Isso que dizer que, de fato, para construirmos o dicionário que esta tese encerra, tem sido necessário praticar o ensino, a pesquisa e a extensão, a todo o momento. Começamos pelo Desenho Arquitetônico que nos deu a base para a compreensão da espacialidade das línguas de sinais que se completou com expressão geométrica matemática apresentada por Ferreira-Brito e Langevin (1995).

Em 2008 definimos uma visão para o futuro do material didático destinado ao estudante surdo na qual pressupomos que seria importante entregarmos ao estudante surdo um Manual de Ensino de Desenho Arquitetônico acompanhado do dicionário terminológico que possibilitasse a tradução dos termos técnicos para a Libras. Nesse momento em que, por meio desta tese, validamos os termos e a metodologia, nos encontramos prontos para anexar o Manual ao Dicionário. Caso tudo ocorra conforme planejamos o Manual estará pronto para edição no final de 2014.

A construção teórica da Libras encontra-se em seus primórdios, visto que a língua de sinais mais estudada no mundo é a ASL. No entanto, pode-se deduzir que a produtividade linguística terminológica que, poderá crescer exponencialmente nas próximas décadas conduzirá, inevitavelmente, aos estudos e às pesquisas acerca da construção do marco teórico da Libras. A produtividade linguística, nas línguas majoritárias de cada País, apoiada pela tecnologia tem aproximado os termos técnicos dos dicionários de língua geral, isto já é uma fato. Mas o interesse cada vez maior pela diversidade entre os povos tendem a vencer uma próxima fronteira da produção de Terminologia em línguas minoritárias. Este trabalho, portanto, se insere nessa área, na medida em que constrói Terminologia, em um dicionário bilíngue e bimodal.

Apresentamos questões específicas relacionadas à produção Terminológica, mas a produção Terminográfica trouxe o desafio da decisão do meio no qual esse dicionário seria veiculado. Seria em um meio de edição físico ou digital? Fizemos a escolha do meio digital que traz as seguintes vantagens para o consulente surdo: i) a simultaneidade própria das línguas de sinais; ii) permite a percepção do movimento que é um fator fonológico paramétrico dessa língua; iii) soluciona as três possibilidades de entrada dos termos: configuração de mão, ordem alfabética, percurso onomasiológico.

Uma das nossas principais preocupações estava, desde antes do início desta tese, em entregar o resultado da pesquisa para o seu público alvo, sabendo que o mesmo necessita, verdadeiramente, dos dicionários terminológicos. Cabe registrar que o dicionário proposto nesta tese, será publicado *online*, em breve. O esforço de produção dos verbetes online nos fez deslocar até aos estúdios de filmagem da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com o apoio irrestrito do CEFET-MG, entre os dias 9 e 14 de março de 2014. A presença de Germano Dutra Jr., *ator tradutor surdo* — como ele mesmo se intitula — e da Prof<sup>a</sup> Dra. Marianne Stumpf, surda, em todo o processo de filmagem, analisando cada vídeo e cada ficha léxico-terminográfica que levamos. Isso nos mostrou que estávamos diante de uma nova instância de validação dos sinais propostos. Compreendemos, a partir desse evento, que as instâncias de validação relacionam-se fortemente ao estudo da Fonética da Libras.

Cabe registrar que os sinais que levamos foram filmados artesanalmente no CEFET-MG, pela equipe que compunham o projeto de pesquisa BIC JR, até dezembro de 2013, que são: Débora da Silva Assunção Carvalho, intérprete de Libras; Felipe Teixeira Castro, bolsista, (surdo); Gilberto de Lima Goulart, voluntário da fotografia e vídeo, com a presença do arquiteto Ademar Alves de Oliveira Junior (surdo), ex-bolsista PIBIC e a pesquisadora Vera Lúcia de Souza e Lima, na qualidade de especialista em linguística aplicada a produção de dicionários bilíngues e bimodal.

Sabemos que todas as línguas, incluindo a Libras, possuem processos de variação. Sejam essas, variações regionais — como é o caso do Brasil, País de dimensões continentais — sejam individuais mesmo que em nível da prosódia do falante ou sinalizante. Cabe registrar que é notável a contribuição que Barreto e Barreto (2012) têm proporcionado à difusão da Libras escrita no Brasil. É relevante a compreensão que adquirimos, não só por meio de textos de Barreto e Barreto (2012), mas também por meio de discussões presenciais acerca das melhores maneiras de grafar os sinais. A escrita de sinais ampliou, e muito, nossa compreensão da formação do sinal e terá contribuição relevante na construção do marco teórico da Fonética da Libras.

No entanto, para estudos futuros, nossa escolha se recai nas questões da Fonética da Libras que identificamos no Capítulo 5, por meio das fichas léxico-terminográficas. Esta é uma conclusão advinda do exercício de construção das fichas léxico-terminográficas desta tese. Inicialmente, pensamos que o principal motivo para uma descrição rigorosamente detalhada de cada sinal, seria devido à possibilidade de o dicionário ser editado *online*, portanto, deveríamos enviar o máximo de informações para o engenheiro de computação que viesse a construir um *software* específico para a publicação desse dicionário. Sim, estas fichas cumprirão este papel. Havia, no entanto, outro papel insuspeitado inicialmente, que seria o da descrição Fonética dos sinais. Concluímos que o advento dos dicionários Terminológicos bilíngues e bimodais pressiona a existência da



descrição Fonética. Isso se torna um tema urgente a partir da constatação que, nos textos que lemos, o tema Fonética da Libras é pouco explorado ou inexistente. A palavra Fonética, quando aparece, vem como complemento à palavra Fonologia, quase como um apêndice. Em Quadros e Karnop (2004) encontramos o maior número de palavras definindo o que é Fonética.

Cabe aqui, portanto, reafirmar que a ficha léxico-terminográfica atua como uma certidão de nascimento de cada sinal e que é o *locus* teórico, acadêmico e social de avaliação e validação dos sinais. Ao observarmos a amplitude de informações e o âmbito da inovação que essas fichas compreendem, podemos usar a metáfora de que a ficha léxico-terminográfica é como se constituísse a carta patente do sinal.

A Fonética, em línguas orais, trata da descrição dos sons produzidos pelo aparelho fonador humano, portanto os aspectos fisiológicos e articulatórios da organização da fala, em línguas orais, são bastante conhecidos e já se encontram descritos. As regiões do corpo utilizadas para a fala encontram-se devidamente discriminadas. Cabe lembrar que, segundo Cristóvão-Silva (1998, p.24)

Os órgãos que utilizamos na produção da fala não têm como função primária a articulação de sons. Na verdade, não existe nenhuma parte do corpo humano cuja única função esteja apenas relacionada com a fala. As partes do corpo humano que utilizamos na produção da fala têm como função primária outras atividades diferentes como, por exemplo, mastigar, engolir, respirar ou cheirar. Entretanto, para produzirmos qualquer som de qualquer língua fazemos uso de uma parte específica do corpo humano que denominaremos de aparelho fonador (CRISTÓFARO-SILVA, p.24. 1998).

Ao observar o campo da descrição Fonética nas línguas orais podemos perceber o campo de pesquisa que se abre para a descrição Fonética em línguas de sinais. Cabe registrar que não encontramos a descrição detalhada dos locais com os nome anatômicos dos pontos de locação da Libras. Por exemplo, muitas vezes a locação é denominada no braço quando está colocada no espaço do pulso ao cotovelo que, anatomicamente, chama-se antebraço. Está correta a afirmativa de que os principais articuladores em línguas de sinais são as mãos. Entendemos que as mãos finalizam a articulação Fonética da Libras, mas que as mãos são acionadas por um conjunto de músculos que se encontram principalmente no sistema formado pela cintura escapular. No entanto, para citar apenas um exemplo, a ligação do braço com a cintura pélvica se faz por meio de um músculo, denominado grande dorsal, principal adutor do braço.

Se levantarmos, por exemplo, algumas questões, como as que listamos abaixo, perceberemos que, ainda, ficarão sem respostas: onde começa a fala, ou a sinalização nas línguas de sinais? que caminhos percorrem? Quais são as questões anatômicas e fisiológicas desta fala? Qual a

transcrição matemática desta fala? Como medir e discriminar a prosódia na língua de sinais? Assumimos, portanto, que o estudo da Fonética da Libras se iniciaria paralelo à construção de um “*Glossário Bilíngue de Anatomia e Fisiologia*” que desse conta de mapear adequadamente a musculatura de articulação, bem como sua função, não estaria apenas descrevendo os pontos de locação, mas construindo a descrição Fonética da Libras. Levantar e enumerar as questões relacionadas à emoção do sinalizador surdo, na medida, em que se vale de todo o plexo braquial para expressar palavras, local que sabemos de movimentação de emoções. Certamente, os temas relacionados à Libras, às línguas de sinais em geral, à educação de surdos, são temas que poderão gerar projetos inovadores e de grande benefício social.

A metodologia desenvolvida por De Souza e Lima (2014) tratou de juntar, por meio de projetos de pesquisa, equipe de especialista da área dos estudos do léxico e da área específica do dicionário em questão. Contou sistematicamente com a presença de pelo menos dois bolsista de iniciação científica surdo, pois produzir dicionários não é simplesmente listar palavras em ordem alfabética, ou em qualquer outra ordem, os dicionários são artefatos culturais e se embasam também na sociolinguística. Contou com a presença de intérpretes de Libras. Contou com o desenvolvimento de interfaces intrainstitucionais e interinstitucionais colocando em cooperação pessoas, universidades sociedade e comunidade surda. Para obter o projeto piloto, exerceu e testou a indissolubilidade do ensino, da pesquisa e da extensão em prol da produção do dicionário e do material didático pertinente.

## REFERÊNCIAS

- ACKERMAN, D. *Uma história natural dos sentidos*. RJ: Editora Bertrand Brasil S.A, 1992.
- AGRELLA, Regiane Pinheiro. *Língua, subjetividade e opressão linguística: interrogações a uma Pedagogia (AB)Surda*. 2010. Faculdade de Educação, UNCAMP, Campinas, SP. 2010.
- ALMEIDA, G. M. B. A. Teoria Comunicativa da Terminologia e a sua prática. *Alfa*, São Paulo, v.50, n.2, p. 85-101, 2006.
- ALUÍSIO, S. M.; ALMEIDA, G. M. B. O que é e como se constrói um *Corpus*? Lições aprendidas na compilação de vários corpora para pesquisa linguística. *Calidoscópico* (UNISINOS), v. 4, p. 156-178, 2006.
- AMARAL, L. G. H. do; e CRUZ, D. C. *Apostila de geometria descritiva*. Barreiras, 2012.
- AMARAL, W. M. do. *Sistema de transcrição da língua brasileira de sinais voltado à produção de conteúdo sinalizado por avatares 2D*, 2012. Tese. (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2012.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6492. *Representação de Projetos de Arquitetura*. Rio de Janeiro, 1994.  
 \_\_\_\_\_ .NBR 6492  
*Representação de projetos de arquitetura*. Rio de Janeiro, 1994.
- \_\_\_\_\_ . NBR 10068  
*Folha de desenho – leiaute e dimensões*. Rio de Janeiro, 1987.
- \_\_\_\_\_ . NBR 13142  
*Dobramento e cópia*. Rio de Janeiro, 1999.
- \_\_\_\_\_ . NBR 8403  
*Aplicação de linhas em desenhos: tipos de linhas. Larguras das linhas*. Rio de Janeiro, 1984.
- \_\_\_\_\_ .NBR 10067  
*Princípios gerais de representação em desenho técnico*. Rio de Janeiro, 1995.
- \_\_\_\_\_ . NBR 8196  
*Desenho técnico: emprego de escalas*. Rio de Janeiro, 1999.
- \_\_\_\_\_ .. NBR 10126  
*Cotagem em desenho técnico*. Rio de Janeiro, 1987.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *Normas para desenho técnico. 2*. Rio de Janeiro: ed. FENAME, 1981. 332p.
- ÁVILA, A. *Barroco mineiro: glossário de arquitetura e ornamentação*. São Paulo: Melhoramentos, 1980.
- BAKER, C. *Regulators and turn-taking in speaking American Sign Language, Lynn Friedman on the other hand: new perspectives on American Sign Language*. New York: Academic Press. ,1977.

- BAKER, M. The mirror principle and morphosyntactic explanation. *Linguistic Inquiry*. 1985, v. 16, p. 373-415.
- BALTAZAR, Armando. A língua gestual. *Língua Gestual Portuguesa. Surdo: notícias*. Nº 3. Cap; 10. Junho 2010. Trimestral. 2010.
- BARBOSA, E. F.; MOURA, D. G. *Trabalhando com Projetos: planejamento e gestão de projetos educacionais*. Belo Horizonte: Ed. Vozes, 2007.
- BARBOSA, M. A. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções da Constituição da Normalização Terminologia no Brasil. In: *Caderno de Terminologia*, n. 1, 2001.
- BARRETO, M. BARRETO, R. *Escrita de Sinais sem mistérios*. Belo Horizonte: Ed. Do Autor, 2012. v. 1.
- BARROS, L. A.; TELES, L. B. Proposta de dicionário bilíngue português-francês de termos de estatutos sociais voltado para tradutores juramentados. In: BARROS, L. A.; ISQUERDO, N. A. (Org). *O léxico em foco: múltiplos olhares [online]*. São Paulo: UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 365p.
- BARROS, Lídia Almeida. Aspectos epistemológicos e Perspectivas Científicas da Terminologia. *Cienc. Cult.* [online]. 2006, vol.58, n.2 [citado 2014/06/19], pp 22-26. Disponível em: ISSN 2317-6660. BARROS, L. A. *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- BATISTA, L.L. dos S.; TOURINHO, E. K.; FREIRE, I. de A. *Notação coreográfica: aplicação do sistema dancewrite–shorthand de Valerie Sutton na notação da dança do ventre*. 2010. Disponível: <http://alturl.com/qokif>. Acesso: 22/08/2013.
- BATTISON, R. *Lexical Borrowing in American Sign Language*. Silver Spring, MD: Linstok Press.1978.
- BATTISON, R. Phonological deletion in american sign language. *Sign Language Studies*, v. 5, p. 1-19, 1974.
- BAXTER, M. *Projeto de produto: guia prático para design de novos produtos*, 2ª ed. Editora Edgard Blucher: São Paulo, 2000. 260 p.
- BELLUGI, Ú. & FISCHER, S. A comparison of sign language and spoken language. *Cognition*. v.1 p. 173-200. 1972.
- BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1974. v. 1
- BERBER SARDINHA, T. *Linguística de corpus*. São Paulo: Manole, 2004.
- BERNARDINO, E. L. *A construção da referência por surdos na Libras e no português escrito: a lógica no absurdo* [manuscrito] 1999.
- BERNARDINO, E. L. A. *The acquisition of classifiers in verbs of motion and verbs of location in Brazilian Sign Language*. Tese. (Doutorado). Boston, MA: Boston University, 2006.
- BERNARDINO, E. L. E.. *O uso de classificadores na língua de sinais brasileira ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012. p. 250-280).

- BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 2, p. 81-118, 1998.
- BIDERMAN, M. T. C. Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1978.
- BOLINGER, D. *Meaning and Form*. London: Longman, 1977.
- BRABO, R. *Leitura e interpretação de projetos Arquitetônicos*. Universidade Federal do Pará Campus de Tucuruí, Faculdade de Engenharia Civil, 2009.
- BRANDÃO, C. R. (org.). *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense. 1982.
- BRASIL. *Decreto Nº 5.626*. Presidência da República/Casa Civil/Subchefia para Assuntos Jurídicos, 22 de dezembro de 2005.
- BRASIL. *Decreto Nº 7.387*: Inventário Nacional da Diversidade Linguística. Presidência da República/Casa Civil/Subchefia para Assuntos Jurídicos, 09 de Dezembro de 2010.
- BRASIL. *Lei 10.436/2002*: Língua Brasileira de Sinais. 24 de abril de 2002. Presidência da República/Casa Civil/Subchefia para Assuntos Jurídicos
- BRENTARI, Diane. *A prosodic model of sign language phonology*. Cambridge: MIT Press, 1998. 384 p.
- BRITO, L. F. & LANGEVIN, R. *The sublexical structure of a sign language*, *Mathématiques et Sciences Humaines*, 125 (1994), p. 7-40. Disponível : <http://alturl.com/ypmtb>. Acesso: 14 de março de 2014.
- CABRÉ, M. T. (2002) *Terminología y lenguas minoritarias: necesidad, universalidad y especificidad*. In: Anais da VIII Conferência internacional de línguas minoritárias. Políticas Linguísticas e Educativas na Europa Comunitária. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia. Consellería de Educación e Ordenación Universitaria. Dirección Xeral de Política Lingüística. 2002. p. 89-102
- CABRÉ, M. T. La terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. *Ciência da Informação*. v. 24, n. 3, 1995.
- CABRÉ, M. T. *Una nueva teoría de la terminología: de la denominación a la comunicación*. In: Cabré, M. T. *La terminología: representación y comunicación*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1999.
- CAMPELLO, A. R. E S. *Aspectos da visualidade na educação de surdos*. 2008. Tese. (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- CAMPOS, M. B.; GIRAFFA, L. M. M. ; SANTAROSA, L. M. C. *SIGNSIM: uma ferramenta para auxílio à aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais*. In: Anais do Congresso da, Red Iberoamericana de Informatica Educativa, Bogota, 2000. v. 1, p. 1-10.
- CAPOVILLA F. C. e GARCIA W. Visemas, quiremas, e bípedes implumes: Por uma revisão taxonômica da linguagem do surdo que substitua visemas por fanerolaliemas, e quiremas por simatosemas para forma de mão (quiriformemas), local de mão (quiritoposema), movimento de mão (quiricinesema), e expressão facial (mascarema). In: CAPOVILLA F. C. *Transtornos*

*de aprendizagem Progressos em avaliação e intervenção preventiva e remediativa.* Cap. 8. 2011.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. (Ed). *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira.* 2ª ed. São Paulo: USP/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

CARDÃO, C. *Técnica da construção.* 8ª ed. Belo Horizonte: Ed. Engenharia e Arquitetura, 1988. v. 2

CARVALHO, N. *Empréstimos linguísticos.* Recife: UFPE, 2002.

CARVALHO, N. *Linguagem jornalística: aspectos inovadores.* Recife: Secretaria de Educação /Associação de Imprensa de Pernambuco, 1983.

CARVALHO, O. L. S. *Léxicografia bilíngue Português/Alemão: teoria e aplicação à categoria de preposições.* Brasília: Thesaurus, 2001.

CARVALHO, O. L. S.; MARINHO M. L. Contexto educacional bilíngue e a criação de termos científicos na Língua Brasileira de Sinais: experimentos nas áreas da Biologia e da Física. In: SALLES, P. S. B. A.; GAUCHE, R. (Org) *Educação científica, inclusão social e acessibilidade.* Goiânia: Cãnone Editorial, 2010.

CASTELLS, M. *A Sociedade em Rede: A era da informação: economia, sociedade e cultura.* v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CEFET-MG. Projeto do Curso Técnico da Educação Profissional de Nível Médio Técnico em Edificações. Departamento de Engenharia Civil. Eixo: Infraestrutura. Belo horizonte, 2009.

CEIA, C. (Coord). *Léxicologia: e-Dicionário de Termos Literários, Disponível:* <<http://alturl.com/wp6mi>> Acesso: /2012.

CHING, F. *Manual de Dibujo Arquitetônico.* Barcelona: Editora Gustavo Gili, 1985.

CONFEDERAÇÃO Brasileira de Surdos. *Curso de Língua de Sinais Brasileira: Básico Módulo I.* Belo Horizonte: publicação própria. S/D, a

CRASBORN, van der HULST & van der KOOIJ. *Phonetic and phonological distinctions in sign languages. Holland Institute of Generative Linguistics (HIL).* Intersign Introduction Chapter (draft), January 28, 2000.

CRISTÓFARO-SILVA, T. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios.* São Paulo: Contexto, 2007.

CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Org). *Lingística funcional: teoria e prática.* Rio de Janeiro: Faperj/DP&A, 2003.

DE SOUZA E LIMA, V. L. e LEITE, R. C. G. Contribuindo com o Currículo da Educação Profissional de Surdos: entre o Visuoespacial da Língua LIBRAS e a Linguagem Visuoespacial da Arquitetura. 2010. II SENEPT-2010. Seminário Nacional de Educação Profissional e Tecnológica.

DE SOUZA E LIMA, V. L. e LEITE, R. C. G.; *Interinstitutional Nets for the construction of a Glossary and a Manual of Architectonical Drawing Teaching for Deaf People.* IDEMI, 2009.

DE SOUZA E LIMA, V. L. *Imagem, Forma e Proporção: um estudo exploratório em educação tecnológica*. 1994. Dissertação (Mestrado em Tecnologia), CEFET-MG, Belo Horizonte, 1994.

DE SOUZA E LIMA, V.L. & LEITE, R. C. G e JÚNIOR, A. A. O. *Travessia em Silêncio no território da arquitetura*. IDEMi: integração para a inovação. Florianópolis: Editora UDESC, Out 2012.

DE SOUZA E LIMA, V.L. e LEITE, R. C. G. Programa Inclusivo de Representação Gráfica e Imagética em Arquitetura e Engenharia. 2009. VII Congresso Internacional de Tecnologia na Educação, Recife-PE, 2009.

DE SOUZA E LIMA, Vera Lúcia e SALVIANO, Bárbara Neves. Analisando um percurso onomasiológico bilíngue e bimodal para a lexia *casa* em Português e Libras. Pesquisa. CEFET-MG e UFMG. 2011

DE SOUZA E LIMA, Vera Lúcia. Língua de Sinais: Proposta Terminológica para a Área de Desenho Arquitetônico. Tese de doutorado. UFMG 2014.

DENTON, D. M. Remarks in Support of a System of Total Communication for Deaf Children. Communication Symposium, Maryland School for the Deaf, Frederick 1976.

DINIZ, T.F.N. *Cadernos de Tradução: tradução Intersemiótica*. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Núcleo de Tradução. Nº7 (2001/1). Florianópolis: Núcleo de Tradução, 1996.

DUBUC, R. *Manual de terminologia*. 3ª ed.. Santiago de Chile: RIL Editores, 1999.

ELY, V. H. M. B. Acessibilidade Espacial: condição necessária para o projeto de ambientes inclusivos. In: MORAES, A. (Org.) *Ergodesign do ambiente construído e habitado: ambiente urbano, ambiente público, ambiente laboral*. 2ª ed. Rio de Janeiro: iUsEr, 2004.

ESTELITA, Mariângela. ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática. 192f. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Ática, 1991.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. *Representações lexicais da língua de Sinais Brasileira: uma proposta Lexicográfica*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

FAULSTICH, E. de J. Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da língua de sinais brasileira. Resenha. *PERSPECTIVA*, v. 24, n. Especial, p. 197-201, Jul./Dez. 2006.

FAULSTICH, E. L. de J. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação/Terminologia: a disciplina da nova era*. Brasília, v. 24, n.3, 1995.

FELIPE, T. A. *Os processos de formação de palavras na Libras*. Campinas. 2006.

FERREIRA, E.B. *Geometria Descritiva*. Disponível: <http://alturl.com/5ryro>. Acesso: 15/04/2014.

FERREIRA-BRITO, L. (1984) *Similarities and Differences in Two Sign Languages*. Sign Language Studies. 42: 45 - 46. Linstok Press, In: Silver Spring, USA.

FERREIRA-BRITO, L. (1990) Epistemic, Alethic, and Deontic Modalities in a Brazilian Sign Language. In: S.D. Fisher and P. Siple (eds.) *Theoretical Issues in Sign Language Research*. Vol. 1. University of Chicago Press. 1990.

FLICK, U.. *Desenho da pesquisa qualitativa*. 1º Ed. Porto Alegre, Artmed. 2009

FRANCO, Maria Amélia Santoro . *Pedagogia da pesquisa-ação*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005

FRISHBERG, Nancy (September 1975). Arbitrariness and Iconicity: Historical Change in American Sign Language. *Linguistic Society of America* 51 (3): 696–719.

FRYDRYCH, L. A. K. Rediscutindo as noções de arbitrariedade e iconicidade: implicações para o estatuto linguístico das línguas de sinais. *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012.

GAUDIN, François. Socioterminologie – des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles, Publications de l'Université de Rouen n° 182, 1993, 255 p.

GESSER, Audrei. *Um olho no professor surdo e outro na caneta: ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais*, 2006. Tese de Doutorado. Campinas, SP. 2006.

GUARINELLO, Ana Cristina; MASSI, Giselle and BERBERIAN, Ana Paula. Surdez e linguagem escrita: um estudo de caso. *Rev. bras. educ. espec.* [online]. 2007, vol.13, n.2, pp. 205-218.

HAENSCH, G. et al. *La LExicografía: de la Léxicografía teórica a la Léxicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

HAMILL, J. & KNUTZEN, K. M. *Bases biomecânicas do movimento humano*. 2ª ed. Barueri, SP: Manole, 2008. 494 p.

HIGA, M. *Sociolinguistic aspects of word borrowing*. Disponível: <http://alturl.com/9m7np>>. Acesso em: 12 nov 2009.

HIGINO, A. F.F. *A pedagogia de projetos na educação em Ciência & Tecnologia à luz da ciência da complexidade e do conceito de negociação: estudo de caso no ensino de Física dos cursos de Engenharia Industrial do CEFET-MG*. 2002. Dissertação. (Mestrado em Tecnologia). Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. 2002

HOCKETT, C. F. The origin of speech. 1960. *Scientific American* 2003, 88–96.

HULST, Harry van der. 1993. *Units in the analysis of signs*. Phonology 10, 209–241.

IRIARTE SANROMÁN, Á. *A Unidade Léxicográfica. Palavras, Colocações, Frasemas, Pragmatemas*. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem - Linguística Aplicada) Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Braga, 2000.

JOHNSTON, Trevor. *Auslan: the Sign Language of the Australian Deaf Community* A dissertation submitted in fulfilment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy in Linguistics, The University. 1989



KAPANDI, A. J. *Fisiologia Articular: esquemas comentados de mecânica humana*. 5ª ed. Madrid: Panamericana ; Malone. Rio de Janeiro. 1980. – v. 1

KARNOPP, L. B. Aquisição da linguagem por crianças surdas: investigações sobre o léxico. *Calidoscópio* v. 2 N. 1 v jan/jun 2004. p. 75 -87

KARNOPP, L. B. Aquisição fonológica na Língua Brasileira de Sinais: estudo longitudinal de uma criança surda. *Tese de Doutorado*. Instituto de Letras e Artes. PUCRS. Porto Alegre. 1999.

KARNOPP, L. B. Aquisição Fonológica nas Línguas de Sinais. *Letras de Hoje*, v. 32, p. 147-162, 1997.

KILIAN, C. K. *et al.* Critérios de Seleção de Termos Utilizados na Construção de um Glossário Pedagógicos. *Online Baseado em Corpus Especializado. Revista Entrelinhas*, v.6, n.1, Jul/Dez. 2012.

KLIMA, Edward & BELLUGI, Ursula. 1979. *The signs of language*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

KNOLL, Michael. The project method: its vocational education origin and international development. *Journal of Industrial Teacher Education*, v.34, n.3, p.59-80, 1997. Disponível em: <<http://scholar.lib.vt.edu/ejournals/JITE/v34n3/Knoll.html>>. Consulta: 18/03/2000.

KRIEGER, M. G. Terminologias em construção: procedimentos metodológicos. *TERMISUL-UFRGS, UNISINOS*. [www6.ufrgs.br/termisul/.../artigo\\_ABECAN\\_2005\\_KRIEGER.pdf](http://www6.ufrgs.br/termisul/.../artigo_ABECAN_2005_KRIEGER.pdf)

KRIEGER, M.G. e FINATTO, M.J.B. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER, M.G. Terminologia Revisitada. *D.E.L.T.A.* v. 16, n.2, p. 209-228, 2000. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v16n2/a01v16n2.pdf>. Acesso: 22/02/2014

KRIEGER, Maria da Graça. O TERMISUL E SEU PERCURSO HISTÓRICO: VINTE ANOS DE REFLEXÕES E REALIZAÇÕES . *Organon*, Porto Alegre, nº 50, janeiro-junho, 2011, p.17 – 29

KUCHENBECKER, Klaus Ernesto. O trabalho com pessoas surdas numa congregação de ouvintes. São Leopoldo, 2006. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <[http://www3.est.edu.br/biblioteca/btd/Textos/Mestre/kuchenbecker\\_ke\\_tm\\_143.pdf](http://www3.est.edu.br/biblioteca/btd/Textos/Mestre/kuchenbecker_ke_tm_143.pdf)> Acesso em: 15 abr. 2009.

LABAN, R. *Chorentics*. London, MacDonald/Evans, 1976. *O domínio do movimento*. São Paulo, Summus, 1978.

LACERDA, Cristina B. F. Um pouco da historia das diferentes abordagens na educação dos surdos. In: FERREIRA, Júlio Romero. A nova LDB e as necessidades educativas especiais. p. 37-45. Disponível em: <[http://www.dicionariolibras.com.br/website/download.asp?cod=124&idi=1&moe=6&id\\_categoria=12.](http://www.dicionariolibras.com.br/website/download.asp?cod=124&idi=1&moe=6&id_categoria=12.)> Acesso em: 15 mai. 2009.

LACOURT, H. Noções e fundamentos de geometria descritiva. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995.

- LEWIS, M. P., GARY F. S. & CHARLES D. F. (eds.). 2013. *Ethnologue: Línguas do Mundo, edição XVII. Dallas, Texas: SIL Internacional. Online version: <http://www.ethnologue.com>*
- LIDDELL, K.S. *Grammar, gesture, and meaning in american sign language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- LIDDELL, Scott & R. Johnson. 1989. American Sign Language: The phonological base. *Sign Language Studies* 64. 197-277.
- LIDDELL, Scott. 1984a. Think and believe: sequentiality in *American Sign Language*. *Language* 60. P. 372-399
- LIRA, G. A. & SOUZA, T. A. F. *Dicionário digital da Língua Brasileira de Sinais*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2005.
- MANZOLILLO, V. C. O. O empréstimo linguístico e sua dinâmica. *Cadernos do CNLF*, v. XVI, n.3 – Livro de Minicursos e Oficinas, 2004.
- MANZOLILLO, V. C. O.. *Vocabulário técnico e crítico do empréstimo linguístico*. 2004. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- MARENTETTE, Paula F. *It's in her hands: a case study of the emergence of phonology in American Sign Language*. PH.D. Dissertation, Montreal: McGill University, Department of Psychology, 1995.
- MARINHO, M. L. *O ensino da biologia: o intérprete e a geração de sinais*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 144 p, 2007.
- MARQUES, Emeli; FELIPE, Tanya A. Uma breve retrospectiva da educação de surdos no Brasil. In: FELIPE, Tanya A. *Libras em Contexto*. Curso básico - livro do Estudante. Rio de Janeiro: Libras Editora Gráfica, 2005, p. 134-135.
- MARTELOTTA, M. E., VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. *Gramaticalização no português do Brasil uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro. 1996
- MARTINHO, C. O projeto das redes: horizontalidade e Insubordinação. *Aminoácidos*, v.2. Disponível: [www.aed.org.br](http://www.aed.org.br). Acesso: 10/03/ 2010.
- MEIR, SANDLER, PADDEN, & ARONOFF, Emerging sign languages. Marschark & Spencer, eds., *Oxford Handbook of Deaf Studies, Language, and Education*, v.1 (2010).
- MILROY, J. *Linguistic Variation and Change: On the Historical Sociolinguistics of English*. Oxford, UK; Cambridge, USA: B. Blackwell, 1992. 243 p.
- MONTAGU, A. *Tocar – o significado humano da pele*. São Paulo: Summus, 1988.
- MONTENEGRO, G. A. *Desenho arquitetônico: para cursos técnicos de 2º grau e faculdades de arquitetura*. São Paulo: Editora Edgard Blucher, 1999.
- MONTENEGRO, G. *Geometria descritiva*. São Paulo: Edgard Blücher, 2004. v.1.
- MONTERDE REY, A. M. Evolución de modelos de formas de representación del conocimiento a nivel terminológico: propuesta de un modelo actual. *LSP & Professional Communication* v. 4, n.1, April 2004. Nakamura, Karen.

MOTA, J.L.R. A Coreologia e os Estudos Coreológicos. *Repertório*, Salvador, nº 18, p.58-70, 2012.

MOURA, Dácio G. e HIGINO, Anderson Fabian Ferreira *Laboratório aberto de física - Proposta de uma metodologia adequada às demandas atuais. XXIV COBENGE (1996) - Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia, Manaus-AM, p. 1, outubro de 1996. Publicado na Revista Educação & Tecnologia, CEFET-MG, N.3, Dez.96, Belo Horizonte.*

MURAKAWA, C. A. A Modelos de verbetes em dicionários clássicos de língua portuguesa. *In: ALVES, I. M.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 2007. p. 235-246.*

NAKAMURA, K.. (1995). About American Sign Language. Deaf Resourec Library, Yale University.1995. Disponível: <http://www.deaflibrary.org/asl.html>. Acesso: 06/2012

NEUFERT, E. *Arte de projetar em arquitetura: princípios, normas, regulamentos sobre projeto, construção.* 17ª Ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2004. 618p.

OATES, E.(1969) *Linguagem das mãos.* Aparecida: Santuário, 1988.

BERG, L. *Desenho arquitetônico.* Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979. 156 p.

BERG, L. *Desenho arquitetônico.* Rio de Janeiro: Ed. Ao Livro Técnico,1979. 156 p.

OLIVEIRA, L. P. de. *A terminologia da Genética Molecular: constituição morfológica e estruturação semântica.* São Paulo: USP, 2007. Dissertação de Mestrado. 2007

PAVEL, S.; NOLET, D. *Manual de Terminologia.* Trad. por Enilde Faulstich. Quebec Bureau de traduction, 2002.

PERLIN, G. e STOEBEL, K. *Fundamentos da Educação de Surdos.* Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

PIZZIO, A. L. L., *et al. Língua Brasileira de Sinais III.* Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina. 2009.

QUADROS, R. M. (Ed.): TISLR 9: *Theoretical Issues in Sign Language Research.* (XIX Congresso Internacional de Aspectos Teóricos das Pesquisas nas Línguas de Sinais, 2006, Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis, Schiller, Brasil). Florianópolis: Lagoa Editora, 2006.

QUADROS, R. M. DE; SOUZA, S. X. Aspectos da tradução/encenação na língua de sinais brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de letras libras. *In: QUADROS, R. M. de (Org.). Estudos Surdos III.* Editora Arara Azul. Petrópolis. 2008.

QUADROS, R. M. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa.* Secretaria de Educação Especial. Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC /SEESP, 2004. 94 p.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos.* Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de Um capítulo da história do SignWriting. A History of SignWriting written in Brazilian Portuguese. Chapter 9, (s/d) <http://www.signwriting.org/library/history/hist010.html>

- RABELLO, P.S.B. *Geometria descritiva básica*. UFRJ, 2005.
- REILY, L. O e SOFIATO, Cassia Geciauskas. Em busca de uma iconografia para a língua brasileira de sinais: um estudo histórico. *Revista de Educação PUC-Campinas*, Campinas, 16(2):183-190, jul./dez., 2011
- REILY, L. O papel da Igreja nos primórdios da educação dos surdos. *Revista Brasileira de Educação*. v.12, n. 35, Mai/ago 2007.
- REY, Alain. *La terminologie: noms et notions*. Paris: PUF, 1979
- ROCHA, Everardo. *O que é etnocentrismo*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. 39 p. (Coleção Primeiros Passos, 124)
- RUSSO, J.M.G.M. *Aplicação e-learning em geometria descritiva*. Dissertação. (Mestrado em Expressão Gráfica) Cor e Imagem. Universidade Aberta.Lisboa. 2008.
- SÁ, Nídia Regina Limeira. *Cultura, poder e educação de surdos*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- SALLES, H. M. M. L.; CARVALHO, E. F. O. L.; RAMOS, A. A. L. *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos Brasília. Brasília: MEC/SEESP, 2004. 2 v.
- SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.
- SANTANA, A. P. Idade crítica para aquisição da linguagem. *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v.16, n.3, p. 343-354, Dez 2004.
- SAUSSURE, F. de. (1916) *Curso de Linguística Geral*. São Paulo, Editora Cultrix, 2008.
- SCHERMER, Trude and KOOLHOF, Corline. The first national Dutch Sign Language (NGT) Dictionary in book form: Van Dale Basiswoordenboek Nederlandse Gebarentaal. Section 11. Sign Language. p. 1555 a 1564 Euralex\_2010.
- SCHMITZ, K.-D. *Applied Principles of Terminology Work*. Terminology Summer School – Cologne. 2009.
- SEABRA, M. C. T. C. *Referência e Onomástica*. Disponível: [www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo\\_442.pdf](http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_442.pdf) . Acesso: 23/01/2012
- SEGALA, R.R. *Tradução Intermodal e Intersemiótica/Interlingual: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais*. Dissertação de Mestrado. UFSC. 2010.
- SILVA, F.I. da. Analisando o processo de leitura de uma possível escrita da língua brasileira de sinais: *SignWriting*. 2009. (Dissertação) (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- SILVA, F.I. *et al.* Aprendendo língua brasileira de sinais como segunda língua. *Caderno Pedagógico I*. Curso de Libras. IFSC – Palhoça. (s.d.).
- SILVA, Maria Cristina Figueiredo & SELL, Fabíola Ferreira Sucupira. Algumas notas sobre compostos em português brasileiro e Libras. USP, 2008.

- SILVA, O.L. da. *Das ciências do léxico ao léxico nas ciências: uma proposta de dicionário português-espanhol de Economia Monetária*. 2008. 334 f. Tese. (Doutorado). Araraquara, 2008.
- SIMÕES, D. & MELO, E. M. A Relevância dos bancos de dados para o ensino da língua portuguesa. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa*, n.39, p.139-153, 2009.
- SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação e Sociedade: Campinas*, vol.23, n.81, p.143-160, dez. 2002.
- SOFIATO, Cassia Geciauskas. O desafio da representação pictórica da língua de sinais brasileira, 2005. (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2005.
- SOUZA, S. F.; SILVEIRA, H. E. Terminologias químicas em Libras: a utilização de sinais na aprendizagem de alunos surdos. *Química Nova na Escola*, v. 33, n.1, p.37-46, Fev 2011.
- STOKOE, W. C. *Dictionary of American sign language on linguistic principles*. Silver Spring: Linstok Press, 1976.
- STOKOE, WC .*Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf*, *Studies in Linguistics: Occasional Papers*, 1960.
- STOKOE, William C. Sign language and the monastic use of lexical gestures. In: UMIKER-SEBEOK, Jean; SEBEOK, Thomas A.(Orgs.). *Monastic sign languages*. New York: Mouton de Gruyter, 1987. p. 323-338.
- STOYANOV R. *Poemas no Brasil*. Civilização Brasileira/INL, Rio de Janeiro, 1981.
- STREET, B. V. Perspectivas interculturais sobre o letramento. Trad. Marcos Bagno. *Filologia lingüística do português*, n. 8, p. 465-488, 2006.
- STROBEL, K. L. Projeto de mestrado Surdos: Vestígios Culturais não registrados na História, Florianópolis, UFSC, 2006.
- STUMPF, M.R. *Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting: Línguas de Sinais no papel e no computador*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Tese (Doutorado), Centro de Estudos Interdisciplinares em Novas Tecnologias na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
- STROBEL, K. L.; FERNANDES, S. Aspectos lingüísticos da Língua Brasileira de Sinais. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.
- STUMPF, M.R. Prefácio. In: SUTTON, V. *Lições sobre o SignWriting: um sistema de escrita para língua de sinais*. Trad. Marianne Rossi Stumpf (s/d).
- SUPALLA, T., & NEWPORT, E. (1978). How many seats in a chair? The derivation of nouns and verbs in American Sign Language. In P. Siple (Ed.), *Understanding Language through Sign Language Research*. Academic Press.
- SUPALLA, Ted. Arqueologia das Línguas de Sinais: integrando lingüística histórica com pesquisa de campo em línguas de sinais jovens<sup>1,2</sup> University of Rochester. In TISLR 9 (Theoretical Issues in Sign language Research 9) – 9º Congresso Internacional de Aspectos teóricos das Pesquisas nas Línguas de Sinais – sediado pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, SC, 2006.

SUTTON, Valerie Um Sistema de Escrita para Língua de Sinais. Tradução Parcial e Adaptação do Inglês/ASL para Português LIBRAS do livro “Lessons in SignWriting “, de Valerie Sutton, publicado originalmente pelo DAC –Deaf Action Committe for SignWriting

TOLEDO, Daniel S. Traços Hermenêuticos para a compreensão do fenômeno do sagrado em Heidegger, 2011. *KINESIS*, v. III, n. 05, julho 2011. p. 198-224.

TRINDADE, N. V. *Dicionário de Engenharia Civil e de Construção Civil* Disponível: <http://www.engenhariacivil.com/dicionario>. Acesso: dezembro de 2009.

VELOSO, Éden; MAIA FILHO, Valdeci. Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez. vol.1. Curitiba, PR: Mãos Sinais, 2009.

VICARS, W. ASLU. American Sign Language University.. <http://lifeprint.com/dictionary.htm> ASL University (™) was established January 8, 1997 (Lifeprint.com) Copyright © 1997 – 2013 William Vicars, Ed.D. Acesso em janeiro de 2014.

VILHALVA, Shirley. Mapeamento das línguas de sinais emergentes [dissertação] : um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul, orientadora, Ronice Muller de Quadros ; co-orientador, Gilvan Muller de Oliveira. Dissertação - Florianópolis, SC, 2009. 124 f.

WEININGER, M. J. Estrela guia ou utopia inalcançável: Uma breve reflexão sobre a equivalência na tradução. In: CARDOZO, M; HEIDERMANN, W.; WEININGER, M. J. (Eds.): *A Escola Tradutológica de Leipzig*. V. 50. (s.d)

WILBUR, Ronnie. B. American Sign American Sign Language: linguistic and applied dimensions. (2<sup>a</sup> ed.)..New York, NY, EUA: Little, Brown and Co. (1987). xii 387 p

WILCOX, S.; WILCOX, P. P. *Aprender a ver o ensino da língua de sinais americana como segunda língua*. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2005.